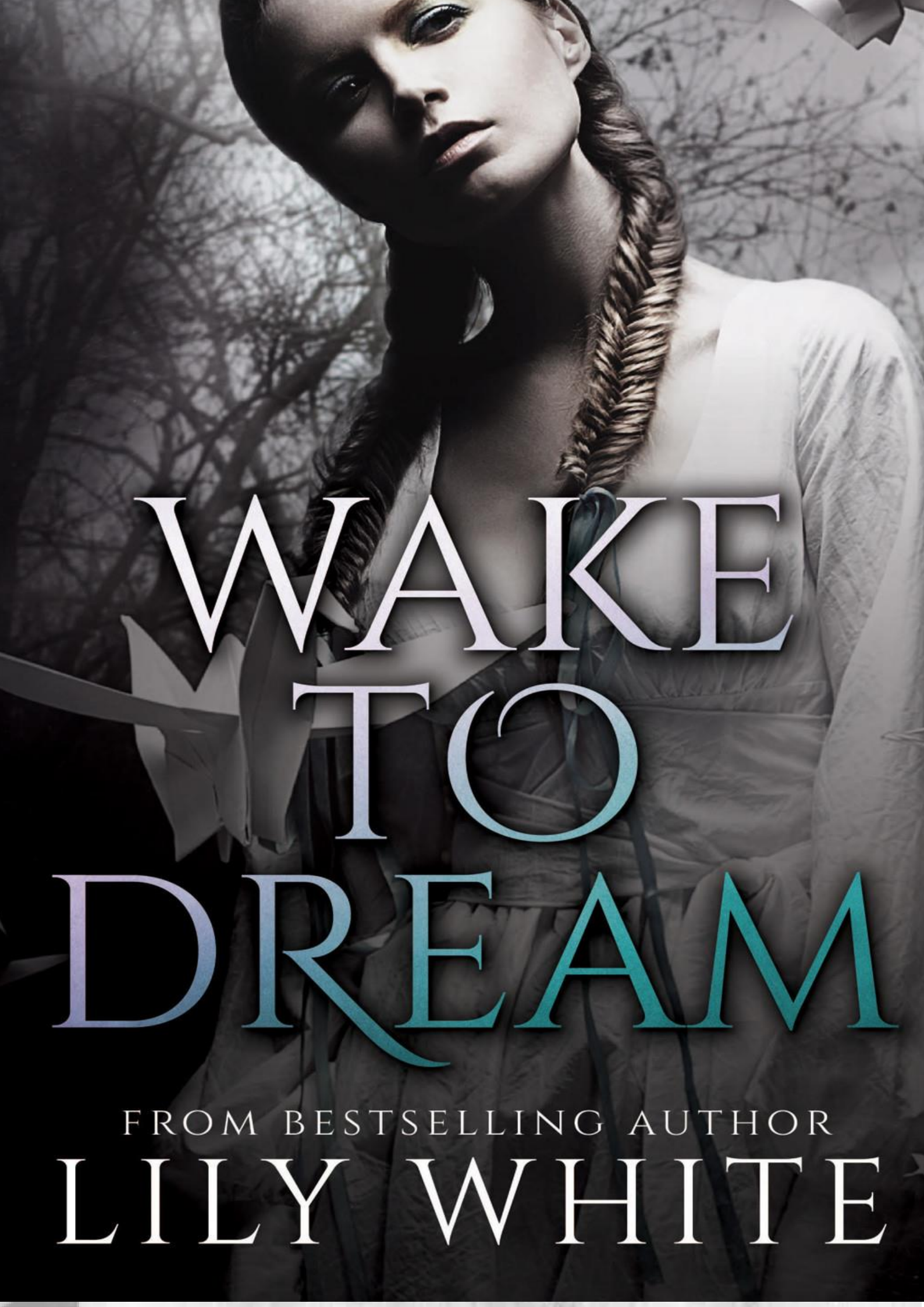

WAKE
TO
DREAM
FROM BESTSELLING AUTHOR
LILY WHITE



Poison Books

Staff:

Tradução: Equipe Poison

Revisão Inicial: Equipe Poison

Revisão Final: Equipe Poison

Leitura Final: Equipe Poison

Formatação: Merlin

Sinopse

Alice Beaumont está ficando sem tempo...

Atormentada por distúrbios do sono desde a infância, Alice havia se acostumado aos sonhos noturnos que a aterrorizavam. Ela acordou em lugares estranhos. Ela ficou paralisada de medo e alucinações. Ela gritava cada noite com espectros invisíveis e rostos malignos.

Quando sua irmã, Dalila, desaparece, os sonhos de Alice adquirem um novo significado. Um elo entre a realidade e a fantasia, Alice entende que seus sonhos são a chave do mistério do rapto da irmã.

Uma mulher encapuzada...

Um homem misterioso e perigoso...

E um médico que está determinado a ajudá-la a encaixar os pedaços quebrados...

Alice não tem escolha a não ser espiar profundamente os recessos de sua mente para descobrir as pistas que a levarão à verdade. Em uma corrida para salvar sua irmã, Alice corre em um perigoso labirinto entre os pesadelos que a assombram e o monstro que a espera quando ela finalmente acorda.

* Este Livro lida com temas perturbadores que podem ser um gatilho para leitores sensíveis. *

Um

12:30

Paredes cinzentas.

Mesa preta.

Rosas vermelhas falsas de plástico.

Tudo nesse lugar, a poeira nas mesas intocada pelos dedos humanos.

Nada pode mudar porque, se alguma coisa mudar, a sala não é mais real.

… Gotejamento...

— Alice?... Senhorita Beaumont?... Alice Beaumont...

Rápido o suficiente para torcer os músculos de seu pescoço, o rosto delicado e calmo de Alice virou para encontrar com os olhos do Dr. Chance, ansiedade e medo subindo ao longo de sua espinha. Ela o achava sensível e doce, se não fosse por sua insistência em devolvê-la a lugares que ela preferia deixar enterrado.

— É minha hora, doutor?

Ele assentiu.

Paredes cinzentas.

Porta branca.

Mesa de madeira escura.

Sofá listrado branco e bege.

Ainda o mesmo. Ainda seguro.

...Gotejamento...

— Como você está hoje, Alice? Você parece... Estressada. — Sua voz era discordante, pedaços e partes compreensíveis, mas o resto filtrado pelo ruído branco do ar saindo das aberturas no teto.

— Você está tomando seus medicamentos?

— Sim, — ela assentiu com a cabeça, seus lábios formando a palavra, mas sua voz tão fraca que ela não estava certa de que tinha falado.

— Bom, — ele respondeu, seu tom seguro um sussurro nu em seus pensamentos. — Por favor, sente-se.

Cinco degraus do outro lado da sala, três degraus acima do tapete macio e estampado. Quatro almofadas. Uma manta branca estava solta sobre o braço da cadeira.

Sua mandíbula se apertou, a cabeça dela balançou bruscamente para o lado. Seu corpo tinha uma mente própria.

— Eu estou tendo os sonhos novamente. Eles não param. — O terror suavizou sua voz antes de quebrá-la completamente. — Eles são implacáveis.

Com uma voz suave para amenizar a fragilidade da psique de Alice, o Dr. Chance perguntou: — Os medicamentos estão ajudando você a dormir?

Sua cabeça tremeu, um movimento selvagem que parecia incrivelmente rápido. — Eu durmo demais.

Um silêncio espesso caiu, apenas quebrado pela voz suave do médico. — Você nunca me contou sobre o começo, sabe? Tudo o que tenho para ajudá-la são os sonhos. —

Outro momento sufocante de silêncio. — Diga-me o que aconteceu no começo.

— Isso pode importar?

Segundos se passaram. Por que ele não respondeu?

Ela realmente falou?

Um grunhido soou, sua garganta limpando o pedaço de medo que a entupiu. — O começo vai ajudar, doutor?

— Sim.

Tremores violentos a sacudiram, o pesadelo do *começo* uma onda de puro horror em seus pensamentos. — Ela foi levada.

— Quem... foi levada?

— Minha irmã. Eles a levaram. Aqueles bastardos a levaram. — Era como se um dedo tivesse pressionado o botão de volume, a voz de Alice foi aumentando até que foi um grito selvagem em seus lábios. — Eles estão machucando ela! Você não entende? Nós temos que encontrá-la. Eu tenho que encontrá-la.

— Eu não quero falar sobre os sonhos hoje, Alice. — Aborrecimento na voz do médico, determinação em fazê-la discutir o assunto que ele queria. — Nós vamos começar do começo.

O cabelo bateu no rosto dela quando ela balançou a cabeça novamente. Os braços de Alice eram uma faixa apertada envolvendo seu torso, seus pés tocando um ritmo rápido demais para qualquer pessoa sã. — Eu não sei se posso.

De repente, calmante, a voz do médico mudou tão rápido quanto as emoções de Alice, sua paciência competindo contra sua insanidade para lutar contra seu comportamento sob controle. — Vamos voltar ao começo, Alice, antes do dia em que Dalila foi levada. Talvez se lembrando de onde você veio, me conte mais sobre onde você está agora.

— Não é bonito.

...Gotejamento...

— Nunca é bonito. Leve-me lá, — ele insistiu.

— Você vai gritar, doutor.

Silêncio. Ele sempre deixava o silêncio pairar ali, uma mortalha espessa e obscena que prometia a morte. — Eu não vou gritar.

O sorriso dela era um que só os loucos conseguiriam dar.

— Todos gritam.

Dois

Costuma-se dizer que os sonhos são o que você faz deles. Alice acreditava no ditado; ela manteve essa crença mesmo quando se aproximou da monstruosidade de uma antiga casa vitoriana coberta e desmoronando sob o peso de uma trepadeira verde brilhante e desenfreada.

Janelas que enchiam a altura de três andares estavam sujas e quebradas. As portas duplas que outrora haviam sido uma entrada grandiosa, mal se apegavam às dobradiças. Com medo de cair nas tábuas largas e decadentes dos degraus da frente, ela testou seu peso antes de começar a escalada.

Agarrando a alça esfarrapada e gasta da maleta que sua mãe lhe comprara no dia em que se formara na faculdade, ela endireitou os ombros e ergueu o queixo com fingida força de espírito.

Eu posso fazer isso, ela pensou consigo mesma, uma mentira que ela adotou como seu mantra diário, uma mentira que afastou os sussurros irritantes que ela tinha delegado o pior do lote.

Sua carreira, até agora, nunca tinha acontecido. Ela continuou avançando, mudando de direção com a mesma frequência que uma pessoa impaciente trocava de faixa no trânsito pesado. Independentemente do tipo de carreira, ela sempre acabava no mesmo lugar: um leigo aprendendo

enquanto era designado para uma tarefa impossível e assustadora.

Puxando o celular do bolso, discou um número que ainda não havia memorizado, verificando duas vezes antes de digitar os últimos dígitos.

— O que há de errado? — Sua chefe, Sarah, nunca teve tempo para gentilezas.

— Acho que estou na casa errada, — explicou Alice. — Você não pode esperar que eu venda isso.

— Três andares vitorianos na esquina da Woods Boulevard com a First Street?

— Sim, é onde eu estou.

— Então você está no lugar certo e você vai vendê-la. — Uma pessoa inteligente entenderia a ameaça velada na resposta de Sarah. O silêncio passou entre elas, — Eu tenho fé em você. Eu não pude ver quando contratei você pela primeira vez, mas eu sabia que algo estava lá. Impressione-me.

A porta se abriu com um grito, uma nuvem de poeira rolando através da luz do sol fraturada de dentro da casa. Alice fez uma careta ao descobrir que o interior estava tão dilapidado quanto o exterior... Se não mais.

— Ah, e uma última coisa, — Sarah acrescentou, sua voz mais alegre agora que Alice não reclamou mais, — pode haver invasores, então tome cuidado ao entrar. Ligue para mim depois de ter feito uma avaliação completa

A ligação morreu, junto com o sonho de Alice de uma carreira nova e bem-sucedida.

Enrugando o nariz contra o fedor espesso de mofo e bolor, o cheiro distinto de algo que havia morrido, mas ainda não totalmente apodrecido, Alice colocou um pé hesitante dentro da estrutura.

— Olá?

Sua voz ecoou de volta para ela, uma repetição assombrosa de seu medo na única palavra.

Pés raspando de um roedor contra pisos de madeira podiam ser ouvidos em resposta, mas nada indicando que uma pessoa estivesse lá dentro.

Murmurando para si mesma, Alice se moveu cautelosamente pela sala de entrada, seu corpo angulou-se estranhamente, a fim de espiar o que era tecnicamente uma sala de jantar formal, se não fosse pela árvore que crescia no chão.

— Não tem jeito, — ela murmurou para si mesma, — a menos que o comprador tenha uma escavadeira para trazer aqui.

A vibração de sua bolsa atraiu sua atenção para o telefone, mas ela ignorou, optando por manter os olhos abertos nas sombras da casa. Só porque ela não recebeu resposta quando ela chamou não significava necessariamente que nenhuma pessoa estivesse dentro.

Rastejando-se para frente, ela se encolheu cada vez que o chão rangeu sob seus pés, o rangido doentio de

madeira podre ameaçando deixá-la no espaço rastejante da casa a cada passo que ela dava.

E pensar que ela tinha mais dois andares para ir.

Sair desse emprego a deixaria se sentindo derrotada, mas... sua vida e bem-estar valiam mais do que a possibilidade de uma comissão de uma venda.

Outra vibração lembrou a ela que alguém ligou ou mandou uma mensagem, mas ela ignorou novamente.

— Droga, Alice. Junte-se, mulher.

Foi procurar na bolsa gigante que ela usava, ela tocou a lata que ela mantinha depois de sair de casa e morar sozinha. Nunca antes usara a arma de aerossol, mas a tranquilidade que lhe proporcionava a ajudou a tropeçar mais alguns passos no interior da cozinha antiga.

Definitivamente, uma lágrima para baixo, ela pensou, um pouco consternada que o dono da casa tivesse permitido que ela caísse em má forma. Olhando para cima, ela admirava os tetos abobadados e a moldura de madeira esculpida. Uma vergonha dessa negligência arruinou o que seriam características valiosas.

Escadas sinuosas a levaram para o próximo nível, quartos espaçados uniformemente pelos corredores mal iluminados onde a luz das janelas mal podia penetrar. O chão rangeu com seu peso, seus dedos apertaram mais a alça de sua bolsa enquanto ela espiava em cada quarto que ela passava. Não tão desgastado quanto o primeiro andar, mas

ainda assim ressecado ao ponto de não poder ser recuperado.

Uma escada de serviço estava escondida atrás de uma porta no final do corredor, as dobradiças se afastando completamente da moldura quando Alice a abriu. Colocando a pesada porta no chão, ela cuspiu a poeira que cobria sua boca e língua. Suas roupas estavam manchadas com a mesma poeira, manchas de teias de aranha tecidas na antiga terra marrom.

O terceiro andar era nada mais que um sótão convertido em um quarto espaçoso. Possivelmente um quarto na época em que era habitável, o teto abobadado se arqueava nas laterais e uma pequena porta do armário foi colocada à direita.

Cobertores e lixo cobriam o chão, o cheiro de excremento humano uma irritação espessa em seu nariz. Tossindo em resposta ao estado do espaço, Alice agradeceu que as grandes janelas permitissem luz suficiente para que ela soubesse que estava sozinha.

A única tarefa que faltava era investigar o closet. Em lares antigos como este, as portas levavam a lugares peculiares, e Alice não conseguia ignorar sua curiosidade a respeito de onde a porta baixa dava acesso.

Uma passagem secreta não tornaria a casa mais valiosa, mas daria um toque de mistério quando os potenciais compradores chegassem para inspecionar a

propriedade. Se ao menos ela pudesse bloquear sua visão de tudo, exceto da estranha porta pequena.

Encurvada e arrastando o peso de sua pasta e bolsa, Alice estendeu a mão trêmula para puxar a maçaneta, esperançosa de que a porta se abrisse e revelasse algo que ela poderia usar para vender o lugar.

Um puxão suave não foi suficiente para soltar a porta do quadro e ela temia quebrá-la completamente se ela puxasse com mais força. Torcendo a maçaneta novamente, ela afastou seu medo e....

— Essa porta tende a emperrar quando não é aberta há algum tempo.

Ela era uma pilha no chão antes que o homem que falou pudesse segurá-la. Suas mãos fortes envolveram seus bíceps, a erguendo em seus pés antes que ela pudesse se afastar de seu toque.

— Eu não pretendia assustá-la, — ele disse, — achei que minha presença seria útil. Você é a corretora de imóveis, correto?

Os olhos desconfiados de Alice se estreitaram, seu olhar se fixou nas linhas afiadas do rosto do estranho. — Como você chegou até aqui sem eu ouvir você? O chão inteiro está praticamente caindo aos pedaços. Você não deveria estar aqui. Isso é propriedade privada.

Afastando-se da mulher assustada, o estranho ergueu as mãos em rendição. — Meu nome é Maximilian Frost.

O reconhecimento do nome tirou Alice do terror que ela sentiu. — Sua família é dona da casa.

Seu lábio se contraiu em resposta a algum pensamento desconhecido. — Acho difícil acreditar que minha família é dona de alguma coisa, especialmente quando consideramos que estão todos a um metro e oitenta abaixo do solo.

Seus olhos se estreitaram mais e ele sorriu. — Que todos descansem em paz.

Sacudindo os restos de seu choque, ela manteve os olhos treinados no homem enquanto suas mãos se moviam rapidamente para limpar a poeira e os detritos de suas roupas. — Meu nome é Alice Beaumont. E sim, sou a corretora de imóveis.

— É um prazer conhecê-la, senhorita Beaumont. Você teve a oportunidade de andar por toda a casa?

Incapaz de tirar toda a sujeira de sua camisa branca, ela suspirou em resignação. Não agradaria a Sarah saber que primeira impressão que ela passava como corretora era de sujeira cobrindo suas roupas. Talvez o estado decrépito da casa em que estavam os distraísse do estado de Alice. — Tudo exceto por este armário. A porta parece estar trancada.

Tomando o tempo para estudar o rosto do homem, Alice notou pela primeira vez sua mandíbula forte e linhas afiadas de sombra em sua bochecha. Uma barba de um dia cobria seu rosto, o tom combinando com seu cabelo. Um nariz reto estava acima dos lábios cheios.

Mas isso era apenas metade do rosto dele. A outra metade estava escondida atrás de uma cicatriz trágica e desfigurante. Manchado e deformado, sua pele estava obviamente queimada, carregando a evidência de tentativas de enxerto de pele que não cobriam completamente o dano causado. Mesmo com a cicatriz, ele era um homem bonito, trazendo a necessidade de sobreviver escrito na imperfeição de sua pele.

O mais surpreendente de tudo eram os claros olhos azuis que olhavam de volta como observadores dela como ela era dele.

— Peço desculpas pela minha reação, Sr. Frost...

— Max, — ele interrompeu, não surpreso com a maneira como ela estudou seu rosto. — Eu prefiro ser chamado de Max.

Dando um passo à frente, ele se moveu para a luz do sol que mal atravessou as janelas imundas. Alice respirou fundo, os poucos pontos de luz iluminando a profundidade da cor dos olhos do homem, o choque em seu sistema era palpável.

— Max, — ela se corrigiu, — Você consegue abrir a porta?

Não foi totalmente um sorriso, mais os cantos de seus lábios puxaram em diversão. — Eu consigo. Embora, eu tenho que perguntar: você tem certeza que quer que ela abra?

Era uma pergunta estranha, era estranho o lugar que a porta estava localizada. Nada nessa experiência deixou o coração de Alice à vontade. — Claro, tenho certeza, — ela mentiu, sua determinação em permanecer empregada competindo com o forte impulso dentro dela para fugir da casa e nunca olhar para trás.

Ele sorriu: — É só que o armário é, provavelmente, imundo. Assim como o resto da casa.

Não foi até esse momento que ela notou as roupas que o homem estranho usava. Elas não eram pobres ou fora de moda, apenas peculiar em sua formalidade. Talvez ele fosse um homem de negócios, tão condicionado a vestir terno e gravata que, mesmo nos fins de semana, não conseguia vestir uma simples camiseta e jeans.

Uma camisa preta abotoada sobre os ombros largos e o peito, o tecido sem dobras enfiado no cós da sua calça cinza-claro de linho. Um cinto de couro preto mantinha as calças soltas sobre os quadris, uma gravata carmesim apertada em volta do pescoço. Nem uma partícula de poeira poderia ser encontrada em suas roupas. Alice não tinha certeza de como, nesse ambiente, a falta de poeira era possível.

Ela sentiu uma sensação incômoda de inferioridade em comparação com Max. Sua renda não era suficiente para ela se vestir bem, e a camisa branca e a saia azul-marinho que ela usava eram itens de venda comprados na loja local. Na época, ela os achara bons o suficiente para o começo de sua

nova carreira, mas não agora que ela estava na presença de um homem de óbvia riqueza e sofisticação.

Seu celular vibrou de sua bolsa, os olhos do homem arrastados para a bolsa pelo barulho. — Você precisa atender?

Seus lábios se separaram em uma resposta que ela não podia facilmente expressar. Balançando a cabeça depois de alguns segundos desajeitados, ela forçou a resposta de sua língua. — Não. Eu vou retornar quando terminar aqui.

Ele sorriu em resposta. — Muito bem. Se você me der licença, eu vou abrir a porta.

Devido à inclinação do telhado, duas pessoas não podiam ficar ao lado da porta ao mesmo tempo, a menos que alguém estivesse disposto a estar de joelhos. Não querendo se inclinar na frente de um homem que ela mal conhecia, Alice educadamente se afastou para deixá-lo mais perto da porta emperrada.

A maçaneta antiga emitiu um som ensurdecedor quando Max finalmente abriu a porta. A poeira soprava como qualquer outro cômodo da casa. Sombras e teias de aranha preenchiam o interior, uma única lâmpada pendendo para baixo, balançando lentamente como se estivesse em meio a alguma brisa imaginária.

— Você pode ligar a luz? — O medo atou sua voz.

Alcançando dentro, ele puxou o interruptor. A lâmpada falhou. — Receio que não, — disse ele, afastando-se da porta para ficar em pé e tirar o pó da roupa. Seus olhos se

encontraram com os dela. — Você está convidada a dar uma olhada.

Apanhado em seu olhar hipnótico, ela lutou para encontrar sua voz dentro do grosso cobertor de atração que a envolvia. Apenas um sussurro, ela finalmente respondeu: — Sim. Obrigada.

Curvando-se, ela avançou para baixo sob a inclinação do teto, a cabeça movendo-se para dentro para olhar o armário, quando sentiu o toque suave da mão de Max nas costas, o contato surpreendente em sua familiaridade.

Seu celular vibrou novamente.

Três

12:30

Paredes cinzentas.

Mesa preta.

Rosas vermelhas falsas de plástico.

Ainda o mesmo.

— Você está pronta, Alice? Como de costume, você chegou na hora certa.

— Sim, doutor.

Porta branca.

Mesa de madeira escura.

Sofá listrado branco e bege.

Ainda seguro.

— Sente-se, — o médico pediu, — Eu gostaria de começar a sessão discutindo o que você me disse da última vez que nos conhecemos.

Embora seu corpo se sentisse mais sob controle do que da última vez em que se encontrou com o Dr. Chance, o tempo ainda se movia lentamente, cada pequeno movimento, ou o menor som, se estendia por muito tempo. Alice sentiu como se estivesse trabalhando contra alguma força invisível, uma tensão empurrando-a desconfortavelmente quando ela se sentou no sofá.

— Você parece melhor, — observou o médico. — Seus movimentos não são tão intermitentes quanto a última vez

que nos encontramos. — Ele esperou que ela olhasse para ele antes de comentar: — Os remédios devem estar funcionando.

Sacudindo a cabeça ligeiramente, ela tentou se lembrar da última vez que tomou os remédios, mas o dia anterior estava escondido sob um cobertor opaco, sua dor e estresse eram demais para ela lembrar de eventos com alguma clareza. Se ele dissesse que os medicamentos estavam funcionando, ela acreditaria nele, mesmo que não se lembrasse de nada antes de se sentar em sua sala de espera.

— Sobre o que falamos da última vez que estive aqui? — Mesmo para seus próprios ouvidos, sua voz soava distante e quebrada.

Um bálsamo calmante contra o caos em sua cabeça, suas palavras romperam a névoa. — Nós discutimos o começo como eu pedi. Embora, eu estou um pouco confuso com o que você me disse.

Alice forçou os olhos para os dele, abrindo a boca para responder, mas depois decidiu não falar nada.

Percebendo que ela não responderia, o Dr. Chance acrescentou: — Você me contou sobre uma casa que estava tentando vender. Você se lembra?

Piscando os olhos, ela se trouxe de volta ao presente, sacudindo os sonhos que ainda a seguravam. As visões parariam quando ela acordasse, mas o terror e a dor sempre seguiam, não importava o que ela fizesse para escapar.

…Gotejamento...

— Eu me lembro da casa, — ela admitiu.

— Por que você me levou lá? Aquela casa não tinha nada a ver com a sua irmã. Não é?

Sua cabeça caiu para frente em suas mãos. — Eu não sei exatamente. Foram as ligações, eu acho.

— E os telefonemas, Alice?

...Gotejamento...

Balançando a cabeça, ela tentou dissipar as nuvens grossas que se demoraram depois que ela sonhou. O presente nunca foi tão elusivo quanto aquele momento, sua luta uma luta perdida para permanecer no caminho certo com a conversa.

— Eu acho que... Eu não posso ter certeza porque eu não lembro especificamente de verificar o telefone, mas eu devo ter feito. Eles estavam me dizendo algo, muito provavelmente que ela tinha ido embora. Eu não acredito que eu precisei das ligações para me dizer isso, eu já sabia que algo estava terrivelmente errado.

Ele ficou quieto por um momento, contemplativo. — Explique isso para mim.

A última coisa que Alice queria era voltar para lá... para aquele dia. Mas se isso a ajudasse a se curar, se os deixasse sem nada além dos sonhos a serem discutidos, ela o satisfaria.

— Eu me senti com medo no segundo em que pisei na casa. Foi uma coisa escorregadia no começo, uma mecha envolvendo minha espinha.

Ela estremeceu, forçando-se a andar de volta para a casa destruída na esquina da First com a Woods. — Não havia motivo para temer a casa. Era apenas uma estrutura negligenciada.

— Mas ainda assustou você?

— Sim, — lembrou ela. — Olhando para trás, não era a casa que me assustava, era uma sensação de que algo estava errado. Talvez fosse um elo que eu compartilhava com minha irmã, o sangue em suas veias chamando a mim. Talvez por isso os sonhos começaram quando aconteceu.

Um suspiro resignado se filtrou em seus pensamentos, a voz do médico finalmente puxando sua atenção de volta para ele. — Sua irmã não estava na casa.

— Não. Mas ela foi levada quando eu estava lá. Aqueles telefonemas...

...Gotejamento...

O som estava começando a irritá-la. Com os olhos frios e mortos, ela examinou a sala, a cabeça lentamente girando sobre o pescoço. Uma porta foi colocada à direita, que ela não havia notado antes, fechada de modo que ela pudesse apenas adivinhar o que havia além dela. — Isso é um banheiro?

O médico assentiu. — Você precisa usá-lo?

...Gotejamento...

— Não, — ela respondeu, — mas você deveria consertar a torneira.

Olhos estremecidos a estudaram, perguntas óbvias em seus pensamentos não verbalizados. — Eu vou dar uma olhada assim que sua sessão terminar.

O silêncio passou novamente, o alívio da conversa foi uma coisa reconfortante. Ela sabia que não duraria muito tempo.

— Antes de discutirmos os sonhos, eu gostaria de entender por que você os considera importantes. Quando eles começaram?

— Depois disso. — Ela acenou com a mão na frente dela, o movimento nervoso e descoordenado. Era como se ela tentasse abreviar tudo o que ocorria entre os telefonemas e os sonhos com uma resposta vaga.

— Depois de quê? Você viu sua família depois dos telefonemas? Você foi para casa?

A agitação era áspera contra sua pele. Raiva construiu em suas veias, uma pressão inquietante e inescapável. — Isso importa? — Ela só conseguia lembrar pedaços e fragmentos, memórias e imagens fraturadas vindo a ela nos ventos de uma tempestade tempestuosa.

— Você realmente precisa perguntar? O que você gostaria de saber primeiro? Minha mãe gritando? Meu pai se afogando em uma garrafa de uísque? Ou sobre o meu irmão mais novo se balançando lentamente em sua cama? Alguma coisa disso vai me ajudar a encontrar minha irmã?

— Não, — foi sua resposta curta e firme, — mas poderia me ajudar a encontrá-la. Não é esse o objetivo de tudo isso? Ajudá-la?

Ela olhou para ele, um bufo feminino saindo dela antes de declarar: — Você não pode me ajudar até encontrá-la. É simples assim.

Sem dignificar a declaração, ou reconhecê-la de modo a estabelecer-se em sua mente como verdade, ele perguntou: — Quando você viu sua família assim? Tão dilacerada? Quando foi para casa, Alice?

— Eu não sei. Ontem, hoje, naquela época. Poderia ter sido qualquer um desses momentos. Se você quer um encontro específico, eu não posso dar a você. É tudo uma confusão de caos na minha cabeça, memórias e pensamentos espalhados juntos sem ordem ou razão.

Ela estava chorando, vergonha rolando sua bochecha em uma única lágrima salgada. Batendo nela, ela sabia que o médico via o sinal físico de sua falta de controle, mas esperava que ele não visse de novo.

— Eu não sou louca, você sabe? Eu não sou. Eu apenas sei coisas, coisas obscuras, coisas doentes... Coisas realmente ruins. Eu as conheço, e eu preciso da sua ajuda para entender como usá-las para salvar Dalila

Seus olhos a encararam por trás de finos óculos de armação de metal. Seus ombros cobertos com o jaleco branco típico dos médicos. Em seu colo havia uma prancheta

e uma pasta, cujos papéis ele folheara depois de soltá-lo de seu olhar inquisitivo.

— Você me disse que foi para a faculdade. Foi para imóveis?

Ela riu. — Eu pensei que você tinha um diploma de médico, doutor. Você deveria saber que você não precisa da faculdade para ter uma licença para vender casas.

— O que você estudou na faculdade?

Sua cabeça se encolheu para a esquerda, um tique que ela não podia controlar quando foi forçada a lembrar de informações que eram passageiras. — Neurologia, — ela respondeu, os detalhes voltando agora que ela se forçou a voltar ao passado. — Neurologia cognitiva, especializada em medicina do sono.

Soltando os papéis em seu colo, o médico sentou-se e estudou Alice, com mais perguntas se formando por trás de seus olhos. — E, no entanto, você vendia casas para viver?

— Você tem um cigarro, doutor? Eu sinto que preciso de um.

— Você fuma?

— Não.

Um leve aceno de cabeça, alguma decisão que ele não havia feito. — Você está procurando por uma distração. Eu não vou dar a você. Conte-me sobre sua educação, Alice.

Olhando ao redor da sala, Alice avistou uma caixa de lenços na mesa ao lado do sofá. Ela não os tinha notado antes, mas ainda aproveitou a oportunidade para puxar um

da caixa, seus dedos trabalhando rapidamente para rasgá-lo.

Em silêncio, o médico observou as mãos dela se moverem sobre o colo, a fina folha de tecido se tornando confete onde ela estava sentada.

— Destrua quantos você quiser, se isso ajuda você a aliviar o que está sentindo, mas fale enquanto faz isso. Por que você cursou neurologia??

— Eu tive problemas para dormir quando criança. Terrores noturnos. Sonambulismo. — Sua voz caiu para um sussurro, pesadelos rastejando de volta para ela quando ela se lembrou daquelas noites horríveis.

Logicamente, ela sabia que eles estavam no passado, tão longe que ela não deveria se preocupar que eles voltariam. — Eu queria entender.

— Entender a causa ou...

— Eu queria entender os pesadelos, doutor. Tem que haver uma razão para eles, certo? Como agora.

Coçando o queixo, o médico rabiscou anotações. — O que você está falando soa mais como o reino da psicologia.

Uma gargalhada escapou de sua garganta, uma gargalhada que a surpreendeu tanto quanto a fez se encolher. Política e comportamento educado sejam condenados.

— Psicólogos não são nada mais do que médiuns glorificados.

Batendo a mão na boca, ela tentou pegar as palavras que fluíam através de seus dedos como água. Ela queria levá-las de volta, seus olhos olhando para o homem que acabara de insultar e condenar.

Um sorriso fácil enrugou seus lábios apesar do insulto. — Explique.

O constrangimento era um gosto amargo em sua língua. Ela não pretendia menosprezar sua profissão. Talvez a lógica aliviasse a dor.

— A psicologia, na maioria das vezes, é subjetiva. Você me faz uma pergunta. Eu respondo à pergunta e explico o que ela me faz. Com base nessas respostas e no meu comportamento, você calcula possíveis causas e determina prováveis estressores físicos que influenciam meu comportamento. E depois disso, você determina um plano de tratamento.

Seus olhos se arregalaram. — Essa é uma resposta completa e bem pensada, Alice. Estou surpreso.

Sua cabeça foi para o lado, seu corpo se recuperando contra sua tentativa de seguir a lógica da conversa. A realidade não era mais simples. Não quando os sonhos continuaram a provocá-la por dentro.

— Por quê?

— Sua resposta foi linear e lógica. Isso é atípico para você. Mas estou confuso quanto à sua afirmação. Você expôs uma fórmula para minha profissão que é de natureza clínica,

mas você zomba dela como uma forma psíquica e, portanto, não-clínica.

O tique no pescoço dela era feroz, as mãos trabalhando sobre os tecidos que ela tirava da caixa, um após o outro, até que não passassem de restos em seu colo. A agitação lutou contra sua capacidade de pensar com clareza.

— Porque é subjetivo. Você perdeu essa parte. As respostas que eu lhe dou podem ser mentiras. Você baseia seu diagnóstico em mentiras.

Tocando a ponta da caneta contra o papel, ele a estudou. — Mas o comportamento não mente, não é, Alice? Como você disse, é um fator no que eu faço.

Realidade fragmentada em torno dela, a conversa frustrante escapou de seu domínio até que ela não podia mais ficar no tópico.

Os restos dos lenços caíram no chão quando ela respondeu: — Eu quero falar sobre os sonhos.

Uma batida de silêncio, o relógio na parede, os intervalos de som desigualmente espaçados. Sua mente se despedaçou tanto que até mesmo o ritmo normal se perdeu para ela?

...Gotejamento...

— Tudo bem. Vamos falar sobre os sonhos. Podemos voltar a outros tópicos em nossa próxima sessão.

Ele suspirou.

— Conte-me sobre o primeiro sonho, Alice. Do que você se lembra?

Quatro

Era desorientador, o brilho efêmero de luz fraturada, janelas imundas alinhadas no topo de um quarto, sua pele exposta praticamente congelada contra um chão frio como gelo. Piscando os olhos, ela viu as paredes estéreis se transformarem e se curvarem ao redor dela, a capacidade de se concentrar em qualquer coisa roubada por sua confusão.

Onde estou? Alice pensou, com os elos de metal tilintando quando ela levantou um braço para empurrar o cabelo do rosto; pulseiras batendo umas nas outras pelos pulsos.

Úmida e suja, a sala não era familiar. Um lugar indigente com paredes de gesso desmoronando e um fedor nauseante de mofo e sujeira. Tudo estava fora de foco.

Pânico puro inundando seu coração, ela abriu a boca para gritar. O som rasgou seus ouvidos tanto quanto sua garganta, um eco de seu medo a envolvendo em um quarto que ela nunca tinha visto antes.

— Grite o quanto quiser. Ninguém vai ouvir você. Embora, eu prefiro que você pare. — Calmo, legal, firme. Sem qualquer preocupação no mundo. Nada parecido com o terror visceral que inundou as veias de Alice.

Recuando em resposta à voz profunda de madeira que respondeu, seus olhos procuraram a miríade de sombras, mas não viram nada que explicasse a presença de outro

corpo que respirava na sala. Ela gritou de novo, sua mente revertendo a instintos primitivos, uma vítima impotente.

Sua garganta estava rouca e crua, o som de sua voz desaparecendo em uma explosão irregular de respiração descontrolada.

— Você terminou? Ou vai continuar até você desmaiar?

Ele estava divertido, o humor evidente em sua voz estranhamente calma.

— Quem...

— Pare de falar, — ele exigiu, cortando sua pergunta antes que ela pudesse terminar.

— Por favor, — ela implorou, — deixe-me ir. Eu não vou....

Ele riu, o som suave antes de responder, — Você sabe, é sempre o mesmo - na vida real, assim como no entretenimento. Nunca deixa de me surpreender como as mesmas linhas são usadas em filmes: *Por favor, deixe-me ir. Eu juro. Eu vou manter isso em segredo.* Eles nunca mudam o script, e mesmo quando realmente acontece, as pessoas seguem o mesmo caminho típico. O que as vítimas esperam que aconteça quando elas imploram? Que vão deixar elas irem — Que a pessoa que os raptou irá responder: Ah, claro, deixe-me soltar esses laços e você também gostaria que meu nome fosse levado à polícia? Talvez uma cópia da carteira de motorista seja útil? — Ele fez uma pausa, um suspiro resignado enchendo o quarto escuro. — Sinto muito, Alice, mas isso não vai acontecer dessa vez. Economize seu fôlego.

Ele a conhecia, o uso do nome dela era uma realização chocante. Mudando de curso depois de reunir sua inteligência e um pouco de bravura, ela disse: — Eu não posso te ver. Onde você está? Pelo menos mostre seu rosto.

Nenhuma resposta, nenhum barulho, nada.

Ele entrou em cena depois de um minuto, mas só tanto que Alice pôde ver sua silhueta, uma sombra escura em contraste com a luz quebrada e suja.

— É isso que você quer? Conhecer seu monstro?

Vê-lo, sabendo que ele era real e não uma ilusão lançada por uma mente assustada e desorganizada, não a ajudou nem um pouco.

Incapaz de tirar os olhos da forma de seu corpo, ela observou em silêncio enquanto ele se sentava em uma cadeira que ela não tinha notado antes, os pés de madeira raspando contra o chão de concreto frio.

— Para onde vamos a partir daqui, Alice?

Ela não sabia. Sua boca se abriu novamente em seus gritos.

Cinco

12:30

Paredes cinzentas.

Mesa preta.

Rosas vermelhas de plástico.

— Boa tarde, Alice.

Ainda seguro.

— Olá doutor.

— Siga-me em meu escritório. Vamos começar de onde paramos da última vez.

Cinco degraus do outro lado da sala, três degraus acima do tapete macio e estampado. Quatro almofadas. Uma manta branca estava solta sobre o braço da cadeira.

Ainda o mesmo.

— Nós falamos do primeiro sonho que você teve da última vez. Você se lembra?

Alice sentou-se contra as almofadas do sofá, sua mente perturbada pela determinação do médico em começar de novo sem lhe dar o espaço para respirar que vinha com amabilidades conversacionais. — Você acabou de pular bem aí, não foi, doutor? Pulou o, *como vai você?* Não há perguntas sobre meus medicamentos?

Ele riu, embora o sorriso em seus lábios não atingisse seus olhos azuis. — Você se lembraria de responder se eu

perguntasse? Sua memória melhorou tanto que você se lembra de algo além das paredes do meu escritório?

— Não há nada de errado com a minha memória. — Falou em um suspiro frustrado, ela não conseguia esconder o ressentimento em suas palavras. — Eu me lembro de todos os pequenos detalhes sórdidos...

— De um sonho?

— Vários, — ela brincou. Um calafrio correu ao longo de sua espinha, esgotando seu coração e pensamentos, cada osso em seu corpo dolorido por algum motivo desconhecido. O estresse foi o culpado mais provável. Não importava o quanto ela se concentrasse, ela não conseguia identificar qualquer um dos gatilhos certos, tudo se misturava em uma massa disforme e imunda de lembranças e dor.

Ele a estudou, seus olhos observando cada detalhe, sua mente registrando cada sintoma minúsculo em seu comportamento. — Você teve algum sono repousante?

Rindo da pergunta ridícula, ela deu a ele uma resposta que não significava nada. — Sim. Não. Talvez um pouco. Eu não sei. — Seus olhos cerrados, sua voz caindo para um sussurro. — Eu não tenho certeza se isso realmente importa. Vou acordar e descobrir que nada mudou. Ela ainda está perdida.

— E pode ser para sempre. — Foi um lembrete tranquilo.

Como uma reflexão tardia, e talvez para suavizar o golpe, ele acrescentou, — mas espero que não seja o caso.

A ponta da caneta bateu contra o bloco de notas. — Você estudou neurologia. Você deve saber o quão importante é o sono para o cérebro.

— Eu sei... — Sua mente ficou em branco antes que ela pudesse terminar a frase. O que exatamente ela sabia? Quando chegou a isso? Para os sonhos? Para o passado e o presente que pareciam fluir infinitamente em um misto de caos e imagens confusas?

Não havia muito que ela soubesse além do fato de que a realidade não era mais uma coisa definida e tangível.

— O sono é algo que eu tenho medo. É algo que deveria me atualizar, mas em vez disso me deixa gritando na minha cabeça.

Um único toque de sua caneta. — Devemos discutir outra coisa. Sua vida de vigília, por exemplo. Você me disse que foi para casa depois que sua irmã desapareceu. O que você lembra disso?

Sacudindo o terror de seus pensamentos, ela se amontoou em seu assento, suas pernas dobradas puxadas firmemente contra o peito, enjauladas pelos braços que estavam tremendo. — Não muito. Eu não consigo organizar meus pensamentos sobre qualquer coisa, qualquer evento. É como se as lembranças tivessem sido sacudidas e espalhadas, fragmentos que vêm através da névoa para lentamente se revelarem.

— Dê-me um. Eu não preciso de detalhes como data ou hora. Talvez, se gravarmos todos eles, podemos colocá-los em ordem.

Pensando de volta, ela empurrou através da miríade horrível de emoções e imagens, puxando os fios que levaram a pensamentos específicos até que um em particular veio à mente.

— A mídia é um bastardo. Você sabia disso? Eles se alimentam com a crueldade dos monstros; alimentam-se do mesmo medo e dor que os causam diretamente. — Ela riu, o som mais cínico do que engraçado. — E nove vezes em dez, eles estão errados.

Raiva escapou dela em uma respiração desconcertada, ela abaixou a testa até os joelhos.

...Gotejamento...

— Diga-me o que você lembra.

— Fui obrigada a assistir aos noticiários sobre o rapto.

— Obrigada?

Olhando para ele, seus olhos traçaram a linha preocupada de sua testa. — Está em toda parte, sabe? Em cada estação. Você pode percorrer os canais e obter um conjunto diferente de fatos - todas teorias - nenhuma delas correta. Não realmente.

Ignorando a desorientação de sua divagação, ele a levou de volta ao tópico que ele queria discutir. — Quem forçou você?



Engolir o nó de medo que entupiu sua garganta foi difícil. Por todas as tentativas, ela ganhou nada além de fogo ardente na carne sensível. Não havia mais nada a fazer além de desistir e deixar o nó sufocá-la, desistir como ela já havia feito tantas vezes em sua vida.

— Quem, Alice?

Seus olhos se encontraram quando ela olhou para ele por trás de uma cortina emaranhada de cabelo sujo.

— Todo o mundo.

Seis

— Você gostaria de algo para beber?

Calma, até gentil, a voz rompeu o filme pegajoso das trevas através dos sentidos de Alice.

Um sonho. Foi apenas um Sonho.

Ela queria recusar, mas sua garganta era tão áspera quanto uma lixa grossa. — Depende do que você está oferecendo.

Sua franqueza pegou o estranho de surpresa, se seu silêncio fosse qualquer indicação verdadeira de sua reação.

— Água, — ele respondeu depois de um intervalo silencioso. Não havia inflexão em sua voz, nenhuma raiva ou perda de controle em resposta ao comportamento de Alice.

Assentindo com a cabeça, aceitando a água, foi difícil. Alice estava lenta e descoordenada. Mas o movimento empurrado foi o suficiente.

Pernas de cadeira rasparam contra o chão, o ruído ritmado de sapatos contra o chão anunciando a aproximação do homem. As articulações dos joelhos dele se chocaram quando ele se ajoelhou na frente dela, traindo sua idade ou a quantidade de tempo que ele estava sentado imóvel na cadeira.

Com um rosto mascarado na sombra grossa o suficiente para esconder suas feições, ele segurou uma garrafa plástica de água entre eles.

Os esforços de Alice de aceitar a garrafa foram frustrados por uma fraqueza nos braços, um sintoma de qualquer droga que ela tivesse recebido.

— Eu teria jurado que levaria apenas algumas horas para você se recuperar. — Sua cabeça inclinou para o lado, o comprimento de seu cabelo escuro roçando seu ombro. — Aparentemente não.

— Max, — ela murmurou.

Seu rosto ainda estava escondido atrás da sombra, mas ela reconheceu o cabelo. Ela admirou quando eles se conheceram, mas perderam a trilha até agora.

Como ela chegou aqui? Onde era 'aqui'? E por que ele estava com ela?

A realidade caiu no pesadelo. Mundos colidindo por nenhuma razão compreendida.

Talvez não tenha sido um sonho, afinal.

— Estamos no Vic. — Suas palavras sentiram embaralhadas, mas ela forçou a pergunta. — The Vic. — Balançando a cabeça lentamente, ela teve que tirar a questão. — A casa que estou vendendo?

— Não, — foi sua resposta simples.

— Então onde? — Sua garganta se fechou com a pergunta, seu corpo voltando à vida enquanto as drogas diminuíam, mas ainda se revoltando em espasmos, os músculos aprendendo a funcionar como antes.

— Você entrou por uma porta, Alice.

Acomodando-se no concreto a seus pés, ele a estudou em silêncio antes de acrescentar: — E agora você está aqui.

Depois de destapar a garrafa, ele agarrou seu queixo, deslizando o polegar ao longo de seu lábio inferior antes de abrir a boca. A boca da garrafa encontrou seu lábio, inclinando-se para derramar água fria sobre a língua enquanto ele dizia: — Engula.

Alice não confiava no conteúdo, mas o líquido escorria pela garganta de qualquer maneira, um bálsamo calmante contra a carne queimada, e ela engoliu fervorosamente, avidamente, até restarem apenas algumas gotas.

Puxando dos lábios, Max jogou o plástico em uma parede que só existia na visão periférica de Alice.

Sua cabeça caiu para trás contra a parede, um grosso cobertor de silêncio deslizando entre eles até que sua voz suave e profunda o separou completamente.

— Eu tenho algo que eu vou te mostrar. — Ele fez uma pausa, olhando Alice com um olhar crítico. — Você não pode andar. Eu vou carregar você.

O terror deveria tê-la preenchido, mas a familiaridade havia provocado aceitação. Ela conhecia esse homem. Ele se apresentou como alguém com quem ela conversaria facilmente em um ambiente público. Um que, apesar da cicatriz desfigurante, seria tido como respeitável e admirado.

Este não era o tipo de monstro que se escondia no reino sombrio de seus sonhos.

— Eu caí?

Não foi até que suas palavras ecoaram de volta para ela das paredes da sala vazia e desolada que ela sabia que tinha falado em voz alta.

— Não. — Um grunhido escapou de seus lábios, seu corpo forte a levantou do chão. O calor era espesso em sua pele, desconfortavelmente.

Enjaulado contra o que parecia ser aço acolchoado, o coração de Alice martelou sob suas costelas. O medo entrou, a ameaça de morte a seduzindo apesar de seu desejo de lutar.

Está errado... Está tudo errado.

Seus passos foram trabalhados sobre o chão de cimento, suas grossas botas de couro rangendo com cada pequeno movimento de seu tornozelo; os sons amplificados pelos penetrantes momentos de silêncio que se interpunham.

Alcançando um segundo nível, Alice cerrou os olhos contra o ataque de luz branca brilhante que banhava o quarto. Ela abriu a boca para interrogá-lo sobre onde eles estavam, mas a fala falhou, as palavras grudaram na ponta da língua.

Como se sentisse sua luta para preencher o silêncio ensurdecedor, Max falou, aliviando-a daquela pequena parte de sua ansiedade.

— Vou te dar tempo para recuperar sua força. Precisamos discutir por que você está aqui.

Ajoelhando-se ao lado de um sofá, Max deixou cair o peso nas almofadas, mantendo os olhos nela enquanto ocupava as mãos com algo fora do campo de visão de Alice.

Ele se afastou depois de voltar a ficar em pé e atravessar outra sala, desaparecendo de vista.

Alargando os olhos e os estreitando novamente em uma tentativa fútil de focar sua visão, Alice se encolheu no sofá, seus movimentos lentos e atrasados, mas se tornando mais fortes à medida que o tempo passava. Minutos se passaram, cada um retornando para ela uma parte de seus sentidos, um pouco melhor de seus braços, cabeça ou pernas.

O quarto era do mesmo estilo que o vitoriano que ela estava vendendo, mas em vez do estado de decadência daquela casa, esta sala era muito cuidada, a madeira brilhava à luz projetada por candelabros ornamentados. Um brilho quente banhava a sala, um arco-íris de cores suaves que brilhavam na luz do sol através de vitrais.

Móveis elegantes foram colocados sobre a sala, os tipos e cores dos tecidos usados embaçavam tanto sua visão que ela não conseguia distinguir o luxo do design de interiores.

Eventualmente, Alice recuperou a capacidade de se sentar. A sala parou de girar. O som não era mais abafado e desarticulado.

O pânico começou quando sua mente clareou. Alice não reconheceu o quarto em que ela estava sentada, e havia um peso notável em seu tornozelo. Logicamente, ela sabia melhor do que olhar para aquele peso frio em sua pele. Uma

vez que ela viu o que esperava ver, ela não podia voltar à crença de que qualquer coisa sobre essa estranha situação era normal.

No entanto, cada instinto nela, cada reação instintiva, forçava a cabeça para baixo e os olhos arregalados, o terror percorrendo suas veias ao ver a luz refletida no metal opaco e prateado do ferro na perna preso acima do pé.

Ela gritou, sua voz rouca como resultado das drogas das quais ela ainda estava se recuperando. Max entrou no quarto, seus passos medidos, sua expressão horrivelmente neutra; ele não foi afetado pelo medo dela.

Seus gritos desapareceram e ele sorriu.

— Bem-vindo a casa, Alice.

Sete

12:30

Paredes cinzentas.

Mesa preta.

Rosas vermelhas falsas e de plástico.

Tudo no lugar.

— Alice? ... Senhorita Beaumont? ... Alice Beaumont...

— Sim, doutor.

Cinco degraus do outro lado da sala, três degraus acima do tapete macio e estampado. Quatro almofadas. Uma manta branca estava solta sobre o braço da cadeira.

— Essa foi uma história que você me contou em nossa última sessão, Alice. O que você gostaria de falar comigo hoje?

Ela não se lembrava de sentar-se, não conseguia se lembrar de quando o peso saiu de seus pés, ou quando ela cruzou uma perna sobre a outra, enfiando ambas sob ela.

— O que?

Seus olhos procuraram o médico, seu rosto oculto na sombra da direção da iluminação suave e ambiente da sala.

— Você compartilhou comigo o sonho que você tinha sobre o dono da casa que estava vendendo. — Ele parou, batendo a caneta no bloco de papel em seu colo. Olhando para cima, ele balançou a cabeça.

— Eu tenho que admitir que estou um pouco confuso como o sonho tem algo a ver com a sua irmã... ou com o seu estado *emocional* atual.

Alice riu. — É uma maneira legal de me chamar de louca?

— Não, — ele respondeu, seu tom sério e desprovido de humor que ela tentou inserir na conversa. — Você está se sentindo bem, Alice? Você está mais dispersa do que o normal. Eu pensei que você estivesse melhorando com o remédio.

Alice estava dispersa, seus pensamentos como peças de quebra-cabeça jogadas a esmo sobre aquilo que nunca mais se encaixaria. — O sonho tinha tudo a ver com a minha irmã, — argumentou, ignorando sua tentativa de desviar o assunto de sua discussão dos sonhos. — Você não vê, Doc? O telefonema, e então...

— Então o que? A imaginação é uma coisa meticulosa, Alice. Acredito que todo processo mental está ligado, consciente e subconsciente. Talvez se pudermos construir as peças de sua vida real - se pudermos melhorar sua memória desperta - podemos entender por que seu subconsciente está inundando você com essas imagens e ideias.

Girando uma mecha de cabelo em volta do dedo, os olhos dela fixaram-se na pele ficando branca por falta de fluxo sanguíneo. — Eu gosto de pensar que é uma conexão psíquica. Dalila está se comunicando comigo. Ela está me dizendo o que está acontecendo com ela.

Com outro toque de sua caneta, o médico endireitou sua postura onde estava sentado. Seu movimento era afiado, digno, mas quieto para não assustá-la. Ele se inclinou para frente até que ela olhou para ele, mas de alguma forma ainda conseguiu manter seu rosto obscurecido pela sombra. — Como comunicação dupla? Dalila é sua irmã gêmea?

Um simples encolher de ombros foi seguido pela voz fraca de Alice. — Bem poderia ter sido, nós somos parecidas.

— Você é Dalila? Você está inventando essa irmã na sua cabeça para se proteger de algo que te assusta?

Seus olhos dispararam em seu rosto, traçando o corte de sua mandíbula antes de subir em um esforço para ver as feições escondidas pela falta de luz brilhante. — Isso é ridículo.

— Você nunca me contou sobre sua família. Nada substancial, pelo menos. Eu tenho teorias sobre o que provavelmente está ocorrendo com você. Conte-me sobre sua família, sobre eventos que aconteceram antes do dia em que sua irmã desapareceu.

Ignorando seu pedido, ela riu. — Teorias, — A palavra caiu de seus lábios com incredulidade tecida nas duas sílabas. — Eu tenho teorias também. Você simplesmente não quer ouvir sobre elas.

— Você tem sonhos.

Seu corpo ficou tenso, o movimento, um estremecimento completo que percorreu seus ossos. — O que torna suas teorias mais importantes que meus sonhos?

Ele fez uma pausa, o silêncio entre eles gerando outros sons na sala. O tique-taque de um relógio. O som da água escorrendo daquela maldita torneira do banheiro.

— Minhas teorias são baseadas na ciência. Seus sonhos...

Imitando suas palavras anteriores, Alice argumentou: — A ciência é uma coisa meticulosa, doutor. — Quando ele não respondeu, ela admitiu, — e se eu fosse Dalila, eu não estaria aqui.

— Onde você estaria?

— Presa naquela maldita casa. Onde mais?

Sua voz já não era suave ou calma quando ele perguntou: — Você está dizendo que acredita que o dono da casa que você estava vendendo raptou sua irmã? Você realmente acredita que seus sonhos são tão precisos que você sabe onde ela pode ser encontrada?

— Não, — ela confessou. Balançando a cabeça, ela esbofeteou os fios de cabelo que caíram na frente de seus olhos. — Isso não é o que estou dizendo. — Sua voz sumiu, a realidade mudando de novo a um ponto em que ela não sabia quanto tempo se passou desde a última vez que falou.

Soltando um suspiro, ela reconheceu suas acusações. — Se você não acredita que eu tenho uma irmã, você pode verificar as notícias. Seu nome estava em todos os lugares há um tempo.

— Quando?

— Eu não sei, — ela admitiu.

Mais duas batidas de sua caneta e ele relaxou contra seu assento, sua atenção fixa nela.

O tique-taque do relógio preencheu o silêncio. A torneira continuou a pingar.

— Se eu escutar o seu sonho esta tarde, eu tenho o seu acordo que você vai ouvir minhas teorias durante a nossa próxima sessão?

Ela não tinha certeza se poderia fazer esse acordo. Ela nunca soube quando a névoa da confusão a engoliria inteira. Mas que outra escolha ela tinha? Ela precisava entender os sonhos, e o médico era sua única esperança.

— Eu concordo, — ela conseguiu mentir.

Um simples aceno de cabeça. Com a caneta sobre o papel para registrar e dissecar os detalhes sinistros, o médico deu-lhe sua atenção extasiada, esperando para explorar seu mundo oculto e profético.

Oito

Uma fina camisa preta fazia muito pouco para disfarçar o corpo em forma. Sombras traçavam linhas de músculos, o tecido esticado sobre os ombros muito largos para um tecido tão delicado.

Calça de linho escura enrolada em torno dos quadris finos, viajando mais baixo para se projetar sobre as coxas grossas e sólidas. Os pés de Max foram colocados na largura dos ombros, onde ele ficou imóvel e silencioso.

Quando ele inclinou a cabeça para o lado, a grossa onda de seus cabelos negros roçava seus ombros, a profundidade da cor chamando a atenção para seu rosto, meio marcado por cicatrizes que só poderiam ter sido deixadas pelo fogo.

Mesmo com a desfiguração, suas feições eram cativantes e assombradas.

— Sinto muito ter que chegar a isso.

Alice engoliu em seco, o caroço grosso e pegajoso, mal escorregando por sua garganta o suficiente para ela falar através dos lábios ressecados e rachados. — O que?

Dando um passo à frente, ele se preparou para se aproximar, seus olhos percorrendo a sala antes de se acomodar no rosto dela. Os pensamentos de Alice estavam turvos, talvez emprestando à estranha sensação de que ele estava lutando contra o desejo de se aproximar.

— O uso de drogas é injusto e bárbaro. Eu percebo isso. Tecnicamente, é tão ruim quanto um homem das cavernas

que bate na cabeça de uma mulher com um porrete. — Ele fez uma pausa, suas características faciais se contraindo quando ele estremeceu como um pensamento não dito. — Mas você não parava de gritar. Eu só queria que ficasse quieta sabe? As casas devem ficar quietas.

A sala entrou em foco, mas a luz entrou pelas janelas lançando um brilho etéreo. As partículas de poeira cintilavam nos fluxos difusos da manhã, iluminação âmbar dando uma qualidade nebulosa ao ambiente.

Estou sonhando, ela pensou. *Não é nada mais que minha imaginação.*

O pensamento ajudou a aliviar o medo trêmulo em seu coração. O que era mais: isso lhe dava força e um toque de bravura que ela acreditava impossível se essa cena fosse a verdadeira realidade.

— Você não pode me machucar, — disse ela, firme e sem dúvida.

Com olhos estreitados em resposta às suas palavras, ele respondeu: — Essa não é a minha intenção, mas os acidentes acontecem. — Seu tom era arrependido. Isso despertou sua curiosidade, mas não o suficiente para questioná-lo.

— Você não é real, — ela insistiu. Tentando se sentar, sentia-se lenta, mas não era a sensação desalmada de antes. Seu corpo doía, sua língua inchada e grossa, mas apesar disso, ela encontrou a habilidade de falar. — Como você pode me machucar quando você não existe?

Sua cabeça inclinou para o lado, suas feições focadas de tal forma que Alice se perguntou se ele tinha entendido o que ela disse. As palavras dela eram mais distorcidas do que ela pensava?

Ela não precisa se perguntar por muito tempo.

— Eu não sou um fantasma, Alice. Ainda não, pelo menos. — Seus passos eram altos contra o chão de madeira, sua mão quente onde acariciava sua bochecha manchada de lágrimas. — Você me sente? Está com frio?

— Apenas um sonho, — ela insistiu.

Ele sorriu. — De certo modo, sim. Mas não desse jeito.

O silêncio caiu entre eles, o sussurro de sua pele deslizando pelo rosto tão alto quanto um motor a jato em sua cabeça.

— Você é tão linda. Assim como eu sabia que você seria. Vamos vesti-la... Prepará-la para sua nova vida. Você vai brilhar, Alice. Será o que você sempre quis. Uma fuga da vida que não fez nada além de machucá-la. Mesmo em sonhos, você nunca poderia escapar.

Mas isso foi um sonho. Seu pensamento consciente estava sangrando em seus pesadelos? Ela estava acordada enquanto ainda dormia?

Suas sobrancelhas se uniram, confusão a selou até que o ar estava gelado contra sua pele. Olhando para baixo, ela ignorou a maneira como ele acariciava seus cabelos, sua respiração engatando em seu peito para encontrar seu corpo despido.

— Você não sofreu, — ele sussurrou. — Muito pelo contrário, na verdade.

Lágrimas queimavam seus olhos, entendendo mais ainda do que os efeitos duradouros das drogas que ele alegava ter usado. — Você fez...? — Ela engasgou com a fala, a deixando em silêncio.

Como se a explicação fosse desculpar o abuso, ele falou com ela suavemente. — Você estava tão fria. Eu estava tentando mantê-la aquecida. Havia tanto vômito que eu não conseguia limpar, e então você estava com frio. Se isso significa alguma coisa, eu lutei para resistir. Mas você implorou. Assim que eu vi a bagunça que você fez de si mesmo, você implorou.

Um cheiro acre atingiu seu nariz, manchas na almofada do sofá delineando onde sua parte superior do corpo tinha sido uma vez. Vomitar. Tinha que ser. O cheiro de bile era distinto.

— Você vai implorar de novo, — ele prometeu. — Mas agora não. — Seus olhos encontraram os dela, a luz cintilando nas profundezas do azul congelado. — Vamos prepará-la. Eu não quero mais que você esteja com frio.

Levantando-a do sofá, ele a empurrou em direção a uma porta aberta, o barulho metálico de ferro batendo na madeira a seus pés. Alice lembrou-se vagamente do frio cortante da restrição circulando seu tornozelo, mas a lembrança estava distante e desaparecendo. Ele deve tê-la libertado quando ela estava inconsciente.

Onde estava o medo dela? Quando criança, ela acordou encharcada de suor quando os monstros vieram brincar com ela. Ela gritou até que sua garganta ficasse arranhada, seus membros se debatendo enquanto seus pais tentavam acalmar seu pânico.

Nada a consolara em sua juventude, mas talvez a experiência, a idade, a maturidade ou a exaustão a consolassem agora. Ela estava gritando na escuridão do seu quarto sem ao menos saber?

— Como você sabe da minha infância? — Ocorreu-lhe finalmente que este homem estava intimamente consciente de seus pesadelos, mas não havia razão para o conhecimento. Ela não tinha dito a ele desde que ela acordou, ela não acreditou que era possível para ela ter falado enquanto drogada.

Suas mãos eram quentes contra a pele de suas coxas, a carne de suas palmas calejadas e ásperas. Quando ela o conheceu, ela não teria acreditado nele o tipo de trabalho manual. Mas as impressões iniciais podem estar erradas.

— Eu conheço muitas coisas sobre você. A fonte realmente importa?

Quando ela se afastou dos efeitos da droga que recebera, sua consciência de sua nudez ficou mais em foco. Sob suas costelas, seu coração acelerou, os músculos de seu corpo se apertaram com cada passo pesado que Max fazia através do labirinto como corredores de uma casa ornamentada e bonita. Rainha Anne, ela imaginou, se a

madeira e outros detalhes que ela lembrava do estilo fossem precisos.

As paredes eram pintadas em tons brilhantes de joias: verde-esmeralda se transformando em azul safira, a intensidade do roxo enfatizada pelo tecido branco e gritante dos móveis esporadicamente colocados por toda parte.

Seus olhos espiaram dentro dos aposentos pelos quais passaram, sua mente vagando sem rumo até ser conduzida de volta à conversa que estavam tendo. — A fonte é importante, — ela murmurou.

— Mesmo que isso seja apenas um sonho? — Havia uma qualidade provocante em seu tom.

Um sonho. Sim. Foi uma explicação que ela poderia aceitar. As circunstâncias esclarecem os detalhes. Sua captura, o estado de transe que se recusou a libertá-la... sua nudez, especialmente.

Quantas vezes ela se viu nua em algum ambiente público? As paisagens do sonho sopravam vida em suas ansiedades e medos; na insegurança que sentiu quando a realidade voltou para lembrá-la de que ela nunca era boa o suficiente para o mundo.

Fazia sentido que uma invenção de sua imaginação compartilhasse as mesmas lembranças que a faziam ser quem ela era. Ela foi aproveitada em seu subconsciente simplesmente porque ele foi criado por ela.

Depois de subir uma manta de escadas sinuosas, Max levou-a para um quarto espaçoso. Seus olhos traçavam as

linhas dos tetos arqueados, as linhas rígidas de vigas de madeira pesadas que aparentemente sustentavam a sala.

Apesar de ter carregado Alice pela casa grande e subir uma manta de escadas que a teriam deixado exausta, a frequência cardíaca de Max não estava correndo contra a bochecha de Alice, onde estava pressionada firmemente contra o peito dele. Sua taxa de respiração era uniforme e sem restrições. Seus braços fortes não tremeram em resposta ao peso do corpo dela. Ele não foi afetado, suas proezas físicas se tornaram mais evidentes por sua firmeza.

Colocando-a em um assento, ele se ajoelhou ao lado dela, sua mão estendeu a mão para equilibrá-la contra a cadeira de encosto alto.

— Você está pronta? — Ele perguntou, seus olhos brilhando com alguma emoção que Alice não podia nomear.

— Para quê?

— Sua nova vida. A vida que você sonhava ter.

Balançando a cabeça, ela olhou para ele, a confusão evidente em sua expressão. — Nunca sonho. Apenas pesadelos.

— Até este momento, — ele prometeu.

Alice queria acreditar nele, mas sabia que acordaria para se encontrar sozinha na escuridão do seu quarto.

Empurrando até a sua altura máxima, Max atravessou a sala, cruzando a distância em alguns passos largos. Ele desapareceu em uma grande caminhada no closet, deixando Alice sozinha para olhar pela sala.

O que a princípio parecia um espaço inócuo, cheio de luxo e móveis finos, entrou em foco.

O diabo estava nos detalhes, parecia.

Sua respiração ficou presa com a visão das correntes que pendiam acima da cama, o brilho da luz contra o metal atingindo o medo em seu coração e mente. Forçando sua visão das correntes, Alice examinou o tapete branco e felpudo no chão, sua atenção se fixando na estranha mancha que se espalhava pela porta do banheiro. Era óbvio que a água havia se infiltrado nesse espaço do ladrilho de pedra, a cor cinzenta manchada de rosa nas bordas.

Seu foco se tornou agudo, sua mente girando com perguntas confusas quando outro estímulo chamou sua atenção.

O som explodiu de outra sala, a voz astuta de um âncora de notícias cantando alegremente enquanto transmitia os terríveis acontecimentos do mundo. O som estava lá o tempo todo? Como Alice não percebeu?

...Corpo... Beaumont... Mulher desaparecida...

Seus olhos se arregalaram, assim como os olhos azuis do homem olhando para ela de sua posição na porta do armário.

Seus lábios se separaram. — Minha irmã, — ela pensou, mais para si mesma do que para Max. Ela reconheceu o noticiário, entendeu que era uma lembrança que ganha vida dentro de um sonho.

Com uma roupa amarela e solta nas mãos, Max sorriu.



— Você entende agora?

Nove

12:30

Paredes cinzentas.

Porta branca.

Mesa de madeira escura.

Sofá listrado branco e bege.

Ainda o mesmo. Ainda seguro.

— Como você está hoje, Alice?

Ela hesitou no sofá, seu foco foi atingido por uma manta vermelho sobre o braço da cadeira. Seus pés se remexiam no tapete, as mãos se contorcendo enquanto ela ponderava sobre o item atípico.

— Alice? Por favor, sente-se. — Uma batida de silêncio antes da voz do médico ficou tingida de preocupação. — Alice? O que há de errado?

— É vermelho, — ela murmurou, seus olhos percorrendo a sala para estudar os outros detalhes. Nada mais havia mudado, mas a manta... Não estava certo.

Não era seguro.

O pânico floresceu em seu peito, sua respiração tensa e arrítmica. As bordas de sua visão embaçaram quando o médico se moveu ao redor dela para pegar e inspecionar.

— Outro paciente estava doente, — explicou ele. — Eu peguei essa do armário e mandei a outra para ser lavada. —

De trás dela, ele perguntou: — É apenas um cobertor, Alice. É isso que você está tão angustiada?

— Não é o mesmo. Não é seguro. Não... — Ela respirou profundamente quando o esguicho de vermelho sumiu, seu corpo sacudiu quando as mãos do médico tocaram seus ombros.

— Sente-se. Coloque a cabeça entre os joelhos e respire.

Guiando-a para a posição que ele queria, o médico se ajoelhou ao lado dela, seus joelhos se retorceram quando ele dobrou as pernas. — Eu não sabia que as características da sala eram tão importantes para você, Alice. Peço desculpas pela mudança. Eu não teria feito isso se soubesse.

Lágrimas escorriam pelas suas bochechas, o líquido quente esfriando enquanto traçava o caminho de sua mandíbula. O gosto de sal em seus lábios a fez se encolher. A perda de controle era surpreendente, como voltar atrás e perder qualquer progresso que ela tivesse feito, se ela tivesse feito alguma.

— É a única coisa que eu lembro. A sala. A mobília. Eu não consigo me lembrar de nada além disso, mas eu sei que é onde eu deveria estar.

Sentando-se, ela trancou os olhos para ele. — Eu não sei porque.

— Nada. Você não lembra de nada. — Não é exatamente uma pergunta, mas uma declaração de descrença. — Você sabe por que você está aqui?

Movendo-se para a cadeira, o médico tomou seu lugar habitual dentro da sombra, a luz ambiente na sala destacando o bloco de papel que ele puxou de uma mesa lateral para seu colo. O plástico azul brilhou sob a luz, o movimento de sua caneta e atraindo o foco de Alice até que ela se fixou.

— Alice?

Puxada de sua fascinação, ela levantou a cabeça. — Para lembrar os sonhos. Para encontrar minha irmã.

— Você se lembra do acordo que fizemos em nossa última sessão?

— Ele fica me perguntando se eu entendi, — ela respondeu, evitando sua pergunta. — Tenho certeza que significa alguma coisa. Eu sei que ele está insinuando que estou no caminho certo.

O médico respirou pesadamente. — Essa não foi a minha pergunta.

Frustrada pela decepção em seu tom, Alice deixou escapar todas as desculpas que conhecia por seu comportamento. — Eu só lembro do quarto. Eu sei que eu deveria estar aqui. É a única maneira que eu posso salvá-la. Mas as paredes, a porta, o sofá - aquela maldita torneira - é tudo que eu tenho, me deixa saber onde eu deveria...

— Alice, pare. — Sua voz era severa, suas palavras a silenciaram tão rapidamente quanto se ele tivesse batido a mão sobre a boca dela. Ela fez uma pausa, sua respiração engatando em seu peito.

— Eu preciso que você se concentre quando você estiver nesta sala. Eu preciso que você ouça atentamente as perguntas que eu faço. — Foi um tapa verbal suavizado por uma voz delicada e neutra.

Assentindo com a cabeça, Alice respirou com firmeza. — Eu posso me concentrar, — ela prometeu mais para si mesma do que para ele. — Perder o controle não salvará Dalila, vai?

Ele não respondeu imediatamente, em vez disso, permitiu que o relógio na sala contasse os segundos antes que ele acabasse quebrando o silêncio. — Não, Alice. Perder o controle não vai ajudar você a salvar ninguém.

Outra batida de silêncio passou.

— O acordo que fizemos em nossa última sessão foi que eu escutaria seu sonho se você ouvisse minhas teorias sobre seus sonhos nesta sessão.

Alice olhou para cima e procurou seus olhos nas sombras. — Teorias. Sim, doutor. Vou ouvir suas teorias.

— Exceto, não é isso que eu quero discutir hoje. Espero que você não se importe.

Seu tom envergonhado puxou um sorriso dos lábios de Alice. — O que você gostaria de discutir?

— Seu sonho, — ele riu. — Especificamente, o último. Deixaremos minhas teorias para a próxima sessão, mas, por enquanto, quero esclarecer alguns dos detalhes que você me deu.

Tudo o que ela podia fazer era acenar com a cabeça uma vez.

— Você insistiu que esses sonhos são um meio de comunicação, que sua irmã está de alguma forma dizendo o que está acontecendo com ela. E, no entanto, os símbolos, os personagens e os eventos, parecem estranhamente fora do lugar.

— Como assim?

Batendo a caneta no bloco de papel no colo, o médico não respondeu imediatamente. Alice sabia que ele estava em sua cabeça, procurando e examinando qualquer informação que ele determinou não estar de acordo com o propósito que ela sabia que seus sonhos carregavam.

Um único toque mais e sua cabeça se levantou, seus olhos escondidos atrás do típico véu de sombra que os consumia. — Vamos começar com Max. Pelo que você me disse, ele era um homem que você conheceu enquanto vendia sua primeira casa. Ele tem sido o personagem principal, ou símbolo, em seus sonhos, mas você não acredita que ele é a mesma pessoa. — Que sequestrou sua irmã ou contribuiu de alguma outra forma para o seu desaparecimento.

Alice recuou para dentro, procurando até que ela encontrou as memórias sombrias que ele questionou. Sua recitação a confundiu. Ele misturou sua vida com sonhos. — Eu acho que está correto. Sim. Deve ter sido o que eu te disse.

— Por que ele? Que significado ele tem que o liga tão intimamente aos seus sonhos?

O tique em seu pescoço retornou, seu corpo se enrolando sobre si mesmo, apertando-a com força contra as almofadas, como se a gaiola macia pudesse protegê-la de seus medos. O tempo passou devagar, ou rapidamente, ela não tinha certeza.

O relógio de parede fazia seu barulho. A torneira pingava de uma sala adjacente.

Imagens conflitantes surgiram em sua mente, um rolo de filme que não tinha sido cuidado para que o movimento pulasse de uma cena para outra. Quando as respostas chegaram a ela, ela se acalmou em sua cadeira, a explicação se revelando e momentaneamente aliviando sua confusão.

— Ele estava lá quando recebi o telefonema. Talvez eu de alguma forma tenha vinculado os dois? Se os sonhos são um modo de a mente gravar a memória, e se esses dois eventos - a ligação e meu encontro Max - ocorrerem ao mesmo tempo, é possível que os detalhes se entrelaçassem enquanto minha mente os processa durante o sono?

— Tudo é possível, — ele respondeu, seu tom distante, mas pensativo.

Com seu olhar observador fixo nela, ele sorriu. — Bom foco, a propósito. Sua resposta estava mais de acordo com sua educação. É o que eu esperaria de uma pessoa treinada em neurologia. Você está se sentindo melhor?

— Estou mais confortável, sim.

Assentindo com a cabeça, ele respondeu: — Isso é excelente. Não podemos chegar ao fundo desses sonhos a menos que você esteja seguindo as conversas.

Uma breve pausa antes, — Pelo seu raciocínio, Max foi introduzido nesses sonhos porque ele estava presente nos telefonemas que você acredita que foram a primeira notificação que sua irmã estava desaparecida, correto?

Lutando contra o retorno da confusão que sempre obscureceu sua mente em uma névoa espessa, ela deu um aceno sucinto de cabeça. — Sim.

Sem perder o ritmo, ele perguntou: — Mas como você saberia que a ligação foi a primeira vez que você soube do desaparecimento da sua irmã se você nunca atendeu o telefone?

Alice olhou fixamente para ele, sem saber como responder ou se ela sabia a resposta para o que ele havia perguntado.

Juntando-a, ele explicou: — Pelo que eu tenho em minhas anotações, você ficava dispensando o telefone tocando, recusando-se a atender uma única vez enquanto estava em casa. O que aconteceu depois que você saiu naquele dia? Você acabou respondendo ao telefonema?

Eu devo ter, ela pensou, sua mente a arrastando de volta a momentos que ela desejava nunca ter testemunhado. Os momentos violentos, as emoções voláteis que grassavam dentro da casa enquanto sua família lutava.

Seu pai gritou e despedaçou o quarto de Alice e Dalila, o pânico ficou vermelho enquanto procurava por algo que Alice não conseguia lembrar claramente.

Mas ainda pior do que a gritaria eram os sussurros incessantes de sua mãe, as palavras atormentadoras que flutuavam pela casa lembrando a Alice para permanecer fora de vista, para se esconder até que a raiva de seu pai se acalmasse.

As lembranças se confundiam e se retorciam, sua mente tão confusa que não podia separar o passado do presente, o presente de um futuro que pode ou não ser.

Como uma mulher desaparece?

Alice fizera a pergunta com tanta frequência que se transformou em um hino que transformava a realidade em algo insidioso e superficial. Humanos não apenas desapareceram. Objetos desapareceram, animais de estimação e carros, mas humanos? Não fazia sentido, não quando a pessoa se foi, tinha sido uma constante em sua vida.

Ela atendeu o telefonema? Ela não se lembrava. Mas a lógica dizia que ela devia ter porque se lembrava de estar em sua casa de infância, lágrimas escorrendo por suas bochechas, sua mente implorando por um momento de paz em meio aos gritos e sussurros aterrorizantes.

A ausência de Dalila era a única coisa que Alice podia lembrar que teria causado coisas tão horríveis.

— Sim. Eu acho que sim, — ela respondeu, seu tom de certeza, embora sua mente fosse qualquer coisa, menos certa.

O médico deu-lhe um momento para reconsiderar antes de continuar em frente na conversa. Quando ela não falou de novo, ele se inclinou para frente, a luz ainda não penetrando no manto de sombra que ocultava seus olhos observadores.

— Por enquanto, vamos considerar Max um personagem associado à descoberta do desaparecimento de sua irmã. Não estou convencido de que faça sentido, mas persistir nessa questão não é do nosso interesse neste momento. Não se pretendemos aprofundar ainda mais.

Examinando as páginas, ele arrastou um longo e elegante dedo pelo comprimento de seu bloco de anotações, sua cabeça inclinando-se levemente quando algum pensamento lhe chamou a atenção. O movimento atraiu os olhos de Alice, algo familiar fazendo seu coração bater mais forte.

Antes que ela pudesse identificar exatamente o que era sobre o seu movimento que a cativou, ele olhou para cima. — Eu notei, também, que o comportamento de Max é um pouco estranho.

Alice riu, uma única gargalhada escapando de seus lábios. — Além do fato de que ele me acorrentou e me despiu? Isso não é padrão para os homens, é?

Ele não riu com ela. — Na verdade, esses atos são o que eu considero normal sobre os sonhos.

Seus lábios se separaram quando seu queixo caiu. Afastando-se de seu choque com sua declaração, ela disse: — Explique.

Ele bateu na caneta, um som que costumava incomodá-la, mas agora era tão intrínseco a essas sessões quanto o relógio ou o pingar incessante da torneira do banheiro. Mesmo agora aquelas gotas de água anunciavam a passagem do tempo, alta e rítmica contra o silêncio da sala suavemente iluminada.

— Sua irmã desapareceu. Ela foi presa, sequestrada. Porque ela é uma mulher, a inclinação natural é acreditar que ela foi aprisionada de alguma forma, despida para fins nefastos. Talvez estupro, ou talvez a simples degradação de ser forçada a se expor. Para um estranho. — Ele fez uma pausa, dando a Alice tempo para interpretar suas palavras e conter a raiva que ela estava sentindo em resposta a elas.

— Na verdade, até mesmo os homens sequestrados podem suportar essas formas de tortura física e psicológica, mas nós, como sociedade, nem sempre chegamos a essa conclusão tão rapidamente quanto gostaríamos com uma mulher desaparecida.

Finalmente entendendo a intenção de sua declaração, Alice se inclinou para frente, o movimento sutil permitindo que ela se concentrasse em suas observações e pensamentos.

— Com isso em mente, acho estranho que Max aparentemente cuide de você nos sonhos. Ele pede desculpas por suas ações, ele admite que o que está fazendo é errado. Ainda mais bizarro, ele promete melhorar sua vida, tirando você de problemas. Você sofreu desde que era criança.

— Meus distúrbios do sono, — Alice concordou. — Os pesadelos que sempre estiveram comigo.

O médico assentiu. — Precisamente. E ainda, em uma sessão anterior, você alegou que os *bastardos* que levaram sua irmã estavam de algum modo machucando-a. Como você saberia? Certamente, não pelo comportamento de Max. Então, como?

Alice ponderou a questão, a resposta revelando-se facilmente. — Porque eu não contei a você todos os sonhos. Você tem que ouvir toda a história para entender.

— Então, continuaremos a explorar a história. Diga-me seu próximo sonho, Alice, e salvarei minhas teorias para outra sessão.

Dez

De pé diante do espelho de corpo inteiro, Alice inspecionou a roupa que ela tinha sido instruída a usar. Não era seu estilo normal, definitivamente não era uma cor que ela considerava lisonjeira para seu tom de pele rosada e pálida.

Algodão amarelo-canário cobria seu corpo, um vestido simples que era justo no peito e na cintura, se abrindo nos quadris para fluir sobre as pernas. Um decote recatado era adornado por um colarinho branco recortado, um conjunto de pérolas circulando seu pescoço ameaçando sufocá-la.

Em seus pés havia um par de sandálias brancas modestas, os saltos a apenas uma polegada do chão, as pernas cobertas por meias nude.

De trás dela, Max se aproximou, seus olhos examinando seu corpo vestido, aprovação e satisfação óbvia por trás da cor azul de seus olhos. Seus pés estavam pesados contra o chão, seu peito pressionado contra as costas de Alice quando seu olhar encontrou o dela no espelho.

Esfregando as mãos grandes sobre os ombros e os braços, ele se inclinou para roçar os lábios na concha de sua orelha, os mesmos lábios se movendo suavemente sobre sua pele enquanto ele sussurrava.

— Você está linda, Alice. Muito mais apropriada do que você estava vestindo antes.

Ela estremeceu sob o calor de sua respiração. — Eu estava nua antes, — ela argumentou, uma nota de rebeldia sutil em seu tom.

Um beijo suave contra sua bochecha, seu peito vibrando com uma risada suave contra suas costas. — Eu quis dizer antes que você se matasse. Uma mulher tão suja, Alice.

A raiva percorreu suas veias, endurecendo sua espinha enquanto o brilho das correntes de metal penduradas em um feixe acima da cama brilhava no espelho. — Quem diabos é você? O que você está fazendo comigo?

Até ela ficou surpresa com a explosão de raiva aguda. As drogas não a entorpeciam mais, e a independência voluntariosa voltou à superfície com tanta intensidade que acalmou seu corpo depois que as palavras escaparam de seus lábios.

Seus dedos cravaram-se na carne macia de seus ombros, as pontas de suas unhas cortando círculos de meia-lua em sua pele por cima das mangas finas de algodão. Max a girou para ele, a força do movimento a desequilibrando tanto no corpo quanto na mente.

Em um tom plácido, totalmente desprovido da raiva que ela mesma sentia, Max advertiu: — Não me xingue, Alice. As *damas* não usam linguagem tão ruim.

Sua mão deslizou por seu ombro, a pressão de seus dedos demorando em sua pele enquanto ele traçava a linha de sua mandíbula. Ele passou a mão sobre a boca antes de

apertar. Seus lábios empurraram para fora, suas bochechas cravadas e queimando sob a força de seu aperto.

Alice tentou se afastar, mas seu aperto era muito forte, forte demais para que ela fizesse algo mais do que sacudir a cabeça tão impotente quanto um cavalo tentando escapar de seu freio. Lágrimas picaram seus olhos quando Max a pressionou contra a superfície fria do espelho, seu pescoço se inclinando desajeitadamente até a parte de trás de sua cabeça descansando contra o vidro reflexivo.

Olhando para ela com calma precisão em seu olhar, Max permitiu que o silêncio entre eles se tornasse ensurdecedor, perigoso, desprovido de emoção ou censura. Alice teria preferido sua raiva - qualquer coisa além do silêncio aterrorizante - porque era a falta de emoção dentro dele que tornava seus pensamentos completamente imperceptíveis, seu próximo passo completamente desconhecido.

Presa entre o corpo de Max e o espelho, Alice foi reduzida a uma criatura tímida por nada mais do que o aperto vil como uma mão firme de Max. Seu aperto não foi tão doloroso que a obrigou a gritar, mas também não foi gentil. Rude, desconfortavelmente apertado, forçando a pele macia de sua bochecha a ranger contra os dentes: seu aperto era um aviso.

— Eu não quero machucá-la, — ele explicou, um tom abafado em sua voz que sugeria arrependimento - ou possivelmente, uma confissão velada. — Eu não vou te machucar. Mas vou fazer você se machucar.

Uma careta quebrou a expressão plácida e controlada de Max. Suas sobrancelhas se uniram, mas estavam relaxadas novamente dentro da mesma respiração. Seus olhos tinham escurecido também, mas isso também se dissipou com tanta velocidade que Alice se perguntou se ela apenas imaginara a sombra que caía em seu olhar.

— Ouça-me. Me obedeça, — ele fez uma pausa, o gelo frio de seus olhos azuis fixos em seu olhar amplo e aterrorizado, — e eu lhe darei a vida que você merece.

Suas palavras se repetiram na cabeça de Alice, o desafio crescendo dentro dela nos comandos falados suavemente. Que vida ele poderia dar que ela já não tivesse?

Claro, sua carreira nem sempre lhe dava satisfação, e ela não conseguia dormir nem uma noite sem gritar, mas não havia nada que ela quisesse ou precisasse que pudesse ser fornecida por outra pessoa. Todos os seus problemas estavam dentro dela, problemas e enigmas que só ela teria para navegar e consertar.

O medo a impediu de recuar para resolver os problemas que ela tinha; medo e a dor paralisante de ter perdido sua única irmã. A não ser que Max pudesse devolver Dalila para ela, a menos que ele pudesse juntar sua família que havia sido destruída no dia em que Dalila desapareceu, não havia nada que esse homem pudesse fazer por ela que melhorasse a vida que lhe fora dada.

Seus olhos permaneceram trancados quando Max soltou seu aperto sobre sua boca, seu olhar procurando em

seu rosto, seus dedos roçando suavemente as marcas vermelhas e cruas em suas bochechas. Um pensamento incômodo sussurrava ao longo dos sentidos de Alice, uma teoria que implorava para ser dita.

— Você tem minha irmã, — Alice adivinhou, sua voz cheia de pânico, mas esperançosa de que ela tivesse descoberto a resposta para uma pergunta que a atormentava por tanto tempo. — Você tem Dalila.

Sua cabeça inclinou para a direita, seus olhos brilhando com conhecimento oculto e diversão óbvia. — Não, Alice, eu tenho você.

O terror inundou suas veias, uma perda de controle a ultrapassando e forçando um violento tremor através de seu corpo. Lágrimas picaram seus olhos e a realidade girou em torno dela. — Deixe-me ir, — ela implorou.

— Receio não poder fazer isso, — respondeu ele, inclinando o corpo para baixo até que sua boca roçou sua orelha, sua respiração um sopro de calor contra seu pescoço. — Eu nunca vou deixar você ir.

Endireitando sua postura para que ele se elevasse sobre sua forma trêmula e aterrorizada, ele acrescentou: — E você não vai querer ir. Não depois de eu ter transformado você.

Lançando os olhos para o corredor, ele instruiu: — Venha comigo lá embaixo. Tenho muito para mostrar a você.

Atingida pelo fraseado antiquado que ele usara, Alice olhou para ele com os olhos arregalados. O tom de sua voz tinha sido tão digno, sua cadência régia. Ele era um homem

que tinha vindo de riqueza e privilégio, todas as facetas sobre ele tornaram esse fato dolorosamente óbvio.

A mão de Max deslizou pelo seu braço, seus dedos encontrando e se enredando com os dela. Ela não se incomodou em se esforçar para se libertar, ela já conhecia a força incapacitante de seu aperto. Se ele apertasse seus dedos tão fortes quanto suas bochechas, era provável que os ossos estivessem quebrados.

Atravessando a porta do quarto, Alice notou novamente o som da televisão em outra sala. O locutor tinha saído do noticiário mórbido sobre o desaparecimento de sua irmã e estava agora apresentando outra pessoa para discutir os detalhes mundanos do clima. A mudança fácil de assunto e o tom alegre da voz do âncora adoeciam Alice porque isso tirava a reverência que deveria ter sido dada à notícia de que uma mulher estava desaparecida.

Depois de ser conduzida por um labirinto de salões pouco iluminados, ela apertou os olhos contra a luz forte da grande escada. Pequenos candelabros de cristal estavam pendurados para que seguissem a suave curva das escadas. O cristal acima de sua cabeça brilhou em uma brisa suave, a mesma brisa estranhamente fria que bagunçou o cabelo de Alice e causou arrepios em sua pele.

Tremendo em resposta à mudança de temperatura enquanto desciam as escadas, Alice cruzou um braço sobre o peito para se aquecer, mas não se atreveu a arrancar sua outra mão do aperto de Max.

Eles chegaram ao andar de baixo, seu pé mal tocou o chão antes de Max a empurrar na direção da cozinha. Uma dor aguda estourou no cóccix de Alice e em seus quadris quando Max a forçou a sentar-se na pequena mesa do café da manhã.

Abaixando-se até que ele pudesse olhar para ela ao nível dos olhos, ele sorriu. Mais selvagem do que amigável, a expressão era alarmante, especialmente pela maneira como aprofundava as linhas das cicatrizes na bochecha esquerda de Max.

Lentamente, metodicamente, com o tom de um adulto paciente falando com uma criança, ele disse: — Somos casados, você e eu. Você agora é minha esposa.

Atordoada e confusa com a estranha declaração, Alice estreitou os olhos, as sobrancelhas juntas. — O que? — Ela gaguejou. — O que você quer dizer com isso? — Como ela conseguiu pronunciar as palavras, não tinha certeza. Seu corpo inteiro estava parado, tudo exceto pelo martelar frenético de seu coração.

Sua expressão plácida nunca se abrandou, seu comportamento calmo e temperamento frio em desacordo com o pânico subindo na garganta de Alice. — Os eventos foram colocados em movimento, — ele explicou, — vive se fundindo e se tornando dependentes um do outro.

Ele fez uma pausa, o ar que soprava entre os lábios, agitando os fios errantes de cabelos negros ondulados que emolduravam seu rosto. — É como eu disse no andar de

cima, Alice: você vai me ouvir, você vai me obedecer e você vai me honrar.

— E se eu não fizer? — Ela se atreveu a perguntar, uma nota de raiva mal contida escondida dentro de sua pergunta.

Lábios esculpidos se separaram em um sorriso feroz, a expressão não alcançando seus olhos, exceto por algumas linhas fracas que vincaram suas bochechas. — Então eu vou ter que treiná-la para fazer melhor.

Levantando-se em seus pés, ele quebrou seu olhar, suas mãos se dobraram onde ele as colocou atrás das costas.

Seus passos marcavam suas instruções enquanto ele andava na frente dela, seu tom calmo e controlado, um homem que esperava receber tudo o que ele exigia.

— Você servirá as funções da minha esposa enquanto estiver morando na minha casa. Você vai cozinhar. Você vai limpar. Você vai me receber quando eu voltar de meus afazeres fora de nossa casa.

Seus passos pesados pararam, seu corpo girando em sua direção enquanto ele entregava sua última exigência. — Você eventualmente realizará outros deveres de uma esposa.

A garganta de Alice se elevou, um grito estrangulado escapou de seus lábios ante a implicação do que seria esperado - ou forçado - dela. Seus pensamentos foram para as correntes que pendiam acima da cama no andar de cima, a estranha mancha no tapete branco, de outra maneira imaculado. O pânico se alastrou dentro dela, cada batida de

seu coração dura e rápida como a adrenalina derramada em suas veias.

— Mas ainda não estamos lá.

Sua declaração não fez nada para acalmar seu coração. Tudo o que ela queria era ir para casa, mesmo que aquele lar estivesse para sempre trancado no caos depressivo. Ela não queria ser esposa desse homem. Ela não cozinhava nem limpava - ela não estava disposta a se submeter a quaisquer *deveres* pervertidos que ele havia planejado para o tempo em que eles estivessem *lá.*

Seus olhos passaram pela a cozinha do grande chef, sua atenção passando pelo brilho do aço inoxidável que contrastava fortemente com o intrincado trabalho em madeira da casa da rainha Anne.

Sob qualquer outra circunstância, ela teria aproveitado o tempo para admirar o luxo da mistura habilidosa do moderno e do antigo. Ela teria desejado morar em uma casa como essa - se não fosse pelo psicopata que o chamava de lar. Sob essa circunstância, no entanto, uma situação tão completamente estranha que ela questionou se poderia ser real, ela preferiu renunciar a sua admiração pelo design de interiores, a fim de mapear em sua cabeça todas as saídas que pudesse usar para escapar.

Seguindo a linha do olhar, Max inclinou a cabeça e sorriu. O gesto estava se tornando comum para ele, um comportamento curioso que o tornava singularmente bizarro.

— Se você está procurando uma saída, você não encontrará uma. — Aproximando-se dela, ele explicou: — Todas as janelas estão trancadas e há apenas uma porta que leva para fora, uma porta para a qual só eu tenho a chave. — Seu sorriso se esticou sobre suas bochechas, as cicatrizes de um lado tornaram-se mais pronunciadas quando a diversão brilhou em seus olhos.

— Apesar de ter sido divertido ver você tentando se libertar, achei justo que eu te avisasse e te poupasse o trabalho. — Escuridão brilhou em seus olhos, sua expressão suavizou até ficar neutra.

— Você está aqui agora, Alice. Não há outra escolha. Não há outro lugar onde você possa existir por mais tempo.

Onze

12:30

— Alice? ... Senhorita Beaumont? ... Alice Beaumont...

— Sim, doutor.

Cinco degraus do outro lado da sala, três degraus acima do tapete macio e estampado. Quatro almofadas. Uma manta branca estava solta sobre o braço da cadeira.

Alice abaixou-se para sentar no sofá, agarrou um travesseiro ao peito e levantou os olhos para olhar o médico.

O brilho de suas armações de óculos de metal perfeitamente delineou o espaço sombreado de seus olhos. Outra sombra atravessou suas bochechas, um espaço oco formado sob as maçãs do rosto perfeitas e altas. Sua pele parecia áspera com barba por fazer, seus lábios cheios sorriam gentilmente.

— Como você está hoje, Alice? Espero que a mudança nos remédios tenha ajudado você a se lembrar melhor do seu dia-a-dia.

A cabeça dela balançou para o lado, um espasmo muscular doendo sob o espaço onde seu pescoço encontrava seu ombro. — Você mudou os medicamentos?

O sorriso gentil caiu em uma carranca. — Isso responde a minha pergunta, — ele murmurou.

O pensamento o manteve silencioso por cinco tiques rítmicos do relógio de parede antes de continuar com a

discussão. — Você sabe, sua condição é bastante incomum. Isso me faz querer consultá-la devido à sua experiência como neurologista. Isto é, se você acha que ainda tem a capacidade de recordar seu treinamento nesse campo.

À menção de sua educação - um assunto que era seguro porque a levou de volta a *antes,* a concentração de Alice se animou. Sua mente repentinamente afiada e sem a confusa dormência que nublava seus pensamentos, ela perguntou: — O que você gostaria de saber?

— Se eu lhe dissesse que tive um paciente que sofreu surtos de amnésia prováveis que não eram específicos de um período de tempo específico, de um evento específico ou anterógrado em andamento, o que você suspeitaria ser a causa provável?

Derramando sobre o conhecimento que ela ganhou na escola, sua residência no hospital e mais tarde no consultório, ela reuniu os fatos objetivos que qualquer neurologista gostaria de saber antes de responder a uma pergunta.

— Gostaria em primeiro lugar saber se havia um trauma na cabeça de algum tipo: Um acidente, talvez, algum tipo de impacto ou queda se não, eu consideraria emergências médicas, um acidente vascular cerebral, talvez, algum tipo de sangramento ou inchaço no cérebro, possivelmente um tumor. Além dessas causas, pode haver uma doença, demência, os estágios iniciais da doença de Alzheimer, ou até mesmo infecção.

— E se nenhum deles existisse? Se o paciente estivesse completamente saudável e ileso?

Ela riu: — Então eu iria adiar a sua experiência como psicólogo.

Ele sorriu, a luz baixa na sala tocando os cantos suaves e inclinados de sua boca cheia. — Por que você está aqui, Alice?

Sua respiração ficou presa no peito, a incerteza rastejando ao longo de sua espinha, seus nervos formigando o frio onde ela se tocava. — Para falar sobre os sonhos. Para salvar Dalila. — Ela odiava que sua resposta soasse mais como uma pergunta, uma pergunta enviada em busca de alguma confirmação e concordância significativa.

Levantando as pernas para cima da almofada do sofá, Alice se enrolou sobre si mesma, encolhendo-se em uma bola apertada que sabia que não poderia protegê-la de onde quer que o médico estivesse indo com essa conversa. Mesmo sabendo que a posição que ocupava não suavizaria o golpe de qualquer verdade que ele pensasse que conhecia, isso a confortou ainda.

— Você pode pensar em qualquer outra razão possível para você estar aqui, Alice? Qualquer coisa que possa explicar a perda de memória, o fato de você não se lembrar de nada fora deste escritório? Sua realidade ainda é nebulosa agora?

Ela não gostou da qualidade suave de sua voz. Ele estava andando em ovos enquanto fazia a pergunta,

tentando despertar algo dentro dela enquanto tomava cuidado para não empurrá-la sobre a borda.

— Eu me lembro de outras coisas, — ela argumentou, indignada, uma nota aguda em seu tom.

Sua caneta bateu contra o bloco, os papéis farfalhando enquanto ele folheava procurando os pedaços que ele gravou de suas conversas. — Vamos discutir sua memória. Em um contexto clínico. Talvez o seu passado e sua educação possam me ajudar a enxergar facetas e sintomas - causas - que eu posso ter esquecido.

Balançando a cabeça, ela recuou em uma névoa emocional. Ela não queria discutir sua memória, não tinha nada a ver com por que ela estava lá. — Estamos perdendo tempo, doutor. Estamos ficando sem tempo. — O relógio marcou duas vezes antes de acrescentar: — Dalila está ficando sem tempo.

— O tempo é essencial, Alice, você não fez uma afirmação mais verdadeira do que isso. Mas devo admitir, não acredito que Dalila exista.

Alice olhou para cima, os olhos fixos no médico, estreitando-se com a veemência que percorria seu sangue em resposta à sua declaração. Como ousa questionar a existência da única pessoa que ele deveria ajudá-la a encontrar?

— E se ela existe, eu não acredito que ela tenha algo a ver com esses sonhos.

A raiva tornou-se sua força, arrancando-a de uma névoa confortável e entorpecente e focalizando-a no objeto de sua indignação. O médico não tinha o direito de questionar se sua irmã já viveu. Alice sabia que ela havia vivido. Ela foi segurada por Dalila. Ela riu com ela. Ela compartilhara a alegria de Dalila durante seus altos na vida, e durante seus baixos, ela compartilhou suas lágrimas.

— Você não me deixou terminar, — ela argumentou, seus músculos tremendo quando ela endireitou sua postura no sofá. Balançando as pernas para baixo de modo que seus pés batessem contra o chão, ela se inclinou para frente, os olhos fixos no rosto do médico, o dedo apontando para o peito dele. — Você não ouviu todos os sonhos. Como você pode fazer acusações tão ridículas quando não ouviu a história toda?

A satisfação estava na sutil ascensão da sobrancelha do médico, brincando nos cantos dos lábios quando ele se inclinou para frente para aceitar o desafio de Alice.

— Eu estava me perguntando o que seria necessário para respirar alguma vida em você. — Sua postura imitava a dela, seu corpo se acomodando contra a cadeira enquanto ela relaxava contra o sofá.

A torneira pingava. O relógio marcava.

Sua voz distraiu-a de ambos quando ele finalmente disse: — Prove para mim que ela é real, Alice. Diga-me como Dalila tem algo a ver com esses sonhos.

Doze

— Volte para mim, minha linda menina. Volte.

Uma voz baixa, de seda sobre a pele, invadiu a escuridão, o calor de um único dedo deslizou pela bochecha de Alice para percorrer a linha de sua mandíbula.

Piscando abrindo os olhos, ela focalizou sua visão, as pontas arranhadas e arredondadas de botas de couro gastas a primeira coisa que viu.

Mãos pressionadas contra seus ombros, seu corpo empurrado contra o desconfortável encosto de madeira de uma cadeira.

— O que aconteceu? — Ela conseguiu perguntar, sua língua grossa e sua boca ressecada. — Onde estou?

Uma risada profunda lhe respondeu, não turbulenta e barulhenta, mas quieta e cruel. — Você está em casa, — disse o homem, seu nome retornando lentamente aos pensamentos dela. — Você hiperventilou e desmaiou.

Seus olhos dispararam para trancar com os dele.

— Não se preocupe, meu amor, você só saiu por alguns segundos. Eu peguei você antes que você caísse para frente da cadeira.

Max. O nome voltou para ela. Compreensão da situação retornada. Um tremor percorreu seus ossos, seu estômago vazio se contraindo quando a onda de sangue trovejou em seu crânio dolorido.

Alheio ao seu medo esmagador ou apático, Max se acomodou a seus pés, suas mãos estendendo-se para agarrar seus tornozelos. — Nós estávamos discutindo sua nova vida. Eu não tinha dito muito antes de você entrar em pânico.

Seus dedos deslizaram por suas panturrilhas, um toque delicado para um homem que tinha o dobro do tamanho dela.

— Você não tem motivo para entrar em pânico. Você deve estar feliz com o que eu planejei para você. Não haverá luta, preocupações ou estresse. A vida se tornará mágica como deveria.

Soltando uma perna, ele estendeu a mão, seus dedos mal roçando contra sua bochecha antes que ela se esquivasse de seu toque. Ela não podia se mover muito antes de extrair a mão dele. Girando o punho cerrado para cima, ele soltou os dedos. A luz brilhou contra uma moeda em sua palma, os olhos arregalando-se quando um ligeiro sorriso puxou seus lábios.

— Você tinha algo atrás do seu ouvido, — brincou ele. — Um truque simples, mas apenas o começo de tudo o que você pode descobrir.

Alice queria vomitar. — Eu não gosto de truques. Eu não gosto de magia. Eu quero ir para casa.

Seu punho apertou a moeda. — Você está em casa. — Seu braço voou para fora, a moeda um torpedo através da sala aberta, acertando a parede antes de cair sobre o chão

de ladrilhos. Alice observou enquanto aquela moeda girava sobre si mesma, segundos se passando antes de cair sem a menor cerimônia para o lado.

No momento em que ela chamou sua atenção de volta para Max, ele se levantou, olhando para ela de cima, com toda a sua altura.

Era desconhecido para Alice por que ela escolheu aquele momento em particular para atuar. Talvez fosse um instinto para sobreviver, ou raiva por esse homem por tomar decisões por sua vida sem solicitar sua permissão ou opinião. Poderia ter sido algo tão simples como um remanescente de sua rebelião adolescente, ainda viva dentro dela, apesar dos anos que ela conseguiu crescer e amadurecer.

Por alguma razão, suas próximas ações ocorreram sem um pensamento claro, sem uma análise lógica do que poderia ou não ser realizado com violência.

Levantando-se da cadeira, ela pegou Max de surpresa, passando facilmente por ele, lutando para não tropeçar em seus pés. Seu equilíbrio era precário, o movimento de suas pernas e braços descoordenados, mas ela continuou recusando-se a parar nem por um segundo para olhar para trás.

Notoriamente ausente estava o som de passos pesados atrás dela.

Ignorando a falta de perseguição, ela correu para uma janela, a luz do sol em tons de joias inundando suas feições determinadas enquanto ela deixava de lado as cortinas para

encontrar a sombra das barras além do vidro manchado. Intimamente espaçada e grossa como seu braço, mesmo que Alice quebrasse o vidro, aquelas barras impediriam sua fuga.

Seu olhar disparou para uma porta de madeira grossa. Ela não precisava se aproximar para entender que, mesmo que levasse para fora, não seria seu caminho para a liberdade. Presa na madeira havia uma fechadura pesada, a chave faltando, deixando um buraco vazio que zombava de seu cativeiro. Acima da fechadura havia um teclado numérico moderno, uma luz vermelha piscando que estava em desacordo com os detalhes antigos da casa.

Girando no lugar, ela se sentiu selvagem, um animal enjaulado enquanto aguardava o abate. Seu pulso batia freneticamente, o suor escorregava na pele pegajosa enquanto seus olhos varriam o quarto por qualquer coisa que pudesse ser usada como arma.

Um abajur estava em uma mesinha lateral ao lado de uma chaise branca e adornada, a sombra era uma bela e intricada peça de vitral que se erguia sobre uma pesada base de ferro. Ela arrancou o cabo de alimentação da parede antes de levantar o peso da lâmpada acima de sua cabeça e virando-se para descobrir que Max não estava em nenhum lugar à vista.

A casa estava ensurdecendo em seu silêncio, seu sangue correndo uma batida pulsante que inundou seus ouvidos enquanto dava um passo hesitante em direção à cozinha.

Onde ele tinha ido, e como ele se moveu sem ela estar ciente de que ele saiu do quarto?

O corpo de Alice se acalmou, sua respiração cuspindo de seus lábios enquanto ela tentava se concentrar. Seu olhar percorreu o comprimento do quarto, espiando a cozinha enquanto ela girava no lugar desesperada para encontrar o homem que a arrastara para esse pesadelo.

O tempo passava, um relógio de pêndulo ecoando de uma sala distante, a alegre melodia provocando-a com uma sensação de lar e normalidade. Depois que o relógio chegou ao meio-dia, a casa foi devolvida a um silêncio doentio.

— Você já terminou?

Ela girou em seus calcanhares ao som de sua voz, a lâmpada arrancou de seus dedos trêmulos antes que ela pudesse reagir. A sombra quebrou contra o chão onde foi jogada, os dedos de Max agarrando em seus cabelos grossos antes que ela fosse arrancada de seus pés.

Seu corpo caiu no chão ao lado da lâmpada quebrada, a palma da mão aberta pelo vidro quebrado. A profunda e escura sombra carmesim de sangue pegou seu olhar pouco antes de seu corpo ser puxado para cima, virado e esbofeteado contra o chão como uma fatia de carne. A quantidade mínima de ar que permanecia em seus pulmões foi forçada pelo peso do corpo de Max se esmagando sozinho.

Abraçando o estômago, Max segurou os ombros no chão, uma máscara plácida de indiferença no rosto, a altura

dos ombros, o cabelo uma moldura selvagem em volta da cabeça.

Alice resistiu contra ele apesar de sua compreensão sombria de que ela estava indefesa debaixo dele.

— Pare de lutar comigo, Alice. Não há lugar para onde você possa ir. Você só está piorando as coisas.

Sua voz controlada estava em perfeito contraste com o pânico de Alice. Irritou-a que ele se controlasse tanto quanto a controlava. Ela queria que ele ficasse enfurecido, queria que ele perdesse aquele controle aterrorizante para que ele cometesse um erro, de modo que ele errasse e desse a ela a vantagem.

— Foda-se você! — Ela gritou, saliva caiu de seus lábios em suas bochechas, seus dentes rangendo um contra o outro enquanto ela resistia e torcia em um esforço fútil para escapar de seu domínio.

A raiva brilhou por trás de seus olhos azuis, apenas uma fraqueza momentânea antes que ele puxasse de volta o controle que ela odiava mais do que qualquer coisa. O brilho de sua perda não foi suficiente para satisfazê-la. Ele não lhe daria a reação que ela procurava, ela sabia disso, mas ela ansiava independentemente disso.

— Eu já disse a você que não há saída. Por que você perde seu tempo tentando? Não faz sentido.

Depois de afastar uma lágrima quente de sua bochecha, ele correu a ponta do polegar ao longo de sua mandíbula, um sorriso brincando em seus lábios, alargando-se a cada

explosão de sua luta. Quando o corpo dela se acalmou, exausto da luta que ela nunca teve a chance de ganhar, ele fechou os olhos, abrindo-os devagar para olhar para ela por baixo dos grossos cílios negros.

— Eu acho que é hora de eu te contar uma coisa. — Seus olhos foram para baixo, observando lentamente o modo como seu peito se elevava com respiração irregular, os orbes azuis frios parando para focar o ponto de pulsação em sua garganta. — Mas não assim. Não nesta posição. Posso confiar em você para se comportar se eu deixar você sair?

Sua mandíbula tiquetaqueava, seus dentes latejavam por quão firmemente ela os segurou apertados. Seus pensamentos derivaram então para uma lembrança que até aquele momento estivera adormecida:

Ela tinha oito anos, sua irmã nove. Elas tinham ido com o pai a uma loja de conveniência para tomar sorvete em um dia quente e úmido de verão. Ao entrar na loja, ambos os olhos jovens foram atraídos para uma manchete na primeira página do jornal local em uma lixeira exibida na frente da loja. Era uma imagem de uma jovem mulher, o cabelo longo e loiro, os olhos arregalados com a esperança de um futuro brilhante.

Ao lado dessa foto havia outra: a mesma mulher, com o corpo quebrado e surrado, pendurada em trilhos de trem que cortavam o céu e cruzavam a estrada de quatro pistas que levava para fora da cidade.

As coisas eram diferentes naquela época. O tema do sexo foi enterrado como o segredo pecaminoso do diabo, mas chocante e sangrento, o horror da violência do homem foi exposto, um aviso aos jovens sobre o mal que se escondia em cada canto escuro.

Seu pai se ajoelhou atrás delas, uma mão no ombro de cada uma de suas meninas. Seus olhos examinaram o artigo, um assobio baixo escapou de seus lábios. — Bem, parece que a pobre mulher fez a escolha errada, coitada.

Rasgando os olhos da imagem perturbadora, Alice olhou para o pai, uma pergunta escrita em suas sobrancelhas levantadas.

Puxando a mão grande do ombro dela, ele apontou para o texto. — Se você ler lá, verá que ela teve uma escolha. — Abaixando a voz para um sussurro nu, ele explicou: — Diz que a garota tinha uma arma apontada para a cabeça em um ambiente público. O homem deve ter dito a ela para ir com ele ou ele atiraria. Coisas bem padrão com criminosos: o aviso. Se ela tivesse lutado então, ela poderia ter vivido, ou pelo menos ela teria morrido rapidamente com uma bala na cabeça.

Virando-se, ele olhou cada garota nos olhos antes de continuar em frente.

— A mulher escolheu ir com o homem. Provavelmente ela foi estuprada e espancada, só o Senhor sabe quantos dias aquela pobre mulher sofreu. E veja onde ela acabou.

Ele suspirou, a cabeça pesada com o peso da violência, encarando-os no rosto. — Vou te dar um conselho agora: se você se encontrar nessa situação, você luta, mesmo que isso signifique levar uma bala pela a luta. Porque a morte rápida será muito mais fácil do que qualquer outra coisa que aquele bastardo doente vai fazer com você quando ele te tira da multidão e sozinho.

Alice prometeu a si mesma então que lutaria, não importando as circunstâncias, não importando o risco, ela lutaria. Mal sabia o pai que suas palavras naquele dia úmido de verão tinham sido proféticas, faladas a duas garotinhas que um dia se tornariam mulheres a fazer essa mesma escolha.

Dalila desapareceu quando ela escolheu ir com qualquer monstro que a tivesse tirado de sua família e sua vida.

E Alice, que desenvolveu um medo significativo desses tipos de histórias depois daquele dia, recusou-se a cometer o mesmo erro.

Se fosse sua vida ou a vida que Max decidira que viveria, escolheria uma morte rápida pela infindável tortura que os dias e semanas seguintes poderiam proporcionar.

Seu corpo ficou flácido sob ele, sua mente focada em quebrar seu autocontrole agravante.

Fechando os olhos com os dele, ela firmou sua voz, entregando cada palavra com a força de sua convicção. — Foda-se você.

Outro flash de raiva. Outro momento fugaz em que ela quebrou seu comportamento calmo para revelar o monstro.

Ela estava esperando raiva. Ela estava esperando fogo. Ela estava esperando o punho dele chover sobre ela, batendo, golpes duros.

O que ela conseguiu foi o insolente e frio toque de seu sorriso sarcástico. Seus lábios se inclinaram nos cantos. Sombra tocou seu rosto, adicionando uma borda à linha afiada de suas bochechas. Uma mandíbula forte assinalou de um lado a atenção de Alice para as cicatrizes manchadas.

Segurando uma mão no cabelo dela, ele puxou a cabeça dela contra o chão. Sua outra mão envolveu seu rosto, seus dedos apertando contra suas bochechas, irritando a lesão anterior que ele causou.

— Você vai aprender, Alice.

O peso de Max estava mal antes dela arrancar seu corpo do chão. A dor atravessou seu crânio, seu pescoço se afastou da força de sua atração.

Arrastada pelo quarto pelos cabelos, ela agarrou o pulso dele. Suas unhas cravaram em sua pele, sua boca se abriu em um grito.

Imperturbável, Max jogou-a em um sofá, uma perna de ferro travando em torno de seu tornozelo quando ela estendeu a mão para pressionar as mãos contra a dor lancinante em seu couro cabeludo.

Uma vez que os pés de Alice estavam presos, Max algemou seus pulsos, dominando-a facilmente.

— Se você não pode se comportar sozinha, eu vou ter que corrigir o seu comportamento. Eu gostaria de mostrar a você como.

Ele levantou-se, andando por vários segundos antes de se virar para ela.

Sua voz baixa de barítono era de fato. Suas palavras mais desconcertantes do que seu comportamento.

— Entre os séculos XV e XVII, os monarcas ingleses tinham um pequeno problema. O jovem príncipe especificamente. Você vê, nenhum rei deveria ser espancado ou punido por ninguém, exceto por outro rei. No entanto, o rei reinante geralmente estava ausente. Então o que fazer? O que se faz com o menino problemático que um dia herdaria a coroa?

A confusão confundiu os pensamentos de Alice, o tópico era muito bizarro.

— Por que você está me contando isso? — Ela estremeceu, o movimento de sua mandíbula puxando a pele crua em seu couro cabeludo.

— Porque tem tudo a ver com o porquê você vai me obedecer. — Andando novamente, ele teve o cuidado de colocar a parte de trás do calcanhar contra a ponta do outro sapato. Um após o outro: seus passos temperados, medidos, controlados.

— Quando o jovem príncipe se comportou mal, e o rei estava fora, os atendentes da corte tinham que ser criativos. Como você castiga alguém quando eles são intocáveis?

Ele olhou para cima, bloqueando seu olhar gelado para o dela.

Quando ela não respondeu, ele disse: — Você usa um procurador, Alice, um menino chicotado. Você encontra e pune alguém tão próximo do príncipe que ele ainda sente a dor mesmo quando não é seu próprio corpo sendo abusado.

A boca de Alice ficou seca, sua mandíbula apertada, seus pensamentos inundados pela confusão provocada por sua declaração enigmática.

Sem outra palavra, Max saiu do quarto, pegando Alice de surpresa. Um teclado tocou ao longe, o assobio pneumático de uma pesada porta sussurrando para Alice do outro lado do espaço da sala.

Capaz de se sentar, ela puxou o corpo para cima, os pulsos ainda algemados no colo, os tornozelos atados aos ferros da perna presos ao pé do sofá.

De sua posição, ela não conseguiu enxergar através da porta da qual Max havia saído, mas conseguiu ouvir as primeiras notas de um grito estrangulado.

Forçando seu foco para fora, ela escutou. Cada passo foi acompanhado pelo som de algo sendo arrastado pelo chão. Um gemido, outro gemido - pedidos sussurrados que imitavam o medo que ela sentia por dentro.

Os sons dos degraus ficaram mais altos, mais pronunciados quando Max se aproximou do quarto, os gritos de uma mulher perfurando a quietude silenciosa da casa.

Os olhos de Alice se arregalaram, a cabeça sacudindo um pedido silencioso de que o que ela via não era real.

Entrando no quarto, Max arrastou um corpo atrás dele, movendo-se para o centro do espaço antes de puxar a mulher lutando até os joelhos.

O tempo diminuiu.

O quarto girou.

Alice se sentiu tonta olhando para a mulher a seus pés.

— Você a reconhece, Alice? Você entende agora?

Suas palavras estavam atadas com veneno, o mal se esvaindo com cada sílaba falada. Em seu tom seguro estava o conhecimento de que ele ganhara qualquer jogo que estivesse jogando.

Alice sabia que o jogo não terminava aqui. Não podia ser tão simples, tão misericordioso.

Não. Este jogo estava apenas começando.

— Você a reconhece? — Sua voz era exigente, cínica, perturbada. Era a voz de um predador, de um homem no limite, inchado com um senso de determinação e poder.

Alice estremeceu ao som estrondoso, o eco da ameaça pura que borbulhou por toda a sala.

Com o fôlego nos pulmões, estudou a mulher à sua frente, os olhos passando pelo saco que cobria a cabeça da mulher, descendo até onde as pontas de longos cabelos louros e finos caíam por baixo do sujo saco marrom. Tremendo aos pés de um monstro, a mulher estava vestida

de maneira idêntica a Alice, seu corpo um pouco mais grosso, suas curvas mais femininas.

Era um corpo que Alice conhecia bem.

Lágrimas queimavam na parte de trás dos olhos de Alice, entendimento escorregando na confusão, reconhecimento roubando o pouco de ar que permanecia em seus pulmões.

Ela olhou para Max, fixando os olhos aterrorizados nos dele, sua voz roubada pela realização do que ele planejava fazer.

Um sorriso doentio enrugou seus lábios esculpidos, seu olhar ardia de antecipação e orgulho.

— Você sabe por que o menino chicoteado trabalhou tão bem para controlar o príncipe, Alice? — Um sorriso ameaçador tocado por uma voz suave.

As lágrimas que havia lutado para segurar caíram por suas bochechas; grossas e quentes, estavam geladas quando chegaram e rolaram pela mandíbula trêmula.

— O menino que chicoteava trabalhou porque ele tinha sido criado com o príncipe. Por causa de seu amor e afeição compartilhados, cada ferimento que o menino sofreu feriu o príncipe também. Assim como cada lesão que esta mulher recebe será sua.

A sala ficou em silêncio, o peso da situação esmagando a rebelião que restava em Alice.

— Lute comigo de novo, e eu vou te machucar. Esqueça de obedecer, desonra-me de qualquer forma, e esta mulher vai pagar o seu preço.

Ele sorriu, o brilho de seus dentes brancos brilhando sob as luzes da sala.

— Eu prometi que não faria mal a você, Alice. Mas nunca esqueça que eu te avisei que eu tenho maneiras de te machucar.

Treze

12:30

Paredes cinzentas.

Mesa preta.

Rosas vermelhas falsas e de plástico.

Tudo no lugar.

— Alice?... Senhorita Beaumont?... Alice Beaumont...

— Sim, doutor.

— É a sua hora. Você está pronta?

Assentindo com a cabeça, ela se levantou da cadeira na sala de espera, as notas suaves da música clássica chamando sua atenção para um alto-falante no topo da parede. Ela não tinha notado isso antes, nem as pinturas de diferentes paisagens que se situavam em intervalos igualmente espaçados abaixo dela. Molduras pretas, simples para não distrair da beleza das próprias pinturas.

Cinco degraus do outro lado da sala, três degraus acima do tapete macio e estampado. Quatro almofadas. Uma manta branca estava solta sobre o braço da cadeira.

Alice sentou-se.

Cruzando uma perna sobre a outra, o médico puxou o bloco de anotações da mesinha lateral para a esquerda, colocando-o no colo antes de clicar na caneta e rabiscar uma nota que Alice não podia ver.

Seu olhar subiu, seus olhos escondidos atrás da sombra da sala baixa e iluminada, as armações metálicas de seus óculos brilhando sob a pouca luz que os tocava.

— Como você está hoje?

— Eu acho que estou melhor, — ela respondeu, enrolando as pernas contra o corpo, os braços envolvendo os joelhos dobrados. — Estou cansada. Sinto-me vazia. — Depois, ela disse: — Mas acho que é bom.

O médico a observou de perto, o relógio tiquetaqueando os segundos que ele esperou antes de perguntar: — Por que estar vazio seria bom?

— Porque eu não estou pesada. O peso que eu tenho carregado está ausente. — Ela fez uma pausa, lutando desesperadamente para reunir seus pensamentos para si mesma, para entender o que ela queria dizer. — Não inteiramente, mas me sinto mais leve. Isso faz sentido?

Ele assentiu, sua caneta raspando suavemente sobre o bloco em seu colo enquanto ele fazia suas anotações. — Sua última sessão foi um pouco traumática. O sonho que você descreveu para mim foi muito mais violento do que os outros. Muito mais perturbador. Talvez um peso tenha sido tirado simplesmente por tirar aquele sonho particular de seu peito.

Alice deu-lhe um sorriso triste. Ela mal começara a contar-lhe a sequência dos sonhos e, já estava preocupada com as imagens em sua cabeça. — Você a viu? Você entende agora como Dalila se encaixa? Se eu tivesse ido tão longe?

O som gotejante da torneira encheu o espaço silencioso entre eles, cada gota pontuando a tensão ansiosa que crescia dentro dela.

— Havia outra mulher no sonho que você descreveu. Você acredita que essa mulher é sua irmã?

Folheando as páginas, ele levantou a mão para ajeitar os óculos no nariz. — Pelo que você me disse, ela tinha algum tipo de saco cobrindo a cabeça. As feições que você descreveu eram apenas as pontas do cabelo, o tipo de corpo e o fato de que ela estava vestida como você.

— Ela estava vestida de maneira idêntica a mim. O vestido, os sapatos: era o mesmo. Mas não foram suas feições que me fizeram perceber que era ela. Foi o que ele me disse.

— Ele? Max?

Alice se encolheu ao ouvir o nome do homem. Mesmo sabendo que os sonhos não passavam de ilusão, Max não era mais que um símbolo do verdadeiro monstro que levou sua irmã, Alice ainda experimentava uma reação visceral ao seu nome.

— Sim, — ela respondeu, sua voz um sussurro assombrado, — Max.

— Foi esse sonho, em particular, que a levou a acreditar que todos os sonhos são uma mensagem da sua irmã?

Alice assentiu. — Eu acho que vem sendo mostrado a mim o que está acontecendo com ela. Como ela está sendo mantida. Como ela está sendo tratada.

— Como você sabe que é ela?

— Por causa do que Max me disse. Ele disse que o procurador só funcionava porque ele havia sido criado com o príncipe. Se eu sou o príncipe nesse cenário, então a única pessoa que o procurador poderia ser é Dalila. — Ela estava praticamente tremendo quando terminou sua resposta, tão zangada que precisou explicar cada minúsculo detalhe para fazê-lo entender.

Tomando uma respiração calmante, contou os segundos em sua cabeça, forçando as mãos a parar de tremer em um esforço para recuperar o controle. — As características que eu poderia ver se encaixam em Dalila: a cor de seu cabelo, seu tipo de corpo. Tudo se encaixa. Quem mais seria?

Sem levantar os olhos do bloco de anotações, o médico perguntou: — Você acredita que há outra mulher sendo mantida com Dalila? De alguma forma, você se colocou no lugar de outra pessoa desaparecida? Outra vítima?

— Não. — Sua resposta foi imediata, absolutamente certa em seu tom. A força de sua voz a surpreendeu. Fazia tanto tempo desde que ela tinha certeza de qualquer coisa. Mas isso? Ela tinha certeza. Foi a razão pela qual ela estava aqui. Era a mensagem que ela não podia ignorar.

— Eu acho que o meu papel nos sonhos é uma invenção da minha mente, uma invenção planejada para que a história faça sentido. Eu sou um observador. Mas, há algo que estou perdendo. Algo aí na minha frente que eu posso descobrir.

— Eu acho que você está certa. Eu acho que você está perdendo alguma coisa.

Seus olhos estudaram o médico, sua postura fácil, seu comportamento, o modo como brincou com a caneta na mão enquanto esperava que ela reconhecesse suas palavras.

— Você acredita em mim? — Seu coração pulsava mais forte, uma sensação desconfortável em seu estômago que, talvez, ela interpretou mal o que ele disse.

Ele suspirou, seu rosto abaixou as notas em seu colo, sua caneta tiquetaqueando com agitação em sua mão. — Devemos discutir sua memória, Alice.

Não foi uma resposta para a pergunta dela; foi uma deflexão.

— E a minha memória?

— Eu gostaria de discutir o que você faz e não se lembra em sua vida de vigília.

Alice se virou para se apoiar no braço do sofá, desviando propositalmente os olhos. Ela não estava interessada em sua vida acordada. Não importava se Dalila não fizesse parte disso. Até que sua irmã fosse encontrada, até Alice descobrir o que havia acontecido com ela, ela estava perfeitamente bem em esquecer todos os detalhes de uma existência tão cruel e injusta.

— Minha memória está bem. Os sonhos...

— Eu não estou aqui para ajudar sua irmã, Alice.

Seus olhos dispararam contra os dele, um músculo dolorido em seu pescoço arrancou com a rapidez com que

ela virou a cabeça. Alice nunca ouvira seu tom tão agudo. Ele estava frustrado, possivelmente com raiva. A mudança em seu temperamento cortou através dela.

— Estou aqui para ajudá-la.

Atingido pela firmeza em sua voz, Alice resignou-se ao assunto que ele queria discutir. — Tudo bem. Vamos falar sobre a minha memória.

Ele olhou para ela, sua caneta batendo contra o bloco de notas antes de admitir: — Você ficará feliz em saber que isso tem a ver com os sonhos. Pelo menos em parte.

Quando ela não respondeu, ele continuou, o tom de um médico ignorando a atitude desinteressada de seu paciente. — Você sofreu algum ferimento na cabeça traumático em sua vida?

— Não, — ela respondeu rapidamente.

— E a sua memória do seu passado está completa o suficiente para você saber disso de fato?

A culpa a dominou por ser obstinada. O médico estava apenas tentando fazer o seu trabalho, mas ela sentiu que o tempo estava escapando dela devido a essas perguntas bobas. Eles não salvariam Dalila, portanto não tinham importância para ela.

— Exceto pelos pesadelos, tive uma infância normal. Nunca sofri quaisquer acidentes ou doenças que explicassem uma perda significativa de memória. Além dos terrores noturnos e outros problemas do sono, eu era uma pessoa

normal e saudável. Pelo menos até... — Parou deixando um silêncio pesado onde suas palavras haviam sido.

— Até que, Alice?

— Até esse telefonema, — ela admitiu.

— O telefonema que você recebeu na casa que você estava vendendo? Aquele sobre o desaparecimento da sua irmã?

— Sim, — ela suspirou. — Esse.

O som do médico folheando as páginas de suas anotações não era alto o suficiente para distrair o irritante gotejamento da torneira do banheiro. Alice contou as gotas, chegando a três antes que a voz do médico atraísse sua atenção de volta para a conversa.

— Você parece ter uma lembrança excelente dos sonhos. Os detalhes que você pode me dar são muito mais consecutivos, muito mais complexos do que qualquer coisa que você me deu sobre o seu dia-a-dia. Na verdade, parece-me que mesmo dentro dos sonhos, você está ciente de eventos que ocorreram em sonhos anteriores. Algo disso faz sentido para você?

Alice sorriu, a expressão zombando de uma verdade estranha que ela viveu toda a sua vida.

— Eu sempre lembrei dos meus sonhos... dos meus pesadelos. Era uma grande parte do meu problema quando criança. Eu acordava gritando, e mesmo não me lembrando deles imediatamente ao acordar, eu sempre voltei para eles quando fui dormir. Foi como se acordar não fizesse nada para

afastá-los, eles sempre voltavam, os detalhes nunca se perdiam enquanto eu dormia. — Ela fez uma pausa, seus olhos estudando suas mãos enquanto eles preocupavam a bainha puída de sua camisa. — Estar acordado não significava nada. A vida real era simplesmente um intervalo.

— Você se lembrou de uma ocorrência com seu pai e sua irmã em seu último sonho, uma conversa que você teve quando era criança sobre uma mulher assassinada. Consegue se lembrar daquela conversa agora?

— Claramente, — ela respondeu. — É como eu te disse, doutor. Essas memórias ainda estão comigo. É tudo *depois* que é confuso. — Ela soltou uma risada sem graça. — Mas o trauma fará isso com uma pessoa, não é?

Concedendo a seu ponto, ele respondeu: — Sim. O trauma pode fazer isso com uma pessoa. — Ele bateu na caneta uma vez. — Você mencionou a palavra *depois*. O que isso significa para você?

— Minha vida foi dividida por um evento. Houve minha vida com Dalila e minha vida quando ela se foi. Antes e depois.

Ele a estudou atrás da sombra, a pouca luz na sala ocultando sua expressão - seus pensamentos.

…gotejamento...

— Você vai consertar a torneira, doutor?

Ignorando a questão fora do tópico, ele comentou: — Você sabe, a informação que você está me dando agora faz sentido, pelo menos no que se refere a algumas teorias que

eu tenho sobre seus distúrbios do sono. Eu acho que elas podem amarrar nos sonhos que você está me dizendo

Ela soltou outra risada. — Os pesadelos que eu tive quando criança foram a desordem que criou essa cabeça feia.

— O que os torna diferentes dos sonhos que você está tendo agora? O estresse pode desencadear distúrbios do sono, especialmente em pessoas que os tiveram antes.

Determinada a fazê-lo entender, ela lutou para permanecer no assunto, para acompanhar o fluxo da conversa lógica. — Porque se os sonhos em minha juventude eram os mesmos que são agora, então não preciso procurar a ajuda de um psicólogo.

— Quem é a ajuda que você precisa?

— Eu não sei. Um padre? Quem lida com a profecia? Os sonhos agora são uma conexão com a minha irmã. Os sonhos naquela época? Bem, se eles estivessem conectados a alguém, eu não sabia disso.

O silêncio passou entre eles, a mente do médico peneirando a mesma sujeira que mantinha Alice constantemente enevoada em confusão. Dar uma voz não ajudou Alice, e ela não estava certa de que o médico seria de muita ajuda também.

Suas palavras falaram lentamente, ele respondeu: — Eu não tenho certeza se acredito em profecia, Alice. Conexões psíquicas e tudo isso. Eu nem tenho certeza se uma igreja poderia te ajudar.

— Bem, você sabe o que eles dizem: onde a ciência termina, Deus começa. Qualquer coisa vale a pena se salvar minha irmã.

Ele não reconheceu a observação, seu foco persistente. — Eu acho que você pode estar em alguma coisa. Você não tinha mencionado antes que os distúrbios do sono voltaram depois do desaparecimento de sua irmã. Isso está de acordo com o que eu sei sobre eles. A maioria das pessoas tem quando crianças, mas enquanto crescem vão parando. Foi isso que aconteceu no seu caso?

— Eles nunca pararam. Não completamente. Mas eles não eram tão ruins quando eu era adolescente, ou quando eu estava na faculdade. Eles estavam seguindo o padrão que a maioria dos médicos supunha. Isso foi o que me fez acreditar que estudar neurologia poderia ajudar. Tinha que haver uma explicação. Eu pensei que, porque eu mesmo os vivenciava, eu teria mais discernimento enquanto os estudava. Há uma diferença. Pessoas que não passaram por isso não podem entender, e todas as teorias por aí sobre os porquês e como deles não fazem sentido, é tudo especulação e conjectura, claro, quando eu expliquei minhas teorias, eu estava fora da profissão. É por isso que me voltei para outros tipos de trabalho. Todo mundo pensou que eu era louca.

— Quais transtornos, especificamente, você experimentou?

— Terrores noturnos, sonambulismo, paralisia do sono. Nomeie-o, doutor, e eu provavelmente o tive em um ponto ou outro.

A frustração fez seu corpo ficar tenso. A conversa não estava ajudando-a com o problema que ela estava aqui para resolver. — Estamos perdendo tempo falando sobre isso. A chave para tudo isso está nos sonhos. Minha irmã está me dizendo onde ela está e o que está acontecendo com ela e estamos perdendo tempo passando pelo mesmo papo furado.

Seus olhos dispararam para o rosto do médico. — Eu quero falar sobre o próximo sonho.

Ela esperava que ele discutisse, continuasse no caminho que escolhera discutir. Surpreendendo-a, ele cedeu.

— Tudo bem, Alice. Vamos pegar isso de volta em outra sessão. Conte-me sobre o próximo sonho.

Quatorze

— Eu não sou um monstro, Alice. Não totalmente.

Um rosto bonito entrou em foco quando Max entrou na sala, os olhos de Alice piscando para longe, as lágrimas que tinham ficado vermelhas e cruas, que haviam marcado a pele de porcelana de suas bochechas.

Havia um ar de dignidade sobre ele. A maneira como ele falou, a maneira como ele andava com passos largos assegurou - longo e poderoso - antes de se sentar em uma cadeira de couro em frente, onde ela permaneceu amarrada ao sofá. Apesar da cicatriz que desmentia uma tragédia distante que ele suportara, ele se portava com força e autoridade, intocado pela devastação de um mundo cruel.

— Ela não vai sofrer, não se você evitar.

Seu olhar se dirigiu para a porta que dava no quarto que ocupavam. Além daquele limiar estava sua irmã, amarrada, um saco texturizado e áspero cobrindo sua cabeça.

— Onde você está mantendo ela?

Os pensamentos de Alice retornaram ao porão frio e escuro onde ela acordou, o chão de cimento gelado que pressionava contra sua pele e a gelava até os ossos. Tempo suficiente preso naquele ambiente deixaria qualquer pessoa doente, fisicamente e mentalmente.

— Ela tem um quarto próprio, — ele explicou, seu corpo inclinado para frente para pegar um controle remoto da mesa

de café entre eles. — Eu fiz isso confortável para ela. Contanto que você se comporte, ela será cuidada.

— Por que você está fazendo isso? — Ela perguntou, recusando-se a olhar para ele e encontrar seus olhos.

O som de um relógio marcava a distância. Quando o último sino tocou, ele respondeu: — O porquê realmente importa? Isso não mudará as coisas. Uma pergunta melhor seria o que você pode fazer para evitar que a situação piore.

Ela olhou para ele então, viu o lampejo de diversão em seus olhos para saber que ele a tinha presa, um rato deixado para correr o labirinto que ele tinha preparado para ela.

Não houve luta em Alice. Não era sua vida sozinha que pendia precariamente na linha.

Torcendo para encarar o lado esquerdo da sala, Max apertou um botão no controle remoto, uma tela de televisão ganhando vida que Alice não teria notado a menos que ele tivesse atraído sua atenção para isso. Pendurada em uma parede, a tela preta combinava perfeitamente com a decoração interior, um espaço escuro oculto simplesmente porque a decoração em torno dela brilhava e chamava a atenção.

Apertando outro botão, Max não disse nada enquanto observava Alice, estudando sua reação ao reconhecer pela primeira vez o que havia sido revelado na tela.

Uma visão de câmera em circuito fechado de uma sala pequena e bem iluminada revelou uma mulher sentada em uma cama, com a cabeça escondida pelo capuz que a cobria.

Enrolada sobre si mesma, seus ombros tremeram em um soluço, mas o som não passou pelos alto-falantes da televisão.

Era a sala onde ele mantinha sua irmã, Alice percebeu, uma sala que estava em contraste com a pessoa que possuía.

Dalila nunca fora feminina. Mamãe sempre dizia que, mesmo quando criança, Dalila chorava quando era obrigada a usar os vestidos de babados que a maioria das mães adorava vestir suas filhinhas. Ela gritaria e reclamaria até que os vestidos fossem tirados. Ela nunca gostou de rosa, ela não seria pega nem morta brincando com bonecas.

Ela era uma moleca de ponta a ponta, muito mais adequada para esportes, escalada de árvores e salpicos em poças de lama do que para brincar de se arrumar e fazer chá.

Alice era o oposto, sua atenção sempre atraída por tons pastéis e brilhantes. Se não fosse pelos pesadelos, ela teria sido a perfeita boneca viva de sua mãe.

Enquanto crescia, Alice era o garoto-propaganda de vestidos de renda e sapatos de verniz. Ela adoraria usar laços no cabelo e choraria se até mesmo uma partícula de sujeira marcasse sua pele limpa. Ela tinha sido tudo o que Dalila não era, mas ainda amava sua irmã mais velha por humilhá-la e sentar-se à mesa de chá de qualquer maneira.

Com aquelas lembranças trancadas em seus pensamentos, ela ficou ainda mais desequilibrada pelo quarto que Max preparara.

Tinta rosa cobria as paredes acima dos trilhos de cadeiras brancas que rodeavam a sala. Cartazes com gatinhos e arco-íris estavam pendurados em cada parede, uma cama de dossel empurrada para o lado com uma moldura dourada e lençóis brancos com babados. O tapete era de tecido rosa que combinava com a pintura, e bonecas estavam espalhadas pela sala nas prateleiras e empoleiradas para parecerem vivas em uma cadeira grande e estofada.

Vestida com o mesmo vestido amarelo que Alice usava, Dalila se parecia com uma boneca, se não fosse pelo capuz cobrindo seu rosto.

Alice sentiu-se mal, o contraste da inocência da juventude contra a sinistra verdade de seu cativeiro - do jogo perverso que este homem estava jogando - pervertendo toda a lembrança feliz que ela tinha crescido.

Os dias quentes de verão passavam na luz do sol, os picolés derretiam cedo demais, horas intermináveis nas piscinas comunitárias ou passeavam pelo grande lago que ficava no centro de sua pequena cidade: todas essas coisas eram agora cicatrizadas e sujas pela imagem de uma mulher atada, um capuz cobrindo a cabeça escondendo as lágrimas que ela derramou por seu cativeiro.

Alice odiava aquele quarto, odiava Max pela vida distorcida que ele forçara a Dalila.

— Você será capaz de vê-la em todos os momentos. Há televisões em todos os quartos, cada um sintonizado para a

câmera que a monitora. Você verá que ela está segura e ilesa, contanto que você se comporte.

— Isso deveria me satisfazer? — Ela perguntou, a raiva pingando de cada palavra. — Você está prendendo ela como um maldito animal. Ela pode até respirar sob aquele capuz?

Ele sorriu, imperturbável pela veemência em sua voz. — Se ela estivesse morta, então eu suponho que ela não poderia. — Ele fez uma pausa, sorrindo mais amplamente em resposta à óbvia angústia de Alice. — No entanto, desde que isso ainda não aconteceu, acredito que é seguro assumir que ela pode respirar muito bem.

Forçando-se a se acalmar, Alice lutou para não encarar a televisão, de ser uma observadora silenciosa para a dor e o medo da irmã. — O que acontece se eu não me comportar? Você vai nos matar?

Ele riu, o som cínico e cruel. — Morte seria muito fácil, Alice. Matar você significaria que eu teria que começar tudo de novo. Se você gostaria de descobrir o que acontece com o mau comportamento, você é bem-vinda para sair da linha. Eu prometo que você não vai gostar dos resultados. Só vai levar um tempo para te quebrar completamente.

Ele estava tão confiante em sua declaração que provocou nela uma necessidade de raiva, um desejo inebriante de cuspir em seu rosto e limpar o sorriso sádico de seus lábios. O medo não mantinha lugar dentro dela, apenas o calor contundente de sua fúria.

Se fosse ela sozinha, ela teria dado a ele todos os motivos para puni-la, teria insultado e o empurrado para um ponto sem controle na esperança de que a morte se tornaria sua fuga. Mas o que poderia ser obtido com a desobediência? Nada além de ser um acessório e testemunhar a tortura de sua irmã mais velha.

Deixada sem escolha, Alice resignou-se ao destino. Sua voz fraca com a derrota fácil, ela perguntou: — O que eu tenho que fazer?

Ele a estudou, os dedos dele estavam em seus lábios, uma sobrancelha arrogantemente levantada. — Fico feliz em saber que você finalmente fez a pergunta certa.

Auto aversão a encheu, desgosto pela submissão que ela deu.

De pé em sua cadeira, Max se aproximou do sofá para se ajoelhar ao lado dela, seus ombros tremendo de risada suave quando Alice se inclinou para longe de seu corpo. Encontrando seu olhar apenas por um momento, ele voltou sua atenção para as pernas dela. Suas mãos estavam quentes contra sua pele enquanto ele destravava os ferros da perna, o toque quase demais para suportar a pele esfregada pelas correntes.

Deixando as mãos algemadas na frente dela, Max agarrou o braço de Alice para levantá-la a seus pés. Ela queria afastar seu toque, queria arranhar e morder como um animal raivoso. O instinto de lutar era uma fera trêmula

dentro dela, apenas silenciada e paralisada quando seus olhos se focaram na tela da televisão.

Dalila fraca, enjaulada e em exibição. Quanto tempo ele a manteve e quanto ele a tinha quebrado já?

Tinha que haver outra escolha, um caminho diferente onde ambas poderiam sair intactas. Elas nunca escapariam sem cicatrizes, mas havia uma chance de que elas pudessem escapar com força suficiente para sobreviver.

Levada de volta para a cozinha, Alice foi direcionada para uma banqueta. — Sente-se. Eu cozinho esta noite...

Max se inclinou, seu fôlego quente rolou em sua bochecha em um sussurro cínico e zombeteiro. —... Mas só porque você já passou por muita coisa.

Um aperto gentil de seu ombro e ele se afastou, colocando a ilha central entre eles.

Movendo-se pela cozinha com a facilidade de um mestre cozinheiro, Max colocou os ingredientes no balcão. Despreocupado com o que Alice poderia fazer, ele colocou um cutelo de açougueiro entre eles. Ela olhou para o cutelo, suas mãos amarradas se fechando em uma tentativa de resistir a alcançá-lo. Estava tão perto e tudo que ela tinha que fazer era agarrá-lo.

— Tentador, não é?

Ele olhou para ela, uma inclinação arrogante para seus lábios cheios. Cabelos ondulados, pretos como um corvo, pendiam frouxamente de um lado do rosto e escondiam a

cicatriz. Alice engoliu um nó na garganta, odiando-se por pensar que seria atraída por ele em uma situação diferente.

— O cutelo, — ele apontou, inclinando o queixo em sua direção. — Seria tão fácil simplesmente agarrá-lo. Para balançá-lo em minha direção.

Ele se virou para ela completamente e encontrou seu olhar. — Para me matar?

Desgosto rolou através dela. — Eu não faria isso, — ela mentiu.

Ele sorriu, uma covinha recuando em sua bochecha, a marca mais escura pela sombra de barba negra ao longo de sua pele. — Você não é tão fácil, Alice. Não minta.

Envolvendo seus dedos longos e elegantes sobre a alça do cutelo, ele o pegou do balcão, virando-o de tal maneira que a luz da sala brilhou contra a lâmina metálica. Girando nos calcanhares, ele elevou a altura dos ombros antes de derrubá-la na tábua de corte, encaixando a lâmina na madeira.

O barulho foi um choque para o sistema já tenso de Alice, seu corpo inteiro se encolheu como se a lâmina tivesse sido embutida em seu corpo.

Max olhou para ela por cima do ombro. — Eu espero que você goste do seu bife. Pessoalmente, eu prefiro quando a carne ainda está quente, tenra, fácil de fatiar e mastigar, o sangue quente e grosso contra a língua.

A cor sumiu do rosto de Alice, sua garganta subindo até que ela teve que lutar para não cair no chão. Max sorriu e

voltou as costas para ela enquanto ele pegava uma fatia grossa de carne para colocá-la na tábua de corte ao lado do cutelo.

Usando o cutelo, Max cortou bifes grossos, o som rítmico perturbando Alice mais do que deveria. Em um esforço para se distrair, ela perguntou: — Por que você disse que eu não sou tão fácil?

Ele olhou para ela por cima do ombro largo, um vislumbre de algum pensamento não dito em seus olhos. No começo, ele não respondeu além daquele olhar momentâneo. Sua mão se moveu propositadamente enquanto ele continuava cortando.

— Eu soube no momento em que te vi, — ele finalmente explicou, recusando-se a olhar para ela. Colocando o cutelo no chão, ele puxou uma faca de um bloco a direita, legumes a esquerda. A lâmina cortou enquanto ele falava, acrescentando um aviso insidioso ao tom de sua voz.

— Você não é uma vítima. Não totalmente. A verdade está em seus olhos, sua linguagem corporal. Um olhar para você e eu sabia que você estava lutando por toda a sua vida.

Cativada pela batida rítmica, congelada no lugar enquanto observava seu braço se mover com absoluta precisão, ela perguntou: — Como você sabe disso? — A voz dela baixou para um sussurro, o olhar dela parou de observá-lo para ver a tela da televisão no canto da sala.

Max não mentiu. Todas as televisões de todos os quartos estavam sintonizadas na cela onde a irmã dela estava.

Dalila permaneceu imóvel na cama, onde estava acorrentada, a cabeça caída para frente, enquanto o desamparo pesava sobre seus ombros. O único consolo que Alice tinha era que Dalila estava aparentemente segura dentro daquele quarto. Era mais do que poderia ser dito para Alice. Mesmo estando sozinha e assustada, cega pelo capuz que cobria a cabeça, pelo menos Dalila não foi forçada a entreter o monstro.

Não é como Alice.

Limpando a garganta da emoção que brotava dentro dela, ela acrescentou: — Além disso, você está errado. Eu não sou uma lutadora.

O corte parou, seu braço direito se movendo para colocar a faca no balcão ao seu lado. Suas palmas pressionaram contra o granito preto, mas ele não se virou para olhá-la. — Eu sou?

Uma longa pausa ocorreu entre eles, apenas quebrada quando Max falou novamente. — Há pesadelos em seus olhos, Alice, uma escuridão sombria que é óbvia para qualquer pessoa que tenha experimentado isso em primeira mão.

Depois de colocar os legumes em uma panela para cozinhar e preparar os bifes na grelha do fogão, ele se virou para estudá-la. O som de carne crepitante preencheu o

espaço entre eles, o cheiro fazendo com que o estômago traidor de Alice se revirasse de fome rançosa.

Ela não tinha certeza quando ela tinha comido a última vez.

Observando cada expressão de Alice, mentalmente rastreando cada movimento e comportamento, Max permaneceu em silêncio, seu corpo grande encostado no balcão em suas costas.

— Eu conheci uma pessoa como você uma vez. Ele tinha os mesmos maneirismos, as mesmas características que o marcaram como algo *diferente.*

A atenção dela atraiu a boca dele, ela estudou o modo como os lábios dele se moviam quando ele falava, o modo como ele mantinha a cabeça levemente curvada de modo que ele a observava por baixo dos cílios grossos e manchados de tinta. Seu cabelo estava tão escuro que manipulava as sombras ao seu redor, misturando-o perfeitamente em seu ambiente.

O silêncio permitiu que suas palavras afundassem em seus pensamentos, para colidir contra os sussurros incômodos de que ela deveria estar fazendo algo além de ouvir suas declarações enigmáticas. Mas assim que as primeiras faíscas de raiva se acenderam dentro dela, ela forçou os olhos do rosto dele, desviando o olhar para a tela da televisão.

— Outro? Você está tentando afirmar que não somos humanos? — Isso explicaria como qualquer homem poderia

tão facilmente torturar outro ser humano. Ele tinha que ver essa pessoa como um objeto ou um animal.

Seus olhos seguiram os dela para a tela da televisão, uma expressão de pena suavizando suas feições. Ela pensou que ele falaria novamente, mas ao invés disso ele se virou para virar os bifes. Fumaça negra subiu em uma nuvem espessa para se misturar com o vapor que se acumulara acima da panela fervente.

— Não há *nós*, Alice. Só existe você.

Seus olhos se encontraram quando ele lentamente se virou para encará-la. Sua cabeça inclinou na direção da tela. — Ela não é outra. Só você.

A confusão a selou. Ela se cansou das declarações e palavras sem sentido. Suas explicações não revelaram nada. — O que você quer dizer com o outro?

— Você viu a escuridão, experimentou o Inferno... você lutou com os pesadelos toda a sua vida. Ele moldou você, moldou você e o diferenciou da maioria. Você é humana, obviamente, mas sua mente não é a mesma que a ovelhas sem valor que preenchem nossa sociedade. Você não se importa com o vazio, não perde tempo ocioso discutindo besteira. Você, de todas as pessoas, entende o que é ser assombrado pelo mal.

Suas sobrancelhas franziram, seus olhos se estreitando nele em descrença. — Não há como você saber disso sobre mim. Eu não lhe disse nada.

Ele sorriu. — Você não precisa me dizer. Eu já sabia.

Dispensando-a enquanto ela se sentava em um silêncio chocado, ele voltou sua atenção para a comida, puxando a carne da grelha para colocá-la em um prato no balcão. Alice observou a carne sangrar sobre o prato, o vermelho carmesim escorrendo na porcelana branca.

— Nós deveríamos comer, — disse ele, ocupando-se com os vegetais cozidos no vapor.

— Eu não estou com fome.

— Você está, — ele respondeu. Lançando-lhe um olhar insultado, ele acenou para uma porta atrás dela. — A sala de jantar é por ali. Espero encontrar você sentada à mesa. Vou abrir suas algemas se você prometer se comportar.

Ela não se mexeu. Não estava nela para obedecer, para se submeter facilmente a um homem que ela não conhecia. — E se eu não fizer?

Sem falar, ele se virou para olhá-la, uma única sobrancelha divertida se levantou em dúvida. Depois que eles se encararam por alguns segundos, seu olhar foi lentamente para a tela da televisão.

Era toda a resposta que Alice precisava.

Quinze

12:30

Paredes cinzentas.

Mesa preta.

Rosas vermelhas falsas e de plástico.

Tudo no lugar.

— Alice? ... Senhorita Beaumont? ... Alice Beaumont...

— Sim, doutor.

Cinco degraus do outro lado da sala, três degraus acima do tapete macio e estampado. Quatro almofadas. Uma manta branca estava solta sobre o braço da cadeira.

Alice abaixou-se para sentar no sofá, agarrou um travesseiro ao peito e levantou os olhos para olhar o médico.

Ele olhou para ela, sua postura rígida na cadeira, seu bloco de notas deixado sentado na mesa ao seu lado.

— Como você está hoje?

Ela não gostou que ele não tivesse assumido sua posição típica e relaxada. Onde estava a caneta dele? Por que o ambiente parece diferente?

— Melhor? — Ela adivinhou, desconfortável na presença do médico. — Eu acho.

Ela havia lhe dado a resposta que ele procurava?

Seu pulso pulsou no tempo com o relógio, seus olhos examinando a sala em busca de qualquer coisa que explicasse o estranho comportamento do médico.

Nada estava fora do lugar, até mesmo a torneira pingando ainda batia na pia com o mesmo ritmo de sempre. Mas além dessas marcas do passar do tempo, o silêncio entre eles era ensurdecedor.

— Como tem sido a sua vida diária, Alice? Você esteve ativa em algum passatempo recentemente? Você já se exercitou ou leu, por acaso?

Ela piscou. Foi o único sintoma exterior da surpresa que ela sentiu em suas perguntas. — Não. Pelo menos, eu não acho que eu tenho. Por quê?

Sua atenção inabalável a deixou nervosa. Mais segundos se passavam, batimentos cardíacos mais rápidos batiam sob suas costelas. Tendo chegado a alguma conclusão não dita, o médico assentiu uma vez antes de sentar na cadeira para pegar o bloco de notas e colocá-lo no colo.

Ela soltou a respiração de seus pulmões. A tensão se dissipou.

— Você parece mais forte hoje. Eu pensei, talvez, você se envolveria em uma atividade terapêutica. Eu assumo da sua resposta que eu estava errado em pensar isso.

A sala se endireitou, a atmosfera voltou ao normal. Ela se concentrou em sua declaração, sua afirmação de que, pelo menos na superfície, ela parecia mais forte.

— Você pareceu diferente para mim por um minuto. Rígido e... — Sua voz sumiu, quase um sussurro quando ela acrescentou: — Eu não sei. Apenas diferente.

Ele a estudou; a maneira como seus olhos se fixavam em cada movimento de seus lábios, em sua postura e nos pequenos tiques de seus músculos, enervando-a mais do que a maioria dos dias.

— Talvez você esteja se tornando mais consciente de si mesma. Do seu entorno. Em todas as sessões que tivemos, você foi fechada e cortada. Um mundo existe ao seu redor, Alice, mas parece que você se trancou dentro de uma pequena caixa protegida.

Ela não se trancou em lugar nenhum. Foi a vida que a empurrou dentro de si e jogou fora a chave.

Querendo voltar para a única coisa que era importante, Alice ignorou sua declaração. — Ele me chamou de lutadora. — Não foi até que ela falou as palavras que ela entendeu como eles estavam em completa oposição ao que o médico acreditava que ela fosse. Um homem acreditava nela como um rato assustado, enquanto o outro a chamava de leão.

— Talvez seja o que você quer ser, — sugeriu o médico. — Talvez Max não seja alguém separado, mas, sim, uma parte de você mesmo.

Não, ela pensou, Max definitivamente era algo à parte dela.

Recusando-se a responder à declaração ridícula, ela se encolheu, seu corpo fisicamente se curvando enquanto sua mente se afastava. Escondida atrás de uma parede que, embora não fosse física, ainda podia ser sentida, ela recuou

para um lugar onde as insinuações veladas do médico não podiam tocá-la.

Ele apenas fingia acreditar nela, enquanto sugeria que todas as vezes que falavam que ela era louca. — Ele me chamou de outro, — ela disse, com a voz forte porque sabia que não era louca.

O couro da cadeira executiva estalou quando o médico relaxou de volta contra ela. — E o que você acha que isso significa?

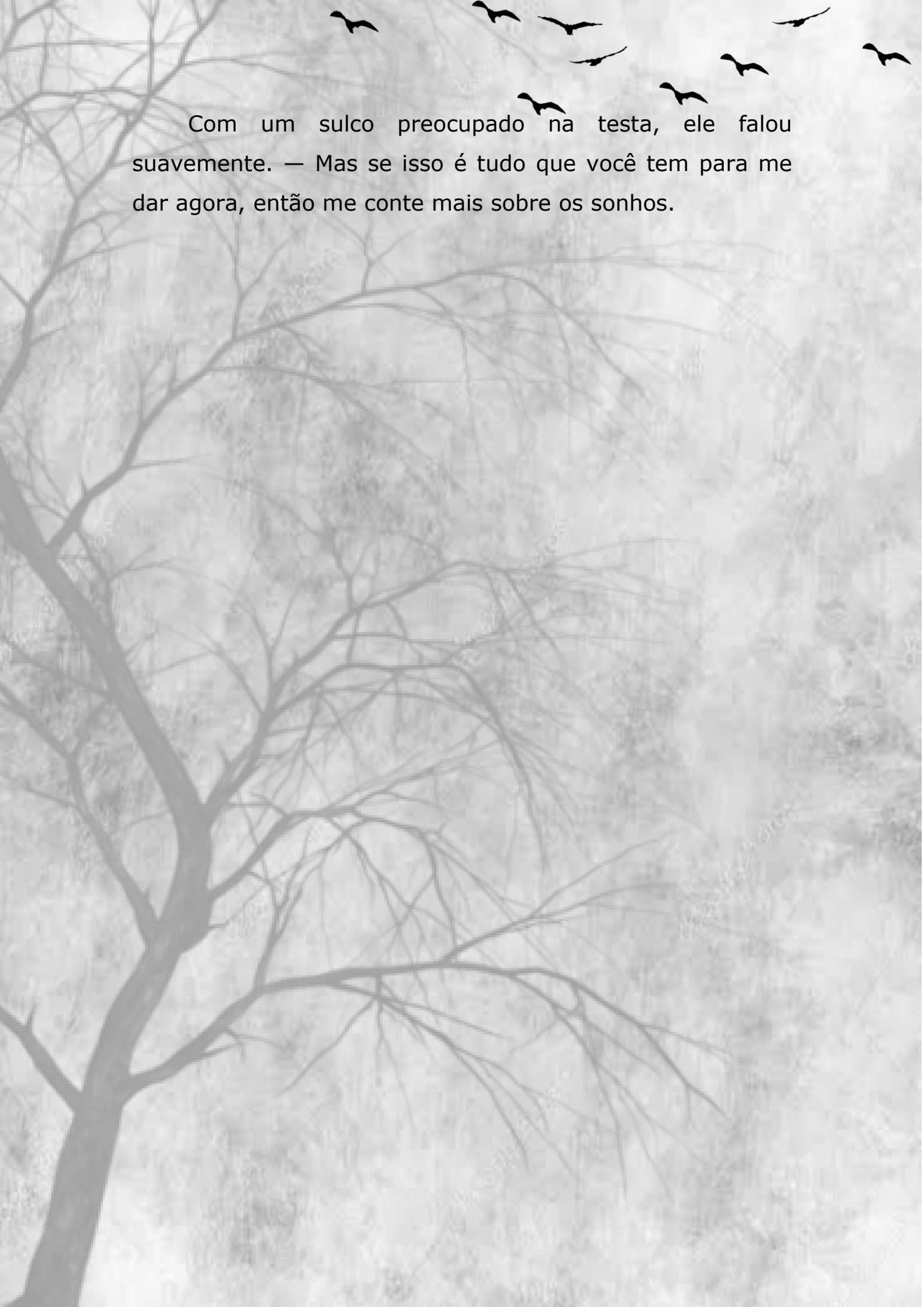
As palavras estavam na ponta da língua, mas ela não conseguia falar. Grossas e pegajosas, elas se agarravam ali, recusando-se a roçar os lábios até nos mais baixos sussurros.

Balançando a cabeça, ela apertou o corpo em uma bola. Sua cabeça descansou sobre os joelhos e seus braços tremeram com o quão firmemente eles seguraram suas pernas dobradas contra o peito. Cabelo loiro escorregou do rabo de cavalo que desceu pelas costas e ela se escondeu atrás daquele pedacinho como se fosse escondê-lo.

— Eu não posso te dizer, — ela admitiu, suas palavras quebradas pela emoção que continuou a atacando de dentro para fora. — Mas eu posso te mostrar. Os sonhos, doutor, todas as respostas que você precisa estão nos sonhos.

Lamentavelmente, ele respondeu: — Eu não acho que elas estão, Alice.

Sua caneta bateu.



Com um sulco preocupado na testa, ele falou suavemente. — Mas se isso é tudo que você tem para me dar agora, então me conte mais sobre os sonhos.

Dezesseis

— Você não tocou sua comida.

Os dentes do garfo de Max rasparam seu prato de cerâmica. Não era a melhor China. Ele disse a ela quando se sentaram pela primeira vez. Ele escolheu um conjunto mais barato, porque ele tinha certeza de que ela iria lutar com ele e quebrá-lo. Com o tempo, quando Alice aceitasse seu lugar, ele a alimentaria com o melhor que ele tinha.

Apesar de suas desculpas pelo cenário da mesa, as placas de cerâmica ainda eram melhores do que Alice jamais vira. Elas eram de um padrão simples, azul claro contra o branco imaculado. Os delicados redemoinhos de cor ao redor do perímetro a lembraram de um conjunto que sua avó possuía, discreto, mas elegante, falando com uma geração de pessoas que estava perdida há muito tempo. A sociedade moderna tinha se mudado da beleza do passado, no entanto, tudo sobre Max - seus maneirismos, suas roupas, sua casa e os pratos que estavam na mesa na frente de Alice - lembrou-a de um tempo muito antigo.

Mas a elegância estava perdida nela. A boa comida e vinho, a delicada toalha de mesa e guardanapos para combinar. A comida cheirava deliciosa, mas a atmosfera manchava tudo.

Ela era uma mulher presa, vítima de um homem que de alguma forma a levara cativa, e que a mantinha lá com a ameaça de ferir alguém que amava em seu lugar. Sempre

que Max falava dela, era só *quando* ela concordava e se submetia. Alice sabia que Max tinha o maior preço de barganha de todos, o colarinho que a mantinha no lugar. E com base em sua certeza de que ela acabaria aceitando a vida que ele estava criando para ela, ele também sabia disso.

— Eu não estou com fome, — ela admitiu, sua voz tão suave que era quase inaudível para seus próprios ouvidos.

O garfo de Max caiu em seu prato. O pequeno som era dissonante na sala silenciosa, os olhos de Alice erguidos para ver a raiva silenciosa no olhar de seu sequestrador.

— Você vai comer quando eu disser para você.

A loira clara de seus cílios tremulou sobre sua visão. — Mas se eu não estou...

Ela não conseguia terminar o pensamento, não com o modo como a mão dele apertava o rosto, as bochechas doloridas contra os dentes, os olhos tão arregalados quanto os belos pires que estavam sobre a mesa.

Ela se perguntou por que ele escolheu sentar na cadeira ao lado dela, e não na cabeceira da mesa. Ela não teve que se perguntar por mais tempo. Ele permaneceu ao alcance dela no caso da oportunidade surgir onde ele teria que corrigir o comportamento dela.

Inclinando-se, sua expressão - as narinas dilatadas e o corte afiado de suas maçãs do rosto - era uma ameaça mal controlada de raiva. No entanto, seus olhos permaneciam preguiçosos, a cor azul-claro pairando enquanto ele estudava o terror que corria em pequenos tremores em todo o corpo.

Ela nunca entendera que a emoção poderia ser uma coisa física, mas seu silêncio não disfarçava seu medo, não com os espinhos que lhe percorriam a pele ou o sangue que corria para suas bochechas enquanto as lágrimas caiam de seus olhos sem pestanejar.

— Quando eu lhe disser para comer, você come. Você não terá permissão para definhar nesta casa. Você não vai destruir o corpo que agora pertence a mim. Eu não vou deixar.

Se ele tivesse gritado as palavras, elas teriam sido menos ameaçadoras do que a maneira fria com que ele as havia falado naquele momento. Como a lâmina de uma faca afiada, elas cortaram seus sentidos, abrindo-a em lugares que ela preferia permanecer escondida do mundo.

Ela sabia então que isso é o que os monstros poderiam fazer quando te pegassem sozinha. Eles rasgariam você aos pedaços devagar, metodicamente, porque eles tinham todo o tempo do mundo.

Se ao menos seu pai tivesse sido capaz de lhe dizer o que fazer quando acordasse nos braços do monstro. Ela nunca teve a chance de fugir ou recusar. Ela foi levada sem saber que a ameaça estava lá. E agora ela foi despojada do mundo. Sozinha. Apavorada. À mercê de um homem que a capturou quando ela não estava ciente.

Com uma mão, ele a segurou, seus dedos apertaram suas bochechas até que seus lábios se pressionaram contra a força de seu aperto. Pegando um pedaço de bife de seu

prato, ele colocou entre os lábios, as especiarias que ele usou para cozinhar uma explosão de sabores dentro de sua boca. Soltando seu aperto no rosto, ele se sentou de volta, estudando-a enquanto o pequeno pedaço de carne permanecia sobre sua língua.

— Engula, Alice.

Odiando-se por lutar contra essa pequena faísca de rebelião dentro dela, ela fez o que lhe foi dito. Engolir a mordida levou esforço, e quando finalmente deslizou o nó em sua garganta, caiu como uma pedra em seu estômago, contorcendo-se no ácido agitado de seu medo.

Quando ela não se moveu para dar outra mordida, seu garfo deitado inútil contra o padrão delicado da placa de cerâmica, ele ergueu uma sobrancelha questionadora. — Devo continuar a alimentá-la eu mesmo? Ou você acha que pode comer sem ser forçada?

Uma ameaça velada, uma pergunta tenra. Ela não queria comer, não achava que era possível forçar outra migalha a passar pela garganta que continha seu grito silencioso. Mas que escolha ela tinha?

Apenas a que ele deu a ela.

Quinze minutos se passaram, os olhos de Max se fixaram e focalizaram na pequena mulher enquanto ela pegava o jantar em seu prato. Ele estudou cada movimento que ela fazia, a comida que ela comia, a maneira como ela mastigava lenta e completamente para garantir que ela não engasgasse com os nutrientes que ele preparou.

Se dependesse dela, ela teria passado fome daquele corpo até não restar nada além de pele e osso. Ele não pertence a ela mais, então por que ela cuidaria dele? Se ela era realmente sua possessão agora, ela não queria nada com isso.

— Obrigado, — ele sussurrou, sua mão atravessando o prato para descansar. O garfo caiu de seus dedos, a cabeça inclinada de modo que apenas os restos de comida deixados no prato eram visíveis para os olhos cheios de lágrimas.

Tirando a mão da dela, tirou o guardanapo do colo, colocando-o sobre a mesa sem soltá-la de seu olhar frio e calculado. — Nós devemos limpar a mesa, Alice. Eu não posso funcionar a menos que tudo esteja limpo e em seu lugar.

Ela odiava tudo sobre o homem que se recusou a libertá-la de seu aperto amarrado. A formalidade dele, as maneiras, a rotina que ele tentou forçar entre eles. Famílias jantavam juntas. Famílias limpavam a mesa e lavavam os pratos. Mas não gosto *disso*. Não com *ele*.

Ousando questioná-lo, ela engoliu seu medo, sua mão alcançando para limpar a umidade queimando de seus olhos. — Por que você está fazendo isto comigo? Por que você está me torturando com toda essa besteira? — A mão dela voou sobre a mesa, os pratos que tinham sido colocados tão lindamente foram espalhados até que eles se chocaram contra a parede e o chão.

Ela esperava ser contida por seu comportamento, esbofeteada ou chutada, estuprada ou espancada, mas nenhuma dessas coisas ocorreria.

Sem comentar, Max observou os pratos voar através da sala, os padrões delicados se quebrando nas mesmas peças minúsculas que o coração e a mente de Alice. Somente quando o último fragmento assentou seu clamor frenético contra o chão, ele voltou a olhar para ela.

Um sorriso tímido puxou seus lábios, pensamentos não verbalizados óbvios por trás do brilho de seus olhos azuis.

— Você me testa bem em tudo que você faz.

Ele permitiu que esse comentário ficasse entre eles, permitiu que sua raiva aumentasse até que fosse um cobertor cobrindo seu medo. Com uma voz que não mostrava nada das emoções que sentia, ele disse: — Você é tão fácil, Alice. É tão previsível. Continuo esperando que você faça alguma coisa para me surpreender.

— Foda-se você. — Suas palavras saíram em uma respiração trêmula, raiva sobre suas cordas vocais enquanto sua boca se curvava em um sorriso de escárnio.

Finalmente, tendo-o forçado ao seu ponto de ruptura com duas palavras simples, ela aprendeu sobre a violência no homem que a roubou.

Ele atacou antes que ela pudesse reagir ao seu movimento, seus dedos fortes segurando seu cabelo loiro fino, torcendo o comprimento de suas tranças até que eles envolveram sua mão e antebraço. Alice gritou em resposta

chocada a princípio, mas logo aquele som foi uma manifestação da dor ardente que se espalhou como fogo em seu couro cabeludo.

Puxando-a para perto de modo que seu corpo se levantasse de sua cadeira e pendesse sobre seu colo, ele ignorou seus pedidos angustiados. Ele baixou os lábios contra o ouvido dela.

— Eu avisei você. Não tente minha paciência, Alice. Estou tentando não machucar você.

Apesar de suas palavras, apesar da maneira controlada de sua voz, a besta dentro dele subiu à superfície, seus olhos sombreados com raiva e raiva justa quando ele a forçou para o chão. Levantando-se de seu assento, ele deu passos deliberados ao redor da mesa, ainda apertando o cabelo de Alice em sua mão. Ela não teve escolha a não ser rastejar a seus pés, uma mulher transformada em um cão patético pelo homem que reivindicou seu destino.

Atravessando a sala, ele finalmente a soltou na parede onde os pratos tinham quebrado, seu corpo caindo impotente no chão, tão quebrado quanto os cacos que ela havia jogado.

— Limpe a merda.

Seu corpo tremeu aos pés de Max, uma mão cortada e ensanguentada onde foi rasgada pelos cacos, a outra alcançando sua cabeça, para saber se ele arrancara o cabelo de seu couro cabeludo. Os tremores a incapacitavam, e a dor impedia que ela encontrasse a força para fazer o que ele havia instruído.

Ajoelhando-se, Max olhou para Alice, a palma da mão tocando suas costas como se seu contato pudesse confortá-la. — Eu tento ser civilizado, Alice, eu faço. Mas há regras, regras básicas que você precisa aprender e seguir.

Sua palma acariciou suas costas, finalmente alisando a bagunça que ele fez em seu longo cabelo loiro. — Você me faz fazer essas coisas. Você piora as coisas quando não se comporta. Eu posso me controlar, se você puder se controlar.

— Deixe-me ir e eu vou me controlar muito bem, seu bastardo doente! — Ousando olhar para ele, ela olhou em seus olhos. — Que tal isso? Você está doente, porra! Eu te surpreendi agora?

Sua mão a deixou de costas e ela se encolheu esperando que ele golpeasse. Se ela pudesse empurrá-lo a um ponto em que ele se perdesse completamente, talvez ele acabasse com tudo isso - bem aqui e agora. Machucou-a tanto que ela escapou para o éter e para longe do tormento e da dor incapacitante.

Mas Max não levantou a mão contra ela pela terceira vez, não se atreveu a soltar sua raiva contra ela. Ele não daria a ela o que ela mais queria: escapar do pesadelo que ele criou para ela.

Em vez disso, ele ficou acima dela, parando por alguns segundos tensos antes de ir embora devagar. Alice se forçou, seguindo o caminho que ele fez com os olhos inchados e cansados das lágrimas salgadas e quentes que ela chorou.

— Onde você vai? — Ela gritou.

Max parou antes de passar por uma porta, o rosto olhando para os sapatos, recusando-se a reagir a qualquer coisa que ela dissesse aparente no conjunto de seus ombros largos. Sem respondê-la, ele puxou um telefone do bolso, o polegar correndo pela tela que ela não podia ver antes de um pequeno bipe soar à distância. O metal deslizou contra metal, uma fechadura se soltando em um quarto ao lado daquele em que Alice estava amarrotada como uma boneca abandonada.

Ele suspirou, seus ombros rolando para trás enquanto a cabeça levantava para lançar os olhos no teto. Com uma voz suave como cetim, ele respondeu: — Cuidado com você mesmo. Eu avisei você, Alice. Você só tem a si mesmo para culpar.

Foi toda a resposta que ele deu a ela antes que seu corpo grande desaparecesse em outra sala, o peso de suas palavras deixadas pairando atrás dele para golpear o pânico na mulher que ele deixou amarrotada no chão.

Clareza repentina trovejando através de sua mente desenfreada, Alice sabia quem iria sofrer agora que ela se atreveu a se comportar mal.

— Não, — ela balançou a cabeça, entendendo acender um fogo dentro dela que a fez ficar de pé.

— NÃO! — Ela gritou, atravessando a sala para segui-lo, para impedi-lo do que ela sabia que ele faria.

Dezessete

12:30

Paredes cinzentas.

Mesa preta.

— Alice? ... Senhorita Beaumont? ... Alice Beaumont...

— Sim, doutor.

Cinco passos pela sala.

...gotejamento...

Ainda assim, mas nada era seguro.

Não mais.

Tomando seu assento habitual no sofá, Alice não se incomodou com amabilidades antes de enrolar seu corpo magro em uma bola.

Algo aconteceu que a assustou tão completamente que ela não conseguiu controlar seu coração acelerado, não podia controlar o modo como o ar congelava em seus pulmões a cada respiração instável. Seus membros tremiam em resposta a qualquer ruído que ela ouvia, seus músculos contraídos pelo medo constante que os prendia com força em seus ossos doloridos. No entanto, quando ela tentou identificar a causa, seus pensamentos se espalharam através de um vento violento que continuou a derrubá-la.

— Alice? Está tudo bem? Você não olhou para mim uma vez desde que você esteve aqui.

Ela balançou a cabeça, como se o pequeno movimento respondesse a todas as perguntas que pudesse fazer a ela. Debaixo de seus braços, seu estômago revirou, o gosto amargo de seu terror borbulhando em sua garganta até que ela mal conseguia evitar vomitar.

Preocupado, o médico se inclinou para frente, sua mão estendendo o espaço entre eles até que as pontas dos dedos tocaram suavemente seu ombro. — Alice?

— Ele machucou ela.

Ela não sabia de que parte dela as palavras vieram. Tudo o que ela sabia é que elas doíam tanto que ela tinha que dizê-las em voz alta, simplesmente para encontrar uma libertação de sua agonia. Como se compartilhar as palavras tirasse pelo menos uma pequena parte da dor que causavam.

O médico não respondeu imediatamente. Sua mão mantinha o contato entre eles, seu corpo permanecia perfeitamente imóvel para não assustar a mulher que desmoronava na frente dele. Somente quando Alice soltou um suspiro duro ele finalmente falou de novo.

— Eu não deixei você terminar essa parte, Alice. Eu não sei se você está pronta para isso. Ainda não.

Um latido de riso sacudiu seu peito. — Eu sonhei. Não é como se eu não soubesse o que ele fez com ela.

— Sim, mas é real para você quando você não contou a ninguém sobre isso? Eu não percebi até a nossa última

sessão... — Ele fez uma pausa, um suspiro soprando em seus lábios antes de admitir, — eu tive que te conter Alice.

Seus olhos se abriram com suas palavras, a súbita onda de luz suave a surpreendeu porque ela não tinha percebido que eles estavam cerrados antes.

— Restringir-me? — Seus braços tremiam, o pânico percorria suas veias com tanta violência que ela temia que sua pele se rompesse com o ataque. — Como você me conteve?

Sua voz era suave e sussurrada. — Não importa, e não foi por muito tempo. — Outra pausa, suas palavras foram medidas para garantir que não a assustassem mais. — Mas esse não é o ponto, Alice. O ponto é que esses sonhos estão destruindo você.

Ela já estava destruída. Os sonhos não poderiam a destruir mais. Mas ela optou por não dizer isso ao médico. Ela não queria que ele soubesse o quão longe ela havia caído.

— Eu vou aumentar a dosagem de seus medicamentos.

— Não, — ela respondeu abruptamente, cortando as palavras que ele pretendia dizer.

— Alice...

— Eu disse que não! — Raiva forçou seu corpo a endireitar-se, para ela tirar o ombro do pequeno contato que tinha com o Dr. Chance. Sua cabeça virou em um ângulo doloroso, ela olhou para ele, lutando para controlar o volume de sua voz.

Agindo loucamente não iria ajudá-la. Isso só provaria o médico certo.

— Eu não quero esquecer os sonhos e isso é tudo o que você está tentando fazer com os remédios que você está me dando. Eu quero conhecê-los. Eu *tenho* que conhecê-los. Eu não tomo as pílulas, doutor. Eu não vou tomá-las.

Seus olhos se abriram de surpresa, mas sua voz não combinava com sua expressão. Calma, fria, moderada de uma forma que só poderia ser aperfeiçoada por um profissional treinado, sua voz disfarçava qualquer verdade que existisse para seus sentimentos pessoais. — Você pode afirmar que, de fato você não tome o remédio, Alice?

Olhando para ele com olhos cansados e nebulosos, ela acenou com a cabeça para a pergunta. — Sim, — ela respondeu debilmente antes que a confusão encontrasse o caminho de volta para se misturar com os pensamentos lúcidos que ela se apegara. — Não. Eu não sei.

A clareza tinha sido uma coisa passageira, quebrando a névoa para permitir que um feixe de luz brilhante invadisse o que sempre foi um quebra-cabeça enigmático e impossível. Seu corpo relaxou contra as almofadas do sofá macio, seu dedo brincando à toa com uma corda desgastada de seu enorme suéter verde.

Verde. Foi a primeira vez que ela notou algo sobre si mesma em quanto tempo?

— Por que? — Ela perguntou sobre palavras que foram esmagadas dentro de sua garganta, — por que você teve que me conter?

Uma caneta bateu no bloco do médico uma vez, duas vezes, antes que a ponta estivesse rabiscada na página. Sua caligrafia forte era uma lavagem de azul sobre branco, criando palavras que tinham pouco significado para Alice, se não conseguissem pegar os pedaços de sua vida fraturada e colocá-los de volta juntos.

— Eu pensei, por um momento, que você se lembrou de algo fora deste escritório.

Havia uma posição particular que ela normalmente tomava quando rodeada pela serenidade do consultório médico. Suas pernas puxaram para cruzar em uma posição emaranhada que a lembrou de um arco e seus dias passados no jardim de infância. Ela tinha braços finos que haviam perdido tanta massa muscular que a pele estava flácida e acenando logo abaixo dos ombros. Como duas costeletas de frango cru, a pele se agitava quando ela moveu os braços para enrolar em torno de seu corpo, enjaulando-a em uma falsa sensação de proteção.

Uma vez que ela assumiu a postura que a protegia do mundo fora de si mesma, lançou um olhar suave para o homem que sempre fora tão paciente.

— Eu me lembro dos sonhos, — ela insistiu, arrancando a conversa do presente e batendo de volta sob as correntes dos pesadelos que ela suportou por muito tempo.

Ela estava traçando uma linha entre eles, uma marca longa e reta entre dois pontos, diferente do que havia sido desenhado para ela quando seu corpo estava dormindo. Aquela linha tinha sido uma fera diferente, uma bagunça infinita porque tinha um começo claro, mas sem fim definido.

O médico cruzou a linha que ela desenhou, um ato muito mais corajoso do que qualquer coisa que ela pudesse realizar.

— Eu quero falar sobre *antes*, Alice. Para as memórias que você teve que ocorreram antes que sua vida fosse dividida.

Quando ela não se queixou abertamente, ele especificou: — Eu quero falar sobre seu pai.

Seus olhos se cerraram novamente. — Meu pai era um bêbado. Quando ele estava sóbrio, ele cuidava de sua família, e quando ele não estava, ele queria que todos nós morrêssemos. Ele me assustou o tempo todo falando sobre os monstros em nosso mundo. Enquanto isso, ele era um deles. Não há muito mais que eu possa dizer sobre ele.

— Mas há mais, não há? — Inclinando-se para fechar a distância que Alice desejava que permanecesse entre eles, seu rosto era uma máscara de simpatia sob a luz suave, seu cabelo era marrom-amarronzado que emoldurava seu rosto anguloso e seus lábios macios.

Foi a primeira vez que ela prestou atenção às suas feições em uma luz que permitiu que ela as visse. Ela ficou impressionada com a maneira como as sobrancelhas dele se

franziam sobre os olhos, a maneira como os óculos dele se agarravam à ponta do nariz, porque outro centímetro à frente e eles se soltavam. — Você parece tão familiar.

Sua voz não daria seus pensamentos particulares, mas a expressão em seu rosto certamente fazia. Confusão se torna óbvia quando pintada através de olhos questionadores e uma boca que puxa para dentro de uma linha tensa e estreita. — Estamos nos encontrando há um tempo agora, Alice. Espero que pareça familiar.

— Os sonhos, Doutor. Deixe-me terminar os sonhos e eu vou te contar tudo o que você quer saber.

Resignado, ele relaxou de volta contra sua cadeira. — Na nossa próxima sessão, você vai me dizer? Você vai falar comigo de *antes*?

Ela assentiu com a cabeça em silencio acordo. Ela concordaria com qualquer coisa se isso significasse que ela poderia salvar Dalila.

— Tudo bem, mas comece com o que aconteceu depois que Max voltou do porão. Eu não quero que você fique tão chateada que não possamos terminar esta sessão.

— Ele a estuprou, doutor.

— Alice...

Seus olhos frenéticos se encontraram com os dele. — Ele estuprou ela bem ali na câmera para eu ver. Ela... Ela...

Seu corpo tremeu quando as imagens passaram, detalhando o modo como a saia de sua irmã tinha sido levantada, o modo como seu rosto coberto fora empurrado

contra o colchão para que ela não pudesse gritar ou respirar. Quando ele terminou, impressões digitais vermelhas pontilhavam a pele branca das pernas da força que ele usou para mantê-las separadas.

— Eu não preciso dos detalhes do ataque, Alice. Por favor, comece com o que aconteceu depois.

Dezoito

O canto da sala onde ela estava enrugada e quebrada era a única muleta que ela poderia encontrar para evitar que ela se espalhasse completamente. Diante dela, havia uma porta de aço pintada para parecer madeira simples, sua superfície dura e fria disfarçada para se assemelhar ao calor amadeirado.

Um assobio pneumático seguiu o bipe elétrico, uma pequena luz vermelha piscando em verde antes de a porta ser aberta em um interior sombreado. Um monstro encheu a porta com ombros largos, cintura fina e coxas tão grossas de músculo que desafiaram as costuras das calças de linho que ele usava para cobri-las.

Seus passos pesados foram o primeiro aviso que ele deu quando entrou na sala, parando perto de onde seus pés estavam presos nas pernas que eram inúteis para segurá-la.

Inclinando a cabeça da maneira que zombava dela com familiaridade, ele franziu os lábios, um observador silencioso do sofrimento dela.

— Você terminou de limpar?

As palavras eram surpreendentes em sua normalidade, uma pergunta feita um milhão de vezes por um milhão de bocas e vozes diferentes. Mães para seus filhos, maridos para suas esposas, professores para os alunos que enchiam suas salas de aula dia após dia até as semanas de verão

preguiçosas mudavam de algo prometido para algo realmente vivido.

Alice imaginou se, naqueles milhões de vezes, a pergunta tivesse sido feita em uma situação tão sombria e sem esperança quanto aquela em que ela se encontrava presa.

— Não, — ela confessou, querendo lançar a pergunta de volta para ele como pesada e sólida como a maneira que ele jogou para ela. *Você limpou, seu mesquinho bastardo, depois de machucar uma mulher que não fez nada para você?*

Com sua mão estendida, ele balançou os dedos convidando-a a agarrar para que ele pudesse levantá-la de seu assento amassado. E sabendo o que sua rebelião traria se ousasse recusá-lo, ela estendeu a mão para lhe dar tudo o que ele esperava, apesar da maneira como sua pele se arrepiava com o calor úmido de sua palma.

Levantá-la foi sem esforço, uma flexão rápida de um bíceps que era três vezes o tamanho de seu braço. Instável em seu coração e corpo, ela caiu para frente até que foi pressionada contra ele, seus braços envolvendo em torno dela enquanto seu queixo descia para descansar no topo de sua cabeça. — Um dia desses, vamos fazer você cumprir a tarefa, Alice. Você será capaz de lembrar de coisas sem que eu tenha que lembrar você.

Desesperada para se afastar, ela desmoronou contra ele porque sabia que tinha que aceitar o abraço indesejado.

Um relógio soou à distância, oito horas, anunciado pelos sinos tocando o som de Westminster, um mórbido rastejar de melodia que forçava suas emoções a se transformarem em lágrimas quentes e pegajosas.

Só quando o relógio bateu os oito gongos solitários, seu captor falou novamente.

— Venha comigo, Alice. Precisamos limpar a bagunça que você fez.

A bagunça que você fez, ela pensou, sua boca apertou forte para que ela não falasse acidentalmente as palavras que arranhavam a superfície. Um ataque dentro dela, ela queria desenterrá-los e empurrar as palavras para o espaço que pairava entre elas.

Eu não estaria aqui para fazer essa bagunça se você não fosse um idiota tão depravado e cruel.

No entanto, o silêncio demorou-se fortemente quando os pés dela pisaram, meio arrastando-se para a sala de jantar onde os pratos estavam quebrados e imóveis, o padrão delicado que outrora fora tão bonito cortado com a evidência de sua violência.

Deixando-a de joelhos, Max ficou acima dela, observando enquanto ela juntava as peças fragmentadas. Cada peça poderia ter sido uma parte de si mesma, seu coração e alma divididos no meio, sua liberdade e dignidade esmagadas sob as batatas vermelhas assadas que tinham sido aromatizadas com sal e alecrim.

Formando uma pilha de pedaços maiores de comida e cerâmica, ela deixou para trás a poeira que estava espalhada, pequena demais para ela manejar com as mãos trêmulas.

— Eu preciso de uma pá de lixo, — ela admitiu, vacilando para finalmente ouvir o jeito que sua voz estava cheia de emoção.

Ele a olhou da altura que estava acima dela, sua máscara furiosa se dissolvendo em pena e simpatia. Como se cada ângulo afiado de seu rosto estivesse descascando para revelar outra pessoa por trás, alguém que pudesse sentir a mesma dor que infligiu.

— Há uma pá e vassoura no armário da despensa. Enquanto você administra isso, eu vou limpar o que sobrou da mesa. Quando você terminar, eu vou estar na cozinha lavando a louça. Você deve me encontrar lá para que você possa passar um remédio.

Ela assentiu com a cabeça, incapaz de falar em volta do nódulo de ódio que infeccionou na base de sua garganta.

Seus passos pesados marcavam a distância crescente que ele colocou entre eles, sem pressa e com certeza, eles falaram sobre o controle que ele sabia que tinha ganho sobre ela tão facilmente. Depois que os passos de provocação desapareceram completamente, ela se levantou do chão e encontrou o armário com a vassoura e a pá esperando.

Talvez fossem suas lágrimas amargas que a fizeram se mover lentamente para limpar a bagunça, ou um esforço

subconsciente para atrasar o tempo que ela teria para fingir que lavar louça com um louco não era uma coisa lamentável. Mas, como qualquer tarefa, ela chegou ao fim, despejando o que sobrou de sua rebelião em uma lata de lixo de plástico forrada com uma sacola plástica branca.

Max ficou de frente para a pia, os ombros se movendo sob o tecido preto de sua camisa, o cabelo na altura dos ombros uma bagunça emaranhada onde pendia em ondas selvagens. Alice ficou de pé e o encarou por vários minutos imaginando se ele sabia que ela vagava atrás dele observando o modo como seus braços trabalhavam, polindo os restos do jantar que ele cozinhara para a primeira noite juntos.

Seus olhos traçaram as linhas de seus ombros e costas, os músculos que estavam amarrados e parcialmente escondidos sob as dobras de sua camisa outrora finamente passada. Enrugada agora, o tecido escuro estava esticado sobre as omoplatas antes de cair em uma bagunça desgrenhada, onde seguiu o apertado mergulho em direção aos quadris. Se eles não tivessem se reunido de uma maneira tão horrível, ela se sentiria atraída pelo homem que lavava os pratos em silêncio, ficaria impressionada com o físico que falava com tudo que era masculino e forte sobre ele.

Uma ilha de cozinha estava entre eles com armários brancos e balcões de granito preto. Foi um toque de modernidade contra as características vintage da casa de

estilo Queen Anne. Ela se perguntou quando ele remodelou o local, mas sabia pelos aparelhos de aço inoxidável que não poderia ter sido assim desde que ele tinha os eletrodomésticos caros instalados. Seus olhos foram para a quantidade de aparelhos que cobriam a frente da grande geladeira e se perguntaram por que alguém precisaria de uma cafeteira na porta do freezer. Os tolos e seu dinheiro eram tão facilmente separados.

Aproximando-se, ela continuou mantendo Max em sua visão periférica enquanto ela olhava aqui e ali pela sala, seus olhos seguindo um caminho aleatório até pousar no aço brilhante do cutelo que estava inanimado no balcão atrás de Max. A tentação brilhou sob as luzes da sala, seus dedos se curvaram em sua palma, suas unhas entalhando círculos de meia lua em sua pele enquanto ela ponderava o que poderia ser feito com uma arma tão robusta quanto a que estava ao seu alcance.

Dando um passo hesitante para frente, ela rastejou tão silenciosamente quanto um rato, e aproximou-se com os músculos cerrados firmemente sobre o corpo, esperando que ele notasse. Ele não se virou, se moveu, nem disse uma palavra quando ela se aproximou do objeto feroz que poderia levá-la à salvação.

Alcançando com a mão trêmula, ela passou as pontas dos dedos sobre a superfície lisa da alça, recuando no último minuto por medo de que ele de alguma forma soubesse o que ela estava fazendo. Mas Max não reagiu, pegando um

prato da água com sabão para esfregá-lo com a bucha que segurava e enxaguá-lo sob o fluxo constante da torneira.

Recuando o braço para o cutelo, imaginou imbecilizar a lâmina afiada na parte de trás de seu crânio. Envolvendo os dedos finos ao redor do cabo, ela se encolheu ao ouvir seu peso deslizar pelo balcão enquanto encontrava forças para pegá-lo.

— Você sabe quanta força seria necessária para fazer o que você está planejando fazer?

No instante em que sua voz quebrou o silêncio, seus dedos soltaram o cabo, a lâmina pesada caindo para clamar sobre o azulejo de pedra escura que estava intocado sob seus pés. Ela recuou ao som de metal e madeira contra o chão e olhou para baixo para ver que a pedra não estava quebrada.

Max olhou para ela por cima do ombro, uma sobrancelha escura e questionadora perfeitamente arqueada sobre um conjunto inteligente de olhos azuis cintilantes. — Você sabe a força que seria necessária para realmente me matar com aquele cutelo? Eu não tenho certeza se você tem isso em você, Alice. — O queixo dele assentiu na direção da arma que agora estava inútil no chão. — Escolha isso, você faria? Precisa ser lavado também.

Ela o odiava por tudo que ele já havia feito com Dalila e ela, mas o odiava mais pelo tom casual em que ele falava. Como se ele não tivesse apenas a arrastado pelo chão pelos cabelos, ou pior, a violência desprezível que ele cometeu

contra uma pessoa que ela amava simplesmente porque ela ousou desafiá-lo. Um arrepio percorreu sua espinha e ela imaginou os mesmos hematomas que pontilhavam a pele da irmã, fazendo com que sua constelação de dor subisse até que ela estivesse tão espancada e marcada, marcada pelas mãos grandes e fortes de um homem que não se importava com o problema, com a devastação que permaneceu em seu rastro.

Quando ele olhou para ela novamente, um sorriso puxando o canto de seus lábios esculpidos, ela se inclinou para pegar o cutelo e caminhou ao redor da ilha para ficar ao lado dele na pia. Ele arrancou a arma dos dedos dela e afundou-a na água ensaboada antes de lhe entregar um pano de prato para secar o prato que ele entregou a ela em seguida.

Quando eles se acomodaram em uma rotina de lavar, enxaguar e secar os pratos e panelas, Alice pensou que iria gritar se não fosse por mais nada além de romper o cruel silêncio que envolvia os dois como uma mortalha sufocante.

— Muitas pessoas acham que é fácil esfaquear alguém no peito ou nas costas, possivelmente no rosto ou no pescoço, e fazer com que morram de hemorragia.

Ele falou como se estivesse discutindo algo tão mundano quanto o tempo, ou um filme que ele tinha visto em uma preguiçosa noite de sexta-feira. Ele não se incomodou em olhar para ela, seu olhar fixo na tarefa, os pratos que precisavam ser limpos e polidos para um brilho,

para que eles satisfizessem sua necessidade de uma casa limpa e arrumada. Olhando para o prato em sua mão, Alice odiou o reflexo que a encarou, os olhos sem vida de uma mulher que se submetia tão facilmente enquanto mal brigava.

— Mas não é fácil. É preciso saber onde esfaquear se você deseja desabilitar seu oponente. E é preciso força para afundar a lâmina profundamente o suficiente para que perfure um órgão vital ou danifique um músculo de tal maneira que torne o membro inútil. Mesmo assim, se o seu oponente for forte o suficiente, ou tiver uma alta tolerância à dor, a única facada servirá apenas para irritá-lo, então você terá que continuar esfaqueando, repetidamente, até ficar coberto pelo sangue dele, spray de líquido quente e grosso contra a sua pele, o suficiente para fazer qualquer pessoa decente vomitar por ter cometido o ato.

Ele se virou para ela naquele momento, seu corpo perigosamente perto do dela, seu cabelo roçando seu ombro enquanto ele inclinava a cabeça em questão enquanto zombava dela com olhos preguiçosos e admiradores. Examinando seu corpo, seu olhar líquido começou em seus quadris, fixando-se em seus seios enquanto eles trabalhavam até chegarem a trancar com o terror por trás de seus olhos. — Você acha que poderia fazer isso, Alice? Para mim ou para qualquer outra pessoa que te irrita?

Como se a desafiasse a cometer o ato, ele puxou o cutelo da água com sabão, lavou-o devagar até que todos os

vestígios da carne que ele usou para cortar estivessem ausentes da lâmina e entregou a ela para enxaguar e secar a um polimento perfeito. A lâmina estava pesada em sua mão enquanto ela trabalhava a toalha sobre a superfície, o medo refletido de volta para ela por trás da cor azul escura do seu olhar avermelhado pelas lágrimas que não pararam de cair.

Ela encolheu os ombros antes de engolir o nó venenoso de ódio fervente e irregular que entupiu sua garganta e cortou o ar que precisava respirar em seus pulmões. — Você disse que eu era uma lutadora. O que faz você pensar que eu não poderia?

— Eu nunca disse que você não podia, — ele finalmente respondeu, sua mão trabalhando lentamente sobre uma bandeja que ele usou para levar a comida para a mesa. — Eu disse que você não tem isso em você, não a menos que você tenha sido empurrado tão longe. No entanto, nesta casa e nesta situação particular, você é impotente para fazer qualquer coisa com aquele cutelo porque você só acaba se matando no processo.

Um tremor se arrastou ao longo de sua espinha aninhada na base de seu pescoço, o cabelo em pé no final, onde se estabeleceu. — Você usaria o cutelo em mim? — Era uma esperança que ela não podia se permitir digerir completamente porque muitos outros fatores entraram em jogo. Ou seja, que se ela morresse, o que aconteceria com sua irmã?

— Eu nunca usaria isso em você. — Falou com um tom de fato que cobria a escuridão em sua voz, ele lavou outro prato antes de falar com ela novamente. — Mas esta casa é impossível escapar a menos que você saiba os códigos, e morrer de fome ou sede pode não ser o caminho mais agradável para ir. Matar-me só iria prendê-la em uma gaiola, Alice, uma gaiola que você não tem esperança de escapar a tempo.

Sua mente girou em uma espiral vertiginosa, a verdade de suas palavras batendo contra ela. Pensamentos trouxeram de volta à sua mente todos os painéis metálicos e luzes piscantes que provavam transformar uma simples chave ou fechadura não a entregariam à liberdade. Ela odiava a tecnologia enquanto a observava no mundo moderno enquanto crescia, e ela odiava isso mais do que nunca. Dispositivos modernos serviram para colocar as pessoas em todo o mundo em contato umas com as outras ao toque de um botão, enquanto os removiam de participar todos os dias de viver com as pessoas que estavam sentadas ao lado deles. Agora, como a situação em seu caso havia acabado, isso também a impediu de fugir de um homem que ela desejava que existisse em outra parte do planeta longe de onde ela ou sua irmã haviam vivido suas vidas comuns e não trágicas.

Depois de terminar o último prato, ele a observou enquanto ela secava colocava em uma prateleira.

— Nós dois tivemos um dia difícil. Acho que é hora de vermos se podemos dormir um pouco.

Alguns segundos antes e ela teria jurado que a situação não poderia piorar, mas ele provou seu erro com duas frases.

Suas pernas ficaram gelatinosas sob ela, suor viscoso estendendo-se para agarrar o tecido de seu vestido e abraçá-lo com força contra sua pele. — Cama? Eu sou... Somos nós...

Ele a estudou com diversão, a altura que ele tinha sobre ela fazendo-a se sentir como uma criança pequena. Com um olhar calculado que era tão misterioso e belo como um iceberg que se erguia de tal forma que sua barriga rompesse a superfície, seus olhos eram tão frios e implacáveis quanto o oceano que abrigava aquelas mortíferas ilhas de gelo que haviam afundado tantos navios.

— Suba as escadas até o quarto. Sente-se na beira da cama. Eu vou em um momento para lhe dar suas roupas de noite.

O pânico se instalou, seu corpo tremeu quando ela colocou distância entre eles, feliz por ir embora, mas não feliz por onde estava indo.

Ela poderia recusar, poderia tentar encontrar um lugar para se esconder na grande casa de três andares, mas com as câmeras e monitores que ela sabia que ele tinha escondido, ela só estaria arriscando outro show aterrorizante como o que ele tinha dado a ela mais cedo.

Subindo as escadas com um pé hesitante, ela as escalou uma a uma, cada passo lembrando-a do que tinha visto na tela da televisão que estava orgulhosa na sala de estar do escritório. Max não perdera tempo ensinando-lhe a valiosa lição do que seria da mulher que ele mantinha presa em uma sala que menosprezava uma infância feliz e funcional; um lugar onde os lençóis da cama estavam manchados pela evidência de sua violência e luxúria.

Chegando ao andar de cima, ela balançou a cabeça das imagens que estavam gravadas em sua psique, dos gritos abafados e das palavras suplicantes que ela só entendia porque ela estaria chorando os mesmos apelos desesperados se um homem se inclinasse para virar a saia de costas e se forçar para dentro.

A mão dela segurou a entrada do quarto onde ela já havia se vestido, as correntes acima da cama ainda estavam agitadas onde elas balançavam em um teto que arqueava lindamente com grossas vigas de madeira que seguiam a curva do teto abobadado que era tão típico de uma casa tão bonita como esta.

Forçando-se a entrar, ela sentou-se na beira da cama, as pernas pesadas onde estavam pressionadas, sua mente uma lavagem de dor porque, ao invés de quebrar uma janela e gritar por socorro, ela ficou plantada exatamente onde ele disse para ela ficar.

Toda a sua vida ela se considerou mais forte do que a mulher que agora se descobriu ser: uma vítima, uma fraca, uma mentirosa.

Ela mentiu para si mesma no dia em que prometeu escolher a morte que a tortura, no dia em que jurou que nunca permitiria que uma pessoa a atormentasse tanto quanto os pesadelos que a atormentavam todas as noites.

No entanto, lá ela estava esperando e ansiosa para ver o que a *hora de dormir* na casa daquele homem traria.

Dezenove

12:31 p.m.

Paredes cinzentas.

Mesa preta.

— Alice? ... Senhorita Beaumont? ... Alice Beaumont...

— Sim, doutor.

Cinco passos pela sala.

Ainda o mesmo.

— É um prazer vê-la novamente, Alice. Nossa última sessão foi menos cheia do que a anterior. Você se sente melhor hoje?

O médico sentou-se esperançoso na cadeira, a perna cruzada no joelho, a caneta de confiança estendida sobre o papel. Ele olhou para ela com uma ansiedade na testa.

Sua pergunta voou sem rumo pela sala, um balão solto e esquecido por uma criança mimada. Suavemente, pairou ali, apanhada no ar condicionado, até pousar sua fita no ombro de Alice e explodir com um *estalo* alto que chamou sua atenção.

— Estou bem. Frustrada, eu acho, mas bem.

A cabeça dela balançou para o lado, os olhos cheios de exaustão. Quantas vezes ela se sentou neste sofá sem encontrar as respostas que precisava para decifrar seu quebra-cabeça sórdido?

Quantas mais sessões ela teria que suportar até saber se sua vida voltaria a ser normal? Bem, tão *normal* quanto poderia ser para ela.

— Seu corpo está enrolado sobre si mesmo, rígido e você não olhou para mim nenhuma vez. Eu não chamaria isso de bom.

Quem era ele para lhe dizer como ela se sentia? Ele não tinha perdido um membro da família, não tinha sido forçado através do espremedor por sua própria imaginação pervertida desde o dia em que ele conseguia se lembrar de sonhar. Ele provavelmente dormiu bem à noite, não acordou em lugares estranhos, foi capaz de se mover ao acordar porque seu corpo não estava paralisado pelo medo excruciante.

Bem não era exatamente como ela se sentia, mas que outra palavra estava lá para descrever o peso esmagador que sentava em seus ombros, as vozes sussurradas que a lembraram como ela falhou na felicidade, na família, na vida?

Apatia, talvez, mas exigiria que ela não se importasse. Confusa, rabugenta, derrotada.

Sim, foi isso. Aquele último. Alice se sentiu derrotada.

— Sua perna está cruzada. Você está vestindo calça escura azul marinho com uma camisa branca de botão, os punhos abotoados por elos de ouro, e seu caderno está no seu colo com uma caneta esferográfica azul pronta.

Ela olhou para o rosto atento dele. — Eu olhei para você, doutor.

Com uma expressão sincera em sua simpatia, ele assentiu. — Mas esta é a primeira vez que você olhou para o meu rosto.

Seu ombro deu de ombros para sua declaração e sua tentativa de ganhar contra ela neste jogo estúpido que ele gostava de jogar. — Eu já vi isso antes.

Uma respiração suave soprou sobre seus lábios, audível apenas porque estava mortalmente quieto no quarto. — Você me prometeu que conversaríamos do *antes* nesta sessão. Eu fiz anotações sobre o que gostaria de discutir...

— Eu vou te dar metade, doutor, — ela interrompeu. — Mas apenas metade. A outra metade é para mim, para discutir sobre o que eu gostaria de falar.

Ela espiou para ele por baixo de cílios pesados, esperando e esperando por sua resposta irritada. Tudo o que ele fez foi bater na maldita caneta que usava para transformar sua dor em ciência.

Rindo desse pensamento, ele endireitou as pernas, as mãos alisando uma ruga no jeans.

Não havia ciência a ser encontrada em um estudo de emoções, a não ser que você pudesse abrir esse crânio e olhar para dentro, para ver quais substâncias químicas inundavam o tecido cinzento macio que compunha o cérebro de uma pessoa. Além disso, era tudo fumaça e espelhos, uma discussão simples que permitia ao paciente se sentir melhor e descascar a bagunça negra da emoção de sua frágil psique.

Como levantar o peso da dor e do sofrimento para colocá-lo ao seu lado e prendê-lo à sua perna, a velha bola e a corrente que o seguiram, não importa quantas vezes você tenha expressado isso.

— Metade, então. Isso deve ser tempo de sobra.

Um rosnado enrolou seus lábios, mas ela esperou educadamente por quaisquer questões que atormentassem sua mente.

— Eu gostaria de discutir seu pai.

Torcendo a cabeça para olhá-lo para baixo, ela jogou os fios moles de cabelo loiro branco de seu ombro. — Por que você quer falar sobre ele?

Sua caneta rabiscou a superfície do papel que parecia uma testemunha silenciosa em seu colo. Quantas vezes ele havia cometido seu julgamento para aquelas páginas que estavam construindo e expandindo a história de uma mulher que ele não tinha esperança de ajudar?

— Porque ele veio antes. E eu estou interessado em várias afirmações que você fez sobre ele.

— Tais como?

— Tal como o seu hábito de beber, — ele respondeu com firmeza, dando-lhe nenhum espaço para se afastar ou barganhar em seu tom.

...gotejamento...

Sua atenção foi atraída para a torneira pingando. Ela tinha que se perguntar: Com que tipo de médico da loja de moedas de dez centavos ela estaria se encontrando se ele

não pudesse sequer dar ao luxo de consertar uma pia quebrada?

— Estou te levando de volta para antes, Alice, porque estou tentando falar sobre você. Essas sessões, tudo o que estamos fazendo aqui, tudo se destina a ajudá-la. — Ele enfatizou a última palavra, pronunciando-a mais clara que as outras e atraindo os pensamentos de Alice para o egoísmo da coisa toda.

Ela não estava interessada em ajudar a si mesma. Os sonhos não a matariam... não como matariam sua irmã. Mas para ajudar Dalila, ela tinha que entender os sonhos. E para entender os sonhos, ela teve que apaziguar o homem arremessando perguntas para ela como bolas de tênis irritantes. O homem que olhou para ela com grande antecipação por trás dos olhos sobre o que ela teria a dizer. Como um perseguidor da internet ou uma fofoqueira suburbana, ele se agarrou ao caos e ao drama de sua vida e esperou em extasiada atenção para aprender os detalhes excruciantes.

As únicas coisas que ele estava perdendo eram pipoca, um refrigerante e alguns óculos 3D.

— Meu pai teve um problema com bebida. E um problema de jogo. — Ela respondeu, sua voz instável de repente resignada. Uma confissão sussurrada e uma reflexão tardia, ela acrescentou: — E um problema em segurar empregos.

Dr. Chance ouviu atentamente enquanto falava, sua caneta de tinta azul revivendo tudo o que tinha para contar a ele.

Cuidado. Controlado. Uma voz profunda que incitava a pessoa sem assustá-la no silêncio. — Ele te amava?

O pêndulo balançou, devolvendo energia ao médico - ou, pelo menos, deveria ter com aquela questão ponderada.

— Eu acho que ele fez. Ele simplesmente não foi capaz de cuidar de nós. Eu paguei meu caminho pela faculdade e acumulei uma pilha saudável de empréstimos estudantis no processo. — Ela riu, uma risada honesta que ela não tinha ouvido em Deus sabia quanto tempo. — Aposto que todos foram para o inferno porque não me lembro de pagá-los.

— Seu pai, Alice, — o médico a redirecionou de volta para o tópico em questão. — Seu pai e você.

Sua cabeça doía com a verdade que ameaçava rasgar seu couro cabeludo apenas para que pudesse olhá-la nos olhos e desafiá-la a reconhecer isso. — Eu odeio meu pai, — ela admitiu. — Assim que eu tinha idade legal, saí de casa e nunca mais olhei para trás. Ele era um homem arrogante, um autoritário estrito, abusivo tanto fisicamente quanto mentalmente, e eu não suportava uma pessoa me tratando daquele jeito ou me dizendo o que fazer quando ele não conseguia nem cuidar de si mesmo.

A tampa da caneta do médico bateu duas vezes, a ponta girando para pressionar contra o papel, duas linhas em

negrito atraídas para sublinhar as palavras que Alice não conseguia ler da posição dela.

Puxando a caneta até a boca, apertou a tampa contra os lábios, seus olhos escuros a avaliaram astutamente. — Você acha que é possível, Alice, que esses sonhos que você está tendo não sejam sobre sua irmã, mas sobre você mesmo?

Seus olhos se abriram, raiva percorreu a audácia de sua sugestão. — O que isto quer dizer?

Permanecendo firme, o médico não se retratou imediatamente ou recuou, ele apenas olhou para ela como se ela fosse um rato de laboratório fresco na primeira dose de algum novo medicamento experimental. — Me escute antes que você fique com raiva.

— Eu já estou com raiva, doutor! Estou aqui pela minha irmã, não para discutir alguma teoria ridícula que você tem sobre meus problemas de pai inexistentes.

— Quando os distúrbios do sono começaram, Alice? Qual é a primeira lembrança que você tem deles? — Efetivamente cortando seu discurso, ele se inclinou para frente em sua cadeira, o couro gemendo em seu movimento. Ele olhou para ela como se ela desaparecesse se ele soltasse seu olhar bloqueado. — Quando, Alice?

Frustração, uma força motriz dentro dela, ela se inclinou para frente para encontrar o desafio não dito. — Quando eu tinha oito anos. Ok? Isso responde a sua pergunta?

— E quando começaram seus problemas com seu pai?

Alice visivelmente encolheu, suas palavras um tapa verbal que sacudiu algo solto em seus pensamentos. A verdade sempre esteve lá, demorando-se e apodrecendo sob a superfície, a conexão nunca foi feita até ser forçada.

— Quando eu tinha oito anos, — ela respondeu suavemente. Seu corpo relaxou contra o sofá lentamente, até que ela levantou as pernas e se enrolou em sua bola protetora. Não tanto falando com ele, mas para si mesma, ela se sentou em estado de choque e disse: — Os pesadelos e os problemas com meu pai começaram quando eu tinha oito anos.

O barulho de caneta contra o papel, o gesto de cabeça, o médico pareceu satisfeito por ter feito seu comentário claramente. Depois de rabiscar quaisquer pensamentos que fossem tão importantes que não pudessem se perder, seus olhos se moveram entre Alice e o relógio passando os segundos na parede.

— Eu sou um homem de palavra, Alice, e estamos no meio da nossa sessão, você ainda quer discutir o próximo sonho?

Embora sua voz estivesse perdida em um vazio, a compreensão se abriu para ela, ela assentiu com a cabeça, *sim* para a pergunta dele.

— Muito bem, então, me diga o próximo sonho.

Vinte

Seus passos eram um aviso em si mesmos. Esse era um fato que Alice aprendera rapidamente, cada *pancada* pesada, um lembrete de que ela não estava sozinha. Que ele estava vindo por ela.

Ele tinha tomado dezoito desses passos de aviso enquanto subia as escadas em direção a ela.

Dezoito batidas que contavam seu futuro.

Dezoito batidas que gritavam em seu tom lento e persistente, *cuidado com o monstro*.

Seus cabelos caíam nas laterais do rosto, onde ela estava sentada, esperando pelo luxo suave de sua cama, uma cama tão grande que ocupava quase a metade do quarto. De trás daquela cortina de seda loira e emaranhada e mole, Alice espiou o homem parado na entrada, os ombros tão largos quanto a moldura, os olhos frios e profundos como um lago ártico.

Por um tempo ele ficou observando-a, seu olhar astuto em sua crueldade, seu corpo apertado sob uma camisa enrugada e calças de linho, e maneirismos que eram mais adequados para um homem rico que havia saído do passado para o mundo moderno. Ela podia imaginar um homem como ele com um casaco que tinha caudas penduradas sobre a massa redonda e firme de seu traseiro, um colete justo com vários tons mais claros do que o casaco, usando uma camisa

branca com abotoaduras de joias brilhantes no pulso. Ela não tinha nenhum problema em acreditar que ele usaria um relógio de bolso, a corrente de ouro pendurada no quadril dele, lembrando a cada pessoa ao seu redor que ele era inteligente, poderoso... Rico. Ele tinha a arrogância que vinha com a vida da colher de prata, o olhar de falcão de um homem que podia governar qualquer sala em que ele se dignasse a entrar.

Sem saber por que ele a lembrou de um tempo passado, ela tremeu onde se sentou, tentando em vão ignorar a batida frenética de seu coração, a necessidade pulsante de escapar que ecoava em seus ossos a cada segundo solitário que ele permanecia mortalmente imóvel e a estudava.

Os passos recomeçaram, cada um fechando a distância entre Alice e seu pesadelo. Seus músculos se apertaram a cada batida, o tremor de seu corpo tornando-se mais violento com cada pé de espaço entre eles que estava perdido. Mas quando ele chegou ao alcance do braço dela - quando ele fez uma pausa como se este único momento fosse o que a rasgou em pedaços sobre uma cama de seda elegante - ele fez uma pausa longa o suficiente para fazê-la secar a boca, para adicionar combustível para o fogo já ardente de pânico que queimou sua mente caótica.

No entanto, ele não tocou nela. Ele simplesmente foi embora.

Substituindo a distância entre eles, Max se misturou ao interior sombreado de um grande armário, perdido para a visão de Alice tão rapidamente quanto ele apareceu.

Alice soltou um suspiro trêmulo, suas mãos trêmulas se contorcendo em seu colo, seu ritmo cardíaco caindo de volta a um ritmo constante que poderia sustentar uma vida passageira.

Sua ausência não foi longa. Dentro de um minuto, possivelmente dois, ele retornou da sombra negra do armário, uma peça de roupa branca e imaculada segurada firmemente em suas mãos.

E como toda vez que ele se aproximava, o coração de Alice acelerava a um ritmo vertiginoso e frenético, sua respiração ficava presa em seus pulmões e queimava para a liberação. Um animal enjaulado agora, encurralado e abandonado pelo mundo inteiro, Alice observou suas botas se moverem pelo chão, finalmente arqueando o pescoço para contemplar o belo rosto de um homem que era tão silencioso quanto ameaçador, que usava a luxúria proibida uma segunda pele, que olhou de volta para ela com descontentamento por trás de seus olhos afiados e arrepiantes.

— Se vista, — ele instruiu, a camisola caindo de suas mãos para a poça a seus pés, o comando não deixando espaço para ela discutir.

— Bem aqui? — Ela engoliu seu pânico, forçando seu coração inchado pelo medo de sua garganta de volta para aquele lugar vazio em seu peito.

Ele inclinou a cabeça, dando dois passos para trás para permitir que ficasse de pé.

Mal conseguindo forçar seus músculos a se moverem, ela pegou a camisola do chão e ficou de pé. O tecido macio agrupou-se firmemente em torno de sua mão delicada, uma corda amarrando-a até que a pele ao redor daquele tecido ficou branca por falta de sangue.

Max não se moveu, seu corpo tão imóvel que ela teria jurado que era feito de aço ou pedra, um duro e impenetrável gesso como o das estátuas que ela admirava em um museu tantos anos antes. Não uma contração de seus músculos. Não é um tique de sua mandíbula. A única parte dele que gritava que havia vida dentro de seu corpo eram os olhos assombrosos que sempre observavam e falavam de segredos sujos, encontros sórdidos e desejos sombrios e depravados.

Incapaz de desviar o olhar da testemunha silenciosa da sala, afrouxou o aperto na camisola para colocar no colchão. Não adiantava atrasar o inevitável. Ele veria o que queria ver, independentemente de aceitar ou não a invasão. Ela sabia disso agora, sabia o quanto ele estava disposto a ir para pegar o que ele considerava seu.

Seus olhos foram para a tela da televisão no canto superior da sala, uma distração momentânea da ameaça viva que pairava a apenas alguns metros de distância.

Sua irmã estava sentada na cama, seu corpo vestido com uma camisola branca muito parecida com a que Max tinha dado a Alice para vestir. Mas a cabeça dela ainda estava coberta pelo capuz áspero e marrom que, até onde Alice sabia, não tinha sido removido desde que ela foi forçada a ficar de joelhos na frente dela, colocada em exibição como a garota chicoteando que pagaria por os erros de sua irmã.

Um arrepio percorreu a espinha de Alice, mas ela voltou sua atenção para Max, permitindo que seus olhos pousassem em seus olhos antes de perseguir as linhas manchadas da cicatriz que atravessava sua bochecha esquerda. Ao invés de torná-lo mais assustador, essa cicatriz de alguma forma o tornou mais humano.

O que causou isso? Ela imaginou. *Que pesadelo ele sofreu que, sem dúvida, criou o homem que ele era agora?*

O gosto de simpatia era acre em sua língua, ela preferia odiar a fera do que sentir pena dele. Mas a emoção estava lá de qualquer maneira, porque ela sabia o que era ser maltratada e ferida.

Deixando escapar um suspiro resignado, ela endireitou os ombros e disse a si mesma que não estava fazendo isso em submissão ao homem que acreditava que ele possuía ela, ela estava fazendo isso para salvar a mulher na tela porque, de muitas maneiras, Alice era mais forte.

Ela suportaria.

Ela faria o papel.

Ela andaria na linha que ele estava desenhando tão claramente na frente dela.

E ela sobreviveria a qualquer tormento que ele desse.

Erguendo a saia solta do vestido amarelo que era muito alegre para um lugar como este, ela enfiou os polegares na cintura elástica dos nylons. Ignorando onde haviam se agarrado com muita força e deixado uma marca vermelha e zangada na carne de seus quadris, ela os deslizou para baixo, o tecido soltando-o com força enquanto coçava sobre suas coxas, joelhos e, eventualmente, se acomodava em seus tornozelos. Saindo deles, ela chutou seus pés para fora do material que ainda carregava o calor de seu corpo.

Os olhos de Max seguiam cada movimento que ela fazia, seu olhar líquido traçando traços quentes ao longo do comprimento de suas pernas, observando silenciosamente enquanto as meias iam de esticadas em sua pele, soltas e dobradas em seus tornozelos.

Sua expressão era uma máscara em branco, mas o calor por trás de seu olhar era sufocante, a pequena brisa levantada pelo sistema de ar condicionado não combinava com o ataque de seu inferno ilícito. Alice não precisava perguntar a ele o que ele estava pensando, ela sabia, e o conhecimento era uma lâmina pesada contra seus sentidos, uma percepção afiada que despedaçou toda coragem dentro dela para trapos esfarrapados e esquecidos.

Embora seus olhos ainda fossem da cor do perigoso gelo ártico, seu olhar se tornara tudo menos frio.

Quando Alice hesitou, sua dignidade e modéstia impedindo-a de desabotoar o vestido para puxá-lo de seu corpo, um arco de questionamento na testa escura de Max rompeu a máscara impenetrável que ele usava.

Seus olhos se encontraram, a intensidade do dar e receber entre eles era tão chocante que Alice sentiu arrepios em sua pele, arrepios de medo surgindo na superfície de todo o seu corpo. Ela sabia que ele rasgaria as roupas, ou não se importaria com elas. Pelo que ela já tinha visto, ele não precisava despir sua irmã para pegar tudo o que ela tinha para dar.

Com dedos ágeis, ela soltou os botões no colarinho de trás do vestido, a posição empurrando o peito, os seios apertados sobre o tecido que era a única coisa que mantinha seu corpo longe de sua vista. Uma vez que os botões foram soltos, ela deixou cair os braços para os lados, combinando com o olhar dele com uma pergunta que atravessou a superfície de seu terror.

— O que acontece se eu não tirar a roupa?

Ele inclinou a cabeça daquele jeito que era todo dele, seus lábios traindo seus pensamentos quando eles se enrolavam nos cantos. *Você já sabe a resposta*, ele estava dizendo, *você já entende a dor que eu posso infligir por qualquer pequena centelha de rebelião.*

Ousando dar-lhe um sorriso, ela disse: — Você não é muito de falar, não é? — Era estúpido dizer, mas ela precisava de algum alívio do silêncio sufocante, do cobertor de ódio e raiva que sentou pesado em seus ombros.

Ele não reagiu.

Ela não esperava que ele fosse.

Outro fôlego para se firmar, e ela tirou o vestido de seus ombros, permitindo que ele deslizasse ao longo de seu corpo até que ele se enrolasse em torno de seus pés no chão. Ele não tinha lhe dado um sutiã quando ele deu a ela as roupas para usar mais cedo naquele dia, e apesar da calcinha rendada que segurava apertado em torno de seus quadris, ela se sentiu completamente exposta a seus olhos vagueando, à luxúria gritante que irradiava de ele com a visão de seus seios agora expostos a ele.

Ela não tinha certeza se era seu medo ou o frio no ar que fazia seus mamilos formarem picos apertados e dolorosos.

Um tremor percorreu o corpo de Max. Leve, mas ainda perceptível, foi o primeiro sinal exterior além de seu olhar misterioso que revelou tudo o que ele estava sentindo.

Forçando os braços para os lados, sentiu as lágrimas quentes e salgadas queimando na borda de seus olhos, sua nudez, outra faceta de sua submissão, porque ela não tinha tentado lutar. O que aconteceu agora estava completamente em seu poder. Ela não tinha permissão para dizer não, não

era permitido recusar esse estranho o que ele decidisse tirar dela.

Dar e receber.

Tome e dê.

Não foi um acordo mútuo. E não foi uma troca recíproca.

Ela deu.

Ele pegou.

Não havia outro arranjo a ser feito.

Seu corpo virou-se para arrancar a camisola da cama e, com os olhos desviados, ela sentiu o calor do corpo dele lavar-se contra suas costas antes que uma grande mão caísse sobre seu ombro. Tão logo ela segurou a mão sobre o tecido branco e macio que foi arrancado de seu alcance, jogou no chão para se deitar em uma poça no chão.

As lágrimas que queimaram seus olhos finalmente deslizaram por suas bochechas e ela esticou o pescoço para olhar para ele, sua alma queimada e tatuada com pavor pela intensidade de seu olhar.

Uma ligeira sacudida de cabeça foi tudo o que ele lhe deu antes que seu corpo fosse empurrado para baixo contra o colchão, seu peso afundando pesadamente no luxo suave dos cobertores, enquanto Max permanecia ao pé da cama.

Então foi isso. O momento que ela sabia que viria. O momento em que ele provaria seu supremo domínio sobre a mulher que ele tomara como sua.

— Até a morte, Alice.

Três palavras faladas em uma voz profunda e sombria. Três palavras que ela entendeu o significado delas, mas estava confusa sobre o motivo pelo qual elas foram ditas.

Somos casados, você e eu. Você agora é minha esposa...

Ele disse a ela que no começo, mas as palavras não tinham sido registradas até então. Que tipo de insanidade passava pela mente desse homem, que ele acreditava que poderia reivindicar tal compromisso sem se preocupar em pedir sua aceitação em troca?

Até a morte…

Enquanto seu corpo tremia de frio contra o ódio ardente que ela sentia, ela olhou para ele, seu coração vazio, sua alma traída.

Segundos se passaram, a tensão se formou entre eles até que Alice quis gritar: *Apenas faça isso, seu desgraçado!*

Mas Max não estaria se apressado, não seria negado e não seria forçado. Ele levaria o tempo dele. Tome seu preenchimento. Tomar o que ele considerou valer a pena.

Seus olhos estavam presos ao corpo dela, seu olhar queimava palpável contra sua pele. Por instinto e dignidade, ela colocou os braços em volta de si mesma para esconder sua nudez, mas uma simples e sutil agitação da cabeça de Max a impediu antes que ela pudesse se cobrir completamente. Ele não precisava falar para estabelecer as leis que a governavam. O conjunto de seus olhos, um pequeno movimento de sua cabeça, a postura rígida de seus

ombros e braços fortes: essas eram as pistas que lhe diziam para se comportar.

O tipo forte e silencioso nunca foi tão humilhante.

Ela era tão fácil para ele controlar como qualquer pessoa séria, a luta que ela sempre confiou dentro dela destruída por uma ameaça constante que pairava sobre todos eles: ferir aqueles que ela amava como punição por seus erros.

Os monarcas ingleses acertaram, parece, porque era a única ameaça que a intimidava tão completamente.

Ela não iria quebrar debaixo dele, não permitiria que sua mente se despedaçasse tão facilmente quanto seu coração. Ela não lhe daria sua alma tão facilmente quanto lhe dava seu corpo.

Com movimentos lentos e controlados, Max desabotoou a camisa até que ela se abriu para revelar o físico forte sugerido pela tração firme do material sobre os ombros e o peito. Sombras destacavam cada curva de seus peitorais e abdominais, o V que descia de sua cintura para se enterrar sob a cintura de suas calças. Antes deste dia, ela teria sido impotente para recusar os avanços de um homem tão bonito quanto Max Frost, e mesmo agora com a escuridão tão óbvia dentro dele - a crueldade de seu toque, os crimes que ele cometeu contra ela - ela estava ainda impotente para resistir ao seu charme sedutor.

No entanto, o medo ainda era seu companheiro constante. Medo e raiva por tudo que ele tomou e ela perdeu.

A fivela do cinto dele tiniu como um sussurro suave pela sala. Suas calças se abriram, mas não se afastaram. Ele andou em direção a ela com movimentos suaves e sem pressa, permitindo que a pressão aumentasse a cada passo solitário que ele fazia.

Ele não faria um estupro violento, mas era estupro do mesmo jeito. Ele não deixou nenhuma opção de recusa, nenhum espaço com o qual ela pudesse se retirar. O seu tipo de violência foi o mais insidioso, violando o corpo dela e, ao mesmo tempo, violando sua mente.

Você está permitindo que ele faça isso...

Você não disse a ele não...

As lágrimas caíram mais rápido quando essas palavras agrediram seus pensamentos, a realidade que ela havia desistido e dado a seus desejos sombrios e sinistros.

Quando ele terminasse de tomá-la, ela não o culparia sozinho. Ela não lutou como seus instintos gritavam para ela fazer. Ela não precisava ser forçada por golpes esmagadores ou pela ameaça de morte.

Não. Ela simplesmente deitou e deixou que ele ganhasse.

A cama afundou sob seu peso. Um tigre rondando cujos ombros se moviam com uma graça felina, ele se arrastou para pairar acima dela. Seu calor era um cobertor que a cobria, seus olhos azuis a ameaça fria e gelada que enviava calafrios em sua pele molhada de suor. Enjaulada contra o colchão por braços fortes que eram tão grossos quanto

rígidos, Alice se obrigou a fechar os olhos. Mas ele não lhe daria essa fuga.

— Olhe para mim quando eu te foder.

Não havia raiva em seu tom, no entanto, cada sílaba fria gotejava com a ameaça de violência sensual.

Ela abriu os olhos, sua respiração ficou presa na garganta quando a cabeça de Max baixou para que sua língua pudesse sentir o gosto das lágrimas que ainda caíam implacavelmente.

Sua cabeça caiu para trás contra a cama, a mão roçando o cabelo onde se espalhava pelo colchão. Com um movimento rápido de seu pulso, ele emaranhou o cabelo em volta do punho, puxando a cabeça para trás ainda mais até que o pescoço se arqueou dolorosamente, seus dentes afundando contra a pele com força suficiente para tirar sangue.

Chorando, seu corpo se contraiu sob seu peso, e ela olhou para ele com olhos assustados para ver o desejo explícito escrito através de cada centímetro de sua expressão perigosa.

Seus lábios brilhavam com os restos de suas lágrimas. Travando seu olhar no dela, um olhar tão frio quanto surpreendente, ele disse: — Você queria conhecer seu monstro, Alice. Isso é o que ele é.

Não haveria mais nenhuma mentira entre eles, não até que ele tomasse tudo que ela tinha para dar.

Seus lábios roçaram seu pescoço, descendo até que eles percorreram o comprimento de seu ombro. Um arrepio percorreu seu corpo, sua cabeça girando levemente quando seus olhos se fixaram na tela da televisão que se tornara seu horror sem fim.

Espancada, abusada, sozinha - a mulher cujo rosto nunca foi visto, cujo corpo foi quebrado sob o peso da futilidade.

Para ela, Alice pensou. *Eu vou viver isso apenas para ela. Eu sou a forte. Eu sou a sobrevivente. Eu sou a única que pode suportar sua violência e sua raiva.*

Suas mãos gananciosas exploraram seu corpo, os dedos ásperos de seus dedos deslizando ao longo de sua caixa torácica, a suavidade de sua pressão, e agravando-se em como eles a reivindicaram, independentemente de sua aceitação dele. Dentes roçaram seu pescoço, uma fileira afiada de osso esmaltado que a avisou com uma mordida dura toda vez que ela se contorcia ou tentava se afastar dos lugares que ele tocava.

Incapaz de resistir à maneira como ele a acariciou, Alice cerrou os dentes, os músculos de sua mandíbula travando até a dor atravessar sua bochecha. Ela se recusou a olhar para ele como ele exigiu, recusou-se a desviar o olhar da mulher por quem ela estava tolerando esse abuso lento e sedutor.

Mas apesar dos insistentes sussurros em sua cabeça que ela deveria lutar ou gritar ou arranhar as unhas dele até

que ele não teve escolha a não ser se afastar, seu corpo respondeu à força de suas mãos, o calor escaldante de sua pele que a cobria, as notas masculinas de seu perfume que a derreteram naquela cama, devassa e desejosa de que ele preenchesse os espaços que há muito permaneciam vazios, sem uso e vazios.

— Olhe para mim, Alice. — O comando era uma ameaça sutil, um lembrete sibilado de que ela não poderia escapar em sua cabeça, que todos os sentidos que ela tinha se submeteria ao homem que a fazia entrar em pânico.

Sua rebelião ainda uma faísca elétrica dentro dela, ela não podia virar a cabeça, não podia ignorar as lágrimas que estavam frias e molhadas contra sua bochecha, não podia forçar-se a enfrentar seu monstro.

Seu punho, ainda apertando o emaranhado de cabelos, puxou bruscamente, a dor como teias de aranha rastejando através de seu couro cabeludo, um fogo que nunca seria contido. Ela gritou quando sua outra mão agarrou seu queixo, forçando seu rosto a se virar para ele, seus olhos arregalados presos à ira gélida de um azul profundo, pálido e insidioso.

— Você vai olhar para o homem que possui você, Alice.

Seu lábio tremia, o olhar de falcão dele bloqueando aquele pequeno movimento, sua boca se abrindo um pouco enquanto ele abaixava a cabeça para pegar o lábio dela entre os dentes, morder e rir baixinho quando ela gritava de novo.

Puxando para cima, seus olhos admiraram o inchaço onde seus dentes tinham acabado de estar.

— Essa pequena boca suja que você tem. Eu não posso esperar para desfrutar de todos os seus talentos.

Seus dentes se apertaram um contra o outro e ele soltou o queixo para passar o dedo pelo músculo de sua mandíbula. Um sussurro de voz suave que era tão profundo que vibrava em lugares dentro dela onde não pertencia, — Tão zangada. E tão bonita por causa disso.

Alice não podia se submeter por mais tempo, não podia sofrer a violência de seu ataque físico enquanto ele zombava dela com uma voz suave e sedutora. Suas mãos voaram para agarrar seus lados, mas Max era mais forte... mais rápido. Ele soltou o cabelo dela para agarrar seus pulsos, seus dedos fortes como o aço tão apertado que ameaçavam arrebentar os ossos.

Com o mínimo de esforço, ele trancou os braços acima da cabeça, o peso do corpo caindo sobre ela até que ela estava presa entre ele e o colchão macio. Ela moveu seus pés em um esforço para encontrar qualquer maneira de lutar contra ele, mas ele cavou seus joelhos entre suas coxas, impedindo seu movimento inteiramente.

— Por favor, — ela implorou, — por favor, não faça isso.

Sua cabeça inclinou-se para uma questão, o preto grosso e escuro de seu cabelo ondulado roçando seu ombro pelo movimento. — Você vai me deixa fazer isso. Eu te

conheço, Alice. Você vai implorar por isso novamente em breve.

Segundos se passaram, a luta se dissipando lentamente até que ela estava tremendo de dor e sofrimento sob ele.

Sua boca roçou a borda de sua orelha, sua respiração quente uma carícia indesejada contra sua pele. — Eu vou fazer tudo melhor, Alice, eu prometo.

Seus braços ainda presos acima dela, Alice fechou os olhos quando ele deslizou as calças para baixo de seus quadris, quando o duro, grosso lembrete de sua luxúria torcida pressionou a pele de seu estômago. Suas lágrimas o haviam excitado, mas foi a pequena briga que tentara que o levou a um fervor tolo e insensato.

Ela não se atreveu a desviar o olhar dele, seus olhos se estreitaram nas sombras que escureciam o azul ártico, na chama de calor que transformou a cor pálida em joias que brilhavam com deleite maldoso e malicioso.

Ele quebrou o olhar trancado para procurar seu seio com a boca, seus dentes batendo no pico sensível e apertado, uma dor cortante que forçou um gemido da garganta de Alice enquanto ele lambia a picada. Ele gostava do sabor de seu tormento, gostava do sabor do terror que atravessava sua pele em gotas pegajosas de suor.

— Tão doce, — ele respirou, sua voz tão ofegante e dedicada como uma oração.

Uma mão apertou-lhe os pulsos com mais força, enquanto a outra arrastou um suave caminho sussurrante

pelo comprimento de seu corpo. Um rápido redemoinho da ponta do dedo ao redor do umbigo fez com que os músculos abdominais se apertassem ao lado do corpo. Ele sorriu ao ver a reação. E que lindo sorriso era esse. Não era justo que o mal pudesse vir embrulhado em um pacote tão bonito.

Ele tinha covinhas em suas bochechas, dois pontos que enjaularam uma boca cheia e macia. Ela não os notara antes porque Max nunca lhe mostrara um lado dele que fosse feliz.

Não até o momento em que ele a tinha em sua cama.

Mergulhando, seu dedo encontrou a borda de renda recortada de sua calcinha e deslizou entre a seda fina e sua pele.

Ele olhou para ela por baixo de um leque de grossos cílios negros, uma conquista escrita em seus olhos. — Eu lembro que você é doce aqui também.

Lembra?

Como ele poderia se lembrar de quando era a primeira vez que ele a agrediu - desta forma, pelo menos -, mas depois ela também se lembrou. Ela tinha sido drogada, tão nebulosa e letárgica que vomitara em si mesma e não conseguia juntar os momentos entre vomitar e acordar para se ver nua e exposta.

— Você implorou...

Ele sorria quando ele a levava também, e o sorriso era tão bonito?

Ela não teve tempo de vasculhar sua memória para obter mais detalhes desse encontro, porque seu dedo áspero

deslizou pela linha de carne molhada e sensível, encontrando e circulando um buraco apertado que não tinha sido tocado por tanto tempo.

Prazer, como uma nuvem de cogumelo explodiu de seu núcleo, a fumaça subindo em suas veias como um veneno que entorpecia seus sentidos e forçou seus olhos a reverterem.

Ondas de choque irromperam sobre sua pele, através de sua barriga e ao longo de seus membros, pequenos tremores um vibrato agudo dentro dela quando ele explorou aquele lugar muito sensível. Ele não tinha empurrado dentro dela, mas seu corpo já era um traidor que sussurrava, *você quer isso, apenas deixe-o... Quanto tempo já faz?*

Seus olhos se abriram em pânico e recusa, mas uma pequena faísca de desejo explodiu em chamas quando ela viu o modo como os ombros largos dele se moviam acima dela, a linha de seus músculos ondulando sob a pele bronzeada que falava de tudo masculino e feroz.

A espessura de seu longo cabelo negro roçava seu quadril, fazendo cócegas na pele logo antes de seus olhos alcançarem os dela. Sua respiração engatou na cor pálida daqueles orbes brilhantes que a observavam com satisfação arrogante, prendendo-a em seu olhar letal e abafado, como o único dedo finalmente empurrou para dentro.

Sua cabeça caiu para trás contra o colchão, e Alice estava perdida para o desejo líquido que fluía através de seu

corpo e entre suas pernas. Um rubor da cor do rosa do sol correu pelo corpo dela.

Gemendo, ela se contorceu quando ele enrolou o dedo para tocá-la em lugares que ela não tinha certeza de que tinham sido encontrados antes, porque agora, neste momento, tudo em que ela podia se concentrar era ele.

— Tão fácil, — ele sussurrou, sua voz divertida zombando dela tanto quanto o dedo que ele usava para empurrar mais fundo. E apesar da raiva que nasceu para se misturar com a pressa de uma necessidade indesejada, Alice perdeu toda a luta que tinha nela.

Ela se odiava tanto quanto ele, mas abriu as pernas de qualquer maneira, implorando para ele empurrar ainda mais fundo. Sua respiração se espalhou por sua pele lisa e ela resistiu à explosão de calor.

— *Por favor...* — Era um pedido sussurrado que rastejou para fora de algum lugar lá no fundo, um lembrete assustador de que ela tinha sido tão facilmente seduzida. Um toque - um toque prazeroso - e ela era uma escrava da sensação que ele lhe dava.

Seus ombros tremiam com risada silenciosa, seu dedo pegando seu ritmo tortuoso até que ele estava indo tão profundamente dentro dela, ela estava implorando por dentro que ela não gritasse.

Ela gemeu em reclamação quando ele tirou a mão dele, e ele a silenciou e arrulhou: — Só um pouquinho mais.

Seu corpo moveu-se para chutar suas calças mais para baixo e o peso dele avançou sobre ela até que seu calor corporal era um conforto através de sua pele, uma mentira que prometia segurança e amor. E quando ele finalmente empurrou dentro dela tão grosso e duro como ela sabia que ele seria, a plenitude súbita daquele único golpe violento forçou a respiração que ela estava segurando de seus pulmões.

Max não era o tipo doce na cama, o tipo de homem que te dizia como você era bonita debaixo dele e fazia promessas de como ele te amaria para sempre. Não. Não com a escuridão que espreitava dentro dele, a necessidade de dor que força uma mulher a choramingar. Ele dirigiu dentro dela tão duro, ela pensou que ela se abriria, a mão dele envolvendo sua garganta para segurá-la no lugar e roubar o controle do ar que inundava seus pulmões.

Incapaz de respirar, Alice nadou em euforia, a sensação de flutuar embaixo dele enquanto ele pegava o que queria. Ela estava desmoronando nas costuras, presa em um pesadelo que a dividia entre o lado que implorava e o lado que sussurrava para ela que ela era finalmente a vítima que ela sempre prometeu a si mesma que nunca seria.

Sua mão forte soltou seu pescoço e ela engoliu o ar quente entre eles, sua mente ainda perdida quando ele puxou para virar o corpo dela.

Memórias se apressaram atrás, a mulher com a máscara, com a face dela esmagada ao colchão como ele

dirigiu por de atrás, e agora Alice era aquela mulher, o corpo dela em seus joelhos como Max a montou com uma mão na parte de trás de sua cabeça e a outra agarrando a carne grossa de seu quadril, dirigindo e forçando-se tão profundamente era tudo o que ela podia sentir.

Um tremor em sua barriga se transformou em uma onda de êxtase e rebelião, um orgasmo agitado até explodir lá dentro. Ela abriu a boca para gritar no colchão, sua voz ofegante e rasgada, sua submissão finalmente e completamente completa.

Max usou seu corpo para perseguir sua própria liberação, pegando-a em um golpe mais profundo antes que ele soltasse seu peso, esmagando-a sob seu corpo e a cama, sua mão liberando sua cabeça para permitir que ela respirasse.

Tendo descido do orgasmo que aliviava o tormento, Alice estava deitada sob a gaiola de seu corpo, uma única lágrima escorregando do canto do olho, uma gota líquida e quente que era tudo o que restara da mulher que existira antes ela fosse roubada.

Vinte e um

12:32 p.m.

Paredes cinzentas.

— Alice? ... Senhorita Beaumont? ... Alice Beaumont?

Ela não conseguiu anunciar sua presença. A derrota ficou pesada em seus ombros quando ela entrou no consultório do médico, seus pés se arrastando sob ela enquanto forçava os olhos a procurar os marcos habituais que lhe diziam que ela estava em algum lugar protegida e segura.

Porta branca.

Mesa de madeira escura.

Sofá listrado branco e bege.

O médico sentou-se em sua cadeira de couro, com as calças enrugadas nos joelhos e o caderno no colo. Ele a estudou por vários minutos sem dizer uma palavra, renunciando às perguntas habituais que fazia quando dizia:

— Alguma coisa mudou.

Assentindo com a cabeça em resposta, Alice colocou um travesseiro no colo como se aquele pequeno quadrado de tecido fofo a protegesse da verdade que ela não queria

admitir para si mesma ou para ele. — Até onde eu cheguei em nossa última sessão, doutor?

Falando suavemente, a voz do médico era cautelosa, como se Alice fosse um gelo fino que se rachasse e quebrasse sob o peso de suas palavras. — Você descreveu uma agressão sexual.

Ela estremeceu com as palavras familiares, em uma lembrança incômoda que ainda não havia recuperado totalmente. Mas mais do que isso foi o que veio *depois* naquele sonho em particular. Pelo fato de ele não ter mencionado isso, ela sabia que não tinha sido corajosa o suficiente para falar em voz alta. Agora era um momento tão bom quanto qualquer outro, porque o que ela tinha a dizer era a pior confissão de todas.

— Eu me apaixonei por Max nesse sonho.

O silêncio da perna da calça quando ele se movia era o único som na sala além do relógio e da pia que ainda não havia encontrado um encanador. Relaxando de volta contra a cadeira, ele deixou cair a caneta na superfície do bloco de notas para levar seus dedos até os lábios e avaliar a mulher enrolada e frágil no sofá à sua frente.

— Porque ele estuprou você? — Ele finalmente perguntou, suas palavras tão vulneráveis quanto Alice.

Seus olhos estavam quentes pelas lágrimas que os envolviam e ameaçavam escorrer pelas bochechas já inchadas pelo choro. Sacudindo a cabeça, ela fechou os

olhos, expelindo as lágrimas para que o calor diminuísse em pequenos riachos de dor cintilante.

— Não, — ela resmungou, sua voz fraca e corajosa. — Foi porque ele afugentou os pesadelos.

O silêncio era um ritmo pesado que batia junto ao relógio de parede e abafava o som de uma pia pingando sem parar.

Estudando-a, o médico permaneceu em silêncio, como se esperasse mais dela. Alice olhou para ele, também esperando. Eles alcançaram algum tipo de muro de pedra onde ambas as pessoas tinham mais a dizer, mas nenhum estava disposto a dizê-lo.

Enquanto os pensamentos de Alice eram desordenados, nada verdadeiramente concreto ou estático, o médico chegou a uma decisão óbvia e prosseguiu na tentativa de levar seu paciente à compreensão adequada das emoções que estava sentindo.

— Tem certeza de que essa é a única razão pela qual você se apaixonou por ele? A falta dos distúrbios era o *único* motivo? — Ele fez uma pausa, seu foco implacável quando ele calmamente perguntou: — Existe mais no amor que você está sentindo, Alice? As pessoas normalmente não experimentam o amor depois de serem violadas da maneira mais pessoal. Você pode pensar em outra coisa que poderia ter acontecido para fazer você se sentir assim?

Batendo nas lágrimas que deslizaram por sua mandíbula e se agarrou ao queixo, com medo de que elas

caíssem e fossem esquecidas, Alice puxou as pernas dobradas contra o peito e apoiou a testa contra os planos quentes e duros de seus joelhos. Ela não entendeu o que o médico estava pedindo, mas algo puxou seus pensamentos, um puxão suave que era tão chato quanto assustador.

— Eu não te contei a última parte, aparentemente. Se eu tivesse, você entenderia completamente.

O suspiro suave que soprou sobre os lábios do médico não fez nada para acalmar Alice. Silenciosamente, ele considerou suas palavras enquanto a batida de sua caneta contra o papel contava o minuto inteiro que levava para tomar sua decisão.

— Eu queria discutir mais sobre seu pai nesta sessão, mais sobre sua vida antes da perda de Dalila e dos sonhos. — Ele fez uma pausa, esperando que ela olhasse para ele.

Alice puxou a cabeça do colo na ausência de som, seus olhos encontrando os dele antes que ele continuasse.

— Mas, eu acho que a divulgação que você acabou de fazer supera tudo que eu queria passar. Diga-me o que aconteceu, Alice. Eu quero todos os detalhes possíveis.

Vinte e dois

Depois que Max saiu de cima de Alice e rolou na cama, uma onda abençoada de ar frio passou por sua pele, as partes dela que estavam molhadas e inchadas, ficando frias quando o ar as encontrou.

— Devemos nos limpar, — Max finalmente disse, sua voz sombria e crua.

Alice lutou para tirar o rosto do conforto do colchão, como se ficar ali tempo suficiente a sufocaria devagar e lhe concedesse a fuga que Max se recusou a dar.

Esmagada e quebrada pela maneira como ele tocava seu corpo como se ele conhecesse cada toque, cada beijo, cada lugar doloroso que a excitava, ela se atrevia a fazer uma pergunta que era tão comum quanto estranha. — O que há com você e a limpeza?

A risada suave que sussurrava em seus lábios era inquietante. — Eu gosto de uma casa limpa, — explicou ele. — Tudo tem o seu lugar. Tudo é impecável e novo. Tudo é controlado e regulado, sem surpresas ou erros. — Ele fez uma pausa, seus olhos percorrendo uma trilha suave pelo corpo dela, uma lenta carícia de dedos fantasmas deixados em seu rastro.

Quase resignado, sua voz era uma confissão suave de pena quando ele admitiu: — Há cicatrizes que não podemos lavar que nos marcam para a vida, Alice. Não há necessidade

de nosso ambiente externo ser tão desfigurado e feio como nós.

O colchão saltou depois que ele se levantou para sair do quarto e desaparecer no banheiro adjacente. Rolando de costas, Alice gostou do ar frio sobre os seios, seus ouvidos pegando o som da água correndo por trás da porta fechada.

Supondo que Max estivesse no chuveiro, ela olhou para as correntes que pendiam acima dela e se perguntou sobre o propósito delas. Talvez se ela não tivesse sido tão facilmente seduzida, ele a teria amarrado naquelas algemas. Um arrepio percorreu-a com o pensamento, e seus olhos seguiram o movimento hipnótico das correntes e o brilho da luz contra as algemas de metal que pendiam acima dela.

O chuveiro desligou depois de alguns minutos, uma nuvem de vapor se agitando quando a porta foi aberta. Max entrou com uma toalha branca enrolada frouxamente em torno de seus quadris estreitos.

— É a sua vez, — afirmou calmamente, seus olhos voltaram para a temperatura gelada que parecia dedos congelados contra sua pele cada vez que ele olhava para baixo.

Não querendo se mexer, Alice arrastou o cobertor na cama para se cobrir, encostando a cabeça no colchão quando perguntou: — Por quê? — Um ligeiro encolher de ombros e ela pensou em voz alta: — Talvez se eu ficar suja você não queira me estuprar novamente.

Era a coisa errada a dizer, mas as palavras já tinham sido liberadas como pequenas aves que não seriam silenciadas.

Max não piscou em resposta imediata às palavras dela, mas depois de um minuto ele se virou e voltou para o banheiro. O chuveiro ligou novamente, grandes nuvens rolando de vapor dançando para fora da porta, girando e batendo contra o ar frio do quarto.

Alice fechou os olhos, esgotando-se sobre ela e embalando-a em uma falsa sensação de conforto, mas não seria por muito tempo. O chuveiro desligou e passos pesados anunciaram o retorno de Max, sua forma nua uma silhueta na porta com a toalha que ele usara anteriormente para cobrir seus quadris agora pendurados fumegantes e encharcados em sua mão.

Ele entrou na luz do quarto, seu olhar malicioso bloqueado em Alice, tão contundente que ela se sentou da cama e avançou para o lado. Quando os pés dela caíram no chão, ele começou a atravessar a sala, fechando a pequena distância que havia. — Então eu vou te lavar malditamente eu mesmo.

Ele pulou para frente para agarrá-la, mal sentindo falta do braço dela antes que ela caísse para trás. Seu traseiro atingiu o chão com tanta força que o impacto ricocheteou através de seus ossos e em seus dentes. Ignorando o choque de dor, ela se virou para pousar em suas mãos e joelhos,

rastejando tão rápido quanto seus membros podiam carregá-la, mas não rápido o suficiente.

Ela ouviu a toalha molhada estalar em sua mão, e esperou que a picada do final contra seu corpo, mas nunca veio. Ousando olhar para trás, seus olhos se arregalaram quando a toalha foi aberta em suas mãos, o tecido encharcado foi puxado para baixo até que envolveu seu rosto. Ele torceu apertado, torcendo as extremidades na parte de trás de sua cabeça, e ela perdeu o equilíbrio, seu corpo nu caindo até espalhar sobre o chão.

— Levante-se, — ele avisou, as notas escuras de sua voz não eram algo alto e impressionante, mas algo mais frio e sinistro.

Um puxão rápido de seu braço fez seu pescoço arquear para trás, suas mãos arranhando a toalha porque ela não conseguia respirar através do material quente e encharcado. Ela queria gritar, implorar para ele parar, mas puxar o ar através do tecido molhado era quase impossível. O pânico se elevou nela, um animal selvagem enjaulado, a cabeça sacudindo para frente e para trás na tentativa de encontrar a liberdade.

Arrastando-a pela toalha enrolada em torno de sua cabeça, seus passos trovejaram contra seus sentidos, uma batida de aviso constante que dizia que a morte logo se aproximava.

Seus dedos estavam inúteis contra o pano, a água quente que encharcava a pele onde tocava. Seu corpo foi

arrastado sobre o limiar entre o tapete do quarto e o azulejo do banheiro. Max a forçou a ficar de joelhos.

— Você pode respirar, Alice. Pare de lutar comigo e respire!

O braço dele envolveu seu abdômen e ela foi levantada no ar, a toalha ainda presa onde ela a sufocava. Seu corpo caiu em telhas molhadas escorregadias, o chuveiro girou acima de sua cabeça. Mais água derramou sobre a toalha para fluir pelo corpo dela, o calor escaldante um inferno contra sua pele.

Ela resistiu e torceu a boca aberta e desesperada por ar, sua mente embaralhada pelo medo de que ela finalmente o empurrou o suficiente.

— Você está pronta para tomar um banho agora?

Assentindo com a cabeça fervorosamente, ela começou a chorar, os pulmões queimando no peito por falta de ar.

O alívio foi dado quando ele removeu a mortalha molhada, uma explosão de vapor dançante arrastou em seus pulmões quando ela ofegou e engasgou com a liberdade que ele retornou para ela.

Uma barra de sabão foi jogada no chão por seus joelhos, uma toalha bateu sem cerimônia ao lado dela. — Encontre-me no quarto quando terminar.

Seus passos se desvaneceram quando ele se retirou, mas parou de repente, sua voz profunda e penetrante enchendo o espaço vazio que a falta de passos deixará para trás. — E não se esqueça de lavar esses lugares que eu sujei

muito bem, apenas no caso de eu querer te *estuprar* mais tarde.

Ele praticamente cuspiu a palavra estupro de sua boca, um olhar de repulsa apertando suas feições. Ela queria rir porque, apesar de seu desgosto com a palavra, do que mais você poderia chamar?

A porta se fechou, vibrando as paredes, e ela ficou tremendo sob um jato de água quente demais para sua pele. Seus dedos deslizaram pelo ladrilho escorregadio e encontraram o bocal. Virando para a direita, ela resfriou a temperatura do spray, mas não ajudou a acalmá-la depois de tudo o que aconteceu.

Tomando o sabão em suas mãos, ela soluçou enquanto o esfregava sobre o pano para espalhar a espuma sobre seu corpo e limpar os *lugares que ele sujou*.

Depois de terminar, ela saiu e apertou a água de seus longos cabelos antes de jogar a pilha emaranhada para cair de costas e pisar suavemente no quarto escuro.

Os lençóis que antes cobriam a cama eram uma pilha enrugada no chão, substituída por um conjunto limpo e prensado que era da cor de um céu de verão.

Foi então que ela percebeu que Max não havia mentido sobre sua necessidade de que tudo estivesse limpo e arrumado, limpo e estéril, controlado e não marcado pelas cicatrizes e sujeira que a vida deixou para trás.

— Suba na cama. Eu tenho algo que preciso fazer e depois vou me juntar a você.

A voz surgiu do nada, fazendo Alice recuar com a inesperada intromissão. Obedientemente, ela subiu na enorme cama e observou Max sair do quarto. Ele não apareceu novamente até que os olhos dela encontraram a tela da televisão que ainda brilhava com uma leve luz na sala, seu corpo grande se aproximando da mulher cujo rosto ainda estava coberto.

— Não, — Alice sussurrou, sua voz engatada em sua garganta. — Por favor não.

Seus olhos estavam presos na tela, sua atenção presa em uma cena que ela sabia que faria com que ela se enfurecesse silenciosamente, enchesse-se de um veneno tóxico e irado que ela não poderia liberar.

Max aproximou-se lentamente da mulher, a cabeça subindo apesar do capuz que lhe ocultava o rosto. Estendendo a mão delicadamente, Max acariciou a bochecha da mulher antes de cair de joelhos na frente dela. Seus ombros tremiam como se ele estivesse chorando, mas Alice achou que tinha que ser um truque de seus olhos. Inclinando a cabeça para baixo, ele pressionou a testa no colo dela, um homem implorando perdão.

Sentando-se, Alice assistiu com grande atenção, seus lábios se abrindo em silêncio chocado quando as mãos da mulher se moveram para passar os dedos pelos cabelos. Foi um ato de perdão, um momento solene... outra peça de um quebra-cabeça que não tinha solução conhecida.

Max e a mulher permaneceram na posição por vários minutos antes que Max se levantasse para sair, e quando a tela voltou para a foto de uma mulher solitária presa e quebrada, Alice soltou um suspiro trêmulo. Confusão a selou quando um calafrio deslizou por sua espinha.

O que acabara de acontecer?

Com o tempo, Max voltou e não falou uma palavra do que ele tinha feito quando subiu na cama ao lado dela. Envolvendo seus braços ao redor de seu corpo, ele a puxou de volta contra seu peito, um suave som de satisfação roçando em seus lábios.

Alice ficou acordada, seus olhos ainda grudados na tela, mil perguntas correndo pela cabeça até que a esgotaram completamente e a entregaram para dormir.

* * *

A manhã seguinte foi tão comum quanto qualquer manhã. Exceto que não era comum por uma razão gritante que Alice não entendia até que ela abriu os olhos para encontrar os primeiros raios de sol da manhã passando pelas cortinas de uma grande janela na sala.

As partículas de poeira brilhavam onde pendiam suspensas em uma cascata de beleza cintilante, pequenas fadas de luz que pararam para adorar o calor que estava retornando ao mundo depois de horas da fria noite enluarada. Seus olhos seguiram aqueles pequenos pontos de

luz refletida onde dançaram e giraram dentro da corrente de ar suave que percorria o caminho.

Ela estava ciente de seu entorno, mas ainda não estava acordada o suficiente para sentir pânico por causa disso. Mais importante, ela não estava presa na cama por algum espectro invisível. Ela foi capaz de mexer os dedos das mãos e pés, e ela não abriu os olhos para a cena do pesadelo que a seguiu do sono em sua vida acordada.

A paralisia do sono que sofrera com tanta frequência que se tornara parte de si mesma estava ausente. Não havia zumbido em seus ouvidos tão alto que ela temia nunca mais ouvir nada de bonito. Não havia peso no peito que ameaçava esmagá-la. Seu corpo era sólido e não flutuava acima de si mesmo, olhando para baixo, onde ela se deitava confortavelmente nos braços de um homem.

A confusão que veio com a ausência de um demônio que a atormentava desde que ela se lembrava era assombrosa. Tanto que, de fato, esqueceu-se de sentir o pânico da realidade com a qual acordara. O monstro a quem ela havia acordado.

Os braços de Max eram um peso quente em seu corpo que a impedia de se sentar, mas pelo que ela podia ver, os travesseiros que ela colocou a cabeça cansada na noite anterior ainda estavam no lugar. Os lençóis estavam tão arrumados sobre o seu corpo quanto tinham sido quando ela se aconchegou. Não havia pontos óbvios de dor em seus braços ou pernas de onde ela se machucou lutando contra

uma força invisível durante a noite. Ela ainda estava no lugar e não havia acordado para se encontrar parada no limiar de uma porta, ou deitada em outro quarto.

Ela dormiu a noite inteira sem lutar. Sem sonhar. Sem pânico ou medo. E ela acordou pacificamente para encontrar os raios cintilantes da luz suave da manhã.

Vinte e três

12:33 p.m.

Paredes cinzentas.

Mesa preta.

Rosas vermelhas falsas e de plástico.

— Alice? ... Senhorita Beaumont? ... Alice Beaumont?

— Sim, doutor.

Os pés de Alice se arrastaram embaixo dela enquanto ela se arrastava para ocupar seu lugar habitual no sofá para ser examinada. Mas ao contrário de outros dias em que ela afundou nas almofadas, sobrecarregada pela dura realidade de que nunca entenderiam ou curariam os pesadelos que a assombravam, Alice se sentia mais leve, mais acordada, mais em contato com o mundo ao seu redor.

Ela ainda não lembrava o que fazia de hora em hora. Ela não podia costurar o tempo até que se tornasse uma imagem clara de como era sua vida. No entanto, pela primeira vez, e por aqueles poucos momentos que ela sabia que seriam fugazes na melhor das hipóteses, ela sentiu como se tivesse triunfado diante de uma ameaça sempre presente.

— Você está bem hoje, Alice. Descansou.

As observações do médico não foram totalmente precisas. Ela não estava *boa* ou *descansada* no sentido

tradicional das palavras. Ela estava melhor que a maioria dos dias, mas ainda não se sentia como uma pessoa normal.

Ela não comentou sobre o que o médico disse, não conseguiu encontrar as palavras ou frases adequadas para explicar o modo como seus medos ainda existiam sob a superfície de sua pele. A culpa a levou a encontrar a menor quantidade de alegria no alívio que ela sentiu que seus medos não eram a primeira coisa em sua mente, ou um peso esmagador prendendo-a em um lugar angustiante.

O médico arqueou uma sobrancelha em questão em seu silêncio, mas ele não falou para fazê-la discutir a mudança como ela achava que ele faria.

Sua garganta clareou, um latido agudo de um som antes que a suave voz de sua voz enchesse o silêncio entre eles. — Antes de falarmos mais sobre os sonhos, acho que é importante passarmos por alguns pontos que determinamos como tópicos necessários.

Dedos inativos brincando com as pontas de seus longos cabelos, ela olhou para ele para que ele soubesse que ela estava ouvindo.

— Você admitiu em nossa última sessão que você se apaixonou por Max. Depois do sequestro, da violência e do abuso... — Sua voz ficou mais suave, mais hesitante e cuidadosa. —... Que depois do estupro, você o amou.

Um rápido aceno de cabeça, uma garganta trabalhando sobre os remanescentes de uma confissão anterior que estavam desconfortavelmente hospedados no lugar.

— Isso é preocupante, Alice. E fala com várias condições que me dão uma pausa significativa.

Alguma emoção estranha puxou os cantos de seus lábios rachados, alguma coisa perturbadora que a fez querer rir de suas palavras como uma declaração óbvia. — Que eu poderia amar um homem como ele?

Virando a cabeça ligeiramente para dar ao médico uma breve olhada em seus olhos suaves, notou o conjunto rígido de seus ombros, a seriedade de sua postura atenta. Ele estava no limite e ela foi a única a deixá-lo assim.

Uma nova culpa a dominou, e uma que ela esperava poder ser diminuída com um simples reconhecimento de sua preocupação. — Eu não o amava pelo abuso, doutor. Isso não é algo que faz você amar uma pessoa, é?

Em vez de responder, o médico permaneceu imóvel em seu assento, paciente e esperando por qualquer explicação que ela desse.

Voltando sua atenção para o cabelo, ela continuou a brincar sobre os dedos, ela disse: — Eu não o amava por isso. Eu o amava porque ele era perigoso o suficiente para afugentar os pesadelos. — Como uma reflexão tardia, ela acrescentou: — Ele estava escuro o suficiente para ofuscar minha luz, e os pesadelos não conseguiam encontrar o caminho.

A ponta de sua caneta rabiscou seu bloco de anotações, as páginas farfalhando quando ele as girou para continuar anotando pensamentos. — Ele é um pesadelo, Alice. O alívio

que você está descrevendo não era nada além de um elemento de um sonho.

— Mas é um pouco de paz que eu nunca tive antes. Um sonho dentro de um pesadelo, eu acho. A menos que você tenha vivido uma vida como a minha, você não pode entender quão especial, quão raro, esse pequeno raio de luz é para mim.

Em sua forma típica, ele não respondeu imediatamente, permitindo que suas palavras tivessem tempo para se formar completamente, de modo que cada nuance oculta de significado pudesse ser vista.

No entanto, o momento de silêncio não duraria.

— Você já considerou minha teoria, Alice? Que esses sonhos não são um empate para sua irmã desaparecida, mas sim sobre você? Sobre algo dentro de você que é tão terrível que você não pode encarar isso exceto através de sonhos?

Dalila. Ela não pensara nela desde que pisou no consultório do médico. Mas o lembrete falado foi o suficiente para colocá-la de volta naquele limite de pânico e culpa, o verdadeiro entendimento de que sua irmã era a única em perigo... aquela que pagaria pelos crimes de Alice.

— Eu não acho que você está certo nisso, doutor. Eu ainda acho que os sonhos são um elo para ela, uma pista sobre o desaparecimento dela. Eu me sinto envergonhada por encontrar uma pequena paz enquanto seu pesadelo continua.

Com mais censura em seu tom do que ela já tinha ouvido do homem, ele argumentou: — Você sentiu amor por um homem que raptou você, Alice. Por um homem que te machucou, que te estuprou. Você entende o que poderia haver? Existem condições...

— Como? Como Síndrome de Estocolmo? — Ela riu. — Não é isso que toda história sombria é sobre esses dias?

— Nem toda história, — ele respondeu, suas palavras solenes e cheias de tristeza.

O relógio marcou.

A torneira pingava.

O médico lançou um lembrete que disparou terror em suas veias.

— Você está ficando sem tempo, Alice.

Com a respiração trêmula sobre os lábios, ela disse: — Eu sei.

O sangue correu por sua cabeça, o trovão silencioso que seguiu um lampejo de medo ofuscante. — Nós precisamos salvá-la, doutor. Precisamos encontrar Dalila.

Sua caneta tocou, um tique chato que era a chave para o mistério de seus pensamentos e sentimentos pessoais. Sempre a profissional, Alice sabia que ele seguiria seu treinamento e afastaria esses sentimentos para redirecionar seu paciente para onde ele precisava que ela estivesse. E tendo ido à escola para um campo de estudo semelhante, Alice podia respeitá-lo por sua persistência.

— Nós precisamos salvar você, — ele lembrou a ela.

Outro toque de sua caneta e Alice sorriu ao ouvir se ele sabia que era um sintoma externa de sua própria frustração.

— Eu sou realmente tão difícil, doutor?

Uma contração do lábio dele traiu sua diversão. — Então, você está dizendo que não se apaixonou por esse homem por causa do abuso, mas sim porque ele de alguma forma conseguiu acalmar os distúrbios do sono que você sofre?

Porra, ele era bom. Ela sorriu ao perceber que ele não seria tão facilmente distraído de seu caminho.

— Isso nunca aconteceu antes, — ela admitiu. — E eu não me importo se foi apenas um sonho. Essa foi a primeira vez que acordei não encharcada de suor. A primeira vez que meus dentes e mandíbula não doeram de moer. Que eu fui capaz de me mover sem lutar para recuperar o uso de meus braços e pernas. Eu não acho que alguém possa realmente apreciar o quão aterrorizante é acordar em lugares que você não se lembra de ter dormido. Sentir-se como se estivesse amarrado a uma cama, ou que alguma força invisível esteja segurando você no lugar.

É como você vê em filmes de terror, exceto que não é um fantasma e eu não estou possuído. Mas eu acordo às vezes para me ver dormindo. Para ver demônios pairando nas proximidades com dentes afiados e olhos que brilham ou são completamente pretos. É como ser um prisioneiro dentro do seu próprio corpo. E estou sempre cansada, doutor. Estou constantemente cansada porque nunca durmo de verdade.

— São alucinações, Alice. Você sabe disso. Você já sofreu o tempo suficiente para saber que a paralisia do sono é apenas uma disfunção no seu ciclo de sono. Você acorda fisicamente, mas sua mente ainda está sonhando.

Uma gargalhada escapou de sua garganta. — Sim, vou tentar dizer a mim mesma que da próxima vez que eu não conseguir me mover enquanto alguma coisa malvada me espiar com o mal em seus olhos. Tenho certeza que vai me fazer sentir muito melhor.

Outro golpe da ponta de sua caneta no papel, tinta azul girando em padrões de palavras que ela não podia ler e não tinha certeza se queria saber.

— Deixe me perguntar algo.

Alice olhou para cima, seu humor leve, apesar do sentimento persistente de que ele diria algo para derrubá-la novamente.

— Quando você saiu de casa para ir à escola, você voltou a morar lá de novo? Quando você teve problemas em sua carreira, voltar para casa era uma opção?

Confusão franziu as sobrancelhas. — Por que isso importa? —

— Porque ele pinta uma imagem mais clara da sua vida antes de tudo isso, para mim e para você. Talvez se pudermos entender onde você estava mentalmente e emocionalmente no momento em que Dalila desapareceu, podemos entender melhor por que esses sonhos são aqueles que um evento em particular disparou.

Seus olhos rolaram, mas ela brincou junto. Ela poderia dar a ele o pagamento de todas as frustrações que ela tinha certeza que causara em sua vida. — Eu acho que você está latindo na árvore errada, Doc, mas eu vou junto, se isso faz você se sentir melhor sobre as coisas.

Seus lábios puxaram em um sorriso.

— Mas depois disso, acho que é melhor voltarmos aos sonhos. É como você disse, estou ficando sem tempo. Esta sessão terminará em breve.

— Isso não é o que eu quis dizer, Alice.

— Eu sei, — ela admitiu. — Dalila está ficando sem tempo. E se eu me apressar, posso descobrir como encontrá-la, como salvá-la antes que o tempo acabe e seja tarde demais.

Olhando para ela com uma expressão que deixou claro que ele estava perdendo apenas um pouco da paciência que ele sempre teve, o médico não disse nada. Ele não precisava. O olhar por trás de seus olhos e a maneira como seus ombros rolaram para trás e seu corpo se recusou a relaxar contra sua cadeira foi uma resposta tão direta quanto qualquer coisa que ele pudesse ter dito.

— Tudo bem, — ela respirou. — Em resposta à sua pergunta, não, não voltei para casa. Mesmo quando eu estava vivendo de besteira depois de deixar meu trabalho no hospital, mesmo quando eu estava pulando entre outros trabalhos, nunca mais voltei para lá. É como eu lhe disse, meu pai mal conseguia cuidar de si mesmo, e quando eu saí,

ele ainda tinha a minha mãe e irmão para gerenciar. Eu não ia acrescentar nada a isso.

— Essa é a única razão?

— Não, — confessou ela, a nuvem escura de pânico finalmente se instalando sobre os ombros, agora que o doutor trouxera as lembranças de sua juventude para a superfície de seus pensamentos. — Meu pai era um idiota abusivo. Tanto mental quanto fisicamente quando ele estava bebendo. E ele estava sempre bebendo. Por que você se importa com isso? Não tem nada a ver com os sonhos.

— Eu me importo porque acho interessante.

— Por quê?

Com a boca puxada em uma linha severa, ele se recostou na cadeira, agora que a fez correr pelo caminho que projetara para ela, seu ratinho correndo pelo labirinto de um cientista.

— Porque você começou a ter pesadelos com base em um relacionamento abusivo, e teve outro para afugentá-los. Você não acha isso relevante? Impossível, não?

Não tendo dado muita atenção às razões por trás de seus pesadelos, ela não havia feito uma conexão entre a causa deles e a habilidade de Max de silenciá-los. Não importava para ela. Tudo o que importava era que ela tivesse tido uma noite tranquila, uma manhã pacífica, uma chance de acordar e sorrir ao invés de lutar contra alguma força invisível que existia completamente em sua mente. Balançando a cabeça, ela tentou ignorar o fato de que o

momento havia sido outra manifestação em sua cabeça. Mas pensando nisso agora, ela queria chorar.

Talvez aquele vislumbre solitário de ser normal, de poder encontrar paz no sono, não tenha sido nada mais do que um tormento cruel... porque era algo que ela nunca encontraria em sua vida desperta.

Ela não podia admitir para si mesma, e ela certamente não iria admitir isso para ele.

— Talvez um monstro seja mais assustador que o outro, — ela pensou em voz alta.

— Ou talvez, — o médico respondeu, — esse fato é mais significativo do que você imagina.

A borda de seus óculos brilhou sob a luz suave quando ele se sentou para frente para trancar seus olhos com os dele. — Talvez seja a chave para entender o que são esses sonhos. Diga-me algo e seja honesta na sua resposta. Quem seu pai abusou quando ele estava bebendo? Foi a família inteira? Sua mãe? Sua irmã? Seu irmão?

O coração de Alice se apertou em seu peito, a verdade escorrendo sobre ela como ácido agora que ele estava liberando-a de onde ela estava presa em sua mente. Sua pele derreteu sob o fluxo de sujeira tóxica, caindo para revelar toda a dor que estava escondida por dentro.

— Quem, Alice?

— Eu, — ela retrucou, seus dentes rangendo juntos a partir do gosto amargo que deixou em sua boca. — Apenas eu.

— Por quê?

— Porque eu era a aberração! — Ela gritou, com as mãos cerradas em punhos no colo, a mandíbula trabalhando sobre si mesma enquanto esticava a cabeça para olhar o mais longe possível do médico. Em um soluço, ela soltou a verdade que a agarrou com as garras de um homem que a destruiu muito antes de Max entrar em sua vida.

— Porque fui eu que o mantive acordado à noite, que não o deixava chegar a tempo, porque estava tão cansado. Porque eu era a única que gritava tão alto que os vizinhos chamavam a polícia. E porque eu era a garota que não se encaixava na imagem de uma família perfeita que ele criou para esconder os problemas que eram todos seus. Então ele bebia. E quando ele bebia, era eu que estava trancada em um pequeno armário na hora de dormir. Foi o meu corpo que levou os golpes quando minha mãe estava cansada demais para acordar e lidar comigo no meio da noite. Todo mundo era perfeito. Eles sabiam ficar quietos e sabiam que deveriam ficar fora de seu caminho. Mas eu não. Eu estava muito alta. Eu era muito forte. Fui eu quem sempre chamou a atenção para mim mesma.

Sua respiração era errática. Seu pulso disparou quando a verdade se derramou em um líquido viscoso que amplificou a dor das lembranças em seu coração.

— Fui eu quem se tornou seu alvo porque, em vez de melhorar, fiquei pior. Quanto mais ele me machucou, pior eu

me tornei. Quanto pior os pesadelos se tornaram. Quanto pior toda a minha vida se tornou.

O médico não reagiu abertamente, mas ela viu um vislumbre de raiva por trás do olho. De alguma forma, conseguindo manter a voz firme, ele perguntou: — E se você não tivesse sido o alvo do seu pai, seus outros membros da família estariam seguros?

— Não, — ela respirou, a confissão de uma navalha afiada que arrastou em sua língua.

Ele sentou-se em sua cadeira, seus olhos passando rapidamente entre ela e a ponta da caneta esferográfica que voou através de seu bloco de notas. Dando a ela tempo para se acalmar, ele anotou seus pensamentos, seu rosto torcido em uma expressão de sombria concentração.

Quando seus soluços se acalmaram e quando as lágrimas diminuíram a um ritmo lento, ele arrancou um lenço da caixa ao lado dele, inclinando-se para frente novamente para entregá-lo a ela. Alice pegou, mas não agradeceu pela pequena cortesia.

— Mais uma pergunta e depois passaremos para o próximo sonho.

Através dos olhos quentes e inchados, ela olhou para ele.

— É possível que esses sonhos nada mais sejam do que uma metáfora, Alice? Uma memória vazando de qualquer lugar secreto que você manteve escondida?

— Não, — ela balançou a cabeça e fungou. — Isso não é possível.

— Como você sabe?

Ela cerrou os olhos para expulsar aquela última das lágrimas ardentes, abrindo-as novamente para olhá-lo morto nos olhos.

— Por causa do que aconteceu depois. Deixe-me terminar, doutor. Pare de brincar com lixo que não tem nada a ver com isso e deixe-me terminar.

Ele assentiu. — Bem. Mas o que você disser precisa me convencer de que não está ligado ao seu passado. Caso contrário, teremos essa conversa novamente.

Vinte e quatro

— Se vista.

Duas palavras cortadas, um vestido branco jogado a seus pés.

Sentada na beira da cama, Alice esperara pacientemente que Max se banhasse e se vestisse depois de finalmente acordar. Ela trancou os olhos com ele assim que suas pálpebras se abriram, seu coração ainda inchando com a pequena felicidade de ter escapado dos distúrbios que geralmente atormentavam suas noites.

Não sabendo o que esperar quando ele abriu os olhos para o início da manhã, a última coisa que ela pensou que ele faria era resmungar ao vê-la, sair de debaixo dos cobertores que compartilhavam e marchar para o banheiro com passos pesados.

Ele estava com raiva e ela não sabia por quê.

O pequeno pedaço de prazer que ela sentiu ao acordar descansada foi perdido assim que a porta do banheiro se fechou e um jato de água pôde ser ouvido sussurrando atrás da barreira de madeira.

Tremendo com a lembrança dos acontecimentos da noite anterior, Alice se esgueirou por debaixo de cobertores que estavam quentes demais contra o calor da raiva que percorria sua pele, e ela deslizou seu corpo até o pé da cama para esperar.

Max saiu do banheiro fumegante com uma toalha branca enrolada nos quadris. Ela se perguntou por um breve momento se era a mesma toalha que ele usou para envolver sua cabeça quando ele a arrastou para o chuveiro. Lembrando-se de sua necessidade de limpo e novo, ela afastou esse pensamento como absurda.

Soltando a toalha de seus quadris, Max jogou-a em um cesto de vime, as bochechas firmes de sua bunda olhando para ela por baixo de ombros largos, costas fortes, e a linha recuada que percorria o comprimento de sua espinha. A pele lisa mal continha a musculatura de aço de seu corpo, e Alice se perdeu na maneira como o bíceps flexionava quando tirava as roupas de sua cômoda.

Jeans azul escuro e uma camiseta branca simples. Parecia muito casual para um homem tão complicado quanto ele.

Depois de se vestir, Max desapareceu em seu armário, reaparecendo com a roupa que ele selecionou para ela vestir.

Ele deixou o quarto depois de fazer sua demanda, sua voz arrastando por cima do ombro com a instrução para ela encontrá-lo na cozinha quando ela terminasse.

— Bom dia para você também, — ela sussurrou, sem saber por que se sentia rejeitada por seu humor irritante e arrogante.

Pegando o vestido do chão, ela se levantou com as pernas doloridas para ficar de pé diante do espelho de corpo inteiro. Sem roupa íntima, sem sutiã, apenas um vestido com

botões na frente, uma faixa azul como um cinto para prendê-lo em sua cintura.

Puxando o pano sobre os ombros, ela apertou os botões um por um antes de amarrar a faixa e olhar seu reflexo no espelho. O vestido era muito bonito, apesar de sua simplicidade, mas o cabelo dela era uma bagunça assustadora de mechas louras. Levantando-se, ela trançou a bagunça de volta para dar a ilusão de ser estilizada antes de soltar um suspiro e sair da sala e descer três lances de escada.

Da cozinha vinham sons barulhentos, panelas e frigideiras sendo puxadas dos armários, o chiar de bacon ouvido segundos antes do cheiro atingir seu nariz como uma avalanche de tentação. Seu estômago roncou quando ela andou descalça do piso de madeira do hall de entrada para a telha de pedra fria.

— Eu estou aqui, — ela disse suavemente, seus olhos passando rapidamente entre Max e a tela da televisão posicionada no canto superior esquerdo da sala. A mulher, ainda encapuzada, estava sentada na beira da cama, o corpo coberto pelo mesmo vestido que Alice usava agora.

Com as sobrancelhas franzidas de confusão, ela se perguntou por que a mulher na tela estava sempre vestida de maneira idêntica. Sua boca se abriu para fazer a pergunta, mas ela balançou a cabeça decidindo contra o risco de irritar um homem que já estava agitado.

— Sente-se na ilha central, Alice. O café da manhã estará pronto em um minuto.

Um cordeiro obediente sentado ao matadouro, nem uma palavra da boca dela em protesto contra o açougueiro. É assim que ela se sentia toda vez que ela concordava com as exigências dele, a cada momento que se submetia a ele sem argumentos ou reclamações.

Pratos foram colocados na mesa diante dela, um design diferente do que as que ela tinha quebrado na noite anterior. Ovos e bacon, torradas e sucos, uma refeição comum, apesar das circunstâncias que eram muito desanimadoras para serem normais.

— Coma.

Cada comando que ele latia era tão curto e sem emoção quanto o anterior.

Pegando o garfo, ela ignorou os sussurros dentro de sua cabeça, os lembretes incômodos que ela estava cedendo com muita facilidade. Ela era mais forte do que isso, uma lutadora, uma mulher que tinha suportado toda a sua vida, apesar dos golpes esmagadores e do tormento doloroso que a acompanhara do sono para a realidade.

No entanto, seu corpo sabia o que fazer, apesar da incapacidade de sua mente se conformar. Seu corpo estava com fome. Seu corpo era carente. Seu corpo fez dela uma escrava para as exigências do homem que agora estava acima dela assistindo.

Deslizando os dentes do garfo para os ovos mexidos, ela se alimentou lentamente, mastigando pensativamente a comida que a sustentaria. Em vez da aversão que sentiu na noite anterior, ela desfrutou do deslizamento salgado em sua língua, o calor que percorreu sua garganta para pousar em uma barriga vazia. O alívio foi encontrado no conforto do alimento que ele lhe proporcionara.

— Eu tenho uma surpresa para você hoje. Algo que eu sei que você vai apreciar. Ele vem com um preço, assim como qualquer coisa na vida, mas não será muito íngreme.

Olhando para ele por baixo da espessura de seus cílios claros, ela tentou um sorriso educado que era mais tenso do que agradável. — Vai me machucar? A surpresa ou o preço?

Sem se agradar pelo tom de sua pergunta, Max recostou-se no balcão da cozinha, uma xícara fumegante de café em suas mãos, seus lábios franzidos para soprar sobre a superfície do líquido. Seu rosto estava bem barbeado, a poeira da sombra se foi depois do banho que ele tomara naquela manhã.

Alice observou-o quando ele não estava olhando, seus olhos percorreram as linhas afiadas das maçãs do rosto e a mandíbula forte e quadrada que lhe dava uma aparência áspera, porém culta. Apesar da cicatriz que marcava o lado esquerdo do rosto, ele era elegante em suas feições. Com um nariz reto que passava por lábios cheios e esculpidos, ele tinha olhos pálidos e frios, um azul cintilante que contrastava

com o cabelo e a pele bronzeada. Um enigma envolto em beleza, ele era tão sedutor quanto feroz.

Uma pergunta brincou sobre seus pensamentos. Com medo de perguntar, ela prendeu o lábio inferior entre os dentes, sua curiosidade era demais para ela manter seu silêncio.

— O que aconteceu com você, Max?

Seus olhos fixaram-na em seu olhar insensível, estudando-a sobre a borda da taça da qual ele sorveu. Sua garganta trabalhou para engolir o líquido fumegante antes de puxar o copo para colocá-lo no balcão. — O que você quer dizer?

Limpando a garganta do medo que sentia por trazer o assunto para cima, ela reuniu toda coragem dentro dela para continuar em frente na conversa que ela tinha sido burra o suficiente para começar. — Suas cicatrizes? Como você conseguiu?

Seu olhar glacial era uma onda de raiva fria em todo seu corpo, um arrepio percorrendo sua espinha para saber que ela havia pisado em lugares não viajados por qualquer pessoa que valorizasse sua vida. Mas ela já não estava em perigo apenas por estar na casa com ele? Ele já não tinha ameaçado tudo o que ela amava e admirava por nenhum outro motivo além do que ele poderia? O que era mais uma coisa que atrairia sua ira?

Ele não a mataria. Isso ela achava que sabia. Não havia razão para sufocar a pergunta que passara silenciosamente pela mente dela desde o instante em que o conhecera.

Silenciosamente considerando sua pergunta, sua mandíbula assinalou uma batida lenta. Não tinha certeza se ele responderia, e a tensão que lhe subiu pelos ombros forçou o garfo de suas mãos, seu pulso uma batida irritante que flutuou sobre a ponta macia de seu pescoço.

Cílios negros emolduravam seus olhos vazios, sombras rastejando e girando sob o azul que não lhe davam nenhuma pista sobre os pensamentos que o atacavam lá dentro.

— Meu pai, — ele finalmente disse, sua voz melancólica e vazia, — era um homem excepcionalmente motivado. Eu era uma criança única, sua única descendência que sobreviveu à jornada do ventre de minha mãe até o quarto onde ela me deu à luz. Eu era o sétimo em uma linha de oito, e o único que respirou uma vez que o cordão umbilical foi cortado.

Empurrando para cima do balcão em que ele havia se inclinado anteriormente, ele deu três passos para ficar perto da ilha onde Alice estava sentada ouvindo. Uma folha de papel estava ao seu lado, com uma pilha de correspondência organizada ao lado. Deslizando a folha de cima da pilha, suas mãos trabalharam metodicamente sobre a superfície em branco, fazendo dobras com vincos afiados, antes de abri-lo novamente. Encantada pelo movimento preciso de seus dedos, Alice pulou quando ele falou.

— Então, porque eu era o único filho que eles conseguiram trazer para o mundo, carreguei todo o peso do legado da família em meus ombros.

Seus olhos levantaram para pegar os dela, o contato fugaz enviando um calafrio ao longo da pele de Alice. Voltando sua atenção para a folha de papel, ele continuou a dobrar e desdobrar por nenhuma razão óbvia, ele continuou.

— Sete sepulturas estavam na propriedade onde morávamos. Seis mais velhos que eu e um mais novo. Eu não tinha estado lá para nenhum dos enterros porque eu tinha apenas um ano de idade quando minha irmã, Greta, morreu. Mas todo dia, a partir do momento em que eu conseguia andar e entender o que estava sendo mostrado para mim, meu pai me levou para fora para olhar as lápides que continham os nomes das sete crianças que haviam falhado com ele.

Uma memória passou por sua mente, uma sensação incômoda de algo familiar e sinistro contornando as bordas para deixar fitas esfarrapadas de compreensão soprando suavemente em um vento indesejado. Como a chuva, as gotas de memória caíram sobre seus ombros, frias contra sua pele. Insegura sobre se ela queria ouvir o resto da história dele, ela se abraçou, odiando as emoções compartilhadas que o tom terrível de sua história conjurou dentro de seu coração machucado.

— Você vê, meu pai não aceitava o fracasso. Ele nunca falhara e, no que lhe dizia respeito, os que tinham era melhor

ser deixados para trás e esquecidos. Se não fosse por mim, aquelas crianças nunca teriam pais que visitariam suas sepulturas solitárias. No entanto, por minha causa, eles desfrutaram de uma visita diária para que meu pai pudesse me mostrar como era o fracasso, para que ele pudesse me mostrar o quão pouco uma pessoa valeu quando não correspondeu às suas expectativas.

Seus lábios se curvaram em um sorriso triste. — Até os sete anos, presumi que meu pai havia matado todos e cada um deles. Mas minha mãe explicou-me as circunstâncias de seus nascimentos quando fiquei com tanto medo de sair que chorei cada vez que meu pai me chamava.

Simpatia, um eco sinistro dentro dela, Alice lamentou a pergunta que ela fez a ele. Ela queria odiar esse homem por tudo que ele fez para ela, por tudo que ele fez para sua irmã. No entanto, sua história tocou um sino em seu coração. Era um elo entre seus passados que ela desejava não existir, uma história familiar sobre o lugar vazio deixado por um pai indiferente em uma criança. Sem responder às suas palavras, ela olhou para ele com mágoa florescendo em seu peito, com uma crença incômoda de que ela poderia adivinhar como a história dele terminaria. Sua história não tinha começado tão estranha e sem esperança como a dele parecia ser, mas ela sabia o resultado porque ela tinha vivido isso.

Com as mãos ainda trabalhando no papel que ele brincava tão facilmente quanto brincava com as duas

mulheres que ele mantinha presas, ele se recusou a olhar para ela enquanto lhe dava uma vista através da qual ela podia ver a vida que ele tinha conhecido antes.

— Eu me tornei tudo que meu pai queria que eu fosse. Mas não a princípio. Não até ele me mostrar o que aconteceria quando ousasse desapontá-lo.

Seus olhos encontraram os dela por um breve segundo, a mesma dor que ela carregava dentro de si refletia de volta para ela como se estivesse olhando para um espelho. Arrastando o olhar, ele explicou: — Quando eu tinha dez ou onze anos, não tenho certeza da idade exata, minha babá me deu um presente de aniversário. Eu gostava desse presente porque era algo secreto entre nós dois, um pouco caprichoso em uma vida onde as fantasias e interesses da infância não podiam existir. Minha babá sentiu pena de mim, eu suponho. Ela era uma testemunha silenciosa das horas de estudo rigoroso que eu tinha que ter. Desde o momento em que fui concebido, tive a responsabilidade de manter o legado de meu pai nos negócios e não havia espaço para o tempo ocioso. Matemática, literatura, língua estrangeira, economia e afins: esses eram os brinquedos que me permitiram brincar.

Ele suspirou, e Alice não deixou de notar o pequeno indício de vulnerabilidade que ela não teria pensado ser possível nele.

— O presente era um conjunto de livros. Algo divertido para eu brincar quando meu pai não estava me governando,

garantindo que eu estava me tornando uma imagem modelo do homem que ele tinha se tornado. Tarde da noite, depois que ele ia para a cama, ou o que quer que ele fazia na tarde da noite, eu rastejava para fora de minhas cobertas e puxava os livros de baixo de uma tábua solta no chão. Escondido embaixo daquele tabuleiro estavam todos os tesouros que eu mantinha em segredo, como uma pequena parte de mim que tinha que permanecer escondida por medo de revelar a verdade de que eu não estava tão interessado em sucesso quanto ele. O primeiro livro foi sobre magia. Truques de salão, realmente, coisas básicas que exigiam um truque de mão. Eles eram de truques que eram simples o suficiente para uma criança dominar, se bastante prática fosse dada à tarefa. Depois de aprender, passei para o segundo livro. Um livro sobre a arte de dobrar papel. Origami. Algo que preencheu o tempo que eu tive para mim mesmo.

Arrastando os olhos para o papel que ele estava trabalhando em uma forma familiar, ela de repente entendeu o que ele estava fazendo o tempo todo. O que quer que ele estivesse criando ainda não tinha tomado forma completa. Sua atenção foi atraída entre o rosto do homem sussurrando sua confissão e a forma que a confissão estava assumindo no papel que ele criou em uma coisa linda.

— Foi por acaso que ele descobriu os talentos que aprendi com esses livros. Nós estávamos na cozinha. Minha mãe estava preparando o jantar em um fogão a gás e eu sentei na pequena mesa onde eu costumava me encontrar

quando não estava na mesa de jantar formal. Eu esqueci o assunto que eu estava estudando na época, fiquei entediado com qualquer bobagem que estava lendo e, sem pensar, comecei a fazer dobras em um pedaço de papel. Eventualmente, essas dobras se tornaram algo específico e, ao mesmo tempo, aquele pedaço de papel se transformou na imagem de algo diferente de si mesmo, meu pai entrou na sala.

Levantando a mão, ele colocou um pássaro de papel sobre a mesa na frente dela. Seu bico apontava para onde ela estava sentada, suas asas perfeitamente formadas em seus lados. Pequeno e liso branco, sem ornamentação, a criação era bela por sua simplicidade. Estendendo a mão para tocá-lo, ela quase colocou um dedo contra a superfície, mas recuou no último segundo. Havia algo de sagrado, algo solene que a impedia de corrompê-lo com qualquer parte de si mesma.

Seu olhar fixo no pássaro inanimado, ela não olhou para cima quando ele falou novamente.

— Meu pai ficou pálido quando viu o pássaro. Para ele, era uma espécie de traição. Um interesse fantasioso que não me prepararia para o caminho que ele esperava que eu seguisse. Foi uma distração e uma maldição, um sintoma de uma infância que ele nunca me permitiu viver.

Alice fechou os olhos quando a voz de Max caiu em um sussurro terrível. Ela sabia o final antes de ele falar, mas não o impediu de contar a história.

— Com raiva, meu pai pegou uma frigideira de ferro fundido que minha mãe usava para preparar a refeição. Ele normalmente me batia com objetos, nunca com a mão, porque isso era muito pessoal - até mesmo aquela pequena quantidade de contato. A frigideira ainda estava cozinhando de onde estivera no fogão.

Ela abriu os olhos, levantando lentamente a cabeça para olhar para o rosto de um homem com dor.

— Desnecessário dizer que, quando a parte de trás da frigideira bateu na minha bochecha, tirou um pouco da minha pele com ela. O cheiro... — Ele fez uma pausa, o rosto enrugado de desgosto pelo fantasma de uma lembrança.

— O cheiro era horrível e minha mãe gritou quando olhou para o filho perfeito para ver o que havia acontecido comigo. Demorou dias para o meu pai perceber o que ele tinha feito. Dias para perceber que ele tinha permanentemente cicatrizado o filho em quem ele colocou todo o futuro de sua empresa. Como poderia um homem administrar um negócio quando ninguém quer olhar para ele quando ele fala? Como pode um homem ser a imagem espelhada de seu pai quando metade de seu rosto estava marcada?

A linha fina de sua boca se curvou nos cantos em um pensamento, a sugestão de uma covinha recuando sua bochecha dando-lhe um flash do charme infantil escondido atrás da máscara em branco que ele normalmente usava.

— Em retrospecto, essa cicatriz pode ter sido minha única salvação. Assim que ele percebeu o dano que causou, ele não esperava mais que eu assumisse os negócios da família. Aos seus olhos, eu era tão inútil quanto as crianças enterradas no jardim em sua propriedade, tão facilmente esquecidas como aquelas que tinham morrido há muito tempo.

Seus olhos se trancaram e Alice derramou uma lágrima pelo homem que estava tão aberto e vulnerável diante dela. Ela não sabia quanto tempo este momento duraria, mas era um pedaço de humanidade dentro de um homem que ela nunca teria imaginado que poderia ser humano. Ela queria chegar a essa parte dele. Alimente-a caso isso de alguma forma a ajudasse a escapar do tormento que ele causou.

— Meu pai também era um bastardo cruel — ofereceu ela, — exceto que não tive a sorte de escapar do seu conhecimento. Ele tentou me trancar em lugares dos quais eu não podia escapar, tentou abafar meus gritos na esperança de que ele pudesse dormir a noite toda sem ser empurrado e acordado por sua filha louca. Mas não importava o que ele fizesse, eu estava sempre bem ali à sua vista. Sempre a criança burra que não sabia se comportar ou ficar quieta. Não foi minha culpa. Eu dormia a maior parte do tempo. Mas isso não importava para ele. — Sua voz sumiu, sua mente bloqueada em uma memória que ela preferia esquecer.

Max não reagiu abertamente à declaração dela. Sua cabeça inclinou para o lado, seu cabelo roçando seu ombro quando seus lábios se levantaram em um sorriso brincalhão.

— Eu já sei disso, Alice. É o que me atrai para você. Somos iguais, você e eu. Duas origens muito diferentes, mas uma característica compartilhada que nos une.

Foi a primeira vez que ele disse que sabia tudo o que havia para saber sobre ela. Enquanto ele estava na frente dela como um quebra-cabeça misterioso que não tinha solução conhecida, ela se sentia nua em seus olhos... nua e vulnerável ao conhecimento que ele tinha dela, adquirida por meios que ela não tinha certeza se queria saber. Talvez ele estivesse mentindo cada vez que dissesse que sabia mais sobre ela do que ela própria. Outro aspecto do jogo que ele estava jogando contra ela, seu conhecimento dela - ou pelo menos a ameaça disso - era apenas outro método através do qual ele poderia controlá-la.

Como uma pessoa pode esconder suas fraquezas contra outra pessoa que conhece todas as suas inseguranças e segredos?

Se era possível que ele soubesse tanto sobre ela quanto ele alegava saber, como conseguira essa informação?

Ela nunca foi uma borboleta social em qualquer sentido do mundo. Mais recluso do que qualquer outra coisa, ela manteve-se desde o momento em que saiu de casa para ir à escola. Gastando o mínimo de energia que conseguia com os outros alunos e professores que a rodeavam nos anos até se

formar, ela sempre pintava uma imagem mais bonita da vida que levara. Ninguém, exceto os membros de sua família imediata, sabia dos segredos que ela carregava.

Seu coração quebrou com esse pensamento, uma resposta levantando sua cabeça feia para olhar no rosto dela e mostrar a ela o quão tola ela tinha sido de sentir até mesmo um grama de remorso pelo monstro na frente dela.

— Ela disse a você, não é?

Sua testa arqueou em uma pergunta. — Quem?

Virando o rosto na direção da tela que ainda tinha a imagem de uma mulher encapuzada sentada sozinha em uma pequena cama, Alice capturou Max em sua visão periférica, esperando até que ele tirasse o olhar dela e fixasse sua atenção na tela da televisão.

— Você forçou as respostas dela? Torturou, então ela lhe contou tudo sobre sua aberração de irmã? Foi assim que você me encontrou, seu filho da puta?

Unhas pressionavam círculos de meia lua nas palmas de suas mãos, seu corpo inteiro tremendo de raiva e raiva recém-descoberta. — Conte-me!

Aqui novamente, Alice esperava que a violência subisse de volta à superfície, um mal que fervia em seu interior até que ela fizesse ou dissesse algo para trazê-lo de volta à vida. Mas, em vez de devolver-lhe a chama ardente de repulsa e raiva que surgira dentro dela, ele virou a cabeça lentamente em sua direção para combinar com seu fogo com seu gelo.

Um sorriso secreto inclinou seus lábios quando ele respondeu: — Você me disse, Alice. Você me contou tudo o que havia para saber sobre todos os pequenos segredos que você esconde.

— Mentiroso. — Ela cuspiu a palavra para ele, seus dentes cerrados juntos da raiva que estava borbulhando dentro dela.

Ele não reagiu, pelo menos não na superfície. Em vez disso, ele simplesmente suspirou. — Você pode ficar com tanta raiva quanto você quiser pelo fato de eu te conhecer tão bem, mas, no final, isso realmente importa? Pare de brincar com fatos que não têm significado. Tudo o que você conseguirá é girar em círculos sem nenhum benefício real. Pare de desperdiçar sua energia em coisas insignificantes. Você já perdeu este jogo, meu amor. Você perdeu muito antes de começar a jogar.

Afastando os olhos do aço frio de seu olhar, ela sufocou as lágrimas que ameaçavam seus olhos. Raiva correu através de seus nervos, apertando as mãos mais apertadas em seu colo para perceber que ele não estava errado no que ele disse. O jogo que jogavam nunca foi um que ela teve a chance de ganhar.

O instinto de autopreservação deixado de lado, ela abriu a boca para falar os pensamentos que golpeavam seu crânio cansado. — Eu pensei que, talvez, você estivesse se amaciando. Que, talvez, você pudesse ver minha irmã e eu como algo mais humano. Homens abusivos nos criaram.

Nossas vidas foram planejadas como um troféu para os pais que nos criaram, e não sobre qualquer coisa que nos fizesse felizes e completos.

Com um olhar de soslaio, ela espiou Max. Sua expressão era uma máscara de pena, sua cabeça tremia tão devagar, incrédula, que ela não tinha certeza se estava vendo aquilo.

Com um tapa de sua mão aberta contra o balcão, o som tão repentino e alto que a fez pular, ele anulou qualquer esperança que tivesse de facilitar a vida dela do que nas últimas vinte e quatro horas.

Seus olhos deslizaram de seu rosto para baixo, para onde a palma de sua mão tinha pousado, e por baixo de seus dedos ela podia ver o grânulo esmagado e quebrado, algo frágil e bonito transformado em nada mais do que um pedaço de lixo esquecido. Nunca antes ela se sentira tão ligada a um objeto inanimado. O pássaro poderia facilmente ter sido ela ou a mulher que ele mantinha prisioneira no porão.

— Não confunda o que eu disse a você como uma vulnerabilidade dentro de mim, Alice.

Os olhos dela arrastaram-se pelo braço dele, por cima do ombro largo, para fixar um conjunto de olhos que cortavam a profundidade da navalha mais afiada. A raiva era óbvia no conjunto de sua mandíbula, uma fatia fria de aço que você não sabia que tinha te mutilado até que o sangue vazou, rápido e quente.

— Meu pai me moldou independentemente de eu ter trilhado o caminho que ele desenhou para mim. E ele pagou por esses erros como resultado. Eu não existo neste mundo para ninguém além de mim mesmo. E qualquer vulnerabilidade que tive na vida desapareceu quando deixei a infância para trás. Não perca seu tempo procurando fraquezas. Você vai embora vazia e um pouco mais esmagada e quebrada pelo esforço.

Sua garganta trabalhou sobre o medo espesso que inchava de seu coração batendo rapidamente, sua pele formigando em resposta a um calafrio que não tinha nada a ver com a temperatura.

Forçando-se a falar, ela trabalhou rapidamente para reparar qualquer dano que ela causou por suas suposições. — Eu sinto muito. Eu não quis dizer nada do que eu disse.

Inclinando a cabeça lentamente, ele a estudou por vários momentos. Sua avaliação completa, ele disse: — Eu quero mostrar a surpresa que tenho para você. Eu acho que você vai apreciar o pouco de liberdade que vem com isso. — Ele parou por um momento, sua cabeça se virando para olhar a tela da televisão - à imagem da solitária mulher encapuzada - e de volta para Alice. — Mas você seria inteligente para nunca se permitir esquecer o preço.

Seus olhos se fecharam, as lágrimas ardentes escorreram ao longo de sua bochecha para traçar a linha de sua mandíbula. A futilidade era o manto que ela agora usava, o conhecimento doloroso e tortuoso de que não havia um

pingo de decência ou humanidade no homem que agora governava sua vida.

Com passos medidos, ele contornou a ilha da cozinha para oferecer sua mão a ela. — Venha comigo, Alice. Você vai gostar do que eu tenho para te mostrar.

Uma cobra que a morderia, a mão dele ficou pendurada entre eles por vários segundos, os dedos enrolados para atacar assim que ela estendeu a mão para aceitá-lo. Mas com pouca escolha, ela pegou o predador em seu meio. Um calor que não era bem-vindo contra sua pele, doía de tantas maneiras que ela se sentia paralisada pelo contraste de emoção que a inundava.

Conforto porque ele afugentou seus pesadelos.

Ódio por ter ameaçado a única pessoa que ela mais amava.

Um amargo ressentimento porque ele fez seu corpo responder a ele de uma forma que nenhum outro homem conseguiu fazer.

Não havia uma única emoção que ela pudesse agarrar quando ele a tocava, nem um único pensamento que não se transformasse em uma borda irregular que rasgasse seu coração e mente.

Arrastando-o a um ritmo vagaroso, ela manteve os olhos no chão, sua atenção não foi levantada novamente até que ela ouviu o som familiar de um código sendo batido em um painel por uma porta externa. Suas sobrancelhas se uniram em confusão.

— Você está me levando para fora?

A pergunta escorregou antes que ela pudesse contê-lo, e ela esperava que ele não ficasse mais irritado com o fato de ela questionar qualquer coisa que ele fizesse.

Sem respondê-la, ele a levou através da porta para o calor da brisa úmida do ar da manhã.

Atordoada por seus arredores, Alice esqueceu as circunstâncias angustiantes de sua vida. Seus olhos arregalaram-se para ver um jardim tão bonito, que nada que ela tivesse visto antes podia comparar-se ao pequeno pedaço do paraíso escondido sob a sombra de carvalhos gigantes, seu musgo pendurado em galhos sólidos e balançando no mesmo vento quente que atravessava o céu. O rosto dela.

— O que é este lugar? — Ela perguntou, sua voz reverente e sem fôlego.

— Seu jardim, — ele respondeu, seus olhos a pegando de lado, seus dedos apertando sua mão mais apertada antes de um puxão afiado puxá-la para frente, mais fundo no labirinto de flores, arbustos e gramíneas ornamentais.

Com os dedos arrastando-se pelo emaranhado macio e branco de penas que se erguia acima dos finos fusos de grama alta, ela se pegou sorrindo. Felicidade não pertence a este lugar e não ao lado deste homem. Mas quando a lavagem da cor a engoliu, quando a melodia do canto dos pássaros passou suavemente pelas orelhas, ela perdeu-se para a serenidade do ambiente. O sol contra sua pele a aqueceu. O cheiro de rosas e gardênias a embalou em uma

falsa sensação de harmonia e prometeu que a vida aqui não seria completamente ruim.

— Meu? — Ela finalmente perguntou, a palavra absurda quando deu à luz através do som.

Max inclinou a cabeça, soltando a mão dela para girar e encará-la, para observar seus olhos percorrerem a coleção de plantas e árvores que haviam aprendido a existir juntos. Algumas tropicais e outras apenas tolerantes a um ambiente mais frio, ela se perguntava que jardineiro magistral conseguira cultivar o impossível.

— Este é o seu lugar, Alice. Um refúgio para o qual você pode vir quando eu estiver fora. É seu para gerenciar e cuidar, seu para nutrir e apoiar.

A generosidade de sua oferta foi um desenvolvimento que a confundiu. Assustou-a, na verdade, porque não entendia como alguém tão cruel poderia lhe dar algo tão valioso.

Jardinagem sempre foi um paraíso para Alice, um lugar para onde ela poderia fugir nas horas em que seu pai estava em casa. Originalmente plantada por sua mãe, um grande jardim existia fora de sua modesta casa, e nos dias em que a raiva de seu pai levantava sua cabeça, sua mãe a levava para fora e longe das palavras terríveis e dos golpes físicos que logo se seguiriam.

No início, e porque ela era tão jovem, ela não estava interessada no conhecimento ou habilidade que acompanhava a vida de plantas inúteis. Elas cheiravam bem,

sim, e na primavera eram lindas, mas não podiam brincar com ela, não podiam falar com elas quando ela precisava de apenas uma pessoa para ouvir.

E assim como o pai dela, aquelas plantas tinham espinhos, pontas afiadas que espetavam sua pele, zombando dela com sua beleza.

No entanto, com o passar dos meses e como as plantas que ela tinha crescido a partir de sementes começaram a surgir e florescer, Alice se apaixonou pela crença de que ela era uma parte do mundo onde ela acreditava que não pertencia. Seus poucos anos tinham sido preenchidos com o rótulo de *aberração*, seu pai muitas vezes chamando-a de uma praga que teria sido melhor não ter nascido.

Assim que aprendeu a amar a sensação de suas mãos cavadas profundamente no solo úmido e frio, passara a maior parte do tempo ali durante as estações, com a picada do frio no inverno e o calor escaldante dos longos dias de verão.

Sempre havia algo para fugir no jardim de sua juventude e, nessa nova vida, Max havia devolvido a ela o único lugar que fora seu único verdadeiro amigo.

— Obrigada, — ela respirou, sua mente tão perdida na maravilha do jardim, ela esqueceu o preço que ainda pairava sobre sua cabeça.

Os olhos cansados ficaram mais brilhantes enquanto seguiam os caminhos de pedra e seixos que se agitavam como riachos sobre todo o espaço, seus pés a puxando mais

fundo em um labirinto de cores e vegetação. A brisa levou consigo o cheiro de jasmim em flor, e Alice olhou para a videira que cobria um portão de ferro preto e forjado.

Parando em suas trilhas, ela ficou maravilhada com o portão, com o pedaço de mistério gótico que estava escondido atrás das grossas videiras. Quase completamente cobertas, as torres finas e afiadas ainda se erguiam acima do emaranhado de flores.

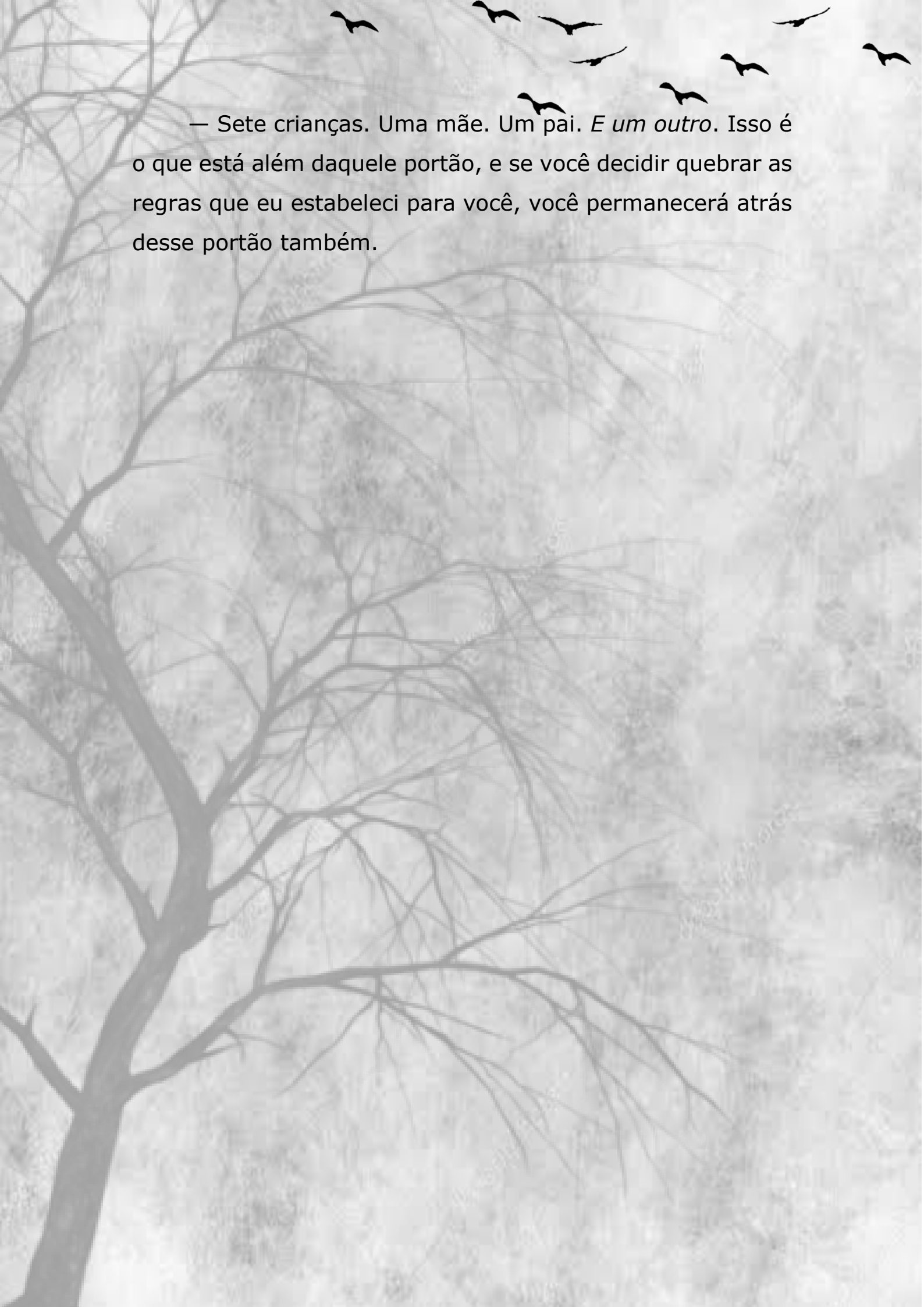
Ela deu um passo em direção a ela, sua curiosidade poderosa demais para conter. No entanto, seu caminho para frente foi interrompido por uma mão forte que pousou em seu ombro, pela pressão dos dedos no ponto macio acima de sua clavícula que disparou dor ao longo de seu braço.

— Você nunca pode ir além desse portão, Alice. O jardim é fechado e não há como fugir. Nunca pensar que há algo além dessa fronteira é a chave para sua liberdade nesse lugar.

Suas palavras foram ditas suavemente, um aviso escondido sob a suavidade aveludada de sua voz.

— O que há atrás do portão? — Ela se virou para olhar para ele. — Se você não se importa de eu perguntar.

O frio gelado de seu olhar passou por seu ombro, trancando naquele portão solitário que estava perdido e abandonado sob a sombra das árvores. Ele estava tão quieto que ela pensou que ele nunca responderia, mas então sua garganta se moveu e seus lábios se separaram, a verdade revelada no sussurro de sua voz dolorosa.



— Sete crianças. Uma mãe. Um pai. *E um outro*. Isso é o que está além daquele portão, e se você decidir quebrar as regras que eu estabeleci para você, você permanecerá atrás desse portão também.

Vinte e cinco

12:34 p.m.

Porta branca.

Mesa de madeira escura.

Sofá listrado branco e bege.

Ele não chamou por ela como normalmente fazia no limiar da porta do escritório. Simplesmente abrindo a divisória escura, o médico a encarou, preocupação marcava sua testa, os lábios expressivos puxados para baixo em uma linha fina e severa.

Ela caminhou seu caminho através do tapete e afundou-se contra as almofadas do sofá.

…gotejamento…

O silêncio entre eles era grosso. Sua cadeira de couro gemeu quando ele se sentou. O relógio marcou sua batida medida. E a pia gotejava sem parar, o som tão ralando contra seus sentidos, ela jurou que iria arrancá-lo da parede.

— Por que você não falou? — Ela perguntou, vergonha impedindo-a de olhar para o rosto da única pessoa que poderia julgá-la pela insanidade que estava adormecida em sua mente.

— Eu estava esperando para ver o que você diria.

— Por quê?

Ele suspirou, uma respiração ofegante que traiu o agravamento sentado dentro dele. — Você está pronta para ver esses sonhos pelo que eles são, Alice? Você já me contou tudo o que preciso saber.

Fios moles de cabelos loiros pendiam para proteger a cabeça. Ela se escondeu atrás dele, desesperada por algo mais sólido, mais completo, onde pudesse se agachar e se acovardar, onde não precisava aprender a verdade que essas sessões a obrigavam a enfrentar.

— Está na hora, Alice. Para você e para sua irmã.

À menção de Dalila, os olhos de Alice se esgueiraram por trás da cortina de seus cabelos, a cabeça girando lentamente sobre os ombros e o pescoço para fechar os olhos com o homem que a guiava para frente. — Você finalmente acredita em mim?

Seu corpo tremeu sob o peso de uma pergunta que ela fez, apesar de seu medo de que a resposta fosse sua resposta típica.

— Eu não estou dizendo isso, — ele suspirou, seu agravamento em transição para uma pena de suas palavras. — Você gostaria que eu falasse? Para trazer os sintomas e fatos sobre seus sonhos que você ainda tem que reconhecer?

Um único aceno de cabeça foi tudo o que ela pôde lhe dar, o movimento afiado e espasmódico.

Recostando-se em sua cadeira, ele bateu a caneta a uma batida de três antes de rabiscar alguma nota. Como o bisturi de um cirurgião, aquela caneta a abriu, dissecou-a

para que o médico pudesse olhar para dentro e ver todas as suas partes feias e fracas.

— Bem. Você está fora de ritmo hoje, então eu vou tocar junto.

Folheando as páginas, ele correu o dedo ao longo de uma linha de pensamento que era uma lavagem de azul contra papel branco. — Várias vezes, você mencionou para mim que Max parece saber muito sobre você. Por que você acha isso?

Ela encolheu os ombros, o movimento tão sutil e fraco, ela não tinha certeza se realmente tinha feito isso. Colocando as mãos no colo, ela olhou para os tendões que se estendiam sob a pele, para os calos que marcavam as pontas dos dedos, para a sujeira de uma linha marrom sob as unhas. Quando as mãos dela ficaram tão feias, tão velhas? E as manchas que vieram de algum lugar desconhecido seriam lavadas completamente?

— Depois da nossa sessão, tive outro sonho...

— Eu não estou interessado no próximo sonho, Alice. — Ele fez uma pausa, recuperando o controle de uma voz que se tornou muito impaciente. — Neste ponto, tudo o que me interessa é a resposta para a pergunta que acabei de fazer.

Mal capaz de engolir a espessura de sua garganta, ela fechou os olhos e soltou cada pedaço de ar preso em seus pulmões. Outra respiração a trouxe mais em foco, a sujeira lavada fora dela como ela exalou para ser substituída pelo ar puro do escritório do doutor.

— Eu não sei. A única razão que posso imaginar é que Max não é real. Ele é uma parte de mim mesmo, talvez.

— Isso é besteira e você sabe disso.

Seus olhos se abriram com as palavras duras, os músculos de seu pescoço arrancados pelo esforço necessário para encará-lo completamente. — Como você saberia? Eles são sonhos, doutor. Sonhos! Imagens e ações que acontecem inteiramente dentro da minha cabeça. Todas as pessoas, todos os rostos, todas as palavras e todas as coisas horríveis são inventadas pela minha mente, pela minha lembrança e pela incapacidade do meu cérebro de registrar as memórias do jeito que está destinado a acontecer. Claro que ele sabe tudo sobre mim porque ele *sou* eu. Ele é a visão de alguém na minha cabeça, então ele tem acesso a todas as lembranças que eu tenho. Essa é a única explicação que faz sentido...

— Ou... — ele interrompeu, sua voz explodindo na sala alto o suficiente para abafar cada tique do relógio e cada gotejamento da pia que estava lentamente deixando Alice louca. — … É a única explicação que você aceitará como algo que faz sentido, porque você está longe demais para reconhecer o que isso realmente significa. Você é uma garotinha assustada, Alice. Alguém que se afundou tão profundamente que você se recusa a olhar atentamente para as imagens que esses *sonhos* estão lhe mostrando.

Seu queixo caiu em choque, seus olhos examinando seu rosto com descrença de que o normalmente paciente e gentil

médico que ela conhecia estava gritando e tratando-a como uma criança birrenta.

Seu corpo se inclinou para frente em sua cadeira, o bloco de notas pendurado em seu colo da velocidade com a qual ele se moveu para fechar a distância entre eles. Ele olhou para ela, cada grama de frustração dentro dele uma máscara vermelha sobre sua pele. Com a caneta presa no punho da mão, ele balançou a cabeça quando ela não disse nada, quando ela não conseguiu responder às palavras iradas e voláteis de uma pessoa que ela acreditava não ter ideia dos pensamentos e emoções que aleijavam cada parte dela.

— Você está ficando sem tempo. Com cada segundo que avança, você está perdendo terreno. E esses segundos estão correndo, Alice. Eles estão aumentando, avançando e levando você para algum lugar que eu não tenho certeza se você quer ir. Eu acabei de brincar com você. Abra seus olhos ou deixe-os ir completamente.

Lágrimas escorriam por suas bochechas, seus lábios tremiam onde aquelas lágrimas deslizavam ao longo do vinco para pingar sobre o queixo e no pescoço. Soluços ferozes abalaram cada parte dela e ela não conseguiu controlar o medo que floresceu no fundo dela.

Antes de se recostar na cadeira, ele pegou um lenço de papel para entregar a ela. Alice não aceitou, então ele jogou para pousar em seu colo. Retomando sua posição normal, ele tamborilou uma batida furiosa com a caneta contra o

papel, um toque final mais alto do que os outros antes de dizer: — Você está perdendo todos os aspectos importantes desses *sonhos* e se concentrando apenas nas coisas que não assustam você...

Choque rasgou sua pele. — Como você pode dizer isso? Tudo o que eu te disse foi assustador. Ele estuprou minha irmã, ele me forçou a fazer sexo com ele, ele me machucou e me acertou, e ameaçou acabar com minha vida se...

— Você disse que o amava, Alice. Não continue mentindo para mim e, mais importante, para você mesmo, sobre como você realmente se sente sobre ele. Ele *salvou* você de seus pesadelos. Ele lhe deu um lindo jardim para brincar enquanto ele estava fora. Se você vai confiar em sonhos para contar o que realmente aconteceu com sua irmã, então olhe para as partes que você está com muito medo de ver. As partes que são, na verdade, assustadoras. As partes que você enterrou lá no fundo porque você não quer admitir que você era parte delas. Esses são os sonhos que quero conhecer. Esses são os sonhos que você precisa discutir. Não aqueles que pintam um quadro sombrio de um homem que fez de tudo para prejudicá-la e ao mesmo tempo cometeu abuso contra alguma mulher sem rosto na tela de uma televisão.

Tirando os óculos do rosto, colocou-os na mesa ao lado dele e estendeu a mão para esfregar a ponta do nariz. Seus olhos estavam cerrados, seu pé batendo um ritmo frenético onde estava cruzado em seu joelho. Finalmente abrindo os

olhos, ele escreveu mais algumas linhas em seu bloco de notas antes de recuperar os óculos e colocá-las de volta nos olhos.

Um bafo de frustração percorreu seus lábios, sua voz voltando ao tom calmante que ele sempre usou até esta sessão.

— Eu conheço você há muito tempo, Alice. Eu tenho tratado você desde que você era uma menina pequena e eu não posso ficar de braços cruzados e permitir que você continue mentindo para si mesma. Estamos ficando sem tempo. Se você vai continuar com os sonhos, então tudo bem. Mas diga-me aqueles que mais a assustam, e por amor a si mesma e pelo bem da sua irmã, olhe para eles como eles realmente são. Veja quem Max realmente é e veja a verdade como ela é. Quem é Max, Alice? E como ele está conectado a você?

Uma respiração instável sacudiu seus lábios, sua mão se estendendo para derrubar as lágrimas de sua pele. — Tudo bem, doutor. Eu vou jogar o seu jogo. Mas não me culpe quando descobrir que está errado. Estes são apenas sonhos. Sonhos que nada têm a ver comigo e tudo a ver com minha irmã.

Ele balançou a cabeça, um movimento sutil que Alice mal havia visto.

— Comece com o preço, Alice. O preço para o jardim. Talvez seja a chave para ajudá-la a lembrar.

Vinte e seis

— Estou saindo de casa por algumas horas. Você é permitida ir fora no jardim durante esse tempo. Todo o resto permanecerá trancado.

Alice estava sentada na sala de visitas, olhando para um homem vestido de terno cinza, camisa branca e gravata vermelha. Tudo sobre ele falava dinheiro e elegância, refinamento que ela não conhecia em sua vida mais jovem. Ela estava tão atraída por ele quanto ela estava com medo dele, suas mãos tremendo no colo, mas ela não conseguia entender o porquê.

— Não fique fora por muito tempo, Alice. Você precisa se lembrar do preço, das tarefas que dei para você concluir. Não os foda e não os esqueça. Você não vai gostar do resultado.

Com isso, ele saiu da sala, os saltos de seus sapatos um aplauso rítmico contra madeira dura até que o som desapareceu por completo. Uma porta se abriu e se fechou ao longe, e pela primeira vez desde que ela foi levada para morar na casa grande que tinha sido a casa de infância de Max, Alice soltou um suspiro de alívio.

O preço.

Ela não tinha certeza de tudo o que isso implicava, mas ela não achava tão terrível quando ele explicou pela primeira vez o que ela tinha sido trazida para cá.

Seja sua esposa.

Ame ele.

Cuide dele.

Ignore os demônios que se escondem dentro dele e cuide de sua necessidade de uma família real.

Ela olhou para a tela para ver a mulher ainda sentada em silêncio. Nunca se movendo. Nunca tentando arrancar o capuz que cobria o rosto dela. Apenas sentada. Balançando a cabeça em descrença, Alice passou uma hora, pelo menos, apenas observando a imagem, esperando para ver qualquer pequeno erro que pudesse revelar a imagem como algo diferente do que ela supunha que fosse. A tela nunca piscou, nunca pulou e nunca vacilou. Mas algo não estava certo sobre o que ela estava vendo.

Levantando-se, ela entrou na cozinha para encontrar uma lista escrita num roteiro limpo no balcão, a imagem de um pequeno corvo empoleirado, um emblema que ficava no topo do papel de carta. Risos borbulhavam sobre seus lábios, as palavras tão deprimentes e normais que não pertenciam a esta casa de fantasia, não pertenciam ao pesadelo dessa realidade particular.

Limpe o chão…

Lave as roupas...

Prepare o jantar às seis da tarde...

Tudo básico. Tudo besteira. Uma lista que corroía algo dentro dela que estava levantando a verdade escondida para a superfície.

Colocando a nota no balcão, ela girou nos calcanhares para olhar por cima da casa. A familiaridade era um sussurro irritante em sua cabeça, segredos melhor deixados escondidos se ela quisesse manter sua sanidade. Mas aqueles sussurros eram infinitos, implacáveis. Havia mais abaixo da superfície de uma bela casa que prendia os pesadelos atrás de portas trancadas mecanicamente e telas de televisão que gritavam para ela ver a verdade.

Incapaz de se concentrar em qualquer coisa, fechou os olhos e estendeu a mão para alisar as palmas das mãos sobre uma saia azul-claro que não se lembrava de ter colocado. O vestido estava amarelo. O vestido era branco. Em que ponto a cor mudou?

Sua cabeça arrancou para o lado, os músculos de seu pescoço se contorceram em dor aguda. A mulher na tela estava imóvel, seu vestido era um vestido azul claro com uma gola de renda branca, exatamente como Alice estava vestida agora.

Incapaz de entender, ou talvez não querer, ela arrancou os olhos da tela e caminhou os passos solitários da cozinha para um refúgio que havia sido criado para ela - por ela.

Uma linha de pensamento bateu nela, fora de controle e com um soco que arrancou o ar de seus pulmões.

Por ela.

O jardim fora criado por *suas* mãos amorosas.

Timidamente, ela saiu, imagens enchendo sua cabeça de dias quentes e ensolarados sob o dossel dos carvalhos

imponentes, seu musgo balançando em uma brisa sutil, tornando-se sombras que brincavam sobre sua pele. Não havia nada que ela não reconhecesse naquele lugar. Não as rosas que foram plantadas em uma variedade de cores: vermelho, branco, amarelo e roxo; elas eram os mais difíceis de cultivar, sua beleza mascarando a dor de seus espinhos.

Uma gota de sangue sobre o dedo. Um conjunto de lábios que sugou suavemente para limpá-lo. O arranhão da barba de um homem contra a palma de sua mão enquanto ela ria e dizia que ele estava nojento por tê-la provado de uma maneira tão pessoal e privada.

Você é uma parte de mim agora, ele sussurrou, *sempre e para sempre...*

Até a morte.

Até a morte.

Até a morte.

Ela caiu de joelhos com as palavras repetindo como um canto fúnebre em seus pensamentos. Percebendo um vilão sinistro que brilhou mais e mais rápido, tão brilhante e brilhante que seu corpo caiu para frente contra as pernas dobradas, suas mãos apertando a cabeça nas laterais como se cobrindo os ouvidos pudesse impedir as palavras de explodir dentro de seu crânio.

Até a morte, Alice. Até então, você é minha.

Sua cabeça tremia, sua dor vazando das pálpebras cerradas sobre os olhos cegos.

Apenas um sonho. Tinha que ser, isso não podia ser mais nada.

Ela não tinha entendido até esse momento. Não até que os pássaros cantassem sua melodia acima de sua cabeça, até que a brisa passasse e carregasse as notas de todas as flores que haviam sido escolhidas e plantadas por uma mulher que precisava da segurança de seu refúgio.

Seu corpo tremeu em soluços tumultuosos, seus músculos esticados sobre ossos que estavam cansados e fracos. Ela reconheceu esse lugar, esse jardim do bem e do mal, e esse reconhecimento foi a pequena fissura quebrada que se abriu mais, permitindo que a luz iluminasse as sombras de sua mente.

Isso não pode ser…

Eu não fiz isso...

Mas ela tinha.

Ela empurrou o corpo de volta a seus pés, e ela andou pelos terrenos que eram tão familiares que ela conhecia todos os cantos e recantos, cada canto cuidadosamente escondido que continha os segredos que ela não conseguia encarar.

Eles foram enterrados debaixo dessas flores. Cada lembrança e segredo congelado no tempo, sua sombra balançando acima dela em padrões hipnóticos, sua beleza preservada até a hora: Hora de alimentar as flores. Tempo para eles darem a beleza que uma vez tiveram algo muito mais bonito do que jamais poderiam ser.

Seu refúgio.

Seu lugar seguro.

Sua casa entre as árvores e a natureza.

O lugar onde ela poderia escapar dos gritos.

O vento aumentou enquanto ela examinava os arredores, o cheiro de jasmim e gardênia era uma nota sutil dentro do cheiro fresco e limpo de musgo e terra, entre a doce fragrância de rosas da herança em plena floração.

Rastejando ainda mais sob o dossel de galhos, ela piscou para as correntes de luz que atravessavam as folhas. Olhando para cima, ela não conseguia sorrir ao ver as orquídeas brancas e roxas que se agarravam à casca, não podia sentir prazer na beleza frágil do refúgio projetado por suas mãos.

Alice não tinha um caminho específico em mente, mas seus pés continuavam a movê-la para frente. Além das árvores havia grandes amostras de buganvílias, a varredura das flores escondendo os espinhos que haviam rasgado sua pele com tanta frequência.

No entanto, apesar da mordida da beleza da natureza, ela nunca culpou as plantas que cuidara, nunca se arrependeu de suas próprias gotas de sangue que alimentaram o solo a seus pés. Ela merecia as mordidas, ela merecia os arranhões, ela merecia a dor que vinha com os segredos que estavam enterrados sob seus pés.

Antes que ela percebesse para onde estava indo, sua mente tão perdida em pensamentos que não tinha prestado

atenção em seu caminho, ela encontrou uma parede de jasmim, as vinhas tão grossas e emaranhadas, que ela não teria visto a cerca que estava abaixo eles a menos que ela já soubesse que estava lá.

Estendendo a mão, ela correu um dedo ao longo dos pináculos, seus pés ainda a movendo para mais perto do lugar sobre o qual ela havia sido avisada tantas vezes antes.

Os intermináveis sussurros a alertaram para voltar atrás, fugir daquele lugar que seria sua destruição, mas sua curiosidade venceu.

Ela precisava se lembrar desse lugar.

Para lembrar os segredos que há muito foram silenciados.

Sua mão encontrou o pequeno portão que estava praticamente trancado pelas vinhas que cresciam sobre ele. Rasgando-os, Alice ignorou a seiva que sangrava das plantas, branca e pegajosa contra sua pele. As folhas verde-escuras e as flores brancas cobriam o chão a seus pés, seu corpo lutando para descobrir o portão e a verdade.

O que havia além seria o que a destruiu porque o portão não foi projetado apenas para manter uma pessoa fora, foi projetado para manter os fantasmas dentro

As dobradiças gemeram alto, um grito alto que ecoou pela extensão e levou ao vento um grito de aviso que implorou para ela voltar aos sonhos que ela criou para si mesma.

Um tremor percorreu sua espinha até desabrochar sobre o peito, ombros e braços. Apesar da fraqueza em suas pernas, ela deu um passo hesitante para frente para observar os segredos que a esperavam por trás do véu de beleza que ela plantara como disfarce.

Sete lápides pequenas estavam desmoronando e esquecidas, cada uma com o nome de uma criança que nunca teve a chance de dar vida aos pulmões.

Sete nomes.

Sete datas.

Sete batimentos cardíacos que nunca bateriam.

O espaço não marcado seguia as lápides, grandes o suficiente para dois adultos, de duas pessoas que não eram amadas o suficiente para que seus locais finais de descanso fossem marcados. Plantas de baixa altitude cobriam agora aquelas manchas solitárias, ervas daninhas com flores amarelas e brancas. Era óbvio que ninguém se importava com eles há muito tempo, e Alice sentiu uma pontada de raiva e também se arrependeu dos ossos que estavam por baixo. Ela não precisou adivinhar quem estava enterrado lá, os sussurros disseram a ela quando a memória veio, como o corpo dela tremeu e tremeu no conhecimento de tudo que ela se tornou.

Afastando-se mais, ela congelou no lugar, a terra aberta e implorando, uma cova rasa ainda não coberta ou cheia. Era a peça final do quebra-cabeça insidioso, o

lembrete de que separava o véu tão completamente que ela podia olhar para dentro e ver a verdade.

Inclinando-se para passar a mão pelo solo recém-virado, sentiu uma lágrima escorrendo pelo seu rosto e deu um pulo em resposta à mão cruel que pousou em seu ombro.

— Eu lhe disse para não vir aqui, Alice. Eu te avisei. — Sua voz era suave, arrependida, uma advertência na maneira como seu tom de voz percorreu sua pele enquanto o calor de sua palma penetrava em seu ombro frio. — Por quê? Por que você teve que quebrar essa regra?

Seu coração doeu com a agonia suave em sua voz fraturada. Fechando os olhos, ela cerrou o punho sobre a terra úmida que jazia em tufos nas bordas da cova aberta. Memórias como teias de aranha através de seus pensamentos, a dor e o tormento se tornando mais pronunciados com cada um que se deu a conhecer.

— O jardim, — ela sussurrou, sua voz não forte o suficiente para ser qualquer outra coisa. — Eu me lembrei do jardim, sobre o que está enterrado lá embaixo do chão.

Silêncio caiu entre eles, e enquanto o vento cantava sua canção assombrosa, Alice entendeu o preço do que estava escondido aqui neste lugar por tanto tempo.

O preço não era amar o homem que estava acima dela.

Não era fingir ser a família que ele nunca teve.

O preço era dar testemunho do monstro que estava escondido dentro dele, permanecer em silêncio enquanto o amava, suportar a carnificina e permanecer forte.

Vinte e sete

12:35 p.m.

Paredes cinzentas.

Mesa preta.

Rosas vermelhas falsas e de plástico.

Tudo no lugar, a poeira nas mesas intocada pelos dedos humanos.

…Gotejamento...

— Alice? ... Senhorita Beaumont? ... Alice Beaumont...

— É minha hora, doutor?

Ele assentiu.

Porta branca.

Mesa de madeira escura.

Sofá listrado branco e bege.

Ainda o mesmo.

...gotejamento...

Ela não conseguia levantar os olhos para olhar para o médico, não suportava ver o desapontamento e desgosto que certamente estavam escritos em seu rosto.

Distraindo-se da tensão que se formava entre eles, seus dedos puxaram o tecido de sua camisa, atando o pano sobre sua mão até que o sangue fosse espremido de debaixo da pele. Mais e mais ela enrolou e desembrulhou o tecido em

volta da palma da mão, apertando-o cada vez mais até que ele disparou pontinhas de dor ao longo dos dedos.

— Você está lembrando, não é?

Ainda se recusando a olhar para ele, apesar da pergunta que ele fez, ela balançou a cabeça lentamente, as lágrimas ameaçando seus olhos. Como ela ainda poderia estar chorando quando parecia que não havia nenhuma emoção dentro dela? O sentimento entorpecido substituiu o tormento. A apatia e a vergonha haviam tirado o terror para substituí-lo pela vergonhosa verdade de seus crimes.

— Eles não são apenas sonhos. Eles são, doutor?

O silêncio batia entre eles, os segundos contados pelo relógio.

— Sinto muito, Alice. Eu gostaria de poder te dizer que eles eram.

Ela queria ficar zangada com ele por jogar o tempo todo, por não segurá-la no lugar e gritar a verdade para ela até que ela se lembrasse.

— Por que você não me disse antes? Você sabia disso o tempo todo? — Sua voz tremeu na pergunta, sua mente correndo com a oração de que ele não lhe daria uma resposta que o tornasse mais inimigo do que amigo.

O som familiar de sua cadeira de couro rangendo encheu a sala. Alice sabia que ele estava se acomodando, seus olhos a estudando no interior mal iluminado de seu escritório.

Sua voz estava arrependida quando ele explicou o raciocínio por trás de sua traição.

— Você sabe melhor que a maioria das pessoas que a mente é uma coisa frágil. E enquanto em seu campo de estudo, você estava mais interessada nas propriedades físicas, na carne, nos nervos, nas sinapses e veias, meu campo está mais focado na função dessas partes em um nível mais *subjetivo*.

Ela sorriu. Pelo menos o bastardo finalmente admitiu isso.

— Em ambos os nossos campos, concordamos em uma teoria. Os sonhos são a maneira da mente de transferir memórias de curto prazo para o longo prazo. Onde diferimos em nossos campos é interpretar o que acontece quando uma mente quebrada está processando essa informação. Os neurologistas estão mais preocupados com o motivo de a mente sonhar, enquanto os psicólogos estão mais preocupados com o que os sonhos podem significar.

Ele deu a ela um olhar aguçado, um leve sorriso puxando os cantos de seus lábios. Quando ela não respondeu, ele continuou: — A interpretação dos sonhos é um jogo de adivinhação. Então, sim, esses sonhos são mais do que apenas sonhos, mas mais do que algo prevendo um evento futuro, como você acreditou, talvez a explicação tenha sido que esses sonhos são memórias de um evento passado, mas a informação não é completamente precisa devido à saúde emocional do sonhador - você.

Alice fungou, mas acenou com a cabeça de acordo com sua teoria.

— Sua mente está dilacerada, Alice, mal mantida unida enquanto você chega a um acordo com a verdade do que aconteceu com sua vida. Você veio até mim para ajudá-la a lembrar e juntar as peças, para consertar algo que não tenho certeza de que possa ser *realmente* consertado. Eu não acho que você poderia ter feito isso sozinha, não sem perder cada parte de você que era importante e pura. Por que mais você procuraria um médico que você não vê desde que era criança?

A explicação fazia sentido, e agora que ela finalmente entendeu que os sonhos eram lembranças vindo à tona, uma barreira quebrou em sua mente, as imagens e eventos que ela lutou tanto para não ver finalmente entrando em foco com uma vingança que a despedaçou de dentro para fora. Ousando olhar para o rosto do médico, Alice viu paciência em vez de julgamento, preocupação em vez de nojo.

— Eu deveria me odiar por tudo. Por ser tão estúpida e tão fraca.

Ele bateu a caneta contra o caderno, o som reconfortante porque ela se lembrava de quando ela era jovem.

Sem comentar sobre o auto ódio que ela acabara de expor, o médico moveu o caderno em seu colo para colocá-lo na mesa ao lado dele. Ele ajustou as molduras dos óculos

sobre o nariz e suspirou pesadamente, o sussurro do som em seus lábios uma avalanche de decepção e pena.

— Vamos começar com as lembranças fáceis, Alice. É como eu já disse, o tempo está se esgotando, mas se isso ajuda você a encarar a verdade das memórias que lhe atormentam, vamos começar em um lugar seguro. Um lugar que se sente em casa.

Seus lábios rolaram um sobre o outro, a pele rachada pegajosa quando ela abriu a boca para responder em voz alta. — Este era o único lugar seguro de que me lembro da minha infância. É provavelmente a razão pela qual eu te procurei. Embora, pela minha vida, não me lembro da primeira vez que vim para cá. Não desde que eu era jovem. Não após…

Sua voz sumiu, seus olhos cerrados agora que ela entendeu o que tinha feito.

Forçando-se a continuar falando, ela respirou fundo e abriu os olhos. — Minha mãe me trouxe para você por causa dos distúrbios do sono, não é?

Sua voz paciente e astuta, ele respondeu: — Essa foi a razão que ela me deu no dia em que você entrou pela primeira vez neste escritório. Mas depois de me encontrar com você várias vezes, eu sabia que havia mais nos seus problemas do que você ou sua mãe deixavam transparecer. Você era uma garota inteligente, Alice. Impressionante, realmente, e eu tive que lutar para manter você falando a

maior parte do tempo. Você estava protegendo alguém. Presumo agora que essa pessoa era seu pai.

Sua cabeça assentiu de acordo com sua suposição. — Se eu tivesse dito a você ou a qualquer pessoa sobre o abuso, isso teria destruído a minha família. — Ela riu, um som abafado de ódio e arrependimento. — Não que houvesse muito a destruir, pois ele piorou ao longo dos anos, mas pelo menos eles estavam seguros. Eu era o único alvo que ele parecia se importar.

— Você amava sua família.

Não era uma pergunta, mas uma declaração, e Alice não sabia como responder. Quando ela não respondeu, ele preencheu o silêncio por ela.

— Mas havia mais que você sentia sobre eles, e não estava lá? Algo secreto que fez você se sentir envergonhada? Assustada?

Com as mãos trêmulas, afastou o cabelo do rosto e passou os braços ao redor do corpo, como se de alguma forma isso a protegesse da feia verdade de sua vida.

— Eu estava com ciúmes do meu irmão e irmã. Minha irmã, principalmente. Eles nunca foram forçados a dormir em pequenos armários, e ele nunca pareceu zangado quando eles estavam na sala. Foi só eu que ele odiou. Só eu que ele desejava nunca ter nascido.

Dando suas palavras alguns minutos de consideração, o médico falou devagar quando ele respondeu: — Não foi sua culpa. Você sabe disso, certo? Os distúrbios, o que seu pai

fez com você ou o ciúme que você sentiu pelos seus irmãos como resultado.

Seus dedos cravaram-se em seus lados, os braços tão apertados ao redor de seu abdômen que ela podia sentir o pulso de sangue sob a pele. — Eu sei disso agora, especialmente depois de tudo que aprendi na faculdade sobre os distúrbios. Mas isso não me ajudou quando eu era criança. Eu não tinha como saber...

— Eu tentei te contar em suas sessões.

— Sim, — ela argumentou, — mas eu pensei que era apenas um monte de mentiras.

O ar deixou seus pulmões em um chocalho, seu corpo se dobrou no assento enquanto ela se enrolava em uma bola protetora apertada.

— Eu acho que estou pronta, doutor. Acho que finalmente estou pronta para enfrentar tudo.

— Você tem certeza?

Assentindo com a cabeça com tanta força que o cabelo saltou para os lados do rosto, ela mordeu o lábio inferior e fechou os olhos. Puxando-se para fora do casulo de seu corpo que construiu para se manter segura, ela abriu os olhos novamente e disse: — Todas as peças estavam lá o tempo todo. Todas as memórias. Eu acabei de transformá-las em algo completamente diferente, porque não conseguia encarar o que havia acontecido comigo, o que ele havia feito comigo tão facilmente.

Virando-se para enfrentar o Dr. Chance, Alice puxou os braços ao redor de si e juntou os dedos sobre o colo. — Se os sonhos são apenas o modo de processar memórias da mente, então por que eles têm que ser tão abstratos?

A cadeira de couro gemeu quando ele se inclinou para frente, suas próprias mãos embrulhadas juntas, onde elas se acomodaram em cima de seus joelhos. — Talvez você precisasse da abstração para não se separar completamente. Mas as peças estavam todas lá. Eu as vi. Eu tenho eles escritos. É hora de você pegá-los e colocá-los em alguma ordem para que você possa juntar a foto inteira. É hora de a história fazer sentido.

Um arrepio correu por ela.

— Eu sou uma pessoa má, doutor. — A confissão feriu quando se arrastou para cima de sua garganta para roçar em seus lábios.

— Você não é uma pessoa má, Alice. Você não estaria aqui se você fosse. As pessoas podem fazer coisas ruins e ainda serem consideradas boas.

Irritada pelas lágrimas que não paravam de cair, seu lábio tremeu quando sua visão ficou turva. — Onde eu começo, doutor? — Sua voz guinchou enquanto falava, temendo uma entidade rastejante que ameaçava puxá-la mais para seu alcance. — Por onde você pode começar uma história como essa?

Ele olhou para ela com uma avaliação perspicaz atrás de seus olhos, o tempo passando entre eles tão devagar até

que finalmente abriu a boca e disse: — Comece do único lugar que faz sentido, Alice. Desde o começo... E desde o primeiro encontro com Maximilian Frost.

Vinte e oito

— Como você pode ver, não é nada mais do que um armário sujo e esquecido. — O som de riso aveludado encheu o quarto atrás de onde Alice estava agachada para olhar para as sombras de um espaço empoeirado. Tinteiros velhos cobriam uma parte de uma parede com uma lona esfarrapada mal cobrindo as latas enferrujadas. Alguns cabides pendiam preguiçosamente de uma haste de metal que corria pelas costas. O teto se arqueava com a forma do telhado acima de suas cabeças, fazendo com que o canto direito do armário fosse inútil para o armazenamento.

Rastejando para trás, ela escovou a saia para remover a poeira que havia se depositado sobre o tecido azul marinho. Ela ficou em pé e virou-se para o homem que era tão inquietante quanto ele estava apelando. Eles se encararam por vários momentos tensos antes que ela finalmente quebrasse e sorrisse.

— Eu tenho que ser honesta com você, Sr. Frost...

— Max, — ele a corrigiu. — Por favor.

Engolindo a estranha sensação de atração que ela tinha pelo misterioso estranho, ela riu baixinho quando confessou: — Max. Eu tenho que ser honesta com você.

Sua sobrancelha arqueou em dúvida, um sorriso aparecendo no canto de seus lábios esculpidos que chamou sua atenção para o quão suave e flexível sua boca parecia. Ela se perguntou o que esses lábios sentiriam contra seu

corpo, sobre o contraste de seu calor contra os lugares sensíveis de sua pele.

Balançando a cabeça dos pensamentos indesejados, ela admitiu: — Não há nenhuma maneira no inferno que eu possa vender este lugar.

Ele riu, um som estrondoso que encheu cada canto da casa decrépita que era tão surpreendente quanto divina. Era o som de um homem à vontade, de um homem que não se preocupava com o mundo. Ela gostou desse som, e se viu se aproximando de sua fonte, para nada além de sentir as vibrações da verdadeira alegria rolarem por sua pele.

Ela provavelmente perderia o emprego no dia seguinte, quando Sarah descobrisse o que ela disse ao dono, mas Alice não podia mentir. A casa deveria ter sido marcada para ser resgatada e derrubada, não vestida com um lindo laço vermelho e colocada à venda.

Sua risada desapareceu e seus olhos azuis prenderam os dela em um olhar que estava enrugado nos cantos, hipnótico e cintilante de humor.

Ela sorriu para ele, não o sorriso tímido e profissional que normalmente dava a estranhos, colegas de trabalho e amigos, mas um sorriso brilhante, do tipo que lhe atraía os lábios até que doessem nos cantos, o tipo que revelava seus dentes retos e brancos.

Quando ela tinha sorrido pela última vez para uma pessoa assim? E então ela se lembrou: nunca.

Seu coração pulou em seu ritmo atrás de suas costelas, e ela se viu se aproximando ainda mais, seus pulmões se arrastando no ar para que ela pudesse sentir o cheiro das notas sutis e exóticas de sua colônia.

Tropeçando sobre o que dizer em seguida, ela cuspiu um pedido de desculpas, mesmo que ela não quisesse dizer uma palavra sobre isso.

— Sinto muito, Max, mas não vejo como posso vender essa propriedade a um comprador por mais do que a terra vale. E mesmo assim, tenho que levar em conta o custo de derrubar a casa e classificar a terra para que outra casa possa ser construída.

Ela suspirou e olhou em volta para uma sala que uma vez fora magnífica. Com verdadeiro arrependimento em sua voz, ela acrescentou: — Eu realmente gostaria que alguém tivesse cuidado melhor do lugar.

Max deu um passo à frente para continuar fechando a pequena distância que restava entre eles. — Bem, estou feliz por você estar sendo honesta comigo e, por favor, não pense que estou ofendido com o que você disse. Eu sei que este lugar é um depósito... — Ele fez uma pausa, seus olhos rastreando o quarto ao redor deles. Sob sua respiração, ele continuou: — Na verdade, eu considero isso um pedaço de merda inútil, se você não se importa de eu ser franco.

Risos borbulharam da garganta de Alice e ela bufou com a verdade absoluta de sua declaração.

— Eu realmente sinto muito...

— Não sinta. Era uma propriedade de investimento da minha família, e é de pouco valor para mim. — Ele sorriu para ela, fazendo com que seu estômago se revirasse em seu abdômen, para que seu coração batesse com tanta força que ela pudesse contar o pulso pesado em sua garganta. — Jante comigo, senhorita Beaumont.

A meio caminho entre um pedido e uma demanda, ele trancou os olhos nos dela quando fez a oferta.

Cílios claros flutuavam sobre seus olhos, sua mente assustada pela oferta que não era esperada. Sem saber como responder, ela considerou se o jantar com um cliente por motivos não profissionais era permitido.

Dando um pouco de pensamento, e mantendo os olhos fixos naqueles do homem que ela estava se tornando mais atraída a cada segundo que passava, ela percebeu que esse trabalho era apenas outro em uma série de aventuras ruins que nunca iam além de algumas semanas no máximo.

Alice não era alguém para se namorar. Na verdade, ela só teve um namorado de verdade em sua vida, e isso foi no ensino médio. Devido a seus distúrbios do sono e ao embaraço que sentia por causa deles, ela nunca permitia que um homem dormisse ao lado dela, temendo que ele corresse gritando assim que percebesse a realidade de seus problemas.

Mas o jantar estaria bem, não?

Apenas jantar.

— Ok, — ela respondeu, seus lábios puxando em um largo sorriso que picou os cantos da boca. — Eu gostaria muito disso.

Ele sorriu, a expressão extraordinária e encantadora.

Oferecendo o braço para ela envolver, ele puxou-a para perto de seu lado quando ela aceitou e disse: — Permita-me acompanhá-la para fora desta merda para que possamos ir a algum lugar mais adequado para alguém de sua beleza.

A explosão de risadas que brotou de seus pulmões a chocou. A verdadeira profundidade de felicidade que ela podia sentir com o estranho foi um choque para sua natureza cínica e fechada.

Como ele a afetou tão facilmente, ela não tinha certeza. Mas ela estava disposta a passar mais tempo com ele para ver se não havia mais do que uma atração crescente pelo mistério de sua expressão e pela maldade de seu sorriso sensual.

No momento em que eles atravessaram a porta da frente da casa e desceram os degraus que quase quebraram, Alice não conseguia parar de sorrir ao senti-lo ao seu lado.

* * *

Com surpresa o jantar durou muito mais do que ela assumiu que duraria. Max era fascinante para ela, um homem de riqueza e classe óbvias, mas que não permitia que a riqueza que ele mantinha na vida subisse à cabeça.

Eles conversaram sobre tudo naquela noite, pelo menos foi assim que pareceu, e Alice frequentemente se via tagarelando sobre os detalhes de sua vida que ela normalmente mantinha escondidos. Ela teve o cuidado de não discutir os elementos de sua infância, mas ela se pegou falando sobre seu tempo na faculdade e no hospital, sua decisão de deixar a neurologia e a série de trabalhos inúteis que se seguiram.

Nunca uma vez Max parecia entediado com o que ela tinha a dizer. Ele riu de todos os pontos apropriados de sua história, e ele pareceu pensativo durante as partes que eram difíceis para ela admitir: o fato de que ela estava muito sozinha no mundo, com muito pouco dinheiro e nenhuma verdadeira esperança de um futuro brilhante e promissor.

Suas bochechas ficaram vermelhas quando ela percebeu o que tinha admitido a um estranho, mas ele nunca a julgou por suas más escolhas ou pelo triste fato de que ela não tinha ninguém que pudesse nomear como amiga.

Sem muita conversa, Max ofereceria pequenas informações sobre sua vida para ela, vislumbres rápidos da vida de um homem tão recluso quanto ela. Surpreendeu-a descobrir que ele não era socializado com muita frequência e que, na verdade, quase não a convidou para jantar com medo de recusá-lo.

Ímãs atraídos um pelo outro, o encontro de Alice e Max se transformou em outra data e depois outra. Semanas se passaram e Alice finalmente se sentiu confortável o

suficiente com seu crescente relacionamento que ela permitiu que ele a buscasse no pequeno apartamento onde ela morava. Antes disso, ela sempre o encontrava no restaurante onde costumavam jantar, cada vez que Max expressava sua antipatia por não ser capaz de pegá-la e levá-la a um encontro *apropriado*.

Quando ele parou na frente de seu prédio, Alice assistiu da janela e notou a carranca que marcou seus lábios quando viu o exterior do prédio. Quando ela se mudou para lá, ela sabia que o bairro não era o melhor, mas o aluguel era algo que ela podia pagar enquanto ainda estivesse entre empregos.

Depois de olhar para a pintura que descascava das paredes de para a grama na frente que era mais marrom do que verde, Max pisou em algum lixo que cobria o estacionamento para subir as escadas até o segundo andar. Alice seguiu seu caminho até onde seus olhos puderam segui-lo, mas quando ele virou a esquina das escadas para pegar o corredor que levava à sua porta, ele estava fora de sua visão por vários minutos a mais do que ela esperava.

Finalmente, uma batida soou na porta. Ela abriu para descobrir que seus olhos estavam escondidos atrás da sombra, seus lábios puxados em uma fina linha de desaprovação.

— Aqui é onde você mora? Neste... *casebre?* — Ele cuspiu a palavra como se queimasse sua língua para segurá-la dentro.

Assustada pela desaprovação que fluía ao redor dele como uma aura nauseante, ela apertou mais os dedos ao redor da maçaneta e rapidamente repensou a decisão que tomara para permitir que ele a pegasse.

Sua voz era calma e envergonhada, ela não podia encontrar seus olhos quando admitiu: — Sinto muito, mas não posso pagar mais nada.

Estendendo a mão para ela, ele deslizou o dedo sob o queixo para levantar o rosto. Ela abriu os olhos para ver que a expressão dele tinha caído, a raiva que estava lá apenas alguns segundos antes de ser substituída por outra coisa. Não tendo certeza se era pena do estado de sua vida, ou se arrependia de ter apontado tão claramente, sua expressão era um mistério para ela naquele momento.

— Eu não vou permitir que você continue vivendo dessa maneira. Eu não posso, Alice. Eu *sinto* muito por você aceitar estar neste lugar.

A revelação foi desconcertante, deixando Alice desequilibrada tanto que ela esqueceu de dar um passo atrás para permitir que ele entrasse no apartamento. — Você sente por mim? Afinal, o que isso quer dizer?

Os grossos cílios escuros de seus olhos piscaram sobre o azul brilhante, seu rosto se contorceu em uma expressão dolorosa. Ela não o conhecia o suficiente para entender que Max não era o tipo de pessoa que sentia algo.

Lutando com a forma de expressar o que ele queria dizer, seus olhos escureceram ainda mais do que já eram. —

Posso entrar para podermos discutir isso? Eu não tenho certeza se o corredor é o lugar certo, e além disso... — ele fez uma pausa, o nariz se enrugando em desgosto, —... cheira a vômito e mijo aqui fora.

Alice empalideceu com a lembrança de que ela não o convidou para entrar. Recuando, ela fez sinal para ele entrar. Aturdida por seu próprio comportamento rude, ela fechou a porta atrás dele e pisou suavemente enquanto o seguia para o pequeno espaço de sua sala de estar.

Os olhos de Max vasculharam o espaço sem qualquer emoção óbvia tocando em suas feições, mas ela podia dizer pelo conjunto rígido de seus ombros e o modo como as mãos dele cerraram em punhos que ele não estava satisfeito com o pouco que ela tinha feito com o lugar.

Como o apartamento nunca parecia sua verdadeira casa, ela não tinha tido tempo para decorar ou fazer qualquer coisa. Em vez disso, tudo o que existia era um sofá em um padrão horrível e desbotado, uma cadeira de couro falso que não combinava, e uma pequena planta em vaso que ela deixará de regar, suas folhas penduradas murchas nos lados. Era a única parte do lugar que ela se arrependia. Ela amava plantas, e em sua própria depressão, ela se esqueceu de nutrir a coitadinha até que chegou a um ponto em que ela nunca seria capaz de trazê-la de volta.

— Isto é....

— Patético, — ela terminou por ele. — Eu sei.

Indo para o quarto que era grande o suficiente apenas para uma cama queen-size e uma pequena cômoda, Max estudou a pequena sala por vários minutos antes de se virar para ela.

O frio em seu olhar a confundiu porque, até aquele momento, tudo que ela já tinha visto nele era o calor.

— Eu me *preocupo* com você, Alice. Profundamente. E não vou conseguir dormir à noite sabendo que você mora em um lugar tão *perigoso* quanto isso.

Aproximando-se, ele segurou as mãos dela e levou os nós dos dedos aos lábios. Depois de colocar um beijo casto neles, ele os afastou para dizer: — Existem monstros que existem em nosso mundo e eu odiaria que você morasse em um lugar que faz de você uma presa tão fácil.

Não havia nada que Alice pudesse dizer para aliviar sua preocupação. Ela não conseguiu vender a casa vitoriana depois de explicar a Sarah que até o dono considerava um lixo. Como resultado, ela foi demitida de outro emprego. Com pouca margem na poupança, a mudança estava fora de questão.

— Não há outro lugar para eu ir. — A raiva tomou conta dela, raiva e vergonha por não ser capaz de combiná-lo com riqueza ou estima. — Escute, foi uma má ideia convidar você aqui. Talvez seja melhor que você vá.

Aproximando-se dela, sua forma maciça a ofuscou completamente. Ela se sentia tão pequena comparada a ele, tão fraca. Incapaz de lidar com o jeito que ele dominava o ar

ao redor dela, Alice tentou se afastar, mas seus dedos seguraram seu braço e a puxaram para mais perto.

— Eu gostaria de levá-la em algum lugar.

Sacudindo a cabeça em recusa, ela tentou puxar o braço para longe, mas o aperto dele era forte demais. Um aviso disparou ao longo de seus pensamentos, a sensação de que havia muito mais sobre esse homem do que a natureza genial que ele mostrara.

— Você está me assustando. Por favor, deixe-me ir.

Seus dedos se afrouxaram e ela afastou o braço antes de colocar distância entre eles. Olhando para cima para ver a desaprovação por trás de seus olhos, ela sentiu sua pele corar por suas bochechas, seus braços envolvendo seu abdômen como se isso a protegesse de qualquer lado dele.

Implorando com ela, Max inclinou a cabeça para o lado, seu cabelo espesso roçando seu ombro enquanto estudava a expressão em seu rosto. — Eu não pretendia te assustar. Eu só pretendia... — Suas palavras sumiram, a frustração óbvia na borda afiada de suas palavras.

— Eu gostaria de levá-la para minha casa, Alice. Para mostrar a você onde eu moro. Achei que tínhamos chegado a um ponto em que nossas vidas podem se unir.

Seus olhos se arregalaram com o que ele disse, medo e desconfiança ainda um sussurro irritante em sua cabeça, mas seu coração batia mais rápido com o pensamento de que ele a via como algo mais do que uma mulher com quem ele tinha ido em alguns encontros.

— O que você está tentando dizer, Max? Apenas cuspa. Eu não gosto de pessoas que batem em torno do arbusto comigo. Eu não tenho tempo para isso.

Endireitando sua postura, ele rolou os ombros largos para trás e se aproximou dela, suas mãos estendendo-se para pegar as dela, pairando ali até que ela estendeu a mão para aceitar o contato.

— Eu gostaria que você morasse comigo. Nada me faria mais feliz do que ter você em algum lugar onde eu sei que você está segura. Onde eu posso cuidar de você e dar a você a vida que você merece.

Logicamente, ela sabia que o que ele estava pedindo era tolice. Eles só se conheciam há algumas semanas, e muito poucos relacionamentos que se moviam tão rapidamente duravam muito tempo. No entanto, o que ela sentia por ele não podia ser negado e, por conta própria, ela não estava em melhor posição para recusar qualquer assistência que ele pudesse oferecer.

Ela já tinha estragado muito de sua vida, permanecendo distante e reclusa do mundo. Talvez se ela se libertasse da casca que ela criou para si depois de deixar sua casa de infância, ela poderia finalmente encontrar uma pequena parte da felicidade que ela procurava.

Decisão tomada, seus lábios se abriram em um sorriso tímido. — Eu não posso fazer nenhuma promessa, Max. Mas eu vou com você para dar uma olhada. Qualquer coisa tem que ser melhor que este lugar, certo?

Ele sorriu. — Eu não estou apenas oferecendo a você uma nova casa, Alice. Estou te oferecendo o pacote inteiro. Uma nova vida. Um novo amor. Uma nova família. Tenha isso em mente hoje à noite. Nada me faria mais orgulhoso do que chamá-la de minha esposa.

Segurando o queixo dela gentilmente entre o polegar e o dedo, ele levantou o rosto para o dele.

— Você está pronta? — Ele perguntou, seus olhos brilhando com alguma emoção que Alice não podia nomear.

Balançando a cabeça das emoções que eram uma onda de confusão dentro dela, ela perguntou: — Para quê?

— Sua nova vida. A vida que você sonhava ter.

Vinte e nove

12:36 p.m.

Paredes cinzentas.

Mesa preta.

Rosas vermelhas falsas e de plástico.

— Alice? ... Senhorita Beaumont? ... Alice Beaumont? —

— Sim, doutor.

Tomando seu lugar habitual no sofá, Alice não sentiu a necessidade de se curvar para se proteger. Os pesadelos e a confusão estavam desaparecendo lentamente, a verdade da vida que ela vivia voltando em peças assombradas que lentamente se encaixavam para formar a imagem completa que ela desejava que pudesse ser diferente do que era.

A culpa percorria seus ombros com um peso que não podia ser ignorado ou esquecido, seu coração quebrando com cada novo segredo sombreado que sua mente trazia para a luz plena.

— Vamos simplesmente pular nisso, Alice? Acho que as formalidades e amabilidades já passaram por nós neste momento.

Assentindo com a cabeça, ela respirou fundo, seus olhos incapazes de encontrar o olhar do médico, porque sua vergonha era demais para ela encarar.

— Está tudo começando a se unir para mim, doutor, e estou com medo de ir mais longe. Eu não entendo as razões pelas quais eu não me lembrava de nada disso até agora, porque minha mente parecia envolver tudo isso em outra realidade.

Sua caneta rabiscou em silêncio seu caderno, seu foco mais em seus pensamentos escritos do que nela. — A mente é um lugar interessante, Alice. Você sabe disso tão bem quanto eu. Quando algo trágico acontece que não estamos prontos para enfrentar ou lidar, a mente tem a capacidade única de transformá-lo em outra coisa. Para alguns, sua personalidade fratura e, na cabeça deles, são duas pessoas completamente diferentes. Para outros, eles afundam em si mesmos tão profundamente que se tornam uma casca do que eram antes da tragédia acontecer. Parece que, no seu caso, sua mente conjurou um enredo que continha elementos da verdade, mas disfarçou de uma forma que você poderia aceitar. Pelo menos até você estar pronta para enfrentar o que realmente aconteceu.

Torcendo as mãos sobre o colo, ela olhou para um anel em seu dedo que ela esqueceu de notar até que sua memória se encaixou de volta no lugar. Até aquele momento no jardim, quando a realidade bateu contra ela como um trem desgovernado.

— Ele nunca me raptou, ele fez? Eu não era uma prisioneira para o Max. Eu era sua esposa.

Seus olhos ardiam das lágrimas que pareciam que nunca parariam de cair. Ela estava tão cansada de chorar, mas era a única maneira pela qual a onda de emoções dentro dela podia encontrar sua liberação.

— Ele me disse, doutor. De novo e de novo nos sonhos, e eu não escutei.

…gotejamento…

Com uma voz tão quieta quanto solene, Dr. Chance bateu a caneta no caderno uma vez antes de soltar um suspiro gentil e dizer: — Talvez tenha sido mais fácil para você acreditar que foi forçada a viver essa vida em vez de ter escolhido ficar lá. Ou, talvez, esses sonhos sejam uma mistura de todas as lembranças que se juntaram, mas não na circunstância ou ordem apropriada. Seja qual for o motivo, a história não termina aí, Alice. E você não pode passar pelo que aconteceu até encarar toda a verdade.

O tique-taque bateu os segundos de silêncio que caíram entre eles, Alice bufando uma respiração trêmula porque ela sabia que o médico estava apressando-a para frente.

O tempo era da essência, parecia, mas ela não sabia o que ocorreria quando finalmente acabasse.

— Continue, Alice. Me acompanhe durante toda a sua vida com ele para que eu possa ajudá-la a encontrar todas as peças que você precisa para colocar as partes quebradas de volta.

Trinta

Quando Max trouxe Alice para sua casa, sua resposta à adorável rainha Anne, onde ele morava, estava cheia de maravilhas e promessas. A casa ficava em uma grande área cercada por bosques, um pedaço isolado do mundo onde uma pessoa poderia se esconder da sociedade.

Seus olhos tinham se voltado para ver a propriedade, seus lábios se abriram em um suspiro suave com a possibilidade de viver em tal beleza com um homem que podia ver todos os seus desejos e necessidades.

Como uma adolescente apaixonada, seu coração bateu em suas costelas enquanto ele a guiava pelo caminho da frente até a casa.

E assim como o exterior da casa, o interior era elegante e meticulosamente cuidada. Limpa e imaculada, o interior a lembrava de algo que você veria em uma revista, de uma casa que qualquer pessoa normal adoraria ter, mas nunca poderia ter recursos para comprar.

Dando a ela uma visita, Max a avisou que o porão não tinha sido restaurado ou reformado como os outros quartos, e como tal, era perigoso devido ao envelhecimento das escadas de madeira e fragmentos de fundação que eram um perigo para qualquer um que tentasse passar por ali com a luz fraca que estava lá embaixo. Ele alertou para ela ficar fora do porão para sua própria segurança, mas garantiu a ela que o resto da casa era dela para usar como ela quisesse.

Alice não ficou surpresa com a descrição do porão. Casas mais antigas geralmente exigiam muito dinheiro e cuidado para trazê-las de volta ao estado em que estavam quando foram construídas, então ela ignorou o aviso e não se perguntou se havia algo lá embaixo que Max não queria que ela visse.

Talvez tenha sido a própria casa que lavou toda a lógica e instinto que Alice tinha, porque quase tão logo cruzaram o limiar, ela se viu dizendo — sim— a qualquer coisa que Max lhe oferecesse.

O romance deles era coisa de filmes doces e doentios. Quase assim que Alice concordou em se casar, Max começou a trabalhar para planejar cada detalhe da cerimônia.

Mas, mesmo antes de poderem se juntar como marido e mulher, Max insistiu que Alice deixasse o apartamento onde ela morava, deixando tudo para trás, exceto por suas roupas e os pertences que eram preciosos.

Sua primeira noite morando na casa com Max pareceu a primeira noite em sua vida quando ela foi capaz de respirar fundo. Foram-se os dias de uma família que não a queria. As noites sem dormir desapareceram quando ela se preocupou em como poderia pagar seu aluguel.

O dinheiro não era mais sua preocupação.

Ela era querida e amada.

Mas ainda havia segredos dentro dela que ela precisava expressar, segredos que precisavam ser compartilhados

antes da primeira noite em que passaram juntos na mesma cama.

— Vou preparar o jantar para nós hoje à noite. Tem sido um longo dia para você com a mudança e é o mínimo que posso fazer para ajudá-la a se instalar.

Max sorriu para ela enquanto ele a levava para a grande cozinha e a ajudava a sentar em uma cadeira na ilha de cozinha que destruía o espaço interior.

Contornando a ilha, ele abriu a geladeira e selecionou vários legumes e uma grande fatia de carne para colocar no balcão. Um conjunto de facas estava na ilha mais perto de Alice, e depois de colocar a carne em uma tábua de corte perto da pia onde ele estava, Max se virou.

Acenando com o queixo para a ilha, ele tinha um sorriso fácil em seus lábios quando perguntou: — Você se importaria de entregar isso para mim?

Seus brilhantes olhos azuis se fixaram nos dela, uma inclinação arrogante para seus lábios cheios que a fez se mexer nervosamente em seu assento. Ele era bonito em qualquer situação, mas em sua casa, no lugar onde ele se sentia mais confortável, ele era absolutamente divino. Cabelos ondulados, negros como a pena brilhante de um corvo, pendiam frouxamente de um lado do rosto e escondiam a cicatriz. Alice engoliu um nó na garganta. Ela estava nervosa ao redor dele de repente, nervosa sobre o que a noite poderia trazer. Perdida em pensamentos, e

hipnotizada pelo homem que estava diante dela, ela corou quando percebeu que ele estava esperando por algo dela.

— Desculpa, o que?

Ele riu, o som encantador e cheio de humor. — O cutelo, —explicou ele. — Você entregaria para mim, por favor?

— Oh! — Com os lábios se contorcendo na palavra, ela sentiu suas bochechas esquentarem ainda mais, seu braço se movendo rapidamente para pegar o utensílio pesado e alcançar a ilha para colocá-lo na palma da mão.

Descansando de volta em seu assento, ela percebeu que havia algo sobre esse homem que a perturbou completamente. Como ela seria capaz de manter seus sentidos ao redor dele, ela não tinha certeza.

Era uma situação inteiramente nova para Alice, em que ela não foi julgada ou criticada. Mas ainda havia coisas em sua vida que ele não conhecia nem entendia. Seu estômago revirou de ansiedade porque ela não tinha escolha a não ser contar a ele.

Antes que ela pudesse invocar bravura suficiente para mencionar o assunto, Max olhou para ela por cima do ombro. — Eu espero que você goste do seu bife. Pessoalmente, eu prefiro quando a carne é quente, mas tenra, fácil de fatiar e mastigar, o sangue quente e grosso contra a língua.

Seu sorriso vacilou, pensamentos sombrios uma sombra sobre o prazer que ela deveria ter sentido sobre a noite. — No ponto está bem. Apenas enquanto estiver quente e não mugindo para mim da mesa.

Piscando o olho em resposta à sua resposta, ele virou as costas para ela novamente para cortar a fatia de carne em bifes individuais.

— Ei, Max?

O movimento de sua mão não parou quando ela falou, o corte rítmico nunca parou ou vacilou quando ele respondeu: — Ei, Alice.

Engolindo seu orgulho, ela apertou as mãos em punhos no colo, as unhas cortando sulcos na pele da palma da mão.

— Eu preciso te contar uma coisa.

O corte parou, sua cabeça girando apenas o suficiente para que ele pudesse lançar um olhar superficial para ela por cima do ombro. — Pés frios já?

Uma risada suave borbulhava de seus pulmões. — Não, nada disso. Embora, — sua voz baixou para um sussurro, — Você pode ter pés frios depois do que eu tenho a dizer para você.

O cutelo caiu pesadamente sobre o balcão ao seu lado, todo o seu corpo girando agora para que ele pudesse dar a ela toda a sua atenção.

— Eu duvido que haja algo que você possa me dizer que faria com que isso acontecesse. Todos nós temos segredos, Alice. Alguns de nós são muito mais escuros do que outros.

Movendo-se inquieta em seu assento, Alice não notou as sombras atrás de seus olhos quando ela apertou e soltou suas mãos em seu colo, alfinetes e agulhas disparando ao

longo de seus braços com o quão duro ela enrolou seus dedos.

Tão focada em suas próprias inseguranças, ela sentia falta dos segredos obscuros por trás de suas palavras que deveriam ter sido o primeiro sinal de que havia mais em Max do que ela sabia.

— Eu suponho, e posso estar errada, mas eu suponho que você quer que eu durma na sua cama esta noite.

Seus olhos estavam cautelosos, seus lábios cheios puxando em uma linha fina. Ela não tinha certeza de que pensamentos estavam passando por sua cabeça, ou se ela tinha acabado de se convidar para um lugar onde ele ainda não tinha a intenção de ir. No entanto, era um assunto que precisava de atenção, independentemente disso. Max tinha todo o direito de saber.

Forçando-se a falar com clareza, ela finalmente deixou escapar: — Tenho alguns problemas que tenho desde a infância. Questões que, na maior parte, são a razão pela qual eu não falo muito com a minha família.

Dando um passo à frente, ele descansou seus antebraços na ilha da cozinha, seus olhos nivelados com os dela quando ele disse: — Você tem toda a minha atenção.

Seus olhos se fecharam e ela respirou fundo para se preparar para uma conversa que revelava algo sobre si mesma que só sua família e um psicólogo que a tratava quando criança, tinham conhecimento.

— Eu não durmo como pessoas normais, — ela admitiu. — Pelo que sei, nem sempre foi assim, mas em algum momento, quando eu era mais jovem, os problemas começaram.

O silêncio caiu entre eles, seu corpo inteiro tremendo pelo medo de que ele a rejeitasse assim que soubesse.

— E essas questões são?

Sua voz era tão suave, tão hesitante, que ela não tinha certeza se ele já não tinha sido afugentado por sua confissão.

— Eu tenho distúrbios do sono. Estranhos, e acontecem todas as noites, não importa o que eu faça. É a razão pela qual eu nunca realmente namorei, e a razão pela qual eu sempre vivi sozinha.

Max não comentou mais nada, apenas sentou-se pacientemente com muita atenção nela.

— Você já ouviu falar de parassonias? Existem vários tipos e eu, infelizmente, sofro de vários deles.

Além de balançar a cabeça, ele não se moveu de outra forma. — Como dormir andando? Coisas assim?

Ela engoliu a agitação de seu estômago, o ácido que forçou seu caminho até a garganta. — Isso é um deles, sim.

Onde ela esperava preocupação por trás de seus olhos azuis de gelo, havia interesse em vez disso.

— Eu já ouvi falar de condições como essas, mas nunca vi isso sozinho. Por que você sente a necessidade de me dizer isso?

Suas mãos continuaram torcendo nervosamente em seu colo. — Por causa da gravidade. Isso causou *problemas* para mim no passado e eu queria avisá-lo porque eu não queria que fosse uma surpresa se você testemunhasse isso. Não me lembro da maior parte porque estou dormindo quando ocorre, mas pelo que me disseram, pode ser um tanto incômodo… ou assustador.

Levantando-se de onde ele se debruçou sobre a ilha, ele virou o lado para ficar ao lado dela. Suas mãos agarraram os braços da poltrona e a giraram para que seus joelhos descansassem entre as pernas parcialmente abertas. Eles estavam tão próximos um do outro quanto poderiam ficar confortavelmente com ela sentada e ele em pé.

— Diga-me tudo isso. E não se preocupe que eu vou te julgar ou me segurar contra você. É como eu disse, — sua voz caiu para um tom mais escuro, seus olhos sombreando até um ponto onde o frio do gelo azul se agitava com o cinza escuro de uma tempestade. — Todos nós temos nossos segredos. Todos nós temos coisas que esperamos que as pessoas mais próximas a nós possam aceitar e entender.

Alice imaginou por um breve momento quais seriam seus segredos, mas perdeu a linha de pensamento para o medo real de que ele a rejeitasse por seus problemas tão violentamente quanto seu pai a rejeitara.

Empurrando esse medo de lado, ela convocou a bravura para ser honesta. — Eu tenho terrores noturnos, por exemplo. Basicamente, isso significa que eu acordo gritando.

Às vezes, não me lembro por que estava gritando, porque meu corpo estava completamente preso ao medo que senti. E outras vezes, lembro dos pesadelos. Eles são terríveis e eu não os entendo, mas eles acontecem. Regularmente.

Inclinando a cabeça uma vez para indicar que entendia, ele disse: — Gritar não me incomoda, Alice.

Suas sobrancelhas se uniram na declaração estranha, mas ela avançou sem pensar muito.

— Eu também ando dormindo, o que é autoexplicativo, exceto que a maioria das pessoas realmente não entende como é. Para mim, vou dormir em um lugar e acordo em outro. Às vezes em uma porta, e outras vezes dentro de algo ou embaixo dele. — Ela riu, o som não era bem-humorado. — Eu acordei várias vezes em um baú que estava ao pé da minha cama. Parecia um caixão quando abri os olhos pela primeira vez e imaginei brevemente se meu pai não havia seguido a ameaça de enterrar-me viva.

Rolando os ombros para trás, Max soltou uma suave rajada de ar de seus pulmões, seus olhos se fechando e se abrindo lentamente antes de voltarem para os dela. — Seu pai te ameaçou?

Ela assentiu. — Essa é uma história totalmente diferente. — Descascando os olhos longe da raiva que ela podia ver claramente na sua, ela disse: — Por um tempo.

Alguns segundos tensos se passaram antes que ele dissesse: — Vá em frente. O que mais acontece quando você dorme?

— Bem, você não pode me acordar durante o sonambulismo. Eu aparentemente, machuquei vários membros da minha família antes que eles aprendessem a me guiar gentilmente de volta para a cama. Além disso, há o distúrbio do comportamento REM - ou seja lá o que o Dr. Chance chamou. — Seus olhos encontraram os dele novamente. — Basicamente, eu luto muito. Eu sou conhecida por jogar coisas, quebrar coisas, socar e chutar. Ninguém compartilharia uma cama comigo por causa disso e o pior que aconteceu foi que eu acordei com hematomas às vezes de onde eu bati na mesa de cabeceira ou na cabeceira da cama. Mas, se quisermos compartilhar uma cama, eu assumo que será algo que você terá que observar.

Seus lábios se contorceram em um sorriso. — Se eu tiver que amarrá-la e segurá-la no lugar, eu vou. — Estendendo a mão para escovar os dedos ao longo da linha de sua mandíbula, ele acrescentou: — Para minha própria proteção, é claro.

— Não, — ela respondeu, sua cabeça tremendo com as lembranças distantes que suas palavras trouxeram. — Meu pai tentou isso e tudo o que aconteceu foi que eu me machuquei ainda mais.

Max ficou mortalmente quieto acima dela, seu corpo perfeitamente imóvel, e ela olhou para cima para ver uma máscara de raiva onde uma expressão compreensiva tinha sido uma vez.

— Seu pai te amarrou?

Ela assentiu. — E me trancou em um armário e outras coisas. Ele disse que era para minha própria segurança e para que ele pudesse dormir um pouco. Mas nunca ajudou ou melhorou. Eu apenas gritei mais alto.

Suas mãos apertaram os braços de sua cadeira, a madeira rangendo como se quebrasse em lascas sob o seu aperto. Com uma voz controlada, ele perguntou: — Mais alguma coisa?

— A paralisia do sono, — ela admitiu em uma voz frustrada. Era difícil falar sobre todos os seus problemas e colocá-los para outra pessoa ver. — Eu acho que é possivelmente o pior. Não para qualquer pessoa testemunhando, na verdade, eles não saberiam que isso estava acontecendo. Esse é o meu problema pessoal de sofrer em silêncio.

Um silêncio pensativo pairou entre eles, então, — Como é isso? A paralisia?

Um arrepio percorreu seus ossos. — É horrível. Eu acordo - mentalmente, pelo menos - mas não consigo me mexer. Não posso abrir meus olhos. Não posso fazer nada além de ficar lá. Um zumbido alto acontece na minha cabeça e, às vezes, posso me sentir flutuando. Imagens passam pela minha mente. Coisas terríveis como demônios ou monstros. Eu costumava ter tanto medo, mas me acostumei com isso ao longo dos anos. Aqueles rostos não me assustam mais. Não como eles costumavam. — Olhando para ele, ela

explicou: — É a sensação de estar completamente desamparada. Completamente imóvel e com medo.

Procurando as mãos dela com as suas, ele separou os dedos um do outro para parar o jeito que ela estava torcendo-os em seu colo. Suavizando as palmas das mãos com as dele, ele falou gentilmente quando disse: — Eu não sei o que é estar desamparado, Alice. Mas eu prometo a você que você não está sozinha.

A vontade de perguntar o que ele queria dizer com aquelas palavras estava na linha de frente de seus pensamentos, mas um temporizador tocou no exato momento em que a pergunta estava na ponta da língua.

Trinta e Um

— O jantar estava delicioso, Max.

Enxugando os lábios com um guardanapo, Alice colocou o pano branco sobre a mesa e olhou para o cenário.

Seus olhos roçaram os lindos pratos de cerâmica que eram muito mais caros do que Alice já vira. Eles eram um padrão simples, azul claro contra o branco imaculado. Os delicados redemoinhos de cor ao redor do perímetro lembraram-lhe um conjunto que sua avó possuía; discretos, mas elegantes, eles falaram com uma geração de pessoas que estava perdida há muito tempo. A sociedade moderna tinha se mudado da beleza do passado, no entanto, tudo sobre Max, seus maneirismos, suas roupas, sua casa e os pratos que estavam na mesa na frente de Alice a faziam lembrar de um tempo antigo.

A sofisticação não se perdeu nela. A boa comida e vinho, a delicada toalha de mesa e guardanapos para combinar. A comida tinha sido deliciosa, e a atmosfera a ajudara a respirar com mais facilidade, apesar dos segredos que compartilhara apenas uma hora antes.

— Eu devo limpar isso, — disse Max, as pernas da cadeira raspando no chão enquanto ele se levantava para recolher os pratos sujos.

— Deixe-me ajudá-lo, — Alice respondeu, levantando-se de sua própria cadeira para recolher alguns dos pratos e levá-los de volta para a cozinha. Nervosismo ainda uma

mortalha que a cobria, ela tropeçou em seus próprios pés, os pratos derramados de suas mãos antes que ela pudesse pegar seu equilíbrio.

As peças colidiram contra o chão, comida e cacos rasgando o chão a seus pés. Levantando uma mão para sua boca, ela girou para olhar para Max onde ele estava congelado na mesa.

— Eu sinto muito. Eu espero... — Sua mente correu com a quantidade de dinheiro que elas devem ter custado. Ainda pior do que isso, ela se perguntou se eles não eram também um conjunto transmitido dentro da família que ela agora se voltava para peças inúteis e quebradas. — Sinto muito, — ela sussurrou.

Uma lufada de ar soprou nos lábios de Max, seus olhos passando rapidamente entre Alice e os pratos que agora estavam inúteis e quebrados. — Felizmente, não usei a China cara hoje à noite. Senti-me mal por servi-la em algo que não era o melhor que eu tinha, mas agora não me arrependo tanto quanto antes.

— Max, por favor, me desculpe. Deixe-me... — Suas palavras saíram da sua língua tão rápido que ela teve dificuldade em pensar em um antes que outro lhe enchesse a garganta.

Seus passos estavam pesados no chão quando ele se aproximou dela, uma mão equilibrando vários pratos enquanto a outra aterrissava em seu ombro. — Não se preocupe com isso, Alice. Eles significavam muito pouco para

mim. — Ele riu e deu um leve beijo em sua bochecha. — Há uma pá e vassoura no armário da despensa. — Riso suave ainda sacudindo seus ombros, ele disse: — Venha comigo, Alice. Precisamos limpar a bagunça que você fez.

Seguindo-o para o armário e de volta para a sala de jantar onde ela tinha feito a bagunça, ela pegou a vassoura e a pá de lixo de suas mãos e se inclinou para limpar a comida e os cacos do chão.

Sua voz era afetuosa com afeto, Max disse: — Enquanto você administra isso, eu vou limpar o que sobrou da mesa. Quando você terminar, eu vou estar na cozinha lavando pratos. Você deveria me encontrar lá para poder ajudar.

Ela assentiu com a cabeça, incapaz de falar em torno do pedaço de culpa que apodrecia na base de sua garganta.

Terminando, ela entrou na cozinha e jogou a bagunça na lata de lixo forrada com um saco plástico branco.

Max ficou de frente para a pia, os ombros se movendo sob o tecido preto de sua camisa, o cabelo na altura dos ombros uma bagunça emaranhada onde pendia em ondas selvagens. Alice ficou de pé e o encarou por vários minutos imaginando se ele sabia que ela vagava atrás dele observando o modo como seus braços trabalhavam, polindo os restos do jantar que ele cozinhara para a primeira noite juntos.

Seus olhos traçavam as linhas de seus ombros e costas, os músculos que estavam amarrados e parcialmente escondidos sob as dobras de sua camisa. O tecido escuro

estava esticado sobre as omoplatas antes de cair a um ponto onde seguia o apertado mergulho em direção aos quadris. Alice se viu intensamente atraída pelo homem que lavava os pratos em silêncio, e ficou impressionada com o físico que falava de tudo masculino e forte sobre ele.

Uma ilha de cozinha estava entre eles com armários brancos e balcões de granito preto. Foi um toque de modernidade contra as características vintage da casa de estilo Queen Anne. Ela se perguntou quando ele remodelou o local, mas sabia pelos aparelhos de aço inoxidável que não poderia ter sido assim desde que ele tinha os eletrodomésticos caros instalados. Seus olhos olharam para a variedades de dispositivos que cobriam a frente da grande geladeira e se perguntaram por que alguém precisaria de uma cafeteira na porta do freezer.

— Você vai ficar aí a noite toda? Ou você estava planejando me ajudar?

Ele se virou para piscar para ela, um sorriso inclinando o canto dos lábios.

Seu queixo assentiu na direção do cutelo que ele deixara na ilha enquanto preparava a refeição. — Escolha isso, você faria? Precisa ser lavado também.

Quando ele olhou para ela novamente, um sorriso puxando o canto de seus lábios esculpidos, ela estendeu a mão para pegar o cutelo e caminhou ao redor da ilha para ficar ao lado dele na pia. Ele tirou o utensílio pesado de seus dedos e afundou-o na água ensaboada antes de lhe entregar

um pano de prato para secar o prato que ele entregou a ela em seguida.

Quando se instalaram em uma rotina de lavar, enxaguar e secar os pratos e panelas, Alice pensou que riria da estranheza que essa mudança em sua vida representava. De que momento para o seguinte, ela estava vivendo a vida sozinha para encontrar-se ao lado de um homem que seria seu marido, fazendo algo tão típico e mundano como lavar pratos.

— Você sabe, eles têm essas máquinas úteis agora chamadas de máquinas de lavar louça que tornariam essa tarefa muito mais fácil.

Max olhou para ela antes de puxar outro prato sujo da água com sabão. — Eu prefiro lavá-los à mão. As máquinas de lavar louça nunca as deixam suficientemente limpas para o meu gosto.

Ele não se incomodou em olhar para ela, seu olhar fixo na tarefa, os pratos que precisavam ser limpos e polidos, para que eles satisfizessem sua necessidade de uma casa limpa e arrumada. Olhando para o prato em sua mão, Alice admirou o reflexo que olhou de volta para ela, os olhos mortos de uma mulher agora trazida à vida por um homem que entrou para salvá-la de si mesma.

Ele se virou para ela naquele momento, seu corpo perigosamente perto do dela, seu cabelo roçando seu ombro enquanto ele angulava a cabeça em questão enquanto a observava com olhos preguiçosos e admiradores.

Examinando seu corpo, seu olhar líquido começou em seus quadris, fixando-se em seus seios enquanto eles trabalhavam até chegarem a trancar com a antecipação nervosa por trás de seus olhos. — Obrigado por concordar em morar comigo, Alice. Obrigado por concordar em ser minha esposa. Você não tem ideia de quanto tudo isso significa para mim.

Ele puxou o cutelo da água com sabão, lavou-o devagar até que todos os traços da carne que ele usou para cortar estavam ausentes da lâmina e entregou a ela para enxaguar e secar para um polimento perfeito. A lâmina estava pesada em sua mão enquanto ela trabalhava a toalha sobre a superfície, a felicidade refletida de volta para ela por trás da cor azul escura de seu olhar.

— Nós dois tivemos um dia agitado. Acho que é hora de vermos se podemos dormir um pouco.

Alguns segundos antes e ela teria jurado que seus nervos não poderiam piorar, mas ele provou seu erro com duas frases.

Suas pernas ficaram gelatinosas sob ela, suor viscoso estendendo-se para agarrar o tecido de seu vestido e abraçá-lo com força contra sua pele. — Cama? Eu sou... Somos nós...

Ele a estudou com diversão, a altura que ele tinha sobre ela fazendo-a se sentir como uma criança pequena. Com um olhar calculado que era tão misterioso e belo quanto um iceberg que se erguia de tal maneira que sua barriga

rompesse a superfície, seus olhos estavam tão vivos e perigosos quanto o oceano que abrigava aquelas mortíferas ilhas de gelo que haviam afundado tantos navios.

— Suba as escadas até o quarto. Sente-se na beira da cama. Eu vou chegar em um momento para ajudá-la em suas roupas de noite.

O pânico se instalou, seu corpo tremia quando ela colocou distância entre eles, feliz por ir embora, mas nervosa sobre onde estava indo. Alice não tinha certeza se os pesadelos levantariam sua cabeça feia enquanto ela dormia ao lado dele, se ele não a expulsasse na manhã seguinte, quando descobrisse todos os distúrbios que a atormentavam.

No entanto, se isso acontecesse, e se Max fosse incapaz de dormir com ela ao lado dele, ela poderia se oferecer para dormir em outro quarto, tentar encontrar um lugar na grande casa de três andares onde seus problemas com o sono não se tornariam dele.

Subindo as escadas com um pé hesitante, ela foi um degrau por vez, cada vez engolindo um nó de pânico que se mantinha em sua garganta.

Chegando ao andar de cima, ela sacudiu a cabeça das preocupações que sussurravam em seus pensamentos.

Sua mão agarrou a porta do quarto e ela parou para respirar fundo.

Forçando-se a entrar, ela sentou-se na beira da cama, as pernas pesadas onde estavam pressionadas juntas, sua mente uma lavagem de preocupação.

Ela queria correr e encontrar outro quarto na casa para chamar de seu, mas só porque não queria perder esse homem para os pesadelos que sempre tinham sido seu companheiro constante. Os nervos a fizeram lutar para não andar na sala só para gastar um pouco de energia. Mas mesmo tendo em conta os seus medos, ela ainda estava esperando e ansiosa para ver o que a *hora de dormir* na casa daquele homem traria.

Seus cabelos caíam nas laterais do rosto, onde ela estava sentada, esperando o luxo suave da cama de Max, uma cama tão grande que ocupava quase a metade do quarto. De trás da cortina de seus cabelos, Alice olhou ansiosa para o homem em pé na porta, com os ombros tão largos quanto o batente da porta, os olhos tão misteriosos e profundos como um lago ártico.

Por um momento ele ficou observando-a, seu olhar astuto em sua avaliação, seu corpo apertado sob uma camisa preta e calças de linho. Seus maneirismos eram mais adequados para um homem abastado que havia saído do passado para o mundo moderno e tinha a arrogância que vinha com a vida da colher de prata, o olhar de falcão de um homem que podia governar qualquer sala que ele se dignasse entrar.

Sem saber por que ele a lembrou de um tempo passado, ela tremeu onde se sentou, tentando em vão ignorar a batida frenética de seu coração sob suas costelas, o nervosismo pulsante que ecoava em seus ossos a cada segundo solitário que ele permanecia e estudava ela.

Era a primeira noite que passariam juntos, a primeira vez que eles iriam mais longe do que um beijo de tirar o fôlego. Não seria a primeira vez que Alice faria sexo, mas ela duvidava que o homem legal que ela tinha esgueirado em sua janela na faculdade tantos anos atrás fosse algo comparado ao que agora se aproximava dela.

Os passos de Max foram medidos em sua abordagem, cada um fechando a distância entre eles. Seus músculos se apertaram a cada passo, o tremor de seu corpo tornando-se mais violento com cada pé de espaço entre eles que estava perdido.

Quando ele chegou ao alcance do braço dela - quando ele fez uma pausa como se este único momento fosse o que a fez se contorcer de prazer sobre uma cama de seda elegante - ele fez uma pausa longa o suficiente para fazer sua boca ficar seca, para adicionar combustível para o fogo já ardente de necessidade que queimava em sua mente. Ela não sabia o que ele faria com ela - o que ele poderia fazer - , mas ela sabia que precisava dele como se precisasse de ar para respirar.

Max não tocou nela. Ele simplesmente se afastou e uma lufada de ar soprou sobre seus lábios, a antecipação demais

para uma mulher que estava agora aprendendo o que significava se afastar de uma vida de pesadelo em um sonho.

Max desapareceu no interior sombreado de um grande armário, perdido aos olhos de Alice tão rapidamente quanto aparecera na porta do quarto.

Soltando um suspiro trêmulo, as mãos trêmulas de Alice se torceram em seu colo, seu ritmo cardíaco diminuiu para um ritmo constante que não bateu violentamente em todo o seu corpo.

Sua ausência não foi longa. Dentro de um minuto, possivelmente dois, ele retornou da sombra negra do armário, uma peça de roupa branca e imaculada segurada firmemente em suas mãos.

E como toda vez que ele se aproximava, o coração de Alice acelerava a um ritmo vertiginoso e frenético, a respiração presa em seus pulmões ardendo por liberação. Alice observou suas botas se moverem pelo chão, finalmente arqueando o pescoço para contemplar o belo rosto de um homem que era tão silencioso quanto ainda era, que usava luxúria desenfreada como uma segunda pele, que olhava para ela com *desejo* por trás de seus olhos afiados e observadores.

— Eu trouxe-lhe algo para vestir, — disse ele, a camisola caindo de suas mãos para uma poça em seu colo.

— Aqui? — Ela engoliu seu nervosismo, seus olhos passando rapidamente entre ele e o banheiro, sem saber se

deveria se vestir na frente dele, ou se mover para onde poderia se esconder atrás de uma porta fechada.

Ele inclinou a cabeça, dando alguns passos para trás para permitir que ficasse de pé.

Mal conseguindo forçar seus músculos a se moverem, ela pegou a camisola do colo e se levantou. Ela estava sendo ridícula e ela sabia disso. Tudo dentro dela queria estar com esse homem, ele iria vê-la nua, eventualmente, não havia sentido em ser tímida agora.

Max não se moveu, seu corpo tão imóvel que ela teria jurado que era feito de aço ou pedra, um duro e impenetrável gesso como o das estátuas que ela admirava em um museu tantos anos antes. Não uma contração de seus músculos. Não é um carrapato de sua mandíbula. A única parte dele que gritava que havia vida dentro de seu corpo eram os olhos assombrosos e sempre observando que falavam de segredos perversos, encontros sem fôlego e desejos apaixonados.

Incapaz de desviar o olhar da testemunha silenciosa da sala, afrouxou o aperto na camisola para colocá-la no colchão, apertando e soltando as mãos enquanto invocava a bravura para revelar seu corpo a ele pela primeira vez.

Um arrepio percorreu a espinha de Alice, mas ela manteve sua atenção em Max, permitindo que seus olhos pousassem em seus olhos antes de perseguir as linhas da cicatriz manchada que atravessava sua bochecha esquerda.

O que causou isso? Ela imaginou. *Que pesadelo ele sofreu que, sem dúvida, moldou o homem bonito que ele era agora?*

Deixando escapar um suspiro trêmulo, ela endireitou os ombros e disse a si mesma para se acalmar, porque isso era apenas o começo de uma nova e maravilhosa vida.

Erguendo a saia solta do vestido que era modesta demais por um momento como aquele, ela enfiou os polegares na cintura elástica dos náilons. Ignorando onde eles haviam se agarrado demais e deixado uma marca vermelha em toda a carne de seus quadris, ela deslizou para baixo, o tecido soltando-o enquanto se acumulava sobre suas coxas, joelhos e, eventualmente, soltou-se frouxamente em seus tornozelos. Saindo deles, ela chutou seus pés para fora do material que ainda carregava o calor de seu corpo.

Os olhos de Max seguiam cada movimento que ela fazia, seu olhar líquido traçando traços quentes ao longo do comprimento de suas pernas, observando silenciosamente enquanto as meias iam de esticadas em sua pele, soltas e dobradas em seus tornozelos.

Sua expressão era uma máscara em branco, mas o calor por trás de seu olhar era sufocante, a pequena brisa levantada pelo sistema de ar condicionado não combinava com o ataque de seu inferno ilícito. Alice não precisava perguntar o que ele estava pensando, ela sabia, e ela estava se sentindo da mesma maneira.

Embora seus olhos ainda fossem da cor do perigoso gelo ártico, seu olhar era tudo menos frio.

Quando Alice hesitou, sua timidez e modéstia impedindo-a de desabotoar o vestido para puxá-lo de seu corpo, um arco de questionamento na testa escura de Max rompeu a máscara impenetrável que ele usava, o canto de seus lábios se curvando em um sorriso perverso.

Os olhos deles se trancaram, a intensidade do dar e receber entre eles era tão sinistra que Alice sentiu arrepios na pele, arrepios de medo surgindo na superfície de todo o corpo.

Com dedos ágeis, ela soltou os botões na gola do vestido, a posição empurrando o peito para fora, os seios apertados sobre o tecido que era a única coisa que a impedia de ver. Uma vez que os botões foram soltos, ela deixou cair os braços para os lados, combinando com o olhar dele.

Ele inclinou a cabeça daquele jeito que era todo dele, seus lábios traindo seus pensamentos quando se enrolavam ainda mais nos cantos.

Ousando dar-lhe um sorriso, ela disse: — Você não é muito falante, não é? — Era estúpido dizer, mas ela precisava de algum alívio do silêncio sufocante, do cobertor de nervos que ela sentia envolvendo-a.

Ele não reagiu, mas sorriu mais.

Ela sorriu de volta.

Outro fôlego para se firmar, e ela tirou o vestido de seus ombros, permitindo que ele deslizasse ao longo de seu corpo

até que ele se enrolasse em torno de seus pés no chão. Ela não usava sutiã e, apesar da calcinha rendada que segurava firme em torno de seus quadris, ela se sentia completamente exposta a seus olhos vagueando, à luxúria descarada que irradiava dele com a visão de seus seios agora expostos a ele.

Ela não tinha certeza se era seu desejo ou o frio no ar que fazia seus mamilos formarem picos apertados e dolorosos.

Um tremor percorreu o corpo de Max. Leve, mas ainda perceptível, era outro sinal exterior além de seu olhar aquecido e sorriso misterioso que dava qualquer coisa do que ele estava sentindo.

Forçando os braços para os lados, sentiu borboletas no estômago.

Seu corpo virou-se para arrancar a camisola da cama e, com os olhos desviados, ela sentiu o calor do corpo dele lavar-se contra suas costas antes que uma grande mão caísse sobre seu ombro. Tão logo ela segurou a mão sobre o tecido branco e macio que foi arrancado de seu alcance, jogou no chão para se deitar em uma poça no chão.

As borboletas em seu estômago estavam tremulando tão violentamente que parecia uma tempestade tempestuosa rolando dentro dela. Ela esticou o pescoço para olhar para ele, seu corpo inundado e quente de desejo em resposta à intensidade de seu olhar.

Uma leve sacudida de cabeça foi tudo o que ele lhe deu antes que seu corpo fosse empurrado gentilmente contra o colchão, seu peso afundando pesadamente no luxo suave dos cobertores, enquanto Max permanecia ao pé da cama.

Incapaz de suportar o silêncio tenso, Alice riu baixinho e brincou: — O que você está olhando?

Três palavras faladas em uma voz profunda e sombria. — Minha futura esposa.

Segundos se passaram, tensão crescendo entre eles até Alice querer implorar, *por favor, apenas me leve. Sou sua.*

Mas Max não estaria se apressando, não seria negado e não seria forçado. Ele levaria o tempo dele. Teria o que ele considerou valer a pena.

Seus olhos estavam presos ao corpo dela, seu olhar queimava palpável contra sua pele. Por timidez e modéstia, ela colocou os braços em volta de si mesma para esconder sua nudez, mas uma simples e sutil agitação da cabeça de Max a impediu antes que ela pudesse se cobrir completamente.

Ela sabia que iria quebrar debaixo dele, ela lhe daria sua alma tão facilmente quanto seu coração e corpo.

Com movimentos lentos e controlados, Max desabotoou a camisa até que ela se abriu para revelar o físico forte sugerido pela tração firme do material sobre os ombros e o peito. Sombras destacavam cada curva de seus peitorais e abdominais, o V que descia de sua cintura para se enterrar sob a cintura de suas calças. Ela era impotente para recusar

os avanços de um homem tão bonito quanto Max Frost, e mesmo agora, com o desejo tão óbvio dentro dele, ela ainda estava impotente para resistir ao seu charme sedutor.

A fivela do cinto dele tiniu como um sussurro suave pela sala. Suas calças se abriram, mas não se afastaram. Ele andou em direção a ela com movimentos suaves e sem pressa, permitindo que a pressão aumentasse a cada passo solitário que ele dava.

A cama afundou sob seu peso, um tigre rondando cujos ombros se moviam com uma graça felina enquanto se arrastava para pairar acima dela. Seu calor era um cobertor que a cobria, seus olhos azuis a promessa fria e gelada que enviava calafrios em sua pele molhada de suor. Enjaulada contra o colchão por braços fortes que eram tão grossos quanto rígidos, Alice se obrigou a fechar os olhos.

— Olhe para mim quando eu fizer amor com você.

O polegar e o dedo agarraram o queixo e inclinaram o rosto para que, quando seus olhos se abrissem, ela se perdesse com a emoção dele.

Com uma voz tão delicada quanto um sussurro suave, ele disse: — Desta noite em diante, estaremos sempre juntos. Nunca se esqueça disso, Alice. Eu nunca vou deixar você ir.

Seu coração cantou em resposta às suas palavras, seu corpo estremecendo embaixo dele pronto para tomar qualquer prazer que ele desse.

E ele deu, suas mãos explorando cada centímetro de seu corpo antes de sua boca e língua traçarem os mesmos caminhos.

Levou horas para Max cumprir todas as promessas não ditas que ele fez a ela com os olhos cheios de desejo e mãos que eram tão sensuais quanto cruéis. Ele brincou com ela até que ela estava implorando por mais, finalmente aliviando-a apenas o suficiente para que ela sentisse que iria explodir se ele não a levasse completamente - tornando-a *dele*.

Sua atenção inteiramente nela, Max empurrou Alice em um frenesi de necessidade sexual, empurrando e empurrando até finalmente entrar em seu corpo para se tornarem um.

Encharcada de suor delicioso, com o coração palpitante sob as costelas, Alice caiu num precipício apertado no êxtase e euforia de seu amor pelo homem que a enlouquecia com a força de suas mãos, a intensidade de seu beijo e o ritmo de suas mãos, um homem possuído, tirando de seu corpo tudo o que tinha para dar.

Eles se chocaram um contra o outro depois daquela primeira vez, mas demorou apenas alguns minutos para Max recuperar a força e arrastá-la para o chuveiro, para amá-la novamente e ajudá-la a se limpar.

Depois de tomar banho, e antes de permitir que ela rastejasse de volta para a cama, Max trocou os lençóis. Ela achou sua necessidade de mudá-los uma maneira estranha,

mas estava cansada demais para questioná-lo sobre isso. No momento em que sua cabeça caiu contra o travesseiro, a exaustão a envolveu tão completamente que seus olhos se fecharam e ela dormiu, seu medo do que a noite traria perdido na força quente dos braços de Max.

* * *

A manhã seguinte foi tão comum quanto qualquer manhã. Exceto que não era comum por uma razão gritante que Alice não entendia até que ela abriu os olhos para encontrar os primeiros raios de sol da manhã passando pelas cortinas de uma grande janela na sala.

As partículas de poeira brilhavam onde pendiam suspensas em uma cascata de beleza cintilante, pequenas fadas de luz que pararam para adorar o calor que estava retornando ao mundo depois de horas da fria noite enluarada. Seus olhos seguiram aqueles pequenos pontos de luz refletida, onde dançavam e giravam dentro da pequena corrente de ar que percorria o espaço.

Ela estava ciente de seu entorno, mas ainda não estava acordada o suficiente para entender completamente. Mais importante, ela não estava presa na cama por algum espectro invisível. Ela foi capaz de mexer os dedos das mãos e pés, e ela não abriu os olhos para a cena do pesadelo que a seguiu do sono em sua vida acordada.

A paralisia do sono que sofrera com tanta frequência que se tornara parte dela, estava ausente. Não havia zumbido em seus ouvidos tão alto que ela temia nunca mais ouvir nada de bonito. Não havia peso no peito que ameaçava esmagá-la. Seu corpo era sólido e não flutuava acima de si mesmo, olhando para baixo, onde ela se deitava confortavelmente nos braços de um homem.

A confusão que veio com a ausência de um demônio que a atormentava desde que ela se lembrava era assombrosa.

Os braços de Max eram um peso quente em seu corpo que a impedia de se sentar, mas pelo que ela podia ver, os travesseiros que ela colocou a cabeça cansada na noite anterior ainda estavam no lugar. Os lençóis estavam tão limpos em seu corpo como quando Max a tinha posto. Não havia pontos óbvios de dor em seus braços ou pernas de onde ela se machucou lutando contra uma força invisível durante a noite. Ela ainda estava no lugar e não havia acordado para se encontrar parada no limiar de uma porta, ou deitada em outro quarto.

Ela dormiu a noite inteira sem lutar. Sem sonhar. Sem pânico ou medo. E ela acordou pacificamente para encontrar os raios cintilantes da luz da manhã quieta.

Trinta e Dois

12:37 p.m.

Não havia mais uma sala de espera. Pelo menos não para Alice. Nenhum nome sendo chamado e nenhum médico parado em uma porta. Ela acordou no mesmo sofá onde sempre estava sentada, as pernas dobradas no peito, os braços em volta das pernas como uma gaiola protetora.

Com o queixo apoiado no duro plano dos joelhos, ela deixou para trás a lembrança do que fora uma vez para voltar sua atenção para o médico que estava sentado silenciosamente em observação dela agora.

Como de costume, sua caneta bateu contra o papel antes de se inclinar para rabiscar um pensamento particular. Ela nunca poderia ler as palavras que ele escreveu, e ela não tinha certeza se queria saber quais partes dela ele gravou em seu arquivo.

Claro que tudo o que ele pensava ou registrava era tão negativo quanto os sentimentos que ela tinha por si mesma, ela não precisava da confirmação em tinta azul clara escrita num roteiro fluente contra a página branca de seu caderno.

A cabeça do médico se inclinou para cima, os olhos escondidos sob as lentes dos óculos e a sombra da sala mal iluminada. — Eu acho que você acabou de encontrar uma das respostas que você está procurando durante estas

sessões, Alice. — Ele fez uma pausa, permitindo que o silêncio se tornasse um relógio entre eles.

…gotejamento…

— Quais são seus pensamentos agora que você sabe que seus sentimentos por esse homem - o amor que você tem por ele - não foram resultado de estupro ou crueldade, mas foram, de fato, devido a uma conexão comum entre a maioria dos homens e mulheres?

Ela não precisou de um momento para descobrir a resposta para essa pergunta em particular. Já estava na ponta da língua.

— Tolo. — Seus olhos se fecharam sobre a palavra, sua mente correndo para dar sentido a tudo o que uma vez foi e ainda estava se tornando. — Eu me sinto estúpida e tola.

Outra batida de silêncio, outro tique-taque do relógio.

Outra gota de água caindo da torneira para se jogar contra a pia.

— Por que você se sente tola? Pelo que você acabou de me dizer, Max era tão cavalheiro quanto a maioria dos homens hoje em dia. Ele se ofereceu para cuidar de você. Ele te tirou de uma situação em que ele sentiu que você não estava segura. Ele cozinhou para você e não julgou você pelos problemas que assombraram você por toda a sua vida. Como você pode se considerar tola por amar um homem disposto a fazer todas essas coisas por você? Um homem que te tratou com gentileza?

Uma gargalhada saiu de seus pulmões, o som enervante e agudo. — Ele me aprisionou é o que ele fez. Me prendeu e me atraiu para outro tipo de submissão do que se ele simplesmente tivesse me sequestrado e me forçado a morar naquela casa com ele. — Um arrepio percorreu sua pele. — Eu não sei. Talvez acreditar que fui sequestrada fosse mais fácil do que encarar os fatos concretos.

Seus olhos se abriram e ela fechou seu olhar com os olhos inquisitivos do médico.

— Ser atraída é pior do que ter a escolha totalmente afastada de mim. Eu *concordei* em ficar lá com ele... — sua voz sumiu com esse pensamento, porque, na verdade, o que ela fez foi muito pior do que simplesmente ficar. Incapaz de chegar ao ponto de poder dizer em voz alta, preferiu continuar a conversa, lembrar e compreender cada detalhe do que ocorrera.

— Há mais nisso, doutor. Isso não é o fim da história.

Ele não respondeu imediatamente, mas quando ele finalmente falou novamente, sua voz era hesitante e sombria. — Então você precisa me contar o resto, Alice. Acho que não preciso lembrar que o tempo está se esgotando.

Trinta e três

— Bom Dia.

Uma voz profunda rompeu a tontura que Alice estava sentindo desde o momento em que acordou. Rolando para encarar o homem que estava dormindo tão pacificamente ao lado dela apenas alguns segundos antes, ela sorriu. — Espero que a noite passada não tenha sido muito estressante para você.

Adicionando humor à sua voz, ela tentou expressar a declaração como mais uma piada do que uma pergunta sobre seu comportamento. Alice raramente se lembrava do que fazia durante o sono e não estava inteiramente certa de que a noite fora tão serena quanto ela esperava.

— Bem, — Max respondeu, um sorriso puxando seus lábios. — Você se mudou um pouco a princípio, mas não foi até você tentar arrancar minha garganta - o tempo todo me chamando de um monstro sádico - que eu te segurei até você parar de gritar, bater um pouquinho em você, e então fiz sexo com você até que você caiu em um sono profundo. Depois disso, passei meus braços em volta de você e segurei você no lugar apenas no caso de você estar planejando um segundo ataque.

Seus olhos se arregalaram, seu coração batendo irregularmente sob as costelas. — Por favor, me diga que você está brincando. — Ela sabia que ele tinha que estar

brincando, mas com a vida que ela viveu, com as coisas que seu pai tinha feito com ela, ela não podia ter certeza.

Uma expressão séria substituiu o sorriso uma vez bobo em seu rosto. — Claro, estou brincando. Você dormiu como um bebê a noite inteira.

Respirando aliviada, ela sorriu timidamente. — Você tem certeza?

Seus olhos encontraram os dela, preocupação rolando atrás do azul claro. — Eu não posso dizer com certeza, mas presumo que sim porque você nunca me acordou. E eu tenho sono leve, Alice. Eu teria notado se você estivesse brigando ou gritando.

O alívio a encheu, um raio de calor se espalhou por seu peito e cabeça, seus músculos relaxaram contra seus ossos enquanto ela se aconchegava contra Max. — Essa é a primeira vez que isso aconteceu, eu acho.

Ele a observou atentamente, sua expressão incerta. — Você acha?

Assentindo com a cabeça, ela respondeu: — Eu vivi sozinha por um longo tempo. E nem sempre lembro o que aconteceu enquanto estava dormindo. Normalmente eu consigo entender que não era bom quando eu acordava para encontrar os travesseiros e cobertores no chão, ou quando eu acordava para me encontrar em outro lugar completamente diferente.

Puxando-a mais apertado contra o peito, Max permitiu que o silêncio se estabelecesse entre eles, ambos os

pensamentos mantidos para si mesmos enquanto uma sensação de conforto os envolvia na luz da manhã.

— Devemos levantar em algum momento. — Seus braços se afastando de onde eles a seguraram, Max se levantou da cama, o colchão se deslocando sob ela com a perda de seu peso. Alice se virou para vê-lo entrar no banheiro e fechar a porta.

Finalmente convencendo-se de que era hora de se levantar, Alice deslizou para a beira da cama, sua mente ainda vagando sobre o que ela faria no seu o dia quando Max abriu a porta do banheiro, uma nuvem de vapor dançando atrás dele.

Uma toalha branca estava enrolada frouxamente em torno de seus quadris enquanto ele se aproximava de uma grande escrivaninha. Soltando a toalha em torno de seus quadris, Max jogou-a em um cesto de vime, as bochechas firmes de sua bunda olhando para Alice de baixo dos ombros largos, costas fortes, e a linha recuada que percorria o comprimento de sua espinha. A pele lisa mal continha a musculatura de aço de seu corpo, e Alice se perdeu na maneira como o bíceps flexionava quando tirava as roupas de sua cômoda.

Jeans azul escuro e uma camiseta branca simples. Parecia muito casual para um homem tão sofisticado quanto ele.

Depois de se vestir, Max desapareceu em seu armário, reaparecendo com a roupa que ele selecionou para ela vestir.

— Eu peguei isso para você. — Ele deixou cair um vestido branco simples em seu colo antes de se virar para atravessar a sala e sair para o corredor. Por cima do ombro dele, ele disse: — Encontre-me na cozinha quando terminar. Vou começar o café da manhã.

Alice sorriu e ela não podia acreditar em sua sorte por ter encontrado um homem tão atencioso quanto aquele que seria seu futuro marido.

Ela se levantou com as pernas cansadas e doloridas para ficar diante do espelho de corpo inteiro. Max escolhera um vestido simples com botões na frente, uma faixa azul como cinto para apertá-lo na cintura.

Puxando o pano sobre os ombros, ela apertou os botões um por um antes de amarrar a faixa e olhar para o reflexo no espelho. O vestido era muito bonito, apesar de sua simplicidade, mas o cabelo dela era uma bagunça assustadora de mechas louras. Levantando-se, ela trançou a bagunça de volta para dar a ilusão de ser estilizada antes de soltar um suspiro e sair da sala e descer três lances de escada.

Da cozinha vinham sons barulhentos, panelas e frigideiras sendo puxadas dos armários, o chiar de bacon ouvido segundos antes do cheiro atingir seu nariz como uma avalanche de tentação. Seu estômago roncou quando ela andou descalça do piso de madeira do hall de entrada para a telha de pedra fria.

— Eu estou aqui, — ela declarou suavemente.

— Sente-se na ilha central, Alice. O café da manhã estará pronto em um minuto.

Placas foram colocadas no balcão diante dela, um desenho diferente daquele que ela havia deixado na noite anterior. Ovos e bacon, torradas e suco, uma refeição comum que a fez sorrir brilhantemente.

— Coma.

— Sim, senhor, — ela riu, assumindo que a afirmação de Max era simplesmente uma faceta de sua personalidade. Não lhe havia escapado que Max tinha uma tendência a fazer exigências, ou mesmo escolhas, sem primeiro perguntar o que ela queria comer ou usar. Ela presumiu que tinha mais a ver com o seu costume, a maneira calculada e precisa em que ele correu sua própria vida. Ele era o tipo de homem que controlava a sala ao seu redor, mas Alice não via isso como um aspecto negativo de sua personalidade. Sua vida, até aquele momento, estava tão fora de controle que foi bom deixar alguém mais tomar o volante para variar.

Mas mesmo com essa lógica, algo a incomodava sobre Max, sobre a maneira pela qual ele assumiu o controle tão facilmente.

Pegando seu garfo, ela ignorou os sussurros dentro de sua cabeça, os lembretes incômodos de que Max a lembrava de outro homem em sua vida, um que ela fugiu assim que a oportunidade tinha estado lá para escapar.

Deslizando os dentes do garfo para os ovos mexidos, ela se alimentou lentamente, mastigando pensativamente a

comida que a sustentaria. Ela desfrutou o deslizamento salgado em sua língua, o calor que viajou por sua garganta para pousar em uma barriga vazia. O alívio foi encontrado no conforto do alimento que ele lhe proporcionara.

Parecendo satisfeita por se afastar e vê-la comer, Max recostou-se no balcão da cozinha, com uma xícara fumegante de café nas mãos, os lábios franzidos para soprar a superfície do líquido. Seu rosto estava bem barbeado, a poeira da sombra se foi depois do banho que ele tomara naquela manhã.

Alice observou-o quando ele não estava olhando, seus olhos percorreram as linhas afiadas das maçãs do rosto e a mandíbula forte e quadrada que lhe dava uma aparência áspera, porém culta. Apesar da cicatriz que marcava o lado esquerdo do rosto, ele era elegante em suas feições. Com um nariz reto que passava por lábios cheios e esculpidos, ele tinha olhos pálidos e frios, um azul cintilante que contrastava com o cabelo e a pele bronzeada. Um enigma envolto em beleza, ele era tão sedutor quanto feroz.

Uma pergunta brincou sobre seus pensamentos. Com medo de perguntar, ela preocupou o lábio inferior entre os dentes, sua curiosidade em demasia para ela manter seu silêncio.

— O que aconteceu com você, Max?

Seus olhos a fixaram em um olhar inquieto, estudando-a sobre a borda da taça da qual ele sorveu. Sua garganta

trabalhou para engolir o líquido fumegante antes de puxar o copo para colocá-lo no balcão. — O que você quer dizer?

Limpando sua garganta da ansiedade que sentia por trazer o assunto para cima, ela convocou tudo corajoso dentro dela para continuar em frente na conversa. Ela sabia que, como ela, Max tinha sua própria parcela de segredos, ele tornara esse fato conhecido e outra vez. Talvez a história por trás dessa cicatriz fosse uma das partes dele que ele raramente revelava. Ela queria saber tudo sobre ele: o que lhe trouxe alegria, o que ele temia, mas principalmente, que eventos o transformaram no homem que ele se tornou.

— Suas cicatrizes? Como você conseguiu?

Seu olhar glacial era uma mistura de frio e desprezo em todo seu corpo, um arrepio percorrendo sua espinha para saber que ela havia pisado em lugares não pisados antes por muitas pessoas. De repente, ela assustou-se ao ver a expressão em seu rosto, a mudança distinta de um homem confortável em silêncio compartilhado enquanto ela comia a uma pessoa que ela não tinha certeza se conhecia.

Silenciosamente considerando sua pergunta, sua mandíbula assinalou uma batida lenta. Não tinha certeza se ele responderia, e a tensão que lhe subiu pelos ombros forçou o garfo de suas mãos, seu pulso uma batida irritante que flutuou sobre a ponta macia de seu pescoço.

Cílios negros emolduravam seus olhos vazios, sombras rastejando e girando sob o azul que não lhe davam nenhuma pista sobre os pensamentos que o atacavam lá dentro.

— Meu pai, — ele finalmente disse, sua voz melancólica e vazia, — era um homem excepcionalmente motivado. Eu era uma criança única, sua única descendência que sobreviveu à jornada do ventre de minha mãe até o quarto onde ela me deu à luz. Eu era o sétimo em uma linha de oito, e o único que respirou uma vez que o cordão umbilical foi cortado.

Empurrando para cima do balcão em que ele havia se inclinado anteriormente, ele deu três passos para ficar perto da ilha onde Alice estava sentada ouvindo. Uma folha de papel estava ao seu lado, com uma pilha de correspondência organizada ao lado. Deslizando o papel de cima da pilha, ele deslizou para colocar entre eles, suas mãos trabalhando metodicamente sobre a superfície em branco, fazendo dobras com vincos afiados, antes de abri-lo novamente. Encantada pelo movimento preciso de seus dedos, Alice pulou quando ele falou novamente.

Ao longo de vários minutos, Max contou-lhe uma história que despedaçou seu coração. Não muito diferente da dela, mas com lembretes físicos muito mais permanentes, a vida jovem de Max tinha sido atormentada pelo mesmo pai dominador, o mesmo tipo de abuso e dor que assombrava Alice desde o momento em que ela saiu de casa.

Levantando a mão, ele colocou um pássaro de papel sobre a mesa na frente dela. Seu bico apontava para onde ela estava sentada, suas asas perfeitamente formadas em seus lados. Pequena e simples, branca e sem ornamentação,

a criação era bela por sua simplicidade. Estendendo a mão para tocá-lo, ela quase colocou um dedo contra a superfície, mas recuou no último segundo. Havia algo de sagrado no pássaro de papel, algo solene que a impedia de corrompê-lo com qualquer parte de si mesma.

Com os olhos fixos no pássaro inanimado, ela não olhou para cima quando ele falou de novo. Ela não podia, sem permitir que ele visse as lágrimas que avermelhavam seus olhos vermelhos. E enquanto ela olhava para o pássaro, ela escutou a ele a pior parte da história, o abuso físico que causou a cicatriz que agora era uma característica proeminente de seu rosto.

— Em retrospecto, essa cicatriz pode ter sido minha única salvação. Assim que ele percebeu o dano que causou, ele não esperava mais que eu assumisse os negócios da família. Aos seus olhos, eu era tão inútil quanto as crianças enterradas no jardim em sua propriedade, tão facilmente esquecidas como aquelas que tinham morrido há muito tempo.

Seus olhos se trancaram e Alice derramou uma lágrima pelo homem que estava tão aberto e vulnerável diante dela.

Max ficou quieto e Alice estava desesperada para preencher o silêncio que caiu entre eles.

—Meu pai também era um bastardo cruel — ofereceu ela —exceto que não tive a sorte de escapar do seu conhecimento. Ele tentou me trancar em lugares dos quais eu não podia escapar, tentou abafar meus gritos na

esperança de que ele pudesse dormir a noite toda sem ser empurrado acordado por sua filha louca. Mas não importava o que ele fizesse, eu estava sempre bem ali à sua vista. Sempre a criança burra que não sabia se comportar ou ficar quieta. Não foi minha culpa. Eu dormia a maior parte do tempo. Mas isso não importava para ele. — Sua voz sumiu, sua mente bloqueada em uma memória que ela preferia esquecer.

Max não reagiu abertamente à declaração dela. Sua cabeça inclinou para o lado, seu cabelo roçando seu ombro quando seus lábios se levantaram em um sorriso brincalhão.

— Eu sabia que havia algo familiar em você, Alice, algo muito parecido comigo. É o que me atrai para você. Somos iguais, você e eu. Duas origens muito diferentes, mas uma característica compartilhada que nos une.

Assentindo com a cabeça em concordância, ela engoliu o nó de memória que sempre foi tão grosso em sua garganta.

— Minha mãe não sabia como lidar com o que meu pai estava fazendo. Ela não era forte o suficiente para entrar no meio, para impedi-lo de me atormentar sobre algo que não era minha culpa. Então, ela fez a única coisa que pôde fazer: manteve-me fora de vista o máximo possível quando ele estava em casa.

Alice olhou para cima do pássaro e seus olhos se encontraram. — Ela tinha um jardim no quintal ao redor da casa e me obrigou a aprender tudo o que havia para saber sobre cuidar das plantas que estavam lá fora. No começo, eu

odiava isso. Estava sempre tão quente lá fora. Mas depois de um tempo, eu comecei a amá-lo. — Uma lágrima deslizou por sua bochecha. — É a única coisa que sinto falta daquela casa. Eu tive que deixar para trás quando saí para a escola e, desde então, nunca mais voltei para casa.

Traçando o dedo ao longo de sua bochecha, ele pegou as lágrimas que caíram. — Nunca?

Ela balançou a cabeça, engolindo em seco novamente para que pudesse falar claramente sobre a dor que suas lembranças trouxeram à superfície. — Nunca. Minha irmã, Dalila, me liga com frequência, mas raramente atendo o telefone.

Deslizando o dedo sob o queixo, ele inclinou o rosto para olhá-lo. — O que sua irmã tem a ver com isso?

Alice suspirou. — Eu estava com ciúmes dela. Ciumenta que ela não teve que suportar a mesma *atenção* do meu pai. Ela ficou quieta, ficou fora do caminho. Inferno, ela ainda mora naquela casa com eles, embora ela seja uma mulher adulta agora. Eu sei que ela está ligando porque ela quer que eu volte para casa e conserte meu relacionamento com esse homem. Então, em vez de dizer abertamente a ela que isso nunca vai acontecer, que ela não entende, porque nunca foi vitimada por ele, simplesmente ignoro o telefone.

Entendendo os olhos inundados de Max. — É ela que continuava ligando para você no dia em que nos conhecemos? Na casa?

Assentindo com a cabeça, ela piscou mais algumas lágrimas e se afastou do toque dele. — Sim.

Max ficou pensativo por alguns instantes, seus olhos estudando seu rosto, uma avaliação sagaz óbvia por trás do azul de seus olhos.

— Você não é uma vítima, você sabe? Não totalmente. A verdade está em seus olhos, sua linguagem corporal. Eu admito que eu dei uma olhada em você naquela velha casa e com um olhar, eu te conheci. Você tem lutado toda a sua vida.

Alice riu, mas o som não carregava humor. — Você está errado. Eu não sou uma lutadora.

Suas palmas pressionaram contra o granito negro da ilha, sua voz baixa. — Eu sou?

Quando ela não respondeu, Max falou suavemente de novo. — É a lutadora dentro de você que me atraiu para você em primeiro lugar.

Olhando para ele, as sobrancelhas de Alice se juntaram em questão.

Com passos medidos, Max contornou a ilha para ficar ao lado dela antes de explicar: — Você viu a escuridão, experimentou o Inferno... você lutou contra pesadelos toda a sua vida. Ele moldou você, moldou você e o diferenciou da maioria. Você é humano, obviamente, mas sua mente não é a mesma que as ovelhas sem valor que preenchem nossa sociedade. Você não se importa com o fútil. Você não perde

tempo ocioso discutindo besteira. Você, de todas as pessoas, entende o que é ser assombrado pelo mal.

Puxando-a para um abraço, Max apoiou o queixo no topo da cabeça dela, o peito dele vibrando contra ela enquanto falava em seguida. — Você tem uma nova família agora, Alice. Nós dois temos. E somos tudo que precisaremos. Não posso tirar a dor do que seu pai fez com você, mas posso lhe dar um novo paraíso. Um lugar seu nesta casa que você pode escapar enquanto eu estou ocupado trabalhando ou distraído.

Afastando-se dela, ele trancou as mãos ao redor dos ombros dela, permanecendo em silêncio até que ela olhou para ele.

— Você gostaria de vê-lo?

Fungando, Alice estendeu a mão para escovar mais lágrimas de sua pele. Embora reviver as lembranças tivesse doído, saber que Max não só poderia simpatizar, mas também entender o que ela passou, ajudou-a a sentir-se mais próxima dele do que nunca.

— Claro, — ela respondeu.

Pegando a mão dela, Max a levou para fora da cozinha, através da sala de jantar e para uma porta nos fundos da casa. Quando ele abriu, ele permitiu que ela saísse primeiro, seus braços envolvendo-a quando ele finalmente se aproximou de onde ela estava.

Alice olhou ao redor do lote grande, seus olhos percorrendo o jardim que não era cuidado há anos. Manchas

de grama estavam escondidas dentro de ervas tão altas quanto suas coxas, mas havia potencial no espaço para qualquer pessoa que se desse ao trabalho de cultivá-lo.

Sombreado em parte por majestosos carvalhos, seu musgo balançando numa brisa, o quintal tinha uma sensação remota e distante. Alice ficou encantada ao ver várias áreas que tinham a quantidade perfeita de luz solar para flores.

— Você gosta disso?

Ela riu: — Eu não sei exatamente o que estou olhando.

O punho dele se fechou sobre a trança no cabelo dela e ele se afastou gentilmente até que o pescoço dela estivesse arqueado até o limite. Colocando um beijo em sua testa, ele soltou o cabelo dela para que ela pudesse olhar para os jardins.

— Poderia ser seu novo jardim, Alice. De fato, porque nem você nem eu temos família ou muitos amigos para falar, poderíamos nos casar aqui, e então você pode plantar o que quiser. Você poderia fazer o seu próprio jardim.

Sua sugestão foi uma surpresa para o seu coração cansado, que lavou toda a negatividade que ela estava sentindo e substituiu-a com o esplendor da *esperança*.

— Meu?

Seus ombros tremiam com risadas silenciosas. — Seu.

Pesquisando o espaço com mais cuidado agora que ela entendia o que ele planejava para ela fazer com ele, Alice notou como o chão em certos lugares havia sido perturbado, como se um animal estivesse cavando raízes, ou criando

tocas para sua casa. Fazendo uma anotação mental de que teriam que contratar um exterminador antes de plantar qualquer coisa no chão, ela procurou mais longe, avistando uma cerca de ferro forjado preta que percorria a parte de trás do quintal.

Dando alguns passos à frente para descobrir o que estava do outro lado da cerca, Alice parou quando Max apertou os ombros. Virando-se para olhá-lo, ela perguntou: — O que há atrás da cerca?

Uma sombra caiu sobre os olhos de Max, o azul normalmente brilhante escurecendo com as lembranças. — Meus irmãos e irmãs. E meus pais, embora eles não tenham lápides. — Sua voz caiu para um sussurro, algo sombrio fazendo com que seus lábios puxassem em uma linha fina. — Eu preferiria que você não fosse lá, Alice. Esse é um lugar que tento esquecer que existe mesmo.

Girando-a no lugar, ele trancou os olhos com os dela, as mãos ainda apertadas sobre os ombros. — Prometa-me que você nunca passará por aquele portão.

Não entendendo por que ele não a quereria no pequeno cemitério da família, ela estudou sua expressão e achou prudente não se intrometer demais numa situação que obviamente lhe causava tanta dor. — Eu prometo, — ela respondeu.

Ele acenou com a cabeça uma vez e levou-a de volta para a casa. — Então vamos começar a planejar esse casamento.

O riso borbulhava de seus pulmões. — Não há muito o que planejar, se for apenas para nós.

— Isso é tudo que precisa ser. Só você e eu, e quem eu quiser para oficial.

Parando no lugar, ele olhou para ela, longa e dura, uma teia pegajosa de emoções acesas por trás de seus olhos que a prenderam naquele olhar gelado.

— Nós vamos ter a cerimônia amanhã.

Sua respiração ficou presa em seus pulmões. — Tão cedo?

Ela sentiu-se vacilante de repente, em pânico porque parecia que estava presa em um vento que a empurrava para frente sem permitir que ela aproveitasse o tempo para pensar em qualquer coisa. Max era aquele vento, um homem que sabia o que queria, que o teria, independentemente dos obstáculos que se encontravam no seu caminho.

— Eu acho que deveria sentar, — Alice murmurou.

Depois de acomodá-la em uma cadeira de madeira, Max se ajoelhou na frente dela, suas mãos se esticando para enfiar fios errantes de cabelo atrás da orelha.

Sua voz estava assegurada quando ele falou de novo. — Você não tem motivo para entrar em pânico. Você deve estar feliz com o que eu planejei para você. Não haverá luta, preocupações ou estresse. A vida se tornará mágica como deveria.

Seus dedos mal se esfregaram contra sua bochecha antes que ele alcançasse sua orelha. A luz brilhou contra uma

moeda em sua palma, os olhos arregalando-se quando um ligeiro sorriso puxou seus lábios.

— Você tinha algo atrás do seu ouvido, — brincou ele. — Um truque simples, mas apenas o começo de tudo o que você pode descobrir.

Sua risada arrancou a tensão de seus ombros, a tristeza se instalou sobre ela porque sabia que ele aprendera aquele truque dos livros que sua babá lhe dera... E pagou por esses truques pelo resto de sua jovem vida.

— É tudo acontecendo tão rápido, — explicou ela. — Mas confio em você, Max. E mal posso esperar para ser sua esposa.

Trinta e quatro

De pé no espelho de corpo inteiro em seu quarto, Alice arrastou uma escova através de seu cabelo, seu corpo coberto por um pedaço de seda que era o mesmo branco imaculado do vestido de casamento que Max havia escolhido para ela usar. Ela não tinha muito a dizer sobre o assunto quando eles foram para a pequena boutique para escolher o vestido, mas ela não estava descontente com a escolha dele. Ela se convenceu de que, se o estilo escolhido deixasse Max feliz, isso a deixaria feliz também.

— Você é tão linda. Assim como eu sabia que você seria. Vamos vesti-la... prepará-la para sua nova vida. Você vai brilhar, Alice. Será o que você sempre quis. Uma fuga da vida que não fez nada além de machucá-la. Mesmo em sonhos, você nunca poderia escapar.

As mãos dele esfregaram o comprimento de seus braços nus antes de soltá-la para recuperar o vestido do armário. Voltando para ela, ele a ajudou a entrar no material caro, tomando seu tempo para apertar os pequenos botões que percorriam o comprimento de suas costas. Ela protestou contra o custo do vestido, especialmente porque seriam apenas os dois no casamento, mas Max insistira.

Virando-se, Alice olhou para o belo corte do terno preto que ele escolheu usar, o colete prateado que combinava com a gravata dele. Com uma camisa branca por baixo, ele

parecia elegante e digno da vida de facilidade e lazer que ele vivia.

Pegando a mão de Alice, Max a levou do quarto, desceu as escadas e saiu para o espaço que eventualmente seria seu jardim. O oficiante esperou por eles sob os grossos ramos dos carvalhos, o musgo pendurado em seus galhos criando luz e sombras dançando sobre o pedaço de terra onde eles estavam.

O casamento foi rápido, seus votos aqueles que foram usados por anos pelos maridos e esposas que vieram antes deles. Quando o oficial saiu, eles permaneceram sob aquelas árvores imponentes, Max olhando para sua nova noiva com a posse por trás de seus olhos.

— Somos casados, você e eu. Você agora é minha esposa.

Sua expressão ficou séria, seu foco severo.

— Até a morte, Alice. Promete-me.

Seus olhos brilhando com lágrimas de felicidade, ela balançou a cabeça.

— Até a morte, — ela prometeu.

Trinta e cinco

12:38 p.m.

— Foi o começo de um sonho, — Alice sussurrou, sua voz quebrando quando as memórias inundaram sua mente. — Pelo menos, achei que era um sonho.

Sua cabeça virou-se para o médico, o corpo dela balançou no sofá com as costas pressionadas contra o encosto. Suas pernas dobradas estavam encostadas contra o peito, os braços embrulhados com força para segurá-los no lugar. Lentamente, ela balançou onde estava sentada, as molas do sofá rangendo com o movimento sutil.

— Mas o sonho não durou, eu suponho. Quanto tempo demorou antes que a verdade do homem com quem você casou começou a aparecer?

Seus olhos se fecharam para lembrar a primeira vez que a raiva de Max lhe causou danos. — Um ano, talvez um pouco menos. Ele estava sempre tão ocupado trabalhando no porão. Ele queria que toda a casa terminasse. Ele era tão particular sobre essas coisas. Tudo tinha que ter seu lugar. Tudo tinha que estar em ordem. Tudo tinha que estar perfeitamente limpo. Ele disse que era porque ele não queria que as coisas fossem feias - não como nós.

Inclinando-se para frente em sua cadeira, o Dr. Chance esperou que ela abrisse os olhos. Uma vez que ele soube que ele tinha toda a atenção dela, ele disse: — Você não é feia,

Alice. O que lhe ocorreu quando você era criança não fez de você uma pessoa feia.

Um latido de riso sem humor soprou sobre seus lábios. — Não sou? Se não fosse pelo que meu pai fez comigo, eu poderia ter tomado decisões diferentes quando a verdade de Max veio à tona. — Sua voz tremeu sobre as palavras, seu corpo começando a tremer enquanto pedaços e partes voltavam, imagens que ela nunca poderia apagar de sua mente.

— Eu era o alvo perfeito, parece. Eu tinha sido condicionada pelo meu pai a aceitar abuso, e Max usou isso para sua vantagem. Eu estava cansada. Eu estava distante da minha família. Eu não tinha amigos.

— Ele aproveitou não apenas a sua vida, mas também o amor que você tinha por ele. Ele era um predador, Alice.

— E eu era a presa perfeita, — ela respondeu.

Batendo uma lágrima no rosto, ela olhou para o médico com os olhos machucados e inchados. — Eu teria pensado que seria mais forte do que eu fui. Que, talvez, o que meu pai fizesse comigo tivesse me ensinado a correr ao primeiro sinal de abuso. — Ela estremeceu, cerrando os olhos contra as lembranças. — Eu não entendo os sonhos, doutor. Não a direção que eles tomaram ou o modo como as memórias se confundiram. Por que você continua me levando de volta para discutir meu pai? Como você sabia que ele tinha algo a ver com os eventos da minha vida com o Max?

Recostando-se contra o assento, o médico bateu a caneta no caderno antes de estender a mão para reposicionar os óculos sobre o nariz. — Acredito que você se coloca no lugar de uma mulher raptada porque não poderia encarar algo muito mais assustador: o fato de você ter fugido de um homem abusivo, apenas para acabar nos braços de outro. Pensei que, lembrando das ações de seu pai, você se abriria para lembrar o que ocorreu com Max.

Ela suspirou. — Bem, funcionou. Isso e me lembrando do maldito preço que paguei pelo luxo que Max me deu. Pela vida que ele escolheu para mim.

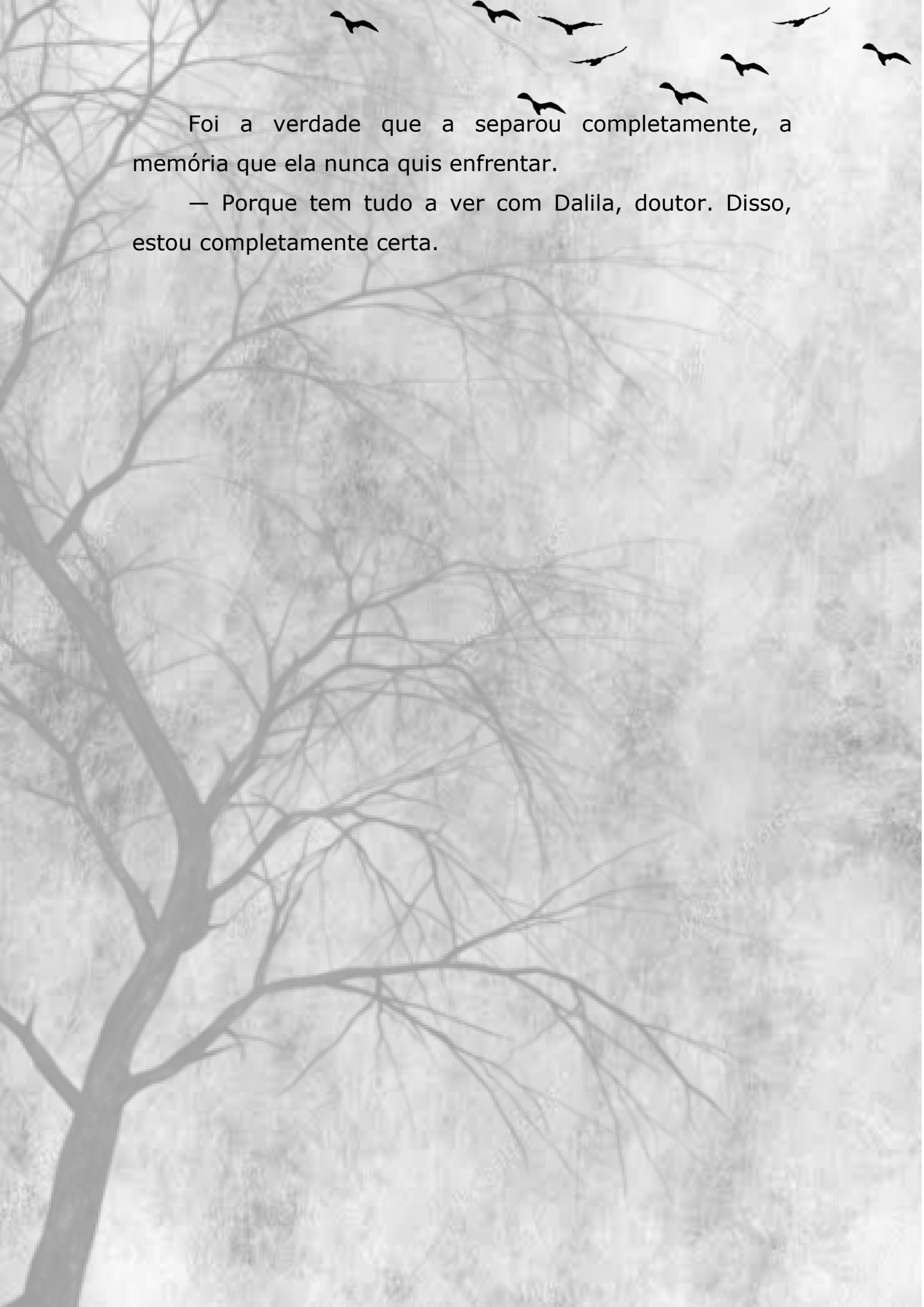
Olhando para o relógio batendo na parede, o médico olhou para ela. Ele não precisava lembrá-la que o tempo continuou marchando para um fim desconhecido.

— Você tem que continuar, Alice. Temos que juntar esse quebra-cabeça a tempo.

Alice balançou a cabeça, os braços apertando ainda mais as pernas. — Não vai salvá-la, doutor. O tempo já acabou.

Dando a ela um olhar paciente e pensativo, o médico falou suavemente quando ele disse: — Nós estabelecemos que os sonhos são memórias, Alice. Por que você ainda insiste que isso tem algo a ver com você, irmã?

Um tremor violento percorreu o corpo de Alice, gritos em erupção em sua mente, porque ela se permitiu ir àquele lugar.



Foi a verdade que a separou completamente, a memória que ela nunca quis enfrentar.

— Porque tem tudo a ver com Dalila, doutor. Disso, estou completamente certa.

Trinta e seis

Um ano se passou desde que Alice e Max se casaram, e naquele ano Max estabeleceu um conjunto de regras que Alice deveria seguir. O que ele pediu a ela não foi nada surpreendente ou inédito quando se tratou dos papéis desempenhados por um casal, e quando Max fez suas exigências e listou suas expectativas, Alice não tinha pensado duas vezes sobre o que essas demandas significariam um dia.

Nunca foi mais do que apenas os dois. Nenhum dos dois tinha que sair de casa para trabalhar diariamente, no entanto Max costumava sair por alguns dias para administrar as múltiplas propriedades que sua família possuía e deixara para ele quando morreram.

Além disso, ainda havia um lucrativo negócio familiar que proporcionava renda a Max e, embora ele não tivesse um papel ativo em nenhuma das empresas, ele ainda era um superintendente, um proprietário que precisava fazer o check-in de vez em quando para garantir que as empresas estavam sendo gerenciadas com sucesso.

Alice nunca se incomodou em perguntar os detalhes. Isso nunca a preocupava e ela não se importava muito com nada que acontecesse no mundo exterior. Ela estava feliz na pequena bolha que criou para si mesma, aventurando-se fora da casa apenas nas noites em que Max insistia em levá-

la ao teatro, para jantar ou para algum outro encontro especial que ele havia arranjado.

No entanto, ao longo de seu curto casamento, a mudança de comportamento de Max foi sutil. Alice não entendeu o perigo em que ela estava até o dia em que ele não podia mais esconder a pessoa que ele era, o monstro que tinha estado escondido dentro dele o tempo todo.

Enquanto Max estava fora em uma de suas viagens prolongadas, Alice tinha tido um resfriado. Ela tentou trabalhar no jardim que ela plantou durante os meses de primavera e verão. Ela não precisou fazer muito para dar flor ao jardim e ficou grata pela riqueza do solo que alimentava as plantas tão abundantemente que Alice teve que fazer pouco mais do que colocá-las no chão. Olhando por cima do jardim que tinha sido uma trama patética de sujeira antes de selecionar as plantas que agora estavam crescendo saudáveis e fortes, Alice sorriu.

Sua cabeça a incomodou por causa do calor sufocante. Ela não pôde ficar do lado de fora por muito mais tempo do que uma hora antes de recuar para dentro para beber uma xícara de chá e deitar-se para um cochilo no meio da tarde.

Seus distúrbios não a incomodavam desde a primeira noite em que dormiu nos braços de Max, mas nas noites em que ele estava fora, ela se viu debatendo-se, especialmente agora que estava doente.

Tendo conseguido apenas dormir por uma hora, ela acordou sobressaltada, com o corpo saltando para frente

para encontrar as almofadas no chão e os lençóis enrolados em torno de seus pés. Ela olhou para cima e pulou de surpresa ao encontrar Max de pé em silêncio ao pé da cama.

Um sorriso se espalhou por seu rosto para vê-lo depois da semana em que ele se foi, mas quando os olhos dela clarearam do borrão deixado pelo sono, sua expressão a assustou e o sorriso sumiu.

— Max?

Seus olhos eram uma fatia de aço frio em seus sentidos, seus lábios uma linha fina e afiada que puxou em um sorriso de escárnio.

— Você está gostando da vida que eu te dei, Alice? — Cada palavra que ele falou gotejou com veneno repugnante, o frio gelado de sua voz subindo até sua pele até que ela congelou no lugar.

Sua boca se abriu e fechou várias vezes antes que ela pudesse encontrar força suficiente em sua voz para responder à pergunta estranha. — Sim.

Uma única sobrancelha arqueou acima de seu olho, seus lábios agora puxando para cima em um sorriso zombeteiro. — Enquanto eu estive fora trabalhando duro para ver todas as besteiras que meu pai deixou para eu administrar, parece que você tomou isso como uma oportunidade de mentir por aí, para fazer uma bagunça na casa que eu te forneci e para cagar em cada responsabilidade que lhe foi dada.

Não entendendo de onde sua raiva estava vindo, Alice balançou a cabeça. — Eu não sei do que você está falando.

Ele nunca a atingiu no ano em que eles se casaram, nunca se perdeu tanto para o temperamento caprichoso que Alice sabia que ele lutava para controlar. Max era um homem de muitos modos, e antes de hoje, quando foi tomado pela raiva, ele preferiu ir embora.

Antes de hoje.

Mas *não* hoje.

Ela não teve tempo de se mover antes que ele estendesse os dedos em seus cabelos. E mal teve tempo de gritar antes de puxá-la da cama, atravessar o chão acarpetado e descer os três lances de escada. A dor disparou ao longo de seu corpo a cada passo que batia contra seu quadril ou joelho, seu corpo sendo arrastado mais longe, apesar de seus pedidos para que ele a soltasse.

No momento em que ele a arrastou para a cozinha, ela estava chorando em agonia pela forma como os cantos duros das escadas a haviam machucado. Quanto mais alto ela gritava, mais forte o punho de Max apertava em seus cabelos e mais rápido ele a arrastava para qualquer lugar que ele tivesse em mente.

Quando chegaram à porta dos fundos que levava ao jardim, Max a deixou cair no chão, de pé sobre ela enquanto chorava sobre o ladrilho, observando silenciosamente suas tentativas fracassadas de se levantar do chão.

Finalmente conseguindo encontrar força em seus braços trêmulos, ela se forçou a sentar-se, mas foi agarrada pelos cabelos, mais uma vez, seu rosto empurrado a poucos centímetros do chão.

— Você vê a bagunça que você fez? A lama e a sujeira que você arrastou para a minha casa, Alice? Eu te dou um lugar para morar, um lugar para cultivar suas plantas estúpidas e fingir que você é uma boa esposa para mim, e esta é a porra de agradecimento que eu recebo? O que eu te disse sobre sua limpeza, Alice? O que eu disse?

Não era anormal para Alice arrastar a terra com ela quando ela voltava do jardim, mas era típico para ela limpá-la imediatamente quando ela entrava. No entanto, devido à doença contra a qual ela estava lutando, ela deixou de fazê-lo hoje, e a raiva de Max não foi inesperada.

Durante meses ele investigou sua necessidade de uma casa arrumada. Cada pedaço de poeira tinha que ser polido das mesas. Os pisos deveriam ser esfregados diariamente. Alice havia se esgotado em vários dias só para garantir que seu marido não encontrasse nada que provocasse sua ira assustadora.

Ela nunca tinha visto nada de errado com suas exigências. Ele lhe proporcionou uma vida confortável; roupas, comida, qualquer coisa que ela pudesse precisar. Tudo o que ele pedira em troca era que ela administrasse as tarefas domésticas, que o deixasse sem essa

responsabilidade, para que ele pudesse cuidar de suas atividades sem se preocupar com o estado de sua casa.

Ele nunca tinha reagido tão mal antes, não ao ponto de ter causado uma lesão física, pelo menos.

Sua voz um grunhido ameaçador, ele perguntou: — Quem é você, Alice?

Sufocando-se com a violência de seus soluços, ela se forçou a respirar fundo antes de responder: — Sua esposa.

Seu sorriso cresceu feroz, seu medo se aprofundou até que ela tremeu onde ele segurava seu rosto quase acima do chão. Inclinando-se sobre ela, sua respiração era uma lavagem de calor através da pele de sua bochecha, seus lábios roçando a concha de sua orelha quando ele perguntou: — E o que uma esposa faz pelo marido?

Eles tiveram essa conversa várias vezes desde que se casaram - principalmente quando Alice foi descuidada ou cometeu um erro - e cada vez que Max encontrou um motivo para lembrá-la das regras que ele estabeleceu, sua raiva tornou-se mais sombria.

— Eu cozinho. Eu limpo. Eu te cumprimento quando você voltar de suas viagens. — Ela engasgou com o nó de medo em sua garganta. — Eu cuido de todas as suas necessidades.

Seu rosto bateu no chão quando ele bateu a cabeça para baixo, a dor disparou por sua espinha quando a ponta do sapato bateu no centro de suas costas.

Incapaz de se mover devido à dor irregular que a agarrou em sua fúria incapacitante, Alice não percebeu quando Max se afastou, não teve a chance de estender a mão e cobrir o rosto antes de ele voltar e a xícara de chá que ela usou mais cedo e havia deixado na pia para limpar foi jogada em seu rosto.

— Limpe sua porra de bagunça. Quando voltar, espero que tudo nesta casa seja exatamente como antes de eu sair para minha viagem.

Seus passos pesados ficaram mais silenciosos enquanto ele caminhava pela casa, Alice pulando no lugar quando ouviu a porta da frente abrir e bater de perto.

* * *

Max não havia retornado quando o sol se punha abaixo do horizonte e a lua reinava no céu noturno. Incapaz de dormir, Alice sentou-se na beira de sua cama grande, sua mente correndo sobre a violência que ela sofreu nas mãos de um homem que, até então, não tinha feito nada para machucá-la fisicamente.

Claro, ele tinha sido temperamental no passado, ele levantou a voz, ele até a agarrou uma vez, mas toda vez que ela o via lutar contra sua própria raiva, e eventualmente, ele a deixava ir.

Depois dos acontecimentos daquela tarde, porém, Alice se perguntou se deveria deixá-lo - mas o pensamento a assustou porque significava que estaria sozinha.

Suas mãos brincavam sobre o pequeno objeto que ela gentilmente aninhava entre eles. Um símbolo de vulnerabilidade e dor, Alice guardou o minúsculo pássaro de papel branco que Max criara quando lhe contara a história da cicatriz que o seguia desde a dolorosa infância que vivera na confusão emocional que se tornara sua vida adulta.

Alice ainda não tinha certeza de todos os segredos que Max carregava, mas ela sabia que ele lutava dia a dia, sua raiva e ira um fardo que pesava sobre seus ombros a cada passo que ele dava, um monstro que lutava a cada segundo de cada dia.

Considerando que sua juventude tinha criado nele algo feroz e volátil, o dela criou nela algo temeroso e tímido. Duas metades do mesmo todo, duas almas que carregavam consigo o tumulto de uma vida maltratada pelas mãos das pessoas que mais deveriam ter cuidado delas.

Era a história compartilhada que os ligava um ao outro, a história que os conectava tão completamente que Alice não podia esquecer o amor que sentia por Max, apesar do abuso que sofrera em suas mãos.

De muitas maneiras, ele nunca cresceu daquele garotinho que só queria brincar como as outras crianças e, por isso, ela podia entendê-lo completamente. Como ele,

Alice nunca amadureceu como se tivesse dado o equilíbrio e cuidado implícito para as sementes de uma vida normal.

Na verdade, eles não eram muito diferentes das plantas que Alice cultivava das mudas em plena floração. Com o solo e os cuidados adequados, essas plantas eram uma beleza maravilhosa, sua cor e cheiro eram uma bênção para o mundo em que viviam. Entretanto, se eles foram danificados em seu estágio vulnerável, se lhes foi negado o alimento que precisaram ou cortaram muitas vezes, eles nunca recuperaram a capacidade de produzir a mesma abundância de flores, os mesmos tons perfeitos de folhas e caules que os fizeram único entre a variedade de flora que os rodeava.

Tudo o que Max queria era uma família que o amava. Tudo o que ele precisava era de uma casa que lhe poupasse o caos de sua vida anterior.

Essa era sua razão para a ordem e a limpeza que ele exigia, e Alice se perguntou: Se ela pudesse fornecer-lhe o conforto e o cuidado que ele precisava, ajudaria a diminuir os demônios que ainda o atormentavam?

Levantando-se da cama, atravessou a sala e colocou o pássaro de papel na escrivaninha que dava para a cama, a cabeça girando um pouco para ouvir atentamente quando o som da porta da frente abrindo e fechando.

Max estava em casa, e ela odiava que não soubesse se ficava feliz por ele voltar ou se temesse o dano que poderia causar.

Com a casa tão quieta que até mesmo o chilrear dos grilos do lado de fora soava como um refrão melódico alto, Alice podia rastrear os movimentos de Max enquanto ele subia as escadas.

Seus passos eram um aviso em si mesmos. Esse era um fato que Alice estava aprendendo, cada um pesado, um *baque de* bota, um lembrete de que ela não estava sozinha. Que ele estava vindo por ela.

Ele tinha tomado dezoito desses passos de aviso enquanto subia as escadas em direção a ela.

Dezoito batidas que contavam seu futuro.

Dezoito batidas que gritavam em seu tom lento e persistente, *cuidado com os monstros*.

Mas seria o monstro dele que atravessou a porta do quarto naquela noite? Ou seria o homem que ela amava voltando para casa para resgatá-la da solidão que a enlaçava quando ele não estava ao lado dela?

Sua sombra escureceu a porta.

Alice respirou fundo e se virou para ver que parte do marido havia voltado para casa para ela.

O que ela encontrou quebrou seu coração, as peças estilhaçadas caindo a seus pés e seus braços estendendo-se para tomar o homem quebrado em um abraço que nunca o faria completamente.

Seu rosto uma máscara de culpa e remorso, auto aversão, vergonha e tristeza, Max fechou a distância entre eles em vários passos longos.

Os dois choraram enquanto se abraçavam, ambos perdendo as emoções e a dor que deixavam cicatrizes em lugares muito profundos para serem reparados.

Pegando-a de tal forma que os dedos dos pés mal tocaram a superfície do tapete, Max a acompanhou até a cama, sentou-a gentilmente na borda e se ajoelhou diante dela para descansar a testa contra os planos de seus joelhos trêmulos.

— Me perdoe.

As mãos de Alice se moveram para passar os dedos pelos cabelos dele. Era um ato do perdão que ele buscava, um momento solene em que nenhum dos dois falava, mas as palavras ainda passavam entre eles no silêncio das encruzilhadas, onde agora se encontravam de pé.

Separar ou se unir mais forte?

O que ocorreu neste momento responderia a pergunta que estava correndo círculos infinitos na cabeça de Alice.

Ele era um homem tão orgulhoso; muito orgulhoso, muito formidável para se ajoelhar a qualquer pessoa. Mas ainda aqui estava ele, abaixando-se para sua esposa, para uma mulher que não era nada perto da pessoa poderosa que ele de alguma forma era. Ela era a mansa entre eles - seu medo, seu pânico, seus pesadelos que só ele poderia afugentar - e ainda assim, em seu desamparo, ela se tornaria a fraqueza máxima de Max.

Suas mãos distraidamente entrelaçaram-se nas grossas mechas de seu cabelo ondulado escuro, suas mãos subindo

para esfregar ao longo de suas panturrilhas, o toque tão suave em comparação com a maneira como ele lidara com ela apenas algumas horas antes.

Erguendo a cabeça, as lágrimas brilhavam no frio gelado de seus olhos azuis, lamentando uma sombra que escurecia as feições normalmente duras de seu belo rosto.

— Eu não posso me ajudar, às vezes, — explicou ele. — Eu perco a cabeça quando se trata de você. Eu tento tanto manter essa parte de mim longe de você.

Alice entendia cada palavra como se estivesse falado sozinha. Havia uma parte dela que ele havia perseguido nas sombras, e se ela devolver a gentileza - o favor dado em amor - ela poderia afugentar a escuridão que pairava sobre eles quando a raiva de Max se enfurecesse?

— Eu te perdoo, — ela sussurrou: — Eu sempre vou te perdoar.

Eles estavam muito entrelaçados para ela se afastar agora, intimamente ligados pelos horrores de sua juventude e pela serenidade que encontraram quando finalmente se uniram.

Ele era seu protetor e ela se tornaria sua.

Era o preço que ela pagaria para amar um homem tão machucado quanto aquele que se ajoelhava a seus pés.

— Eu sei que você tem seus segredos, seus lugares que você não me mostrou por medo do que eles poderiam significar… ou fazer. Mas eu te fiz uma promessa quando me casei com você, Max, e nunca vou acabar com isso.

O alívio secou seus ombros, seu corpo relaxou a seus pés. No entanto, ainda havia aquele outro lado dele que permanecia logo abaixo da pele.

Levantando-se de joelhos, passou os braços ao redor de sua cintura, seus lábios percorrendo seu ombro até que ele encontrou aquele ponto macio na base de seu pescoço. O pulso dela tremulou contra os lábios dele e a violência dentro dele mudou até que a sombra dele a cobrisse enquanto ela caía indefesa contra a cama.

Ela não iria impedi-lo de tomar o que ela sempre soube que era dele, e um gemido roçou seus lábios quando as mãos dele exploraram as curvas de seu corpo trêmulo. A suavidade não duraria, ela sabia disso, mas ela gostou do breve momento que ele poderia dar a ela.

Havia fúria no modo como este homem a amava, fúria e violência na maneira como ele a segurava. Uma mão forte agarrou seus pulsos para fixá-los no colchão acima da cabeça, o calor piscando em seus olhos para olhá-la quando ela estava impotente e aberta a todos os desejos dentro dele.

Os dedos de sua outra mão subiram pela perna dela, puxando a camisola branca que ela usava até o ápice das coxas, o aperto tão forte que ela podia sentir o pulso do coração dele nas pontas. Deixava hematomas nela toda vez que faziam amor, mas aquelas pequenas constelações de marcas nunca a impediam de querer novamente.

Porque onde este homem fez seu corpo pular com pouca dor e tormento, ele também fez cantar.

Ele conhecia cada pequeno lugar que a deixava louca, cada fraqueza que provocava um gemido suave no fundo de sua garganta. Feitos um para o outro, os dois dançaram essa tortura sensual porque eram duas metades de um todo.

Ela precisava da violência sexual que ele lhe dava. Ele precisava do medo e submissão que ela deu em troca.

Sua mão agarrou a camisola, o tecido rasgando quando ele a puxou para longe. O que sobrou do delicado material foi jogado na cama ao lado deles e sua boca encontrou o pico tenso de seu seio exposto, seus dentes mordendo até que seu corpo arqueou e implorou por mais.

Lento.

Preciso.

Metódico.

Ele trabalhou-a em um frenesi que a deixou louca, até que ele perdeu o controle de suas próprias necessidades e entrou nela com um golpe forte.

O modo como ele a encheu era requintado, o modo como ele se movia sobre ela era hipnótico. Mas foi o modo como ele a possuiu, que a forçou ao limite da antecipação sem fôlego, que a deixou flutuando na euforia de um amor tão perverso quanto divino.

Tão cheia e esticada e aberta, Alice perdeu a cabeça para este homem toda vez que seus lábios encontraram os dela, toda vez que seu corpo empurrava para frente, pegando e reclamando, derramando dentro dela com um

empurrão final que a fez gritar seu nome enquanto as lágrimas rolavam por ela.

Ela o amava demais para ir embora.

Então ela pagaria o preço para perdoá-lo. Ela pagaria com seu coração, seu corpo e sua alma, porque era a única coisa que o manteria forte.

Trinta Sete

12:39 p.m.

Paredes cinzentas.

Mesa preta.

Rosas vermelhas falsas e de plástico.

Tudo no lugar.

— Alice? ... Senhorita Beaumont? ... Alice Beaumont...

— Sim, doutor.

Cinco degraus do outro lado da sala, três degraus acima do tapete macio e estampado. Quatro almofadas. Uma manta branca estava solta sobre o braço da cadeira.

Alice se sentou, seu corpo tão cansado que ela caiu de costas contra as almofadas do sofá, seus olhos vagos encarando o homem que estava sentado em frente a ela, sua expressão cheia de pavor e preocupação.

— Você está regredindo, Alice. Distanciando-se de tudo que você lutou para descobrir.

Sua caneta bateu contra o papel dele. O relógio passou da parede. A água escorria da torneira do banheiro que estava escondida atrás da madeira escura de uma porta parcialmente aberta.

— Eu não quero ir para lá, doutor. É horrível demais, assustador demais para acreditar que pode ser real. É o começo do fim e eu não quero lembrar. — Ela estremeceu,

seus braços envolvendo o abdômen, a cabeça empurrando para o lado com um doloroso tique.

— Sinto muito, mas você não tem escolha. Tudo está montado em você agora, Alice. A verdade, por mais horrível que seja, será perdida se você não for adiante.

Ela sabia que ele estava certo, mas não facilitou a tarefa. Preferindo se esconder no abrigo da insanidade, Alice ansiava pela confusão e mentiras que a impediram de chegar a esse ponto por tanto tempo.

— Eu não estou regredindo, doutor. Eu posso te prometer isso. O que estou fazendo é atrasar o inevitável. Atrasar o final porque não tenho certeza se vou sobreviver.

Movendo-se em seu assento, o médico a prendeu na seriedade de seu olhar. — A escolha é sua, você sobreviver. Sempre foi a sua escolha.

Uma respiração trêmula a sacudiu, sua mente acelerou enquanto seu corpo lutava para permanecer imóvel. — Ele era um monstro. Eu te falei isso.

Assentindo com a cabeça, o médico falou baixinho: — Sim. Você já disse isso muitas vezes antes.

Ela sorriu, a expressão tensa com a negatividade que ela estava sentindo. — Mas, eu lhe disse que eu era o pior monstro de todos?

Com o rosto tomado de confusão e surpresa, o médico falou devagar, pronunciando suas palavras com tanto cuidado que ela sabia que ele estava andando sobre gelo fino.

— Isso não é possível, Alice.

Seu sorriso brilhou, a insanidade em seus olhos. — Sinto muito, doutor. Sinto muito desapontar você. Mas é possível. O que eu fiz é imperdoável. E se tivesse que fazer de novo, tenho medo de admitir que faria.

Dr. Chance se acomodou contra a cadeira, a caneta equilibrada, os olhos arregalados.

— Me leve até lá, Alice. Em seus próprios termos, me leve até lá. Estou aqui para ouvir.

Trinta e oito

Meses se passaram após o dia em que Max desencadeou sua violência em Alice. E naqueles meses, eles compartilhavam uma unidade pacífica, um jogo de poder entre marido e mulher que havia sido decidido por sua submissão a cada exigência que ele fazia.

Alice acreditava que o esforço que ela fez para ser a esposa perfeita valeu a pena, que de alguma forma impediu que o lado violento de Max se aproximasse, usando seus dentes afiados para rasgar a tranquilidade entre eles.

Ela se iludira ao ignorar as explosões de raiva que Max frequentemente lutava contra. Ela ignorou os ataques de agressão que surgiram toda vez que algum pequeno mal-entendido ocorria.

Seu marido era uma bomba-relógio, e o que Alice aprenderia a seguir era que não havia uma maneira infalível de enterrar seus segredos ou silenciar os demônios dentro dele.

Naquela manhã, Alice escolheu um vestido que Max havia comprado para ela em uma cor alegre de amarelo. Normalmente não é um estilo ou cor que ela usaria, ela encolheu o vestido sobre os ombros e olhou para si mesma no espelho de corpo inteiro.

Algodão amarelo-canário cobria seu corpo, um vestido simples que era colocado no peito e na cintura, desabrochando nos quadris para fluir sobre as pernas.

O decote recatado era adornado por um colarinho branco recortado, um conjunto de pérolas circulando seu pescoço apertado o suficiente para sufocá-la.

Em seus pés havia um par de sandálias brancas modestas, os saltos a apenas uma polegada do chão, as pernas cobertas por meias nude.

De trás dela, Max se aproximou, seus olhos examinando seu corpo vestido, aprovação e satisfação óbvias por trás da cor azul profundo. Seus pés estavam pesados contra o chão, seu peito pressionado contra as costas de Alice quando seu olhar encontrou o dela no espelho.

Esfregando as mãos grandes sobre os ombros e os braços, ele se inclinou para roçar os lábios na concha de sua orelha, os mesmos lábios se movendo suavemente sobre sua pele enquanto ele sussurrava.

— Você está linda, Alice. Muito mais apropriado do que você estava vestida antes.

Ela estremeceu sob o calor de sua respiração. — Eu estava com minhas roupas de jardinagem antes, — ela brincou, humor uma nota sutil em seu tom.

Um beijo suave contra sua bochecha, seu peito vibrando com uma risada suave contra suas costas. — Ah, então é assim que você se maculou. Você é uma mulher tão suja, Alice.

Sua risada estava em harmonia com a dele, a manhã agradável e brilhante, até que a ameaça de nuvens de tempestade entrou.

Max apertou os ombros dela e beijou-a novamente antes de se afastar para atravessar a sala em direção à porta.

Olhando para ele, Alice perguntou: — Quais são seus planos para hoje?

Era uma pergunta simples, uma que ela havia perguntado algumas vezes antes, mas por uma razão desconhecida para ela, a expressão de Max se obscureceu com a pergunta inocente.

— Eu estarei no porão. Você deve encontrar algo para fazer por algumas horas, porque eu estarei lá embaixo pelo resto do dia.

Um suspiro soprou sobre seus lábios, ela se perguntou por que ele passou tanto tempo em um lugar tão imundo. Embora nunca tivesse estado lá embaixo para ver por si mesma, Max avisara-a várias vezes sobre os pontos fracos nas escadas e no chão, sobre a pouca luminosidade e os riscos que poderiam tropeçá-la e fazê-la cair. Ela se preocupava com ele nos dias em que ele passava horas trabalhando nessas condições.

— Tente não se machucar lá, — ela respondeu, intencionalmente mantendo seu tom agradável, apesar de suas preocupações.

Inclinando a cabeça uma vez em resposta, Max desceu as escadas.

Alice passava o dia como normalmente faria. Tudo na casa já estava imaculado e limpo, mas ela encontrava tarefas de qualquer maneira, às vezes espanando uma mesa que não necessitava ou polindo um vaso que já brilhava limpo na luz que fluía dos vitrais.

Enquanto estava na cozinha, Alice estava na ilha com um pano na mão, subindo na ponta dos pés para esfregar em círculos sobre o granito. Já havia sido limpo depois de terem tomado o café da manhã, mas sem nada melhor para fazer com seu tempo, ela decidiu limpar novamente.

Lutando para chegar ao outro lado do balcão, ela ficou mais alta nos dedos dos pés, o braço estendido o máximo possível quando seu corpo estava enjaulado contra o granito, duas mãos grandes batendo na superfície negra enquanto um peso pressionou contra ela.

Ela gritou de surpresa, sua respiração saindo em suspiros ofegantes, assim como uma boca macia pressionada contra sua orelha.

— Eu assustei você?

O peso pressionou mais contra ela e os ossos de seus quadris contra as bordas do balcão duro.

— Sim, — ela respirou, reconhecendo instantaneamente a voz de seu marido. As notas masculinas de sua colônia flutuavam sob o nariz dela e ela relaxou embaixo dele. — E você está me machucando também.

Confundindo o marido por ser brincalhão, ela tentou sair de baixo dele, mas o corpo dele bateu nela com mais força, a dor disparou ao longo de seus ossos que agora estavam presos contra a borda de granito duro.

— Max...

Sua mão envolveu sua boca, seus dedos cavando em suas bochechas com tanta força que o interior de sua boca cortou contra seus dentes.

— Cale a boca, sua idiota, putinha. Não estou aqui para ouvir sua voz chorosa.

Seus olhos se arregalaram de surpresa, o instinto assumindo que a fazia lutar mais contra ele. Ele riu quando ela tentou empurrar de volta para ele, o som escuro e perturbador quando a outra mão correu pela parte de trás da perna dela, fechou-se sobre o cós de seus náilons e arrancou o tecido apertado.

Alice não podia falar, não podia reclamar ou dizer a ele para parar. Sua única opção era relaxar debaixo dele na esperança de que ele iria tirar algum peso.

No entanto, em vez de aliviar o corpo dela, ele pressionou mais contra ela. Alice lutou novamente quando relaxou não funcionou, mas quanto mais ela lutava contra ele, mais difícil sua respiração se tornava. O bastardo estava apreciando a dor e o medo que ele estava forçando através dela, seu dedo deslizando sob a seda de sua calcinha para deslizar dentro de seu corpo.

Seus lábios traçaram a linha de sua mandíbula até que seus dentes pegaram o lóbulo de sua orelha. Mordendo com força o suficiente para fazê-la chorar contra a palma de sua mão, seu peito vibrou de tanto rir quando ele a empurrou contra o granito ainda mais, sua dor agora irradiando sobre a largura de seus quadris.

Lágrimas brotaram de seus olhos quando ele bombeou seu dedo dentro dela, seus movimentos se tornando mais rápidos e mais erráticos quando ele a forçou a sair do chão. Usando os joelhos, Max a desequilibrou e abriu as pernas. Alice balançou-se na beira do balcão, os olhos cerrados de raiva e dor quando Max riu mais uma vez e disse a ela: — Eu sugiro que você fique quieta pra eu te foder.

Suas mãos agarraram a borda oposta do balcão, seus bíceps lutando para encontrar a força para puxá-la para mais longe, onde seus quadris não rangiam contra a borda de granito. Mas Max a prendeu com muita força, e só tirou o peso dele uma hora rápida para colocar a saia do vestido nas costas, para que ele pudesse se forçar a entrar.

Ela não estava pronta para ele, e a maneira como ele empurrou dentro dela queimou com a súbita intrusão dentro de sua pele. Mais lágrimas escorreram da borda de seus olhos, a batida implacável de seu corpo contra o dela, provocando fortes explosões de dor em seus quadris.

Seu corpo foi moído contra a borda do balcão, as unhas cavando no lado oposto enquanto ela se segurava no lugar.

O que ele fez com ela neste momento não era amor, ele estava tomando sem perguntar se ela daria.

Mais e mais ele batia, sua respiração saindo em rajadas pesadas em sua bochecha. Soltando sua boca, ele agarrou seu punho em seu cabelo e puxou sua cabeça até que seu pescoço estava arqueado em um ângulo doloroso, sua batida implacável nunca diminuindo apesar de seus pedidos para que ele parasse.

Ele não estava escutando. Ele não se importou. Tudo o que importava era sua própria necessidade egoísta de dominá-la em todos os sentidos.

Quanto mais ela implorava, mais ele empurrava dentro dela, suas ações de um homem completamente possuído.

Lutar contra ele era inútil, e logo a voz de Alice se acalmou, seu corpo aceitando as batidas até aquele último empurrão tão profundo que ela sabia que ele estava feito.

Ele não a soltou gentilmente, em vez disso apenas recuou e a deixou cair em uma poça quebrada no chão.

As lágrimas não paravam de cair quando ele ficou observando-a, sua garganta rasgada por dentro por causa do jeito que ela gritou e implorou. E quando o único som que restou na sala foi Alice soluçando, Max simplesmente se afastou.

Trinta e nove

Sentada do lado de fora entre as flores que estavam agora em plena floração, Alice inspecionou seu jardim, suas mãos cavando preguiçosamente no chão onde ela planejava instalar novas mudas na terra. No entanto, ela não conseguia se concentrar na tarefa enquanto seus olhos estudavam os anéis de hematomas que marcavam seus pulsos finos. Essas contusões não foram as primeiras que ela recebeu do marido, e elas não eram tão sombrias e zangadas quanto as que tinham escurecido a pele de seus quadris por várias semanas após a maneira como ele a atacara contra o balcão da ilha.

Com cada novo dia, Max se tornara mais distante - mais violento - mas não com raiva. Alice não tinha feito nada para merecer sua ira, não tinha errado ou esquecido uma tarefa que ele insistiu que ela administrasse dentro da casa.

Várias vezes, ela perguntou a ele o que estava causando o agravamento de mudanças em seu humor, e ele se recusava a responder.

Quantas vezes ele caiu de joelhos implorando perdão por suas ações? E quantas vezes ela cumpriu a promessa que fizera a ele no dia em que concordou em ser sua esposa?

Ela perdeu a conta nos meses que se seguiram ao primeiro ataque.

Soprando uma respiração resignada, seus olhos seguiram a linha da cerca que levava ao cemitério da família.

Ela tinha visto Max lá fora de vez em quando, geralmente quando o sol estava se estabelecendo no horizonte, lançando seus últimos raios brilhantes sobre a terra. Ela o observara de uma janela do andar de cima, percebendo como nunca foi aos túmulos com lápides. Lembrando-se da conversa que tiveram no dia anterior ao casamento, Alice lembrou-se de suas alegações de que seus pais foram enterrados junto com seus irmãos, seus túmulos deixados sem marcas como se ninguém tivesse se importado de que eles tivessem existido.

A raiva rasgou-a ao pensar no que seus pais haviam feito a ele, em como a mão cruel com a qual eles o tinham criado deixara cicatrizes físicas e emocionais. Ela estava feliz por eles estarem mortos, mas infeliz com isso também. Pelo menos, se eles ainda estivessem vivos hoje, ela poderia descarregar um pouco da dor e frustração que seu filho tinha criado dentro dela quando ela lhes deu um pedaço de sua mente.

Depois de mais alguns minutos durante os quais ela não conseguiu concluir a tarefa que pretendia concluir, Alice juntou suas ferramentas em sua cesta e decidiu desistir do dia. Entrando na casa, ela limpou a sujeira que ela localizou antes de correr para lavar as mãos e vestir roupas limpas.

Max passara cada vez mais tempo no porão e, embora ele praticamente a proibisse de ir até lá, ela não pôde evitar sua crescente curiosidade.

Ela olhou para seu reflexo no espelho, para as contusões que já marcaram seu corpo e encolheu os ombros.

O que é mais algumas?

Decidida sobre investigar o local onde seu marido desaparecia com frequência, Alice deixou os limites do quarto e desceu as escadas.

Lentamente ela abriu caminho pela cozinha e sala de jantar, respirando fundo quando entrou no pequeno salão que levava à porta do porão. Ela sabia melhor do que se intrometer em seu espaço privado, mas se perguntou se o que estava contido dentro não responderia a todas as perguntas que Max sempre se recusou a responder.

Um arrepio percorreu sua espinha, mas ela ignorou o medo que sentiu e sua mão alcançou para abrir a porta.

Atingido por uma onda de um cheiro de mofo, Alice se encolheu quando a porta se abriu. Max não estava mentindo sobre a falta de luz, mas a fraca luz que ela viu atraiu-a naquele primeiro passo, sua curiosidade ficando mais intensa quando a primeira sugestão de som atingiu seus ouvidos.

— Grite o quanto quiser. Ninguém vai ouvir você. Embora, eu prefiro que você pare.

Foi a voz de Max que ela ouviu, mas o som estava diferente e ela percebeu que não poderia ter sido ele quem falava.

Outro passo abaixo, o tabuleiro rangendo sob o pé, ela parou para ouvir a voz distante e plana.

Um grito irrompeu em seguida, feminino e aterrorizado, mas não tinha o volume que Alice teria esperado se uma

mulher estivesse lá embaixo escondida nas profundezas das sombras escuras.

— Você terminou? Ou você continuará até você desmaiar?

Definitivamente, a voz de Max, diversão e humor evidente em seu tom estranhamente calmo.

— Quem...

— Pare de falar.

— Por favor, — uma mulher implorou, *— deixe-me ir. Eu não vou*...

Max riu, o som suave antes de responder: *— Você sabe, é sempre o mesmo - tanto na vida real quanto no entretenimento. Nunca deixa de me surpreender como as mesmas linhas são usadas nos filmes: Por favor, deixe-me ir. Eu juro. Eu vou manter isso em segredo. Eles nunca mudam o script, e mesmo quando realmente acontece, as pessoas seguem o mesmo caminho típico. O que as vítimas esperam que aconteça quando elas imploram? Que elas vão ser soltas? — Que a pessoa que as raptou responderá: ah, claro, deixe-me afrouxar esses laços, e você também gostaria que meu nome fosse levado à polícia? Talvez uma cópia da minha carteira de motorista seja útil*?

Max fez uma pausa, um suspiro resignado enchendo o quarto escuro. *— Sinto muito, linda, mas isso não vai acontecer desta vez. Guarde a sua respiração*.

Alice inclinou a cabeça para o lado, como se o ângulo a ajudasse a entender o que ela estava ouvindo. O jogo de luz

brilhou ao virar da esquina, e se ela pudesse dar mais um passo, ela seria capaz de ver o que causou o som.

O risco naquele momento superava em muito a ameaça da raiva do marido, então Alice deu o último passo.

A tábua debaixo do pé dela quebrou e ela caiu para frente para bater contra o chão empoeirado.

* * *

Era desorientador, o brilho efêmero de luz fraturada, janelas imundas alinhadas no topo de um quarto, sua pele exposta praticamente congelada contra um chão frio como neve. Piscando os olhos, Alice observou as paredes estéreis se transformarem e se curvarem ao redor dela, a capacidade de se concentrar em qualquer coisa roubada por sua confusão.

Onde estou? Alice pensou, sua cabeça latejando e seu corpo vibrando de dor. Empurrando-se para cima, ela olhou ao redor da sala escura tentando lembrar onde estava e como ela chegou lá.

Úmida e suja, a sala não era familiar. Um lugar indigente com paredes de gesso desmoronando e um fedor nauseante de mofo e sujeira. Tudo estava fora de foco, não um objeto se estabelecendo dentro de suas próprias linhas de perímetro.

— Olá, esposa.

Disse Max, e pelo tom, ele não estava feliz. Um arrepio correu por sua espinha na ameaça pura em seu tom.

Ignorando o terror que a aleijava, ela tentou falar calmamente para amansar a fera que ela sabia que havia subido à superfície de seu marido. — Eu não posso te ver, Max. Onde você está? Pelo menos mostre seu rosto.

Nenhuma resposta, nenhum barulho, nada.

Ele entrou em cena depois de um minuto, mas apenas tanto que Alice pôde ver sua silhueta, uma sombra escura em contraste com a luz quebrada e suja filtrada.

— Por que você veio até aqui? Especialmente desde que eu te avisei tantas vezes antes. Lugares escuros são perigosos para mulheres como você. — Ele fez uma pausa, sua voz caindo para um sussurro nu. — Ou você não sabe disso?

Sua cabeça caiu contra a parede onde seu corpo estava inclinado. Ela estremeceu de dor com aquele contato suave. — Eu queria saber o que você faz aqui o dia todo, — explicou ela.

Max riu, o tom cruel e mal-humorado.

— É isso que você quer? Conhecer seu monstro?

Ver seu marido, sabendo que ele era real e não uma ilusão lançada por uma mente assustada e desorganizada, não ajudou Alice nem um pouco.

Incapaz de tirar os olhos da forma de seu corpo, ela observou em silêncio enquanto ele se sentava em uma

cadeira que ela não tinha notado antes, os pés de madeira raspando contra o chão de concreto frio.

— Para onde vamos a partir daqui, Alice? Agora que você tropeçou em um lugar onde você nunca foi convidada?

Balançando a cabeça, ela se arrependeu do movimento instantaneamente. Sua língua correu sobre] seus dentes, sua voz atada com a dor que ela estava sentindo. — Eu não sei, Max. Isso depende do que ouvi quando estava vindo para cá.

Silêncio por vários momentos e depois: — Você gostaria de algo para beber?

Calmo, controlado, até gentil, a voz rompeu o filme pegajoso das trevas através dos sentidos de Alice.

Ela riu da pergunta estranha, sua garganta tão áspera quanto uma lixa grossa. — Depende do que você está oferecendo.

Sua risada pegou Max de surpresa, se seu silêncio era qualquer indicação verdadeira de sua reação.

— Água, — ele respondeu depois de um intervalo de segundos silenciosos. Não havia inflexão em sua voz, nenhuma raiva ou perda de controle em resposta ao comportamento de Alice.

Assentindo com a cabeça, aceitando a água, foi difícil engolir. Alice estava lenta e descoordenada. Mas o movimento empurrado foi o suficiente.

Pernas de cadeira rasparam contra o chão, o ruído ritmado de sapatos contra o chão anunciando a aproximação

de Max. As articulações dos joelhos dele se chocaram quando ele se ajoelhou na frente dela, traindo a quantidade de tempo que ele estava sentado imóvel na cadeira.

Com um rosto mascarado na sombra grossa o suficiente para esconder suas feições, ele segurou uma garrafa plástica de água entre eles.

Os esforços de Alice para aceitar a garrafa foram frustrados por uma fraqueza nos braços, um remanescente de ferimentos que sofrera ao cair das escadas. Não seria surpresa se ela estava sofrendo de uma concussão, se a dor que sentia na parte de trás de sua cabeça havia qualquer indicação de quão duro ela tinha caído.

— Por que ainda estamos no porão, Max?

Levou alguns minutos para finalmente responder a pergunta.

— Você entrou por uma porta, Alice.

Acomodando-se no concreto a seus pés, ele a estudou em silêncio antes de acrescentar: — e agora você está aqui.

Depois de destapar a garrafa, ele agarrou seu queixo, deslizando o polegar ao longo de seu lábio inferior antes de abrir a boca. A garrafa encontrou sua boca, inclinando-se para derramar água fria sobre a língua enquanto ele dizia: — Engula.

Líquido frio deslizou por sua garganta, um bálsamo calmante contra a carne queimada, e ela engoliu fervorosamente, avidamente, até que apenas algumas gotas foram deixadas.

Puxando de seus lábios, Max pegou a garrafa e jogou para o lado, o plástico ricocheteando de uma parede que só existia na visão periférica de Alice.

Sua cabeça caiu para trás contra a parede, um grosso cobertor de silêncio deslizando entre eles até que sua voz suave e profunda a separou completamente.

— Eu tenho algo que eu vou te mostrar. — Ele fez uma pausa, olhando Alice com um olhar crítico. — Depois daquele tombo, eu não acho que você possa andar. Eu vou carregar você.

— Até onde eu caí?

Não foi até que suas palavras ecoaram de volta para ela das paredes do quarto escuro e desolado que ela sabia que tinha falado em voz alta.

— Alto o suficiente. — Um grunhido escapou de seus lábios, seu corpo forte a levantou do chão. O calor era espesso em sua pele, desconfortavelmente.

Enquanto ele a carregava pelo espaço, Alice não conseguia distinguir muito dos objetos que estavam lá embaixo. Uma luz piscando captou sua visão, uma porta que estava fechada e um painel elétrico ao lado. Além disso, ela podia ver o quadrado preto vazio do que parecia uma televisão. E ao lado disso, uma prateleira com linhas e fileiras de DVDs.

Os degraus de Max foram trabalhados sobre o chão de cimento, as grossas botas de couro rangendo com cada pequeno movimento de seu tornozelo; os sons amplificados

pelos penetrantes momentos de silêncio que se interpunham.

Alcançando o segundo nível, Alice fechou os olhos contra o ataque de luz branca brilhante que banhava o quarto. Ela abriu a boca para interrogá-lo sobre o que ele estava fazendo no porão, mas a fala falhou, as palavras grudadas na ponta da língua.

Como se sentisse sua luta para preencher o silêncio ensurdecedor, Max falou, aliviando-a daquela pequena parte de sua ansiedade.

— Vou lhe dar tempo para recuperar sua força. Temos muito a discutir.

Ajoelhando-se, Max deixou cair o peso nas almofadas, mantendo os olhos nela enquanto ela se acomodava contra o sofá.

Ele se afastou depois de voltar a ficar de pé e atravessar outra sala, desaparecendo de vista.

Quando ele voltou, ele tinha um estojo de plástico na mão. Alice reconheceu como um DVD, mas não havia nenhuma foto de capa ou qualquer coisa para indicar se era um filme ou algo completamente diferente.

Sentado na mesa de café em frente a ela, Max deixou o estojo de lado e olhou para ela com uma expressão sombria.

— Antes que eu lhe mostre isso, antes de deixar você chegar até aqui, quero que saiba que não sou um monstro, Alice. Não inteiramente.

O pavor atravessou-a, lembranças da conversa estranha que ela dominava enquanto descia as escadas. — Quem está no porão, Max? Quem é essa mulher que ouvi?

Ele olhou para ela por alguns momentos tensos antes de responder: — Ela não está mais no porão. — Não havia inflexão em sua voz. Era um tom plácido sem nenhum sinal de emoção.

Alice expirou, um estremecimento percorreu sua pele enquanto sua cabeça girava para olhar ao redor da sala. — Então onde ela está?

Ele sorriu, a expressão mais ameaçadora do que amigável. — Ela está no jardim.

Sacudindo a cabeça, Alice tentou limpar a névoa de dor que turvou seus pensamentos. — Quem é ela, Max? Por que ela estava em nossa casa e por que ela foi lá fora?

Ele riu, seus olhos ficando mais frios e mais escuros do que ela tinha visto antes. Estendendo a mão, ele passou a mão pela bochecha dela. — Não se preocupe, meu amor. Ela está lá há muito tempo.

Lutando contra o desejo de chorar, Alice empurrou o rosto para longe de sua mão, as sobrancelhas se unindo em raiva. — Você não está fazendo sentido, Max. Apenas me diga quem é a mulher. Por que ela estava no nosso porão?

Recusando-se a responder, Max observou silenciosamente a confusão que a dominava. Ideias corriam por sua mente, perguntas sobre se Max tinha sido infiel a ela, se de alguma forma ele tinha escondido mulheres no

porão para que ele pudesse trapacear. Ela balançou a cabeça com o ridículo da ideia, mas depois seus pensamentos se concentraram nas viagens que ele costumava fazer.

Elas eram realmente para que ele pudesse supervisionar seus negócios?

Sua voz quebrada e trêmula, ela falou com pânico óbvio em cada palavra. — Droga, Max! O que você está tentando me dizer? Eu não entendo.

Praticamente gritando as palavras finais, o tom de sua voz tinha sido um crescendo impulsionado pelas emoções que eram um dilúvio vicioso dentro dela.

— Apenas assista.

Passando para uma televisão enfiada no canto da sala, Max inseriu o disco prateado em um aparelho. A televisão ligou.

Uma visão de câmera em circuito fechado de uma sala pequena e bem iluminada revelou uma mulher sentada em uma cama, com a cabeça escondida pelo capuz que a cobria.

A respiração de Alice ficou presa ao ver as correntes que estavam penduradas acima da cama onde a mulher estava sentada, o brilho de luz contra metal atingindo medo em seu coração e mente. Enrolada sobre si mesma, os ombros da mulher tremeram em um soluço, mas o som não passou pelos alto-falantes da televisão.

Tinta rosa cobria as paredes acima dos trilhos de cadeiras brancas que rodeavam a sala. Cartazes com gatinhos e arco-íris estavam pendurados em cada parede,

uma cama com dossel empurrada para o lado com uma moldura dourada e lençóis brancos com babados. O tapete era de tecido rosa que combinava com a pintura, e bonecos estavam espalhados pela sala nas prateleiras e empoleirados para parecerem vivos em uma cadeira grande e estofada.

Alice sentiu-se enjoada diante do contraste da inocência da juventude contra a sinistra verdade do cativeiro daquela pobre mulher. Estudando todas as suas expressões, Max ficou de pé ao lado da televisão, seu olhar astuto fixo em Alice.

— O que eu estou olhando? — Ela murmurou, fazendo a pergunta de Max tanto quanto ela mesma.

A descrença dentro dela a impediu de reconhecer o que viu. Horror e negação a impediam de considerar que o vídeo tinha algo a ver com Max.

No entanto, quando um homem alto entrou em cena, quando seus olhos se focaram nos cabelos ondulados e na altura dos ombros, a pele verde-oliva marcada e os olhos da cor de um mar agitado, ela congelou no lugar, aterrorizada com o que veria.

O homem no vídeo não estava com pressa. Ele olhou para a mulher, inclinando a cabeça como se estivesse em questão. Alice conhecia bem esse comportamento, era um hábito do homem que ela amava. Sua boca se moveu enquanto falava com a mulher, mas o volume não era alto o suficiente para Alice ouvir o que ele dizia.

A mulher abriu a boca para gritar, e Max bateu com a mão, prendendo a menina na cabeça antes de se lançar para frente para prender as mãos nas algemas acima da cama.

— Abra seus olhos, Alice. Você precisa ver isso.

A voz de Max era suave quando ele gritou o fato de que ela fechou os olhos contra o segredo que seu marido estava escondendo.

Mal vestida, a mulher não tinha defesa contra a força de Max. Sua boca se abriu em outro grito silencioso, Max a machucando de um jeito que deixou Alice chorando de raiva. Ele se forçou na mulher, violando cada parte dela apesar do sangue que escorria por suas pernas, apesar da sombra vermelha que seu rosto virara porque ele estava sufocando as vias respiratórias com a mão.

— Desligue, — Alice implorou, suas palavras mal discerníveis.

— Você deveria assistir, Alice.

Gritando para ele com uma força que veio de algum lugar no fundo dela, ela exigiu, — eu disse desligue!

A imagem ficou preta.

Max olhou para ela com olhos mortos.

— Você entende agora?

Quarenta

12:40

— Eu não posso fazer isso, doutor. — Seus olhos cerrados, os aros queimando do sal em suas lágrimas quentes. Alice tremeu onde estava sentada, seu corpo vibrando com o terror que se arrastou por seus ossos, escorregou por sua espinha e a prendeu dentro do peso esmagador da memória.

— Eu não posso, — ela sussurrou, sua voz implorando por algum alívio da verdade horrível de sua vida do homem que a estudava.

Falava ao profissionalismo do médico que, mesmo em face de uma confissão tão traumática e angustiante, conseguiu preservar uma expressão delicada, simpatia e pedaços de horror óbvios por trás de seus olhos. Sua voz permaneceu estudiosa, seu corpo relaxado a fim de fornecer um lugar seguro para seu paciente chegar a um acordo com os pesadelos que a assombravam.

— Eu gostaria de poder dar-lhe a permissão que você está procurando para parar a história aqui, Alice. Mas fazer isso seria um erro. Eu a prejudicaria emocionalmente e mentalmente se dissesse que você não precisava ver isso até o fim.

Sacudindo a cabeça, Alice não conseguiu dissipar os pensamentos e memórias de corrida, a verdade horripilante

das decisões que tomou quando descobriu os segredos que seu marido estava escondendo.

Um toque de uma caneta contra um caderno, e a voz macia do médico preencheu o silêncio entre eles.

— Eu posso imaginar como seria difícil aprender o quão cruel Max realmente era. A julgar pela violência cometida contra você, no entanto, não estou surpreso.

— Não foi culpa dele, — Alice interrompeu, uma mordida dura em seu tom que pegou o médico de surpresa. Ela olhou para ele, com os olhos machucados e praticamente inchados pela quantidade de lágrimas que derramava. — Ele estava doente, doutor. Doente. Eu não sei outra maneira de descrever isso. Havia *algo* dentro dele que precisava ser liberado e a única maneira que ele poderia encontrar esse lançamento era fazer essas coisas. Mas não foi culpa dele. Se é culpa de alguém, então é daquele filho da puta que o criou. O pai que o espancou e disse que ele nunca seria bom o suficiente. A mãe que fez vista grossa ao abuso.

Um pensamento ocorreu ao médico. Brincando com a caneta entre os dedos, ele limpou a garganta e assegurou que sua voz permanecesse gentil e calma. — Você já descobriu o que aconteceu com seus pais? Como eles foram enterrados na propriedade sem uma lápide para designar onde eles foram enterrados?

Dando-lhe um forte aceno de cabeça, Alice respondeu: — Ele finalmente me contou a verdade. Depois que tudo saiu ao ar livre, não havia razão para ele esconder o resto da

história. Seus pais foram as primeiras pessoas que ele... Ele matou.

Um soluço se soltou de seus pulmões, seu corpo inteiro tremendo visivelmente com o som.

— Ele não tinha escolha. As coisas que eles fizeram para ele. — Ela soltou uma risada sem humor. — Deus, e eu achava que meu pai era ruim. Ele foi um passeio no parque comparado ao que Max passou.

— Isso atraiu você mais de perto, — o médico supôs. — Cimentado o vínculo - o amor - vocês dois sentiram um pelo outro.

Assentindo com a cabeça novamente, Alice fungou alto, mas não deu voz à resposta do médico. Puxando um lenço da caixa na mesa ao lado dele, o Dr. Chance se inclinou para frente para entregá-lo à mulher que estava desmoronando diante de seus olhos.

Ela aceitou o tecido, assoou o nariz antes de se acalmar o suficiente para continuar falando.

— Eu o amava profundamente, — ela admitiu. — E por um longo tempo depois que seus segredos saíram, eu considerei o amor que eu tinha por ele. Estudei, separei e analisei, porque, logicamente, não fazia sentido.

— Emoções raramente fazem, — observou o médico.

Ela sorriu, a expressão triste, arrependida. — Você sabe, durante todo esse tempo, eu continuei voltando à mesma pergunta: como duas pessoas que tiveram uma

infância semelhante, que sofreram abuso e tormento em seus anos de formação, acabaram se opondo entre si?

Olhando para o médico, Alice se conectou com ele pelo jeito que ela trancou seu olhar para ele. — Meu pai me fez a vítima perfeita. Eu estava com medo, sozinha e reclusa, na medida em que me tornava o alvo perfeito para uma pessoa que queria me fazer desaparecer. Max, por outro lado, tornou-se um monstro, um predador, uma pessoa tão distorcida pelo abuso que sofreu nas mãos de seus pais que uma parte dele estalou e assumiu o controle do homem que ele teria se tornado se tivesse sido criado em um lar amoroso.

As roupas do médico fizeram um barulho suave quando ele se recostou no banco. — Você não sabe disso, Alice.

— Na verdade, — ela argumentou, — eu sei. Eu vi aquele homem quando me encontrei pela primeira vez e me apaixonei por ele. E eu o vi novamente quando o monstro dentro dele foi autorizado a sair e aliviar a pressão da escuridão que se acumulou durante o ano em que nos casamos. Uma vez que ele teve a chance de sangrar o mal de si mesmo, o homem com quem me casei voltou para mim.

Assustada com a admissão que estava fazendo entre as linhas, o Dr. Chance se inclinou para frente. — O que você quer dizer, Alice?

Sua expressão escureceu, sua boca puxando para baixo em uma carranca que estava congelada em amarga culpa. — O quarto que vi naquela fita estava atrás da porta que

notei no porão. O teclado ao lado da porta era a fechadura que permitia que a porta se abrisse ou fechasse. Os DVDs eram gravações de todas as mulheres que estavam presas lá embaixo.

Alice respirou estremecendo e continuou. — No primeiro ano em que nos casamos, ele não havia trazido uma mulher para dentro de casa. Não matou ou fez outras coisas horríveis. Foi o que eu quis dizer quando disse que a pressão cresceu dentro dele. Estava vazando, doutor. Através do abuso contra mim, seu humor e sua crueldade, era como se a água vazasse de uma rachadura em um copo, lentamente se infiltrando até que a rachadura aumentasse.

Interrompendo seus pensamentos, o médico sugeriu: — Então, o abuso contra você estava piorando com o tempo porque ele não podia canalizá-lo para outro lugar.

Assentindo de acordo, Alice engoliu as emoções que estavam tomando o controle de seu corpo. — Ele passou muito tempo no porão assistindo essas gravações, esperando que só vendo a violência, de alguma forma aliviasse um pouco da pressão.

Ela estremeceu, mas depois arregalou os olhos enquanto as lágrimas escorriam por suas bochechas. — Assistir as gravações só o fez piorar. Ele não queria me machucar. Por alguma razão que eu nunca descobri, ele queria me proteger.

Alice ficou em silêncio, dando ao Dr. Chance a oportunidade de interromper. — Talvez quando ele soube

que você sofreu um tipo similar de abuso em sua infância, ele sentiu um parentesco com você. Quando ele viu que você ficaria mais fraca como resultado disso, ele sentiu o dever de ficar forte onde você não podia.

— Talvez, — respondeu Alice. — Ou talvez, protegendo-me, ele estava de alguma forma protegendo a criança maltratada que ele tinha sido ao mesmo tempo. Eu era um símbolo daquele garotinho fraco que ele não era forte o suficiente para proteger porque era criança.

A cabeça dela balançou para o lado, seus movimentos se tornando mais erráticos quando eles se aproximaram da confissão que ela estava tentando expressar.

— Seja qual for o motivo, ele realmente me amava e se odiava a cada vez que me machucava ou me fazia chorar. Ele queria mudar, doutor. Ele simplesmente não sabia como.

Vários segundos se passaram em silêncio, o peso das lembranças de Alice sufocando os dois.

Sua voz calma e sem pressa, o médico perguntou: — Quantas mulheres ele matou antes de conhecê-lo, Alice? Você sabe?

Ela assentiu. — Por volta de treze. Seus corpos foram enterrados no quintal que eventualmente se tornou meu jardim.

Um som penetrante encheu a sala, a dor de Alice era tão severa que estava saindo dela em sons audíveis e comoventes. — Eu me casei com esses corpos no chão debaixo de mim. — Seus olhos encontraram os dele. — Eu

amava esse terreno porque alimentava as plantas tão bem. Quão fodido é isso, doutor? Aquelas mulheres estavam apodrecendo e eu fiquei animada porque não precisei usar fertilizantes para manter essas plantas vivas.

Com as mãos cerradas em punhos, Alice as jogou nas almofadas ao lado, o rosto se contorcendo em uma máscara de raiva e vergonha, seu corpo se movendo tão repentinamente e sem coordenação que o médico se sentou para frente caso ele precisasse evitar que ela se machucasse.

— Alice, eu não quero ter que te conter...

— Não há nada para conter, — ela gritou. Levando vários minutos para se acalmar, Alice relaxou de volta contra o sofá, piscando os olhos rapidamente para expelir as lágrimas que não paravam de brotar em seus olhos.

Só quando ela ficou em silêncio novamente, o médico falou.

— Você não tinha como saber.

Um latido de raiva se espalhou por seus lábios. — Sim, mas isso não me desculpa fechar os olhos quando ele começou a matar mulheres novamente. Não desculpa o fato de que eu gostava que ele estivesse matando de novo porque, quando ele estava comigo, ele era o homem pelo qual eu me apaixonei novamente.

— Alice...

— Não, doutor. Não diga nada. Eu preciso dizer isso e preciso que você escute e entenda o que estou tentando lhe dizer.

Com uma expressão séria no rosto - os olhos arregalados, a boca em uma linha fina e a testa franzida pela raiva e auto-repugnância que estava sentindo - Alice terminou a confissão que provava o quão horrível ela fora.

— Pela primeira vez na minha vida, fui uma pessoa mimada. Crescendo, eu era a aberração, a que estava ferida, a que era odiada e a que ninguém se importava se ela vivesse ou morresse.

Ela fez uma pausa, sua garganta trabalhando para afastar a espessura da culpa que entupia.

— Pela primeira vez, eu não era mais aquela garota. E foi por causa dessas mulheres. E em vez de odiar meu marido pelo que ele estava fazendo com aquelas mulheres, eu gostava disso. Eu não assisti. Eu não escutei. Eu não participei. Mas eu não o parei também. Não a princípio.

— Quantas, Alice? Quantas mulheres morreram enquanto você morava naquela casa?

— Quatro, — ela respondeu, — e embora eu soubesse que estava errado, apesar de ter me torturado assistindo os noticiários e suas famílias implorando por seu retorno seguro, não disse nada. Eu tive meu marido de volta. Ele foi gentil comigo e eu estava amando. Eu não era mais abusada e, por isso, fiz vista grossa.

Recusando-se a reagir de uma maneira que qualquer pessoa normal reagiria ao que ela revelara, o médico instruiu sua expressão, forçando a gentileza em sua voz quando perguntou: — Quando isso mudou? O que aconteceu que

você está aqui agora em vez de ainda viver essa vida com Max?

— Mudou no dia em que uma tempestade soprou uma árvore no jardim. Max estava em uma de suas viagens e eu estava sozinha em casa quando as raízes que se ergueram acima da superfície puxaram o crânio esmagado de uma das mulheres que Max matou.

Parando por tempo suficiente para essas palavras se infiltrarem, Alice estremeceu visivelmente, seus olhos cerrados, seus dentes rangendo juntos antes de abrir a boca para dizer: — E foi quando cometi o maior erro de todos. Eu decidi sair.

Quarenta e um

Depois de uma violenta tempestade que assolou a cidade rural onde Alice e Max moravam, Alice examinou o jardim que agora estava dilacerado pelos fortes ventos e chuvas que saturavam a terra. A maioria dos grandes carvalhos que forneciam sombra sobre a extensão de seu quintal havia resistido aos ventos e à chuva, suas raízes firmemente ancoradas no lugar. Alguns haviam perdido galhos, enquanto uma árvore menor em particular, um louro conhecido pela sua raiz rasa, tinha caído com os ventos, o grande tronco agora esmagando as roseiras e hortênsias que Alice havia plantado apenas alguns meses antes.

Quando ela saiu pela primeira vez, seu coração se partiu ao ver a desordem do jardim, as plantas que perderam membros e floresceriam, que morreriam com a quantidade de chuva jogada pela tempestade.

Max estava fora em uma viagem de negócios e Alice se perguntou o quanto da área ela poderia se limpar sem chamar as pessoas para ajudar. Sabendo o que sabia dos horrores contidos dentro da casa e nos terrenos, Alice esperava que Max pudesse lidar com a remoção da árvore caída.

Pisando em volta do caos de galhos e destroços derrubados, ela abriu caminho pela confusão para olhar a raiz do carvalho de louros que caíra.

No começo, ela presumiu que seus olhos estivessem pregando peças, sua mente não registrando o horror do que a árvore caída havia puxado para cima e para fora do chão. Caindo de joelhos quando a realização se confirmou, Alice olhou aterrorizada para o crânio esmagado e quebrado, os olhos vazios que a encaravam, vazios e acusando que, através do silêncio de Alice, ela permitirá que tantas mulheres morressem.

Separada pelo amor que sentia por Max e pela compreensão generalizada de que o que ela permitia que ele fizesse no ventre sujo da casa era pura maldade, Alice se despedaçou para olhar para a evidência gritante das vidas destruídas e das famílias despedaçadas de Max, e agora Alice, saiu em seu rastro.

Alice ficou congelada no lugar, os olhos sem piscar quando os gritos das quatro mulheres que morreram enquanto ela morava na casa assombraram seus pensamentos. Ela duvidava que o crânio que ela olhava agora fosse uma daquelas mulheres. Os corpos não teriam tido tempo suficiente para se decompor tão completamente, e a colocação do corpo naquele lugar teria sido impossível, dadas as raízes da árvore. No entanto, esse conhecimento não foi suficiente para apaziguar a dor esmagadora de culpa e remorso que a agarrou entre os dedos esqueléticos.

Ela o amava, e desde o tempo em que ela concordou com as necessidades dele e ignorou os atos que ele cometia no porão, ela foi incapaz de abalar os fortes sentimentos que

ela tinha por Max. Várias vezes ela pensou em pedir a ele para parar, mas as lembranças do abuso que ele cometeu contra ela sempre disparavam para a superfície de seus pensamentos.

Era egoísta da parte dela não fazer nada, egoísmo dela permanecer em silêncio sobre a morte que a rodeava simplesmente porque, pela primeira vez, ela não era a pessoa que suportava o abuso.

Mas não foi só ela mesma que Alice lutou para proteger. Max foi tão gentil quando seus demônios receberam sua saída, tão generoso para *ela,* que ela se concentrou no lado dele que era suave ao invés de condenar aquela parte que ela queria acreditar que não existia. Ela deu desculpas para ele e para si mesma, ela justificou suas ações como apenas um meio para um fim quando se tratava de viver com a memória da crueldade que ambos sofreram quando crianças.

Mas ela não podia ignorá-lo por mais tempo, não podia encontrar dentro dela para continuar dando desculpas e contando mentiras, não com os olhos vazios da morte olhando para ela, o triste lembrete de que pessoas inocentes tinham sofrido e mais vidas seriam perdidas.

Pegando-se do chão, Alice encontrou seu caminho de volta para a casa de três andares. Ela conseguiu se puxar para cima das escadas e no quarto onde eles dormiam e faziam amor. Incapaz de chorar porque ela tinha ficado sem lágrimas durante o tempo que passaram juntos, Alice entrou

no banheiro para lavar a sujeira e lama em sua pele que ela arrastou do jardim inundado.

Ela foi condicionada a ficar limpa. Qualquer mancha de poeira, ou sujeira de lama, que danificasse sua pele, tinha que ser removida, limpa tão rapidamente que a sujeira errante não poderia lembrá-la da feiura que envolvia a casa - a feiura dentro de seu marido e dela mesma.

Não lhe ocorrera a princípio, a razão da necessidade incessante de Max manter a casa limpa e permanecer intocada. Mas agora que ela compartilhava essa maldade, agora que ela conhecia os segredos que permaneciam à margem do que a sociedade considerava normal ou boa, ela entendeu sua necessidade de lavar os restos da verdade que manchava a casa que era tanto um pesadelo como um sonho bom.

A água do banho virou um tom claro de marrom quando ela se abaixou nos confins de seu calor. Suas mãos jogaram à toa sobre a superfície criando ondulações que atravessaram seu corpo, que torciam e obscureciam as partes dela que estavam tão marcadas quanto Max.

E na quietude que permeava o espaço silencioso de seus pensamentos, em um momento em que sua fraqueza e apatia foram trazidas da sombra para a luz, Alice lutou com uma decisão que não queria tomar.

Terminando seu banho, ela tomou seu tempo secando seu corpo e encontrando um conjunto limpo de roupas confortáveis. Ela desceu as escadas e abriu caminho pelos

corredores até a cozinha, preparando uma xícara de chá quente antes de entrar na pequena sala que ficava do lado de fora da porta do porão.

Os gritos ficaram em silêncio enquanto Max estava fora, mas eles ainda conseguiam ecoar dentro de seus pensamentos.

Só havia uma maneira de ela silenciá-los, e o entendimento a quebrou.

Ela o amava. Ela nunca falaria das coisas que sabia que ele fazia na escuridão sombria e bolorenta do porão. Mas ela não podia permanecer na casa e suportar o massacre também.

O pensamento de transformar Max em um assassino era um peso esmagador que ela não podia carregar. Foi a prisão de sua casa de infância que criou esse monstro escuro dentro dele. Ele não merecia morrer em uma prisão de outro tipo.

Ela permaneceria em silêncio. Ela levaria seus segredos para o túmulo porque esse era o preço da vida que ele lhe dera. Mas ela também iria quebrar uma promessa que ela fez para ele em um dia brilhante, iluminado pelo sol, onde eles estavam sobre os corpos enterrados de seu passado.

Pegando seu telefone, ela discou um número que ela conhecia de cor só porque ele tinha piscado em sua tela tantas vezes. Ela nunca atendeu o telefone porque não podia enfrentar as lembranças horríveis que a voz do outro lado provocaria.

— Alice?

O telefone não tinha tido a chance de tocar mais de uma vez antes de ser atendido e, pela primeira vez em meses, Alice chorou.

— Dalila. Eu preciso de ajuda. — Sua voz tremeu sobre as palavras, sua força continuava a diminuir enquanto enfrentava um futuro que não incluía Max ao seu lado.

— Claro, Alice. Qualquer coisa. — A voz de sua irmã tremeu tanto quanto. — Oh, Deus, estou tão preocupada com você. Por que você não atendeu minhas ligações? Onde está você?

A conversa avançou desajeitadamente e, no final, Alice dera à irmã o endereço em que morava, para que Dalila pudesse buscá-la.

Terminando a ligação, Alice soluçou, seu coração liberando toda a angústia e dor que havia sido presa dentro dela por tanto tempo.

Quando suas lágrimas pararam de cair, e quando ela encontrou forças para sair do sofá que a tinha embalado desde que ela quebrou, Alice se moveu pela casa, subiu aqueles dezoito degraus e arrumou uma sacola com suas coisas.

Ela estava indo para casa.

E ao fazê-lo, ela estava correndo dos braços de um homem abusivo de volta para abraçar outro.

* * *

Depois que o sol se pôs e a lua reinou no alto do céu, Alice se sentou sozinha na sala de estar da frente, sua mochila acomodada em seus pés, seus olhos olhando para uma porta que não havia sido escurecida pela sombra de sua irmã.

Dalila nunca veio como ela havia prometido, e ao mesmo tempo que Alice se sentiu triste abandonada por sua família, mais uma vez, que não a surpreendeu nem um pouco.

Mais do que provavelmente, Dalila mencionou onde estava indo para o pai delas, e ele a impedira de ir embora porque ele não queria Alice de volta à casa deles.

Soltando um suspiro resignado, Alice enfrentou a dura realidade de que nunca deixaria a vida que Max lhe dera.

Era melhor, ela presumiu. Ela merecia o limbo onde agora se encontrava presa.

Se nada mais, o fracasso de Dalila em chegar foi um chute final no estômago de Alice, e um alívio que removeu o peso do remorso de seus ombros murchas.

O pai dela não a queria. Sua família não precisava dela. E ela não teria que deixar a única pessoa em todo o mundo que mais precisava dela.

De uma prisão para a outra.

De uma vida torturada para outra onde seu sofrimento silencioso lhe proporcionava o conforto físico do lar.

Pegando a bolsa, ela tropeçou pela casa e subiu as escadas. Deixando de lado suas coisas, ela se arrastou para a cama.

O sono não foi fácil naquela noite, e quando ela acordou gritando, ela se lembrou porque nunca teria sido capaz de viver sem Max ao seu lado.

* * *

Max voltou para casa mais tarde naquela noite, sua expressão afiada e acusadora, seus olhos muito mais frios do que quando ele foi embora. Alice presumiu que suas reuniões não tinham corrido bem e resultaram em uma coceira que ele precisava arranhar.

Enquanto eles comiam um café da manhã, Alice casualmente perguntou sobre as reuniões, não querendo importuná-lo muito enquanto ele estava em um de seus humores. No entanto, Max estava mais quieto do que o normal. Ele não estava pronto, e o silêncio pegajoso que flutuava entre eles não estava fazendo nada de bom para a falta de apetite de Alice.

— Você não tocou sua comida.

Os dentes do garfo de Max rasparam seu prato.

Mal conseguia aguentar o cheiro da comida, muito menos dar uma mordida, Alice considerava o fato de que ela era uma mulher presa, mantida em cativeiro por causa do amor que tinha por ele e do fracasso que enfrentara quando tentou fugir. Incerta de que ela alguma vez encontraria a

felicidade em uma vida onde mulheres morreram para que ela não sofresse o abuso de um monstro, ela olhou para o rosto de seu marido. Com base em sua certeza de que ela acabaria aceitando a vida que ele estava criando para ela, ela não tinha escolha senão acreditar também.

— Eu não estou com fome, — ela admitiu, sua voz tão suave que era quase inaudível para seus próprios ouvidos.

O garfo de Max caiu em seu prato. O pequeno som era estridente na sala silenciosa, os olhos de Alice se ergueram para ver a raiva silenciosa no olhar de seu marido.

— Você vai comer quando eu disser para você comer.

A loira clara de seus cílios tremulou sobre sua visão. — Mas se eu não estou...

Ela não conseguia terminar o pensamento, não com o modo como a mão dele apertava o rosto, as bochechas doloridas contra os dentes, os olhos tão arregalados quanto os belos pires que estavam sobre a mesa.

Ela se perguntou por que ele escolheu sentar na cadeira ao lado dela, e não na cabeceira da mesa. Ela não tem que se perguntar por mais tempo. Ele permaneceu ao alcance dela no caso da oportunidade surgir onde ele teria que corrigir o comportamento dela.

O monstro havia retornado e precisava de uma saída onde pudesse afiar suas garras letais.

Inclinando-se, sua expressão - as narinas dilatadas e o corte afiado de suas maçãs do rosto - era uma ameaça mal controlada de raiva. No entanto, seus olhos permaneciam

preguiçosos, a cor azul-claro pairando enquanto ele estudava o terror que corria em pequenos tremores em todo o corpo. Ela nunca entendera que a emoção poderia ser uma coisa física, mas seu silêncio não disfarçava seu medo, não com os espinhos que lhe percorriam a pele ou o sangue que corria para suas bochechas enquanto as lágrimas choravam de seus olhos sem pestanejar.

— Quando eu lhe disser para comer, você come. Você não terá permissão para definhar nesta casa. Você não vai destruir o corpo que agora pertence a mim. Eu não vou deixar.

Se ele tivesse gritado as palavras, elas teriam sido menos ameaçadoras do que a maneira fria com que ele as havia falado naquele momento. Como a lâmina de uma faca afiada, elas cortaram seus sentidos, abrindo-a em lugares que ela preferia permanecer escondida do mundo.

Ela sabia então que isso é o que os monstros poderiam fazer quando te pegassem sozinha. Eles rasgaram você aos pedaços devagar, metodicamente, porque eles tinham todo o tempo do mundo. Se ela soubesse o que fazer quando você acordasse nos braços do monstro. Ela nunca teve a chance de fugir ou recusar. Ela foi seduzida para amá-lo sem saber que a ameaça estava lá. E agora ela foi despojada do mundo. Sozinha. Apavorada. À mercê de um homem que a tinha raptado quando ela não estava ciente.

Com uma mão, ele a segurou, seus dedos apertaram suas bochechas até que seus lábios se pressionaram contra

a força de seu aperto. Pegando um pedaço de comida de seu prato, ele colocou entre os lábios, as especiarias que ele usou para cozinhar uma explosão de sabor dentro de sua boca. Soltando seu aperto no rosto, ele se sentou de volta, estudando-a enquanto o pequeno pedaço de carne permanecia sobre sua língua.

— Engula, Alice.

Odiando-se por lutar contra essa pequena faísca de rebelião dentro dela, ela fez o que lhe foi dito. Engolir a mordida levou esforço, e quando finalmente deslizou o nó em sua garganta, caiu como uma pedra em seu estômago, contorcendo-se no ácido agitado de seu medo.

Quando ela não se moveu para dar outra mordida, seu garfo deitado inútil contra o padrão delicado do prato, ele levantou uma sobrancelha questionadora. — Devo continuar a alimentá-la eu mesmo? Ou você acha que pode comer sem ser forçada?

Uma ameaça velada, uma pergunta tenra. A dicotomia de um contra o outro era desconcertante. Ela não queria comer, não achava que era possível forçar outra migalha a passar pela garganta que continha seu grito silencioso. Mas que escolha ela tinha?

Apenas o que ele deu a ela.

Quinze minutos se passaram, os olhos de Max se concentraram na pequena mulher enquanto ela pegava o café da manhã em seu prato. Ele estudou cada movimento que ela fazia, a comida que ela selecionava, a maneira como

ela mastigava lenta e completamente para garantir que ela não engasgasse com os nutrientes que ele preparara para o corpo.

Se dependesse dela, ela teria passado fome daquele corpo até não restar nada além de pele e osso. Era a única fuga que ela podia imaginar de uma vida dividida entre o amor e a amarga verdade da morte.

— Obrigado, — ele sussurrou, sua mão atravessando o prato para descansar sozinha. O garfo caiu de seus dedos, a cabeça inclinada de modo que apenas os restos de comida deixados no prato eram visíveis para os olhos cheios de lágrimas.

Forçando as palavras sobre seus lábios que ela sabia que silenciariam o monstro, Alice fez uma pergunta que a cortou profundamente por causa da vida que seria perdida como resultado.

— Você tem... — Ela fez uma pausa, mal capaz de falar os pensamentos horríveis correndo pela sua cabeça. — Você encontrou outra mulher, Max? Você está me assustando agora.

— Eu tenho, — foi sua resposta curta.

Assentindo com a cabeça, Alice empurrou o que sobrou de sua comida em torno de seu prato. — Isso é bom. — Era tudo que ela conseguia em resposta.

Depois de terminar suas refeições e lavar os pratos com as mãos, Max e Alice subiram as escadas para o quarto e

fizeram amor nos primeiros raios da aurora antes de dormir para um cochilo matinal.

Quarenta e dois

Quando Alice acordou duas horas depois, Max estava ausente na cama. Alarmada a princípio com a falta de seu calor contra seu corpo, ela entendeu onde ele tinha ido quando ouviu a comoção ocorrendo fora da janela do quarto.

Arrastando o corpo de debaixo da segurança de seus cobertores, ela atravessou o chão acarpetado para olhar para o jardim abaixo.

Max estava sem camisa e suando sob os galhos dos imensos carvalhos, a cabeça girando lentamente enquanto examinava o dano que a tempestade deixará para trás. Ele tinha feito um trabalho rápido na maior parte da árvore derrubada que havia caído sobre as roseiras e levantou o crânio, e tudo o que restou foi o tronco que estava pesado contra o chão.

Ela o observou por vários minutos, admirando a maneira como o corpo dele se movia enquanto ele puxava galhos pesados e usava um machado para cortar o pequeno tronco em pedaços leves o suficiente para serem arrastados para longe. Quando ele terminou a tarefa, ele jogou a caveira que as raízes tinham descoberto de volta no buraco onde a árvore já havia estado antes de rebater as evidências sombrias do crime passado.

Alice pensou em se juntar a ele no jardim, mas decidiu contra isso por enquanto. Não tendo certeza se ele havia terminado com a nova mulher que ele adquiriu, ela não

estava certa de que o monstro estava satisfeito o suficiente para dormir novamente.

Depois de tomar banho e se vestir, entrou na cozinha para preparar uma xícara de chá. Carregando a caneca com ela, um redemoinho de vapor dançando atrás dela enquanto ela se movia entre a cozinha e a sala da família, ela se acomodou no confortável sofá e ligou a televisão.

Era auto-abuso da pior maneira possível, um hábito que ela começou quando Max trouxe sua primeira vítima para dentro da casa. Normalmente demorava um ou dois dias até que os primeiros rumores de uma mulher desaparecida começassem a aparecer nas notícias. Alice não sabia por que sofria com as lágrimas intermináveis e as vozes suplicantes, as fotos felizes que a família fornecia à mídia que mostravam os sorrisos da mulher antes que eles se perdessem para o monstro. No entanto, apesar do conhecimento de que essas imagens seriam permanentemente marcadas em seu cérebro, ela sacudiu os canais em busca da identidade da alma perdida presa em uma sala alegre no porão de sua casa.

...corpo... Beaumont... Mulher desaparecida...

Alice derramou o chá quando se atirou na beirada do sofá, seus pés batendo no chão antes que ela caísse daquela borda até os joelhos.

Na voz experiente da emissora de notícias, Alice ouviu palavras que sua mente não conseguia compreender.

… Dalila Beaumont foi dada como desaparecida no início da manhã depois de não ter voltado para casa. Embora a Sra. Beaumont seja uma adulta legal, as autoridades de Sedgefield se recusaram a esperar as quarenta e oito horas normais para iniciar uma busca massiva na esperança de encontrá-la viva. Entramos em contato com a polícia em relação ao assunto e à urgência dada a esse caso específico de pessoas desaparecidas e fomos informados de que, devido à questionável estabilidade mental da Sra. Beaumont, ela é considerada um perigo para si mesma…

Alice se sentou em silêncio, congelada, seu rosto uma máscara de pânico desavergonhado. Mesmo depois de o locutor ter saído do noticiário mórbido sobre o desaparecimento de sua irmã, e agora estava introduzindo outra pessoa para discutir os detalhes mundanos do clima, Alice permaneceu congelada no lugar, sem enxergar os olhos enquanto olhava para a tela da televisão. A mudança fácil de assunto e a qualidade alegre para a voz do âncora adoeciam Alice porque isso tirava a reverência que deveria ter sido dada à notícia de que uma mulher estava desaparecida.

Sentindo-o entrar na sala, embora ele nunca tivesse feito um som, Alice finalmente piscou quando percebeu que Max estava parado na porta atrás dela.

Sua mão trêmula estendeu a mão para firmar seu corpo onde ela estava sentada, seu coração se despedaçando em pedaços estilhaçados dentro dela.

— O que você está assistindo, Alice? Eu pensei que nós conversamos sobre isso.

— Você está com a minha irmã, — ela acusou, as palavras planas e sem emoção.

Vários segundos silenciosos passaram entre eles antes que a voz de Max preenchesse o espaço. — Você ia me deixar, Alice.

A dor de coração sangrou através de suas palavras, seu medo de que ele tivesse perdido a única mulher que ele amava.

Alice desmoronou, a testa pressionada contra a madeira fria da mesa de café. Lágrimas escorriam por suas bochechas, caindo em gotas aquecidas na superfície da madeira. O medo a enlaçou, a realidade desmoronando diante de seus olhos.

— Onde você está mantendo ela? — Ela finalmente perguntou.

Ele não respondeu imediatamente, e ele nunca se afastou da porta de onde estudou cada movimento dela.

— Ela não sofreu, Alice. Eu não fiz... — Sua voz sumiu, envergonhando uma nota ácida em suas palavras. — Ela está morta, Alice. Ela está morta porque eu me recuso a deixar você ir.

A raiva explodiu dentro dela com tanta veemência que ela ficou de pé, Alice girou sobre os pés trêmulos para olhar para o rosto inexpressivo de seu marido.

Satisfeita por ter obtido toda a sua atenção, Max fechou a distância entre eles com passos controlados e controlados.

— Como você pode pensar em me deixar, Alice? Eu não te amei o suficiente? Não te agradei você o suficiente?

Suas mãos estenderam para agarrá-la e Alice recuou para evitar o toque dele, sua perna tropeçando na mesa de café antes que ela caísse em cima dela, seu peso dividindo a madeira antes que ela caísse no chão.

Max pulou para pegá-la, mas ela se arrastou para longe, ignorando a dor que cortava seu corpo em choques elétricos.

— Não me toque, — ela advertiu, sua voz baixa e perigosa. — Você nunca mais me toque, Max.

Seus olhos se estreitaram com a raiva que seu comportamento estava criando dentro dele, mas em vez de continuar em direção a ela, ele olhou para ela com traição por trás de seu olhar.

Ele não disse nada enquanto observava-a, e Alice foi a primeira a romper o silêncio sufocante.

— Como? Como você a encontrou?

Ele sorriu, a expressão uma fatia de aço em seus sentidos machucados e machucados. — Você a levou direto para mim. Como um lindo presente embrulhado em um lindo laço rosa. Cheguei em casa ontem à noite e o que vejo preso no caminho sinuoso pela floresta? Outro carro dirigido por uma mulher que não tinha nenhum negócio em minha propriedade.

Os olhos de Alice se arregalaram, a cabeça tremendo de incredulidade.

Ele sorriu mais brilhante para ver o pânico escrito claramente em seu rosto. — Ela mereceu o que conseguiu, Alice. Você deveria ter ouvido as coisas que ela disse sobre você. Mas eu não a matei como as outras. Eu não faria isso com você, meu amor. Eu sabia que você nunca me perdoaria por fazer algo tão terrível quanto isso.

Ele era louco. Ela sabia disso desde o momento em que ele a machucou pela primeira vez. Mas a realização nunca foi tão imediata quanto era para ela naquele momento.

Forçando-se a falar calmamente em um esforço para amenizar a raiva que ela podia ver claramente se construindo dentro dele, Alice perguntou: — Você não acha que eu ficaria chateada por você tê-la matado?

Max não respondeu e, em vez disso, desviou o olhar. Vários segundos se passaram antes que ele explicasse: — Eu pensei que você entenderia, Alice. Achei que você apreciaria o fato de eu ter silenciado uma das pessoas que causaram tanta dor a você. Eu cavei um buraco para ela, uma trama ao lado dos meus pais no cemitério da família. Ela não merece ficar em seu jardim. Seu corpo só destruiria a santidade do seu espaço.

Afastando-se, ele parou antes que ele atravessou a porta para outra sala. Virando a cabeça para falar com ela por cima do ombro, ele disse: — Eu vou terminar de enterrá-la antes que o corpo dela comece a apodrecer, e quando eu

voltar para dentro, vamos consertar isso. Eu não vou deixar essa cadela nos separar.

Foi o golpe final, o evento imperdoável que finalmente rompeu a teia de negação cuidadosamente construída de Alice. A realidade bateu nela como um trem desgovernado, a percepção de que com um telefonema - uma única decisão ruim - ela entregou sua irmã ao próprio Diabo.

Algo estalou dentro de Alice, um cordão esticado que uma vez segurou todas as suas delicadas e frágeis peças no lugar. E com esse estalo veio a dura e cega verdade de que a única bondade que Alice poderia proporcionar ao homem que amava era acabar com ele e finalmente colocar o monstro no chão.

Ela esperou no lugar que Max descesse para as profundezas mofadas do porão escuro e úmido, para que a porta se fechasse atrás dele, de modo que pudesse se mover rapidamente, sem medo de ser ouvida. Correndo para a cozinha, ela viu o cutelo no balcão de granito preto, a lâmina de prata brilhando sob as luzes pendentes que balançavam suavemente acima dela.

Seus dedos agarraram a maçaneta de madeira, o metal escorregou contra a pedra enquanto ela a puxava e segurava-a ao lado. Lágrimas escorriam por suas bochechas ao pensar no que ela tinha que fazer, na angustiante realidade que lhe restara sem outra escolha senão acabar com o pesadelo de sua vida.

O choque era um bálsamo que entorpecia sua tristeza e, com passos furtivos, ela se arrastou para frente até ficar junto à porta do porão.

Incerta se ela poderia continuar com a decisão rápida que ela fez, ela cerrou os dentes enquanto ela mudava seu peso entre os pés. Ela amava esse homem, mais do que qualquer um que ela amou antes, mas ele estava tão completamente quebrado, tão incapaz de reparar, que ela não podia ver uma maneira de consertar o dano. Como um animal ferido, ferido e com dores, Max não tinha esperança de um futuro brilhante e belo, nenhuma chance de sobreviver a uma vida normal em um mundo que não havia feito nada além de machucá-lo.

Alice conhecia a dor, e ela não podia permitir que ele continuasse deixando corpos em seu caminho, não podia mais ficar em silêncio enquanto ele tirava futuros inocentes de pessoas que não tinham feito nada para ele além de ter tido a má sorte de entrar no seu caminho.

A certeza tornou-se sua força para acabar com ele. Seu amor se tornou a força segurando a parede que ela construiu em torno de seu coração, a fim de seguir com uma decisão que acabaria com a crueldade sombria de um homem muito destruído para existir neste mundo.

Levantando o cutelo acima de sua cabeça, ela chorou suas lágrimas de raiva e esperou silenciosamente pela abertura da porta do porão.

Um vislumbre de surpresa e traição por trás de olhos azuis, os braços descendo em um golpe que aterrissou o cutelo na junção de seu ombro e pescoço. Seu coração desmoronou sob suas costelas, sua alma se rasgou quando seu corpo afundou no chão a seus pés e ela ouviu o corpo de sua irmã cair pelos degraus do porão abaixo.

Ele não morreu no primeiro ataque que ela fez, seus olhos se arregalaram quando ele a viu cair no chão ao lado dele.

Com uma mão gentil, ela limpou o respingo de sangue de sua bochecha, seu corpo tremendo com um soluço agudo quando ela se abaixou para beijá-lo uma última vez.

Sussurrando para que sua voz fosse uma suave carícia contra sua mente, ela implorou seu perdão pela escolha que fizera. — Eu te amo por toda a eternidade, meu querido marido. — Sua voz quebrou e quebrou, seus olhos borrados das lágrimas que não paravam. — Eu te amo.

Beijando seus dedos e pressionando-os contra seus lábios, ela agarrou a maçaneta do cutelo com a outra mão e puxou-a de seu corpo. — Até a morte, Max, — ela prometeu.

Um golpe e seu lindo rosto foram separados.

Dois golpes e seu crânio foi esmagado de um lado.

Três golpes e seu ombro foi separado onde encontrou seu pescoço.

Quatro golpes e a cavidade de seu pescoço foi aberta.

Cinco golpes e a lâmina do cutelo foram enterrados em seu peito.

Com cinco golpes violentos, Alice silenciou o monstro dentro de seu marido e libertou o homem preso dentro do corpo de escuridão penetrante. Alice observou o sangue escorrendo das mãos em riachos de vermelho carmesim e rezou para que a boa parte do homem que ela conhecia pudesse escapar para encontrar a luz.

* * *

O tempo após a morte de Max foi um borrão. Ela se lembrava de pedaços: a trilha sangrenta deixada atrás dele, a dificuldade que enfrentara para arrastar seu peso pela casa. No momento em que seus pensamentos foram claros o suficiente para acompanhar a sequência de eventos que ocorreram em torno dela, Alice se viu ajoelhada em uma cova rasa, a terra aberta e embalando o corpo de seu amado marido.

Inclinando-se para passar a mão sobre o solo recém-virado, sentiu uma lágrima deslizar por sua bochecha. Ela se despediu com sussurros que foram roubados de seus lábios por um vento pacífico que soprou através dos dosséis de carvalhos e carregou o doce aroma de rosas enquanto flutuava.

Ela não tinha ideia de quanto tempo ela ficou lá, mas o sol estava alto no céu. O suor escorria pelo rosto dela para aterrissar em uma poça lamacenta em seu vestido branco, um vestido agora salpicado e manchado pelo sangue do homem que ela amava.

Alice não se arrependeu da decisão que foi forçada a fazer, não chorou pela perda do monstro que Max tinha sido. Em vez disso, chorou pelo homem que poderia ter sido se o destino tivesse sido mais gentil com a criança.

Equilibrando-se, pegando a alça de uma pá, Alice levantou-se do chão e passou pelas sepulturas sem identificação das pessoas que haviam falhado com Max, a mão batendo com força no portão de ferro quando ela deixou o pequeno cemitério para trás.

Sem pressa, ela abriu caminho pela trilha pelo jardim e entrou na casa para olhar a sujeira que havia sido deixada para trás.

Ele teria odiado essa bagunça, ela pensou. *Teria odiado a feiura e as cicatrizes que a mancha de sangue deixara ao longo dos ladrilhos.*

Lutando contra a vontade de limpar a bagunça, ela pegou o celular no balcão da ilha e se obrigou a subir dezoito degraus em um quarto de branco impecável. Suas pegadas vermelhas e lamacentas marcavam sua trilha através do tapete enquanto ela entrava no banheiro.

Ela se olhou no espelho, o celular segurou na mão dela enquanto ela lamentava as escolhas que tinha sido forçada a fazer.

Colocando o telefone no banheiro perto da banheira, Alice sentou-se na borda e estendeu a mão para ligar a água.

E às 12h30, numa tarde de quinta-feira, com os pássaros cantando do lado de fora e um túmulo deixado

aberto à chuva que eventualmente cairia, Alice baixou o corpo em um banho quente, sua pele pálida ficando vermelha em resposta ao calor que a água lavava o que restava do pesadelo em que sua vida se tornara.

Quarenta e três

12:41 p.m.

A torneira de uma caneta.

O carrapato de um relógio.

Água escorrendo de uma torneira pingando.

Era tudo o que poderia preencher o espaço entre Alice e seu médico, sua confissão finalmente no final e deixando os dois em silêncio chocado.

Incapaz de lidar com a dura realidade do que ela havia feito, Alice falou primeiro, sua voz uma intrusão na quietude pacífica da sala.

— Eu acho que fiz a coisa certa. Não é? — Com olhos suplicantes, ela olhou para o médico, sussurrou de acusação uma sinfonia em sua cabeça enquanto esperava que ele respondesse.

O médico a estudou por um breve período de tempo, preocupação e avaliação óbvias em seus olhos calculistas. — Eu acho que você fez o que você acreditou que tinha que fazer. Que outra escolha você tinha?

Ela assentiu com a cabeça, lágrimas escorrendo pelas bochechas que estavam rachadas pela quantidade de vezes que ela chorou. — Eu o amava mais do que tudo, doutor. Destruir ele me destruiu no processo. Mas ele machucou muitas mulheres.

Uma batida de silêncio entre eles, o som da água pingando na pia.

— Por que você não ligou para a polícia, Alice? Por que você cuidou do assunto com suas próprias mãos? — Ele pausou, sua caneta não mais batendo no caderno em seu colo. — Como você vai viver com o que você fez?

Piscando o líquido que turvou sua visão, Alice balançou a cabeça. — Ele teria sido preso, doutor. Preso e provavelmente morto. Ele não merecia isso, não depois do que seus pais fizeram com ele. Eu sei o que é sentir- se trancado. Meu pai... — Um soluço rasgou seu peito, seus olhos cerrados com as lembranças assaltando sua mente. — Eu sei como é, e eu não faria isso com ele. Foi melhor assim. Melhor que o homem que eu amava fosse libertado do monstro. Talvez em outra vida ele possa encontrar a felicidade que merecia.

Um tique-taque do relógio atraiu a atenção do médico, sua cabeça girando um pouco para olhar para o relógio na parede. — Seu tempo está quase acabando, Alice. Você ainda tem mais alguns minutos para fazer o que precisa ser feito.

O rosto dela virou para o teto, Alice abriu os olhos e olhou para o branco perfeito da tinta branca. Seu corpo tremeu no lugar no sofá, seu batimento cardíaco desacelerou no ritmo até que era apenas um sussurro de um pulso dentro de seu peito.

— Há mais alguma coisa que você deveria lembrar, Alice? Nada mesmo?

Ela olhou para o Dr. Chance, um sorriso triste puxando seus lábios. — Lembrei-me de tudo que preciso lembrar, doutor. Não há nada que possa melhorar isso. Nada tão importante que mude o que já contei.

Assentindo em compreensão, o Dr. Chance disse: — Está na hora, Alice.

Levantando-se, o médico ofereceu sua mão e Alice estendeu a mão para aceitar a ajuda. Puxou-se para os pés, ficou de pé com as pernas trêmulas, o braço livre envolvendo seu abdômen, uma falsa sensação de segurança no modo como ela se mantinha unida.

— Vamos no banheiro e limpá-la.

Ao se aproximarem da porta, Alice fez uma pergunta ao médico que a incomodou desde o primeiro momento em que ela entrou pela porta.

— Foi tudo por nada, doutor? Max está morto. Dalila está morta. Eu não salvei ninguém. — Sua voz sumiu, seus passos sobre o tapete débeis e descoordenados.

Ainda segurando a mão dela, Dr. Chance apertou seus dedos entre os dele, uma fraca tentativa de consolo.

— Não posso responder a essa pergunta, mas o que sei é que sua irmã ainda está muito perdida. Você precisa ligar para alguém, Alice. Você precisa dizer a eles onde o corpo da sua irmã pode ser encontrado.

Ele parou os dois em seus caminhos, virando-se para ela, para que pudesse agarrar levemente seus ombros e olhar para a pequena mulher que era seu paciente mais difícil.

— Não era isso que você queria no começo? Salvá-la?

Assentindo com a cabeça, Alice engoliu em seco, sem ter certeza se estava pronta para dar os passos finais. Encontrando a força, Alice se afastou do médico e disse: — Eu deveria ir.

Dando-lhe um sorriso solene, o médico recuou. Mas antes que Alice pudesse dar outro passo, ele estendeu a mão para tocar seu braço e chamar sua atenção para ele.

— Por que eu, Alice? Por que você veio até mim com tudo isso?

Ela sorriu, a expressão triste, mas serena. — Você era a pessoa que eu procurava quando era jovem e me assustava, doutor. Você foi a única pessoa que entendeu e se importou em me ajudar a entender meus pesadelos. Você sempre foi a voz da razão dentro da minha cabeça.

O médico assentiu em compreensão e soltou o braço dela, dando mais alguns passos para trás, para que ela pudesse ir embora.

Quando Alice se virou para entrar no banheiro, a cena ao redor mudou. Não mais um escritório com paredes cinzentas, portas brancas, uma mesa de madeira escura e um sofá listrado branco e bege, o quarto onde ela estava agora era o quarto que ela e Max tinham compartilhado. A

transição foi instantânea, mas normalmente é assim que todos os sonhos funcionavam.

Debaixo de seus pés havia um tapete branco imaculado, o espaço em frente à porta do banheiro era cinza e sujo, manchando as bordas.

Respirando fundo, Alice se adiantou para abrir a porta e se viu sentada na banheira, a água que inundava o chão e a banheira manchados de sangue. A torneira pingava com gotas dolorosas, e os braços de Alice estavam posicionados na borda da bacia grande, com longos indicadores de raiva que dividiam a pele do pulso ao cotovelo.

* * *

Um último suspiro quando seus olhos se abriram, uma última chance de acertar as coisas. Alice se esforçou para pegar o celular que estava na tampa do vaso sanitário, seus dedos tateando sobre o pequeno dispositivo até que ela envolveu seu punho em torno dele.

Puxando o telefone para o ouvido, ela discou nove-um-um. Tudo o que ela tinha era a força para dizer seu nome e endereço e dizer às autoridades onde o corpo de sua irmã poderia ser encontrado.

O telefone caiu da mão dela na água antes que Alice desse o último suspiro, a cabeça escorregando para baixo da superfície com os olhos abertos.

Epílogo

Adendo ao Relatório de Avaliação Psicológica

Material Confidencial

Data de Agenda: 29 de julho de 2016

Datas de Tratamento: janeiro de 1998 a setembro de 2007

Nome do Paciente: Alice Marie Beaumont

Idade cronológica: 26 anos, 5 meses

Pais: Lydia e Jack Beaumont

Irmãos: Dalila Beaumont (1 ano mais velha); Jack Beaumont, Jr. (2 anos mais novo)

Histórico:

Em um breve histórico, Alice Beaumont foi uma paciente tratada em meu consultório entre janeiro de 1998 e setembro de 2007. Sua faixa etária durante o tratamento tinha aproximadamente oito anos de idade até dezessete anos de idade, quando ela foi institucionalizada e liberada dos meus cuidados ativos.

Inicialmente, a mãe de Alice Beaumont, Lydia Beaumont, apresentou a filha com queixas de pesadelos

graves, sonambulismo e outros distúrbios do sono. Lydia Beaumont mencionou a descoberta do corpo de Jane Greely - uma pessoa desaparecida que virou caso de assassinato na área que era prolífica na mídia - como um possível gatilho para os primeiros pesadelos de Alice. Após a descoberta do corpo da Sra. Greely, Alice ficou obcecada com os 'monstros', como ela os chamava, no mundo.

Através de aconselhamento e um regime de medicamentos, Alice melhorou ao longo de seu curso de tratamento comigo. Várias questões importantes que notei durante o aconselhamento incluíram a frustração do pai de Alice com seus distúrbios em curso e o que ele acreditava ser um agravamento na gravidade dos distúrbios. Suspeitei de abusos em relação a Alice por parte do pai, no entanto, nunca houve qualquer indicação física de abuso, e a família não admitiu a ocorrência de qualquer abuso. Alice só admitiria que seu pai ficou — frustrado— e atacaria verbalmente.

Ao longo de sua adolescência, Alice muitas vezes se tornava divergente com seus medicamentos. Como resultado, seus distúrbios do sono aumentaram em gravidade e Alice também desenvolveu delírios de vigília. Quando eu a questionei sobre o novo desenvolvimento, ela alegou que, embora seu corpo acordasse de manhã, sua mente desperta estava sempre sonhando. Devido a sua não conformidade com seus medicamentos, Alice finalmente

chegou a um ponto em que a admissão em uma instalação de tratamento era necessária.

Como cortesia, a instituição psiquiátrica que tratou a Sra. Beaumont após sua libertação dos meus cuidados me forneceu atualizações intermitentes do status dos casos. Revisão desses documentos indica que a Sra. Beaumont sofria de vários distúrbios do sono, o que levou a pensamentos delirantes e comportamento errático. Quando foi internada pela primeira vez, a Sra. Beaumont fez comentários e agiu de uma maneira que levou seus médicos e cuidadores a notar que ela acreditava que ela era uma estudante universitária estudando para uma licenciatura em neurologia. No início, a equipe permitiu que a Sra. Beaumont lesse textos sobre neurologia enquanto sob seus cuidados, mas eles foram rápidos em remover os livros de seu quarto quando perceberam a gravidade dos delírios que a Sra. Beaumont estava sofrendo. Seus cuidadores assumiram que o ambiente médico onde ela estava sendo tratada por seus distúrbios específicos é também o que contribuiu para as ilusões.

Através da terapia e de um regime estrito de tratamento farmacêutico, a Sra. Beaumont melhorou e acabou por ser dispensada das instalações em 2011, quando tinha 21 anos de idade.

Narrativa:

Em 28 de julho de 2016, Lydia Beaumont encontrou-se comigo em meu escritório para discutir os eventos da vida Alice, além de procurar aconselhamento para sua filha mais velha, Dalila Beaumont. Como minha especialidade é principalmente terapia pediátrica, recusei-me a tratar Dalila Beaumont por episódios depressivos relatados, no entanto, eu indiquei a Sra. Beaumont a uma associada que pudesse lidar melhor com seus cuidados.

Durante a reunião com as duas mulheres, que foi fornecido com a informação que me perturbou a respeito dos eventos que ocorreram na vida de Alice Beaumont após sua alta da instituição em 2011.

De acordo com a lembrança e o relato de Lydia Beaumont, Alice Beaumont nunca mais voltou para casa para morar com os pais e a família após sua alta da instituição. Ela esporadicamente manteve contato com sua família até conhecer um homem chamado Maximilian Frost, com quem Alice se casou. Alice mudou-se para a casa do Sr. Frost e subsequentemente recusou o contato com sua família. Seus pais e os dois irmãos tentaram contatá-la em várias ocasiões após seu casamento com o Sr. Frost, no entanto, Alice não respondeu às suas ligações ou retornou e-mails ou outros tipos de correspondência.

De que pouca informação eles conseguiram obter de Alice antes de seu casamento com Frost, Alice tentou se

sustentar com várias carreiras fracassadas, o que eles acreditam ter contribuído para o interesse de Alice e o casamento com Frost. Por suas informações, o Sr. Frost era um homem rico que possuía várias empresas no estado.

A família tinha pouca informação para me dar sobre os eventos da vida de Alice durante seu casamento com o Sr. Frost, no entanto, na quarta-feira, 8 de junho de 2016, Alice contatou Dalila Beaumont e pediu que Dalila dirigisse até a casa onde o Sr. Frost e ela viviam. Alice não informou sobre as razões pelas quais desejava que Dalila a buscasse, e declarou que explicaria uma vez que eles estivessem longe da propriedade que compartilhava com o Sr. Frost.

Dalila Beaumont relatou-me que a propriedade Frost estava localizada em uma área rural do condado em vários acres, a própria casa cercada por bosques. A entrada de carros que levava à casa tinha aproximadamente 400 metros de comprimento e, devido a uma tempestade que recentemente inundara a região, o carro de Beaumont saiu da estrada estreita e ficou preso na lama. A Sra. Beaumont tentou pedir ajuda, no entanto, seu sinal de celular estava fraco. Várias horas depois, enquanto voltava para casa de uma viagem de negócios, Frost encontrou Dalila onde ela estava presa perto da garagem. O Sr. Frost não conseguiu ajudar a liberar o carro dela e ofereceu-lhe uma carona até a casa. Eles tiveram a oportunidade de discutir as preocupações que o Sr. Frost tinha em relação às dificuldades e comportamentos contínuos de Alice.

De acordo com as informações que Dalila obteve de Frost, seu casamento com Alice foi agradável nos primeiros meses em que se casaram. Ele comentou que seus distúrbios do sono eram praticamente inexistentes durante esse tempo, no entanto, após várias pequenas disputas conjugais, os distúrbios retornaram. Ele tentou ajudar Alice a lidar com os problemas que ela estava vivenciando, no entanto, ele alegou que os distúrbios se tornaram significativamente piores, o que levou a pensamentos delirantes e comportamentos erráticos. Ele especificou sua crença de que Alice era incapaz de diferenciar entre seus sonhos e a realidade. O Sr. Frost admitiu vários incidentes de alterações físicas como resultado do comportamento hostil de Alice. Ele alegou que as brigas foram resultado de sua insistência em atender às necessidades higiênicas e de saúde de Alice. Quando em um estado delirante, o Sr. Frost teve que forçar Alice a tomar banho, comer, vestir-se e limpar-se.

Segundo o Sr. Frost, Alice ficou obcecada com um pequeno cemitério familiar que existia na propriedade. Ele revelou a Dalila que o cemitério tinha sido maior uma só vez, no entanto, após a morte de seus pais, o Sr. Frost teve a maioria das lápides removidas para dar espaço a um deck que ele tinha intenção de construir. Ele instalou uma cerca que dividia o espaço para o convés e os túmulos para sua família imediata, sete irmãos e seus pais. Devido à fixação mórbida de Alice no cemitério, o Sr. Frost pedira que ela nunca se aventurasse além do portão. Uma vez casado, o Sr.

Frost abandonou seus planos de construir o deck que ele tinha pretendido e, em vez disso, disponibilizou o espaço para Alice plantar um jardim. Ele nunca avisou a Alice que o espaço imediatamente adjacente à casa tinha sido uma extensão do cemitério uma vez.

Além disso, o Sr. Frost abordou suas preocupações com Dalila sobre fantasias e fixações específicas que Alice tinha em relação às mulheres sequestradas. Pela a informação que ele deu para Dalila, Alice, muitas vezes assistia a programas de crime e noticiários que procuram especificamente histórias sobre mulheres que tinham desaparecido. O Sr. Frost tentou impedir Alice de assistir a esses relatos porque, como afirmava, ela se tornava agressiva e, em várias ocasiões, ele tinha que usar força física para evitar que ela prejudicasse a si mesma. O Sr. Frost explicou que depois de assistir aos programas de crime ou notícias, Alice acreditava que ela era a vítima retratada, ou culpava Max pelo desaparecimento das mulheres locais.

Ao chegar em casa, o Sr. Frost solicitou que Dalila permanecesse no carro para que ele pudesse entrar e determinar o estado mental de Alice. Ele explicou que, se Alice estivesse desequilibrada, a aparição repentina de Dalila poderia representar um problema em potencial. Ele explicou ainda que Alice culpou o abuso de sua família por muitos dos problemas que ela estava enfrentando.

Quando o Sr. Frost voltou ao carro, ele avisou que Alice estava, de fato, tendo um episódio e achou melhor que Dalila

permanecesse fora de vista até a manhã seguinte. De acordo com o Sr. Frost, uma árvore caíra no jardim como resultado da tempestade e revelara um esqueleto de um dos túmulos abaixo do solo. Alice havia descoberto o esqueleto mais cedo naquele dia, e o Sr. Frost acreditava que era um catalisador para o episódio que ela estava experimentando quando ele voltou para casa. Dalila concordou em permanecer fora de vista até a manhã seguinte e o Sr. Frost conseguiu acomodá-la em um apartamento de hospedes que ele estava reformando no porão da casa.

Na manhã seguinte, Dalila ouviu gritos no andar de cima, mas preferiu não investigar até que o Sr. Frost pedisse que ela viesse ver Alice. Dentro de meia hora, o Sr. Frost retirou Dalila do apartamento e foi subindo as escadas para ver sua irmã. Alice atacou o Sr. Frost, pegando ele e Dalila de surpresa.

Dalila foi incapaz de fornecer detalhes adicionais sobre os eventos imediatamente após o ataque porque ela ficou desequilibrada e caiu da escada. Devido ao trauma na cabeça, Dalila perdeu a consciência. Ela também fraturou sua coluna vertebral como resultado da queda e agora está confinada a uma cadeira de rodas devido à paralisia de suas pernas.

Lydia Beaumont conseguiu me fornecer relatórios policiais sobre o incidente. De acordo com os relatórios, Alice Beaumont ligou para a linha de emergência e conseguiu dar seu nome, endereço e, além disso, solicitar que um oficial

aparecesse no local devido a vários assassinatos em sua casa. A polícia chegou ao local aproximadamente às 13h29 da quinta-feira, 9 de junho de 2016. Ao entrarem na casa, eles localizaram Dalila Beaumont na base da escada do porão e imediatamente prestaram cuidados.

Uma trilha ensanguentada levava da porta do porão para a área do jardim da casa. Seguindo os trilhos, a polícia localizou o corpo de Maximilian Frost em uma cova rasa no pequeno terreno familiar que ficava além da cerca de ferro. Pelo exame médico, o Sr. Frost morreu de trauma na cabeça, pescoço, ombros e peito com um cutelo.

A polícia então descobriu o corpo de Alice Beaumont no banheiro do terceiro andar que ficava no quarto principal. A água transbordou da banheira e encharcou o carpete do quarto nas proximidades da porta do banheiro.

Alice Beaumont estava morta no momento em que a polícia chegou. Pelo exame médico, a Sra. Beaumont morreu de ferimentos auto-infligidos em seus pulsos e subsequente perda de sangue. Além disso, havia contusões variadas em seu corpo, tanto recentes quanto antigas, que o médico-legista opinou serem lesões comuns associadas à violência doméstica.

A polícia investigou a cena de acordo com as alegações feitas por Alice sobre os assassinatos que supostamente ocorreram na propriedade. Nenhuma evidência foi encontrada indicando que tais eventos ocorreram, excluindo a morte de Maximilian Frost. No entanto, foram descobertas

evidências que indicavam que alguém estava preso em vários locais da casa. A polícia suspeitava que Alice tinha sido a pessoa atada pelas marcas de ligadura evidentes em seus tornozelos e pulsos.

De acordo com o tempo do telefonema que Alice fez para a polícia, o horário de sua morte foi listado às 12h41.

Foi minha opinião, baseada apenas nas informações que Lydia e Dalila Beaumont me deram, que Alice havia se tornado não-complacente com seus medicamentos durante o casamento com o Sr. Frost. Lydia Beaumont admitiu ainda que na infância de Alice, seu pai tinha sido abusivo devido à sua frustração com os distúrbios de Alice. O abuso do pai tipicamente desencadeou um agravamento nos distúrbios. Nós teorizamos que as alterações físicas entre Max e Alice poderiam ter o mesmo efeito.

Antes de sair da reunião, Dalila apontou que, se sua irmã não ligasse para a polícia, Dalila provavelmente teria morrido também, devido a seus ferimentos e sua incapacidade de pedir ajuda. Ela estava chorosa quando fez esse ponto, e alegou que o último ato de sua irmã neste mundo foi encontrar a força para fazer a ligação e salvar a vida de Dalila.

Isto conclui o caso sobre Alice Marie Beaumont. Me entristece ter descoberto um final tão trágico e inoportuno para um paciente que eu gostava de tratar quando ela era criança.

Dr. Harold C. Chance, MD, Ph.D.